

Universidade Federal do Rio Grande do
Sul

Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Social e Institucional-PPGSI

Dear reader.

Don't

BRUNA MORAES
BATTISTELLI

CARTA-GRAFIAS: ENTRE
CUIDADO, PESQUISA E
ACOLHIMENTO

Porto Alegre
2017

BRUNMA



Que ótima carta!

¹Desculpa a demora e o suspense e os cartões enigmáticos, os telefonemas desvairados, mas só agora cheguei mesmo no meu canto e posso escrever direito. ²Acho que te escrevi uma carta tôla. Acho que foi da hora, eu estava no meio de coisas tôlas, numa folga da agitação literária [...]; e, principalmente, não queria chover no molhado, não queria repetir a Você o que V. já sabia. Daí, o mólho de poesia e etcétera, o minueto, a vaguidão amiga.

³O envelope, êste, estava sobrescritado, há mais de dois meses a saudade estava presente e pronta, desde que Você embarcou, de noite, e sumiu; mas hoje só foi que eu estudei que as cartas mais importantes a gente não escreve, ou tarda, e justamente porque os assuntos seriam muitos, todos, exigindo totalidade de expressão, simultaneidades, revisão de tudo, recaptura anímica dos dias e das horas, um esforço inteiro da gente, conforme a gente queria e precisaria. É quase como começar um livro. Escrever, de verdade, a Você, é impossível. Então, movo-me, e vou pondo e falando, fazendo de conta, fazendo de mim. Eu me derramando em páginas sem fim e você me rabiscando um mísero bilhete. ⁴Você tem que entender uma coisa, eu estou aqui, sem muita ocupação, e tenho um ritmo na cabeça que fica falando e não me deixa adormecer, então o jeito é escrever, estou completamente numa, adoro papel e tinta, o que é que eu posso fazer?

⁵A vida é coisa importantíssima. A vida como gráfico, como histórico de cada um de nós, como gradual solução de um problema muito sério, que cada um nasceu com êle, próprio e seu, e ter de ir, tateando e roendo, a trabalhá-lo, como um bichinho de goiaba, até conseguir-se fora da fruta.

⁶Agora, ao levantar-me, apesar do cansaço de ontem, meti-me a reler algumas páginas do Prometeu de Ésquilo, através de Leconte de Lisle; ontem entretive-me com o Phedon de Platão, também de manhã; veja como ando grego, meu amigo. (...) (...) De mim, vou bem, apenas com os achaques da velhice, mas suportando sem novidade o pecado original, deixe-me chamar-lhe assim. Creio que Miguel Couto me trouxe a graça. (...)

⁷Enquanto tudo acontecia chegavam cartas incríveis de Candice e de Cecil (já ouviste dela? Está ótima!), vão chegando. Planejo um baú (ou um arquivo, pra ser moderna) com bolinhos de envelopes amarrados com fitas azuis e vermelhas.

¹ Ana Cristina César (carta do dia 7 de maio de 1980. In: Correspondência Incompleta.

² Carta de João Guimarães Rosa a A.F.A. da Silveira (p.42)

³ Carta de João Guimarães Rosa a A.F.A. da Silveira (p.48)

⁴ Ana Cristina César (carta de 25 de maio de 1980. In: Correspondência Incompleta)

⁵ Carta de João Guimarães Rosa a A.F.A. da Silveira (p.49)

⁶ Carta de Machado de Assis a Mário de Alencar (p. 138)

⁷ Ana Cristina César (carta do dia 5 de abril de 1976. In: Correspondência Incompleta).

⁸Um pouco de melancolia ou muito que seja, traz inspiração: veja Lamartine e Musset. Mas "essa melancolia profunda, angustiosa, infernal, que ultimamente o oprime, e para tudo o inutiliza", isso não pode ser senão doença, contra a qual mais vale a higiene que os medicamentos. Não se importe de não ser alegre, também eu não sou, ainda que pare a menos triste. Mas há em tudo um limite. Sacuda de si esse mal. A arte é um bom refúgio. Perdoa a banalidade do dito...

⁹Sinto sempre falta de Você, de sua amizade (misteriosamente eterna) cósmica, de sua fortíssima-animadora presença, da incomparável lucidez. Você adivinha a gente, e quer bem à gente assim mesmo ! Não tenho muito direito de lhe pedir isso, mas não deixe de escrever-me pela volta do correio. Sinto realmente muita falta do nosso convívio e acho que devemos retomá-lo de forma mais constante.

Escreve, mesmo, não deixe-de.

Beijos, beijos, beijos.

Creia-me sempre do coração,

A.C. César, J.G. Rosa & M. de Assis

⁸ Carta de Machado de Assis a Carlos Magalhães de Azevedo (p.141/142)

⁹ Carta de João Guimarães Rosa ao amigo A.F.A. da Silveira (p.53)



Agradecimentos

A dissertação vai acabando e assim seguem últimos recados:

Orientadoraaaaaaaaaaaaa!!!!!!

Que pressão escrever agradecimentos para a senhora que gosta de ler agradecimentos!!!!!!!!!! Eu ia escrever uma carta, mas o correio já se foi...

Muitoooooooooooooooooooo obrigada pela paciência, pelo cuidado em acolher as minhas ideias (até aquelas mais furadas... Hehehehehe...). Sei que pode ser bem difícil colocar limite em mim, mas tive muitas orientações, trocas, aprendizados com a senhora. A liberdade que tive neste processo de Mestrado foi muito importante para que esta dissertação nascesse do jeito que nasceu... Vou continuar chamando à senhora de senhora (espero que no Doutorado também... Hehehehe)... O que aprendi nestes dois anos não cabe nestas linhas! Precisaríamos muitos MUITOS neste agradecimento e não seria exagero... Hehehehehe... Juro que um dia lhe mando um áudio.

Família

Obrigada por aguentarem firme e forte as angústias, o mau humor e o estresse nestes dois anos. Sem o suporte e apoio de vocês eu não teria pedido demissão em 2015 e me aventurado no mestrado.

Pai: coragem pra mudar os rumos quando as coisas não vão bem, eu aprendi contigo.

Mãe! Juro que agora vai dar para devolver todos os livros para a biblioteca e vou arrumar tudo. Desculpa pela bagunça... Diz pras tias que agora poderei frequentar os momentos de família novamente...

Guriaaaaaaaaaaaaaas

Muitoooooooooooo obrigada por vocês existirem nesta dureza de vida acadêmica. O mestrado sem vocês teria sido muito xexelento. Não sei o que teria sido sem vocês... Flávia, Caroline, Dafni, Lissandra, Fernanda, Anete, Júlia, Érica. Manter a sanidade só foi possível com vocês...

Professores

Obrigada as professoras Luciane, *Rosemarie* e Betina pela leitura do meu projeto de qualificação. Um momento importante para que eu pudesse amadurecer o estar no mestrado. Muito obrigado ao professor Luciano e as professoras Betina e Gislei por aceitarem serem leitores da minha dissertação.

Ao pessoal do abrigo

Sem sombra de dúvidas, esta pesquisa não teria sido nadinha de nada sem o pessoal do abrigo que me acolheu, desconfiou, questionou, tirou meu tapete. Só assim, foi possível (re)construir uma relação com o pesquisar que se importasse com a vida e com os encontros. Obrigada à Mirela por me mostrar que sempre é possível acreditar na Psicologia e em outras formas de estar no serviço público. As trocas, conversas, provocações foram muitos importantes para pensar esta pesquisa. Pesquisei e fui pesquisada pelo pessoal do abrigo. Muitooooooooo obrigada às crianças e adolescentes que foram muito generosos comigo.

Não podia deixar de mencionar a convivência com os antigos colegas de trabalho da FPE, principalmente o Eduardo e a Laicir que me acolheram na minha primeira experiência de trabalho e me ensinaram muito. A Eliane e a Marília com quem aprendi um monte de coisas sobre o abrigo... A Ana Paula, a psicóloga mais resistente que eu conheço neste mundo... Tem aquelas que já não estão na FPE e com quem aprendi por demais da conta (Sibeli e Camila). Não vou

lembrar todos, mas fica aqui meus agradecimentos por terem feito parte de 2 anos muitos intensos.

Coleguinhas

Muito obrigada pela parceria, pelas trocas. Ter um grupo é bastante divertido.

UFRGS

Em tempos difíceis, é preciso agradecer também à Universidade Federal do Rio Grande do Sul por existir. Pois não teria sido possível que eu me formar em Psicologia, muito menos fazer Mestrado sem isso.

Um viva ao ensino público, no qual sempre estudei!

Resumo resumido

O cuidado com crianças e adolescentes em Acolhimento Institucional. O cuidado com as práticas de pesquisa. Relações que vão se construindo na pesquisa e na escrita, e como histórias vão ganhando corpo: uma dissertação-carta vai sendo montada. Montada e desmontada, inspirada em Walter Benjamin e na ideia de coleção. Os fragmentos surgem, são inventados e misturados... Ferramentas de pesquisa que vão sendo montadas no decorrer do processo... "*Como contar uma pesquisa?*" É possível uma cartografia? "*Tem uma carta para mim?*" "*Escrevi uma carta para ti!*" PesquisarCOM o abrigo vai se desenhando de carta em carta, formando uma carta-grafia. O abrigo pesquisa a pesquisadora. O que o Acolhimento Institucional pode dizer da produção acadêmica? Walter Benjamin, Deleuze e Guattari são interlocutores importantes, assim como a psicóloga, os educadores, os adolescentes e crianças... Para a cartógrafa são necessários materiais de diferentes espécies. Uma dissertação escrita a muitas mãos. Conceitos como experiência, narrativas e literatura menor auxiliam a pensar na construção desta coleção: uma dissertação que a cada pedaço conta uma história: "quem conta um conto aumenta um ponto", já diz o ditado popular. A partir de memórias, observações e troca de cartas vai se construindo um caminho de pistas: sobre cuidar, pesquisar, escrever, acolher. Abra os envelopes, aventure-se com as narrativas construídas, pelas quais o cuidado pede passagem e vai se desdobrando em outros...

Palavras-chaves: cuidado, acolhimento, narrativas, pesquisa, cartografia

Abstract (Ou resumo resumido em inglês)

Care for children and adolescents in Institutional Home. The care with research practices. Relations that are being built in research and writing, and the waystories gain body: a dissertation-letter is being assembled. Assembled and disassembled, inspired by Walter Benjamin and the idea of collection. The fragments arise, they are invented and mixed... Search tools that are being assembled in the process... *"How to count a search?"* Is mapping possible? *"Is there a letter for me?"* *"I wrote you a letter!"*. SearchWITH the shelter is drawn from letter to letter, forming a letter-spelling. The shelter researches the researcher. What can Institutional Home say about academic production? Walter Benjamin, Deleuze and Guattari are important partners, as well as the psychologist, educators, teenagers and children... For the cartographer are needed materials of different species. A dissertation written by many hands. Concepts such as experience, narratives and minor literature are helpfull to think about the construction of this collection: a dissertation that tells a story with its little pieces: "whoever tells a tale increases by one point", the popular saying goes. From memories, observations and exchange of letters a path of tracks is built: about caring, searching, writing, welcoming. Open the envelopes, be adventurous with the narratives which are built and which by care asks passage and unfold itself in other ones...

Keywords: care, hosting, narratives, research, cartography

Pistas de Instruções:

- 1- Como operar com a caixa? Siga os números nos envelopes, caso o correio tenha feito alguma bagunça não esperada. Este é o caminho mais prático...
- 2- É possível escolher seguir lendo cartas para uma mesma pessoa. E depois retornar para as outras... Ou caso queria tentar a sorte, pode ler envelopes aleatórios. Tudo é uma questão de gosto... A ordem escolhida foi uma questão de gosto, você pode construir a sua própria sequência de leitura...
- 3- Nem tudo são cartas. Assim, outros papéis podem aparecer no caminho. Não se assuste com envelopes abertos.
- 4- "Tudo o que fiz de importante pode ser colocado numa pequena valise." Marcel Duchamp
- 5- Rasgue os envelopes, abra-os como conseguir. Não tenha medo!

Boa leitura...

AVISO!

O que é uma dissertação? A orientadora deixou em dúvida. O Umberto respondeu o que era uma tese... Achei demais, desisti...

Dissertar? Dissecar? O que fazer? Prefiro contar histórias, ou melhor, escrever histórias (ou seria escrever cartas?). Disseram-me para desenhar. Na falta de talento, sigo com o que posso! Posso pouco: contar histórias para pessoas em particular. Escrevo para um, escrevo para outro. Troco ideias... Escrevendo cartas, me mostro, já dizia Foucault.

Tomei emprestada uma geringonça! A dissertação entrou numa caixa- de- afecções (ESP EM MOVIMENTO, 2014).

Gostar de caixas é coisa de família. Minha mãe gosta de pastas... Minha avó tinha uma caixa! Guardava receitas de comidas, receitas médicas e cartas... Há muito tempo, sem saber desta história toda de filosofia, ela tinha a própria geringonça dela...

Os donos da geringonça sugeriram criar um espaço de arquivo para os objetos, pinçados das suas experiências no mundo da vida e do trabalho. "Ideias, sensações, coisas, palavras, materiais que sejam significativos, que te (os) tocaram,interrogaram, ou que sirvam como um suporte de memória para suas vivencias pelos territórios de práticas(ESP EM MOVIMENTO, 2014, p.4).

" Juntei as cartas que escrevi e recebi, as histórias que me contaram, sentimentos e sensações, enfim, um inventário de pesquisa: uma coleção. Organizei em envelopes. O conteúdo a ser descoberto com a sua abertura. Aceitei o convite feito pelos donos da geringonça: apropriei-me e criei minha própria caixa de invenção (ESP EM MOVIMENTO, 2014)!

Uma dissertação-caixa-de afecções!

BRUNA MORAES BATTISTELLI

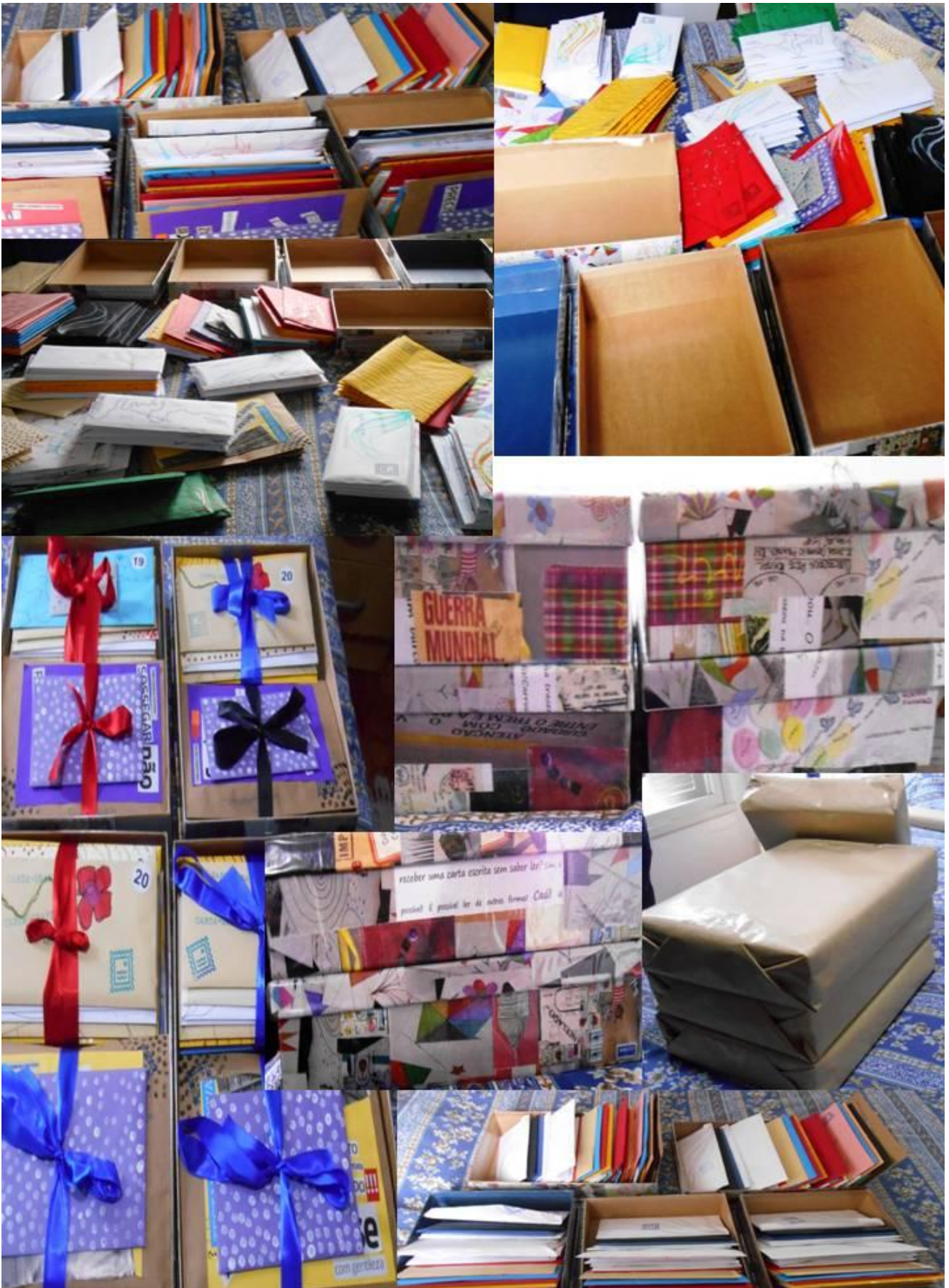
Carta-grafias: entre Cuidado, Pesquisa e Acolhimento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lílian Rodrigues da Cruz

Porto Alegre

2017



Uma caixa que também é Dissertação!



01

Prefácio (Ou melhor: como eu cheguei até aqui)

Peço ajuda a Janus, deus das passagens, da transição, para iniciar esta dissertação. Janus pode ser considerado apenas mais um caso de fracasso. Um sujeito que para muitos tinha apenas uma face: era acolhido em um abrigo residencial. O jovem Janus, 16 anos, transforma o cuidar em uma função cinza, cheia de meandros e curvas. Um sujeito que é muito para sua idade (muito grande, muito irritante, muito falante, muito... muita coisa). Tratado como muito perigoso, vive de abrigo em abrigo, de escola em escola, de delegacia em delegacia, de internação em internação. Janus tem considerável habilidade com portas e janelas, nem precisa pulá-las, apenas segue seu rumo, passa por portas com maestria. Muito bom na arte de enrolar os adultos: *vou só dar uma volta*, diz. Outra habilidade do jovem é o de contar histórias: matou, degolou, apanhou, quase morreu. Como saber o que é fato ou não? Já dizia Manoel de Barros: tudo o que não invento é falso. Janus é hábil na arte da invencionice.

Janus vive atrapalhado (ou os adultos é que lhe atrapalham). A cada nova briga no abrigo um novo Boletim de Ocorrência engorda seu prontuário. E como briga este sujeito! Sua família é daquelas que se vai embora aos poucos, um irmão de cada vez. Janus cresceu em contexto em que a violência permeou sua casa, as relações familiares, as possibilidades de circulação, etc. Na dureza da pobreza as possibilidades encolheram... O acolhimento do jovem é anterior à Política Nacional de Assistência Social. Esta passagem entre parâmetros da política de acolhimento foi difícil. De abrigado, Janus passa a ser denominado acolhido. Janus foi e voltou (mais de uma vez).

Pertence a uma categoria bastante própria: sobrevivente de anos de acolhimento e testemunha de processos de mudança institucional e político. Acolhido ainda pequeno, quando o encontro já tem 17 anos e alguns meses. Logo, logo precisará cruzar a porta do abrigo, pela última vez.

Um fazedor de frestas, Janus é muito prático... Vai e vem conforme suas necessidades. Parar para que? Outra habilidade: como um bom contador de histórias, facilmente irrita os adultos que nunca sabem se o que fala é verdade ou não. Janus é uma criança em corpo de quase adulto. O irmão mais velho de crianças que iam chegando ao abrigo. Sua disponibilidade afetiva é de outro mundo. Quando o conheci já estava a mais

de 5.000 dias em situação de acolhimento institucional. Provisório? Só na lei mesmo... Janus é fazedor de mapas... Surfa por linhas e segmentos, ora o bandidão malvado, ora o bom moço trabalhador... Um fluxo intensivo de afetos é movimentado por sua figura. Ninguém fica indiferente ao jovem. Sua força está na multiplicidade, faz operar o E ativamente, assim como afirma Deleuze (2013). Não é nem um nem o outro, é sempre entre... Nem bandido, nem mocinho, Janus vive na fronteira, em uma linha de fuga por onde as coisas passam e os devires se operam (2013, p. 62).

Foi com Janus que aprendi como se constituem limites judicializados, e também o mapa da violência nas vilas da região do abrigo (não tem um lugar por onde o jovem não estivesse jurado de apanhar ou morrer). Enfim, foi com jovens como Janus que comecei a me questionar sobre o cuidar de crianças e adolescentes em situação de acolhimento e também sobre o risco de não colocarmos em questão estas produções.

Janus, deus das transições, das passagens e dos inícios ajuda a introduzir a dissertação, que nada mais é do que uma passagem, transições entre trajetos realizados durante o processo de pesquisa. Percursos e percorrido expressos em mapas (DELEUZE, 2011). Não há como apontar um único mapa neste processo, cada carta que será apresentada traz uma versão diferente do percurso de pesquisa. Uma mudança de vista que vai se alternando. Curvas e desvios, paradas, passagem acelerada, conversas. Um mapa feito no trajeto, com mudanças, novos traçados, outras perspectivas. Os deslocamentos como foco de pesquisa.

Os mapas se superpõem de tal maneira que cada um encontra no seguinte um remanejamento, em vez de encontrar nos precedentes uma origem: de um mapa a outro, não se trata da busca de uma origem, mas de uma avaliação dos deslocamentos (DELEUZE, 2011, p.75).

Como cheguei até este momento? Em um processo institucionalizado como o mestrado, precisamos de certas ritualísticas: um projeto de qualificação. Um ponto de partida. Um rascunho de trajeto. O projeto como um dizer o que será feito. "A criança não pára de dizer o que faz ou tenta fazer: explorar os meios, por trajetos dinâmicos, e traçar o mapa correspondente. Os mapas dos trajetos são essenciais" (DELEUZE, 2011, 73).

Como se constituem as práticas de cuidado de crianças e adolescentes? Questão que se formula enquanto interesse de pesquisa. A insistência em olhar para o cuidado na Assistência Social diz dos anseios de quem vem descobrindo as dificuldades que

perpassam os níveis de complexidade da Política. Cuidado é competência somente da política de saúde?

O acolhimento de crianças e adolescentes é parte peculiar da Política de Assistência Social. Neste contexto, os usuários ficam no serviço enquanto os trabalhadores vão embora. O serviço é a casa dos sujeitos que, por um motivo ou outro, precisaram ser retirados da família. Os motivos de acolhimento, por vezes vagos, atendem costumeiramente pelas denominações: de violação de direitos e ruptura de vínculos (enunciados como: negligência, convívio com pessoas usuárias de drogas, situação de risco, etc). Só esses valem uma dissertação inteira. Mas a princípio não são meu foco de trabalho. Estão presentes em alguns momentos, construindo alguns cenários e diálogos.

Enquanto trabalhadora, o tema do cuidado era pouco discutido. Tema negligenciado nas discussões do dia a dia. Como cuidar sem problematizar? Assim, na época, o possível era questionar o quanto estes processos encontravam-se endurecidos e judicializados. As práticas comuns de internação e constituição de atos infracionais ganhavam força. Outras possibilidades ficavam invisibilizadas.

No início o interesse era nos processos de constituição de práticas de cuidado em abrigos para crianças e adolescentes em Porto Alegre. O projeto foi escrito com esta intenção! O objetivo era claro: compreender como se constituem as práticas de cuidado a partir da problematização da relação entre Proteção Integral e cuidado, tendo como foco os serviços que executam a política de Acolhimento Institucional do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) para crianças e adolescentes.

Mas como dizem Deleuze e Parnet (1998), "as questões são fabricadas, como outra coisa qualquer. Inventamos um problema, uma posição de problema, antes de encontrar a solução. O objetivo não é responder a questões, é sair delas" (p. 09). Sair delas, transformá-las, acoplá-las a novas questões.

Contextualizando um pouco o como se constituem os serviços de acolhimento nesta pesquisa, Porto Alegre conta com abrigos gerenciados pela prefeitura e também alguns gerenciados pelo governo do Estado, estes últimos oriundos do reordenamento da antiga FEBEM. Os que são gerenciados pela prefeitura de Porto Alegre¹⁰ são divididos em

¹⁰ É preciso uma pontuação quanto ao contexto político de Porto Alegre, pode ser que muito mude em pouco tempo, vide os projetos políticos atuais, que visam o conveniamento dos abrigos por entidades não governamentais.

abrigos da rede própria e os conveniados. E a maioria dos conveniados são as chamadas Casas Lares, um tipo de serviço de acolhimento.

Casa Lar? Abrigo Residencial? As diferenças entre os dois dizem respeito ao número de crianças e adolescentes e também quanto ao número de cuidadores/educadores em cada serviço. Outras diferenças são mais sutis: como por exemplo, a indicação de que nas Casas Lares, os educadores/cuidadores residentes devem desenvolver uma relação afetiva qualificada e individualizada com os sujeitos (BRASIL, 2009). A distância entre o que prevê a legislação e o que é oferecido em Porto Alegre é grande.

O cuidado nestes documentos que organizam as ações de Acolhimento Institucional parece como algo duro, não próximo, como algo mais objetivo, com uma função: propiciar um desenvolvimento saudável. Outra questão que caberia um trabalho inteiro. O que mesmo significa esse desenvolvimento saudável? Um desenvolvimento que pressupõe uma criança e família ideal.

Alguém me disse que meu campo de pesquisa é a constituição de vidas no abrigo. Quando ouvi isso fiquei meio assustada. Quanta pretensão a minha, eu pensei... Mas aí pensando daqui, pensando de lá, fui vendo que de certa forma é por aí mesmo. As vidas que vão se desenrolando nas relações, nos encontros, pelo afetar e deixar-se afetar.

E aí fui me permitindo perguntar: como se constituem os modos de cuidar? Quais os efeitos de pensar o cuidado como uma relação? Como algo que se presta a alguém? Ou enquanto prática, que se constrói no cotidiano? O que ocorre quando se toma o cuidado enquanto ferramenta de trabalho? Cuidado como aquilo que se produz ou como aquilo que se presta a alguém? No processo de leitura das cartas, você verá que as perguntas se multiplicaram-transformaram-acoplaram...

O que segue a seguir é a continuação destas histórias...



02

De: Eu que escrevo

Para: Você que lerá

Ao receber esta espero que esteja bem! Escrevo apressada, é preciso correr, uma dissertação por escrever. Não necessariamente um processo com início, meio e fim. Sinto-me sempre reiniciando... No meio... Sempre que releio o que escrevo, outras possibilidades se abrem. Escrever! Exercício mais do que complicado: dói o corpo, dói à alma, dói a mão e o computador já não responde como antes, insiste em emperrar. Uma folha em branco me encara! Preencho folhas para depois deixá-las em branco novamente...

O que escrever? Como começar? O que deixar de fora? Um barco que acolhe passageiros dos mais variados tipos... O leão deseja o mar, a baleia quer a terra e o envelope ganhou o mundo, assim como uma dissertação (in)tenta ganhar corpo. Escrever é dar corpo ao impossível, ao inventado, ao que insiste... "A lógica de um pensamento é como um vento que nos impele, uma série de rajadas e de abalos. Pensava-se estar no porto, e de novo se é lançado ao alto mar" (DELEUZE, 2013, p. 122).

Mensagens na garrafa me parecem piegas, mas agora escrevendo esta carta-introdução, penso nelas: nas mensagens em garrafas soltas mar afora. Nas garrafas que acompanham as correntes, flutuando por aí ao sabor de novos ventos e territórios. Mensagens que não se importam com o tempo, mas sim com a correnteza: **Depois de 108 anos no mar, garrafa com mensagem é encontrada**, diz a reportagem¹¹. Um dos pedaços de papel estampava em letras garrafais a simples sentença "Break the Bottle" - quebre a garrafa. O objetivo: acompanhar correntes marítimas e comportamento dos peixes. O que querem os escreventes de mensagens em garrafas? Não seria mais fácil utilizar os correios? Mas lembro: o correio necessita de destinatário, alguém para quem desejamos escrever.

Abra os envelopes (se precisar rasgue-os)! Seria a manchete desta dissertação. Como escrever sobre processos de cuidado? A memória do trabalho em um serviço de acolhimento me acompanha, não há como separar. Junto a esta memória, histórias construídas em outro abrigo, a partir de conversas, trocas, aprendizagens e muitos encontros...

Enfim, o processo de pesquisa produziu ventos que impeliram para outros lados e - entre rajadas, abalos e momentos de calmaria - outros portos foram sendo vislumbrados. A experiência de ter trabalhado em um abrigo acompanha este processo, memórias que parecem de outra vida, sentimentos que foram sendo articulados/comparados/modificados com o encontro com o outro. Encontro com um

¹¹ Reportagem acessada no dia 18 de junho de 2017 em <http://gq.globo.com/Blogs/Da-redacao/noticia/2015/08/depois-de-108-anos-no-mar-garrafa-com-mensagem-e-encontrada.html>.

abrigo/casa/instituição/AR¹²/barco/cidade que como um vento foi transportando a pesquisadora-cartógrafa-carteira... Uma pesquisa foi se escrevendo: a cada provocação, questionamento, aprendizado. Carta por carta, um novo mapa-dissertação foi sendo traçado...

O método não foi definido à priori, foi se desenvolvendo enquanto os processos se constituíam. Mas do método desta viagem-pesquisa trato depois, com calma em outra carta. Se ficares curioso/a siga os envelopes, neles estão às pistas, histórias e narrativas que constituíram em um percurso de experienciar a pesquisa. Por vezes, sinto-me construindo uma estrada com rastros... De pista em pista, de casa em casa, como no jogo da amarelinha...

Pensar é poder, isto é, estender relações de força, com a condição de compreender que as relações de força não se reduzem à violência, mas constituem, ações sobre ações, ou seja, atos, tais como "incitar, induzir, desviar, facilitar ou dificultar, ampliar ou limitar, tornar mais ou menos provável...". É o pensamento como estratégia (DELEUZE, 2013, p. 124).

Deleuze descreve o processo de relação de Foucault com o pensamento: é preciso produzir abalos e ao mesmo tempo experimentá-los (2013). Aquino (2011) cita Foucault quanto ao tema da escrita: "uma experiência é qualquer coisa de que se sai transformado" (p.644). Passagens: é preciso construí-las, visibiliza-las, apostar nelas. Habitar um território, "que antes de tudo é um lugar de passagens" (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.132). Uma pesquisa construída a partir dos tremores da experiência (LARROSA, 2015).

O cuidado passa a ser transversal na pesquisa, rasga espaços por onde passa... Escapa pelas frestas... A escrita, essa veio como uma bela intrusa, ganhando força no decorrer das observações realizadas semanalmente no abrigo... Quatro meses que passaram rapidamente... Tardes e manhãs intensas... Lembro-me do brilho do sol do verão porto alegre... Do calor das conversas... Das coleções de brinquedos, frases, desenhos que enfeitam o prédio... De intrusa a psicóloga vai sendo acolhida, pesquisada... Uma carta-grafia ganha força... Cartografar COM o abrigo foi se construindo aos pouquinhos...

E o método? Como fazer a análise? Pergunta-se a aspirante à pesquisadora... E a minha pergunta? Perguntar... Verbo que ganha força mais do que responder... Conversar... Ferramenta de pesquisa-vida- intervenção... Ouvir...

Escrevendo-lhe, penso que esta escrita-pesquisa-dissertação começou com um chute. Um pequeno abalo provocador de marcas. Um chute na canela! Alguém franzino que ousou a desafiar os instituídos, a visibilizar na força aquilo que estava por ali no abrigo: *vocês só escutam quem grita, bate e ameaça fugir!* Uma pequena-grande pessoa que no alto dos seus doze anos mostrou para a psicóloga o que vinha sendo produzido

¹² AR- Abrigo Residencial

enquanto prática de cuidado. Naquele momento, o mestrado era sonho distante, uma dissertação ainda mais. É no chute e no grito que muitas coisas ganham força, e aprendizados ganham forma. Um conhecimento produzido no/pelo coletivo. Os abalos que movimentam, por vezes, são físicos. Utopia, desafio ou ingenuidade? Uma carta puxa a outra, uma escrita cartográfica vai ganhando o papel...

Se continuares,

Seguimos conversando...



03

Escrever não é preciso...

Para: Você que lerá

Escrever é hábito, exercício... "Escrever é um fluxo entre outros, sem nenhum privilégio em relação aos demais, e que entra em relação de corrente, contracorrente, e redemoinho com outros fluxos" (DELEUZE, 2013, p.17). Sem um destinatário certo, escrevo para alguém, para você. Como escrever uma dissertação? Como dissertar? O risco é o da pretensão de dissecar algo... As perguntas se perdem no meio do caminho. O que fazer quando a metodologia ganha mais força que o problema de pesquisa? Quando metodologia e problema de pesquisa se mesclam? Ouso dizer que uma bricolagem entre metodologia e problema se construiu ao longo do processo. Bricolar, verbo menor (MARASCHIN; RANIERE, 2012).

[...] o movimento do escrever é incessante, inacabável: sempre que nos colocamos a escrever, ele acaba nos levando a lugares capazes de nos fazer escrever mais, escrever outras questões, novas linhas, vidas em prosa, em poesia. É que a escrita envolve o próprio escritor, que de certa maneira o modifica e, por isso, ele torna a modificar também o texto, e assim por diante[...] (ZUCOLOTTO, 2014, p. 10).

Como escrever o cuidado? Escrever com cuidado? Escrever sobre o cuidado? Como descrever processos de cuidado? Como construir narrativas sobre o que se passa entre ser cuidado e cuidar? Enfim, quais cuidados são possíveis? O cuidado passa e não se deixa aprisionar...

Um pedido me foi feito: desorientar! Desnortear... Causar atordoamentos me orientaram...

O projeto ainda titubeava quanto ao processo de escrita, antigas formas de escrever ainda persistiam a ganhar as folhas a serem preenchidas. Escrever de outras formas foi o desafio posto. Outra forma: qual? Como? Ensaio? Cartas? Poemas? Como trabalhar com a escrita acadêmica? A escrita acadêmica, institucionalizada, por vezes, inexpressiva, sem vida, fechada em si, um mero meio (ZUCOLOTTO, 2014). Como produzir textos que possam cumprir sua tarefa e ainda assim ser afetiva, simples e intensa? Como dar língua aos afetos (ROLNIK, 2011)?

Assim, então, segue esta dissertação... Uma dissertação na caixa! Ou seria uma caixa-dissertação? Uma dissertação-carta! Um baú de memórias ou uma coleção? Uma coleção de fragmentos, tomando emprestada uma imagem benjaminiana. Tomo coisas emprestadas,

pego-as sem pedir e as coloco em uma caixa-afecção (ESP EM MOVIMENTO, 2014). Uma pista surge com Marcel Duchamp e suas caixas-valises...

A arte se define então como um processo impessoal onde a obra se compõe um pouco como um *cairn*, esse montículo de pedras trazidas por diferentes viajantes e por pessoas em devir (mais do que de regresso), pedras que dependem ou não de um mesmo autor (DELEUZE, 2011, p.78).

O autor escreve sobre uma arte-cartografia, que repousa nas "coisas do esquecimento e dos lugares de passagem" (p. 79). Marcel Duchamp em certo momento afirmou que "*Tudo o que fiz de importante pode ser colocado numa pequena valise.*" Enfim, as coisas importantes e também as desimportantes foram colocadas na caixa-dissertação, pois como aprendi com Manoel de Barros, dou valor para as coisas inúteis. Coisas a serem carregadas com cuidado... Pequenos bilhetes, cartas redigidas com giz de cera, histórias compartilhadas, questionamentos sobre a pesquisa, desenhos, envelopes, enfim, aquilo que vem com a pesquisa e que por vezes é dada pouca importância.

Como escolher aquilo que entra na caixa? O importante é dar uma ideia da relação do colecionador com os seus pertences (BENJAMIN, 1987). O que deve ser abandonado? Walter Benjamin, mesmo com a constante troca de endereços, guardava tudo: cartas, bilhetes, notas, referências. Um colecionador para quem a arte de colecionar interessava mais do que a coleção em si. A coleção que se forma pelo ato do colecionador... Não há neutralidade na escolha dos objetos da coleção.

Falando em caixas, entre 1936 e 1941, Marcel Duchamp produziu 300 exemplares de suas caixas-valises, uma espécie de mala-museu. Neste projeto, o artista apresentou 69 itens da sua criação anterior, miniaturizados em escala e com reproduções coloridas de suas principais pinturas.



Nesta caixa-valise¹³ estão as obras: "O Grande Vidro", "O Grande Nu descendo a Escada", "L.H.O.O.", "o frasco do Ar de Paris", "a Fonte" (a ampola de farmácia e o urinol, em tamanho reduzido), "o Pente", "a capa de máquina de escrever"... São em caixas que são guardadas algumas coleções. Por que não guardar uma dissertação em uma caixa de correspondências?

Começo a perceber o porquê do apreço por esculturas e determinados artistas, Lygia Clark, por exemplo. Sempre presente em aulas sobre esquizonálise, cartografia, etc. Deleuze (2011) escreve sobre a escultura e como esta ordena os caminhos, sendo ela uma viagem em si. Esta dissertação pode ser tomada de forma similar? Seria possível pensar uma dissertação-escultura? "A escolha de tal ou qual caminho pode determinar a cada vez uma posição variável da obra no espaço" (p.79).

Escrever sobre um processo de pesquisa que se dá pelo meio, assim, costurando trajetos prévios, experiências novas e um conjunto de cartas que foram construindo uma ética do pesquisar: estar junto mesmo que à distância. Um trabalho artesanal. Mais importante que o conteúdo, era a possibilidade de relação. Como escrever sobre as posições variáveis que o cuidado foi assumindo? Explicar não é o suficiente, é preciso se lançar na pesquisa enquanto experiência...

Para experimentar se vista do não senso. Abandone a cronologia e habite o tempo que flui no movimento de pensar. Opte por seguir pelas passagens de novos sentidos e faça do absurdo a matéria do pensamento. Crie palavras para acolher os afetos que se produzem neste percurso. Deixe o método, a explicação e a interpretação desamparados. São essas questões que emergem quando se escolhe pesquisar com a orientação da experimentação sob a interferência da filosofia da diferença. [...] Trata-se de ultrapassar o que se coloca como limite entre o sujeito e o objeto, para problematizar a relação produzida neste movimento. Implica construir um modo de pesquisar que acolha a experiência que insiste em expressar a multiplicidade que nos constitui. [...] Para experimentar, não basta entregar-se à experiência, é preciso construir um modo de permanecer no processo em curso que solicita invenção. Como construir esse percurso? (LAZZARATTO, 2012, p. 101)

Nem só de cartas essa coleção será feita. Ensaios, bilhetes, tentativas de contos, enfim. A escrita enquanto uma sacudida que faz com que algo em mim se mexa; a escrita tratada enquanto fluxo (DELEUZE, 2013). Com você, caro alguém, me cabe discutir, ou melhor, apresentar minha intenção de dissertação...

Toda obra comporta uma pluralidade de trajetos que são legíveis e coexistentes apenas num mapa, e ela muda de sentido, segundo aqueles que

¹³ Retiradas do site <http://ardotempo.blogs.sapo.pt/56765.html>, em 23 de abril de 2017

são retidos. Esses trajetos interiorizados são inseparáveis de devires. Trajetos e devires, a arte os torna presentes uns nos outros; ela torna sensível sua presença mútua e se define assim, invocando Dionísio como o deus dos lugares de passagem e das coisas de esquecimento (DELEUZE, 2011, p.79).

Obra como dissertação ou dissertação como obra? É pretensão? Pesquisar é dar nós no pensamento... Interessante que Duchamp queria trabalhar com réplicas em tamanho menor de suas obras, e com este trabalho produziu outras obras: novas obras. E assim, se produz dissertações: juntar pessoas, ser acolhida em um espaço de trabalho de outros, juntar memórias, acolher histórias, pensar o cuidado cuidando, problema, método, uma proposta e, na montagem e desmontagem destes, podendo surgir algo: novo, velho, repetido, encardido, aprendido, surpreendido... Do que é capaz a sacola do carteiro? Pesquisar é percorrer caminhos com outros sujeitos. Caminhos que se constroem no caminhar... Foi preciso construir passagens para o cuidado...

Toda obra é uma viagem, um trajeto, mas que só percorre tal ou qual caminho exterior em virtude dos caminhos e trajetórias interiores que a compõem, que constituem sua paisagem ou seu concerto (DELEUZE, 2011, p.10).

Lembro agora de uma mensagem que uma amiga me encaminhou em 2016 no *Facebook*: era uma tese em uma mala! Uma tese na mala ou uma mala tese? Uma colega lembra-se da carta que escrevi em uma disciplina. Da mala para caixas de correspondência foi um pulo.



Como guardar minha coleção de cartas e escritos? Será o destino? Malas surgem como inspiração. Raulito Filho me inspira para pensar os formatos e formatações acadêmicos. Sua tese é sobre seu processo de produção/criação (seu processo de criação e

produção). E o meu processo de produção enquanto pesquisadora? Raulito é artista! Preocupo-me! Nunca fui muito criativa ou muito habilidosa. Quando vejo o processo já está em curso... Consigo produzir uma obra, com a aproximação dos campos da ciência, arte e filosofia? Ou seria presunção? Será que consigo produzir/escrever algo outro em relação ao cuidado e acolhimento de crianças e adolescentes? Segue mais um pouco da mala do Raulito:



Assim, inspirada na ideia da caixa-afecção, nas caixas-valises e nas malas-teses, produzo minha própria caixa. Uma coletânea de narrativas sobre cuidar e pesquisar, acolher e educar, crianças e adolescentes, trabalhadores e políticas públicas, escrever e narrar. "O E já não é nem mesmo uma conjunção ou uma relação particular, ele arrasta todas as relações; existem tantas relações quantos E, o E não só desequilibra todas as relações, ele desequilibra o ser, o verbo". (DELEUZE, 2013, p. 62)

Vou levando a discussão sobre cuidado devagar, de personagem para personagem, construindo narrativas e revelando conversas... Encontros que produzem cuidado, mas não necessariamente o explicam. Explicar, verbo que vai ficando obsoleto...

É doente uma mente que pensa por fragmentos? Que os cola, que compete com a fala e com a escrita, e estas saem sempre derrotadas? Colagem, montagem, encaixe de escritos que aparentemente são desconexos (e podem até ser) na composição de mosaicos; sem margens, fronteiras, barreiras, bordas, molduras. Espaço-tempo que vaza, que ultrapassa, que implode, que mina, que contamina. Indeterminada e inadvertidamente diz não ao não (GUERRA, 2016, p.59).

Constrói-se uma dissertação em fragmentos: de pesquisa, de vidas, de textos, de invenções, de cuidado. Fragmentos que podem ser montados e desmontados. "Citações em meu trabalho são como salteadores no caminho, que irrompem armados e roubam ao passante a convicção", anuncia Walter Benjamin (1987a, p.61).

Assim, é preciso paciência, abrir envelopes, rasgar papéis e espalhar as coisas... Fica o convite para espiar o que foi escrito para outros e por outros. Segue algo que encontrei em um dicionário sobre pesquisar:

Fique atento ao modo como as relações, o tempo e a crítica afetam seu modo de pesquisar. [...] Não se assuste ou assuste os devires que a potência de experimentar produzem. O laboratório está em você. Experimente-o sem sair do lugar. Ande com o pensamento e percorra os afetos que lhe tocam ao pesquisar. Encontre um modo de expressão para percorrer essas passagens de sentido e, ao invés de prender-se nas constantes de uma linguagem guiada pelo padrão, insista nas variações que buscam um estilo (LAZZARATTO, 2012, p. 102).

Espero que fiques bem! Um abraço, Bruna!



04

Para a psicóloga que veio fazer mais uma pesquisa no abrigo (com vista para a Produção Acadêmica)

O escrutínio que as pessoas que vem pesquisar fazem dos processos de trabalho me lembram pesquisadores que pegam borboletas e as apresentam, mortas, para quem nunca viu uma voar e ficam descrevendo os erros e acertos daquela casca oca.

O quanto à academia é pesada? O quanto a gente aceita seu discurso de mestre? O quanto somos esvaziados do poder criativo em ato e dissecados, catalogados, presos por um alfinete e abandonados ao fazer, que é menos que o pensar? O quanto estamos divididos entre pensar e agir.

Assim, por melhor que seja o pesquisador, por mais mirabolante que seja seu método, por mais ética que seja sua inserção, por mais respeitoso que seja seu posicionamento, mesmo assim ele não é parte, não faz parte e talvez possa vir a tomar parte, mas e aí algo do seu desejável “distanciamento”, sua “isenção” e outras questões metodológicas, se perdem.

As devoluções que são oferecidas pelos pesquisadores não chegam nem perto das miçangas que recebem os nativos. Com as miçangas é possível transformar, criar, deslizar. Mas com a devolução...o que está sendo devolvido? Críticas, elogios, tanto faz, porque na verdade é da expropriação simbólica que procura-se devolver algo. Por um instante de fagulha o objeto de pesquisa se torna sujeito da devolução. Será?

O que eu te digo aqui é que a maior parte das pesquisas são sentidas como invasivas, que atendem a um interesse externo e que não acrescentam nada ao abrigo, embora possa acrescentar a universidade e ao pesquisador, a equação não é percebida como justa. Às vezes é percebida como francamente persecutória.

Assim, para quem está do outro lado do muro da universidade, estamos no lugar de sujeito de pesquisa, mas na verdade somos o que? Objetos de pesquisa. Como diria o bom e velho Marx, produzimos para o consumo, “[...] a produção não produz, pois unicamente o objeto do consumo, mas também o modo de consumo, ou seja, não só objetiva, como subjetivamente. Logo, a produção cria o consumidor” (MARX, 1985a p. 110). A questão é que a produção e o consumo nas humanas se tocam e se retroalimentam, por vezes penso que se produz para ninguém e ninguém consegue, no cenário apresentado, produzir conteúdo significativo. É a efemeridade e o individualismo, a pressa e a quantidade impactando a reflexão e a parceria.

Assim, a percepção é que somos exteriores ao processo: da produção, que é feita pelo acadêmico e do consumo. As reflexões e as novas ideias que poderiam amparar o trabalho acabam dando lugar aos resultados e certezas, definindo um olhar sobre os

objetos da pesquisa(nós) que pode ser pouco acurado sobre real funcionamento da instituição. Ai, como procuramos um senso de identidade com esta organização, acabados deduzindo que nenhum pesquisador realmente pesquisa-nos ou que a produção nos dá um instrumento/saber/teoria que não nos serve para nada ou que não sabemos usar. De novo, comparando-nos a um índio, o pesquisador nos dá uma furadeira mas não temos luz elétrica, ou pior ainda, só usamos pregos por motivos intrínsecos ao processo de trabalho. Nessa forma, podemos continuar pensando um monte de coisas em relação as impressões e indicações que vimos recebendo ao longo dos anos que se perderam ou não “pegaram” e ai vemos que, apesar da boa vontade em acolher o pesquisador, não se acredita na pesquisa(mas nunca contamos isso para ninguém).

Assim, não pense que é pessoal, mas é apenas fruto do processo muitas vezes experimentado:

A divisão do saber x saber fazer

A divisão do trabalho concreto x trabalho intelectual

A ideia de um problema de pesquisa que não ecoa no pesquisado

A universidade utiliza os territórios e fazem a pesquisa porque precisam do campo, mas essa necessidade pode ser percebida como invasiva na pior das hipóteses ou inócua em grande parte delas(inócua, mas não inofensiva).

O que seria uma inserção significativa? Aquela que não se preocupasse tanto com conteúdo da coleta e com a devolução da “coisa”, mas que propusesse um verdadeiro encontro e que isso fizesse marca em ambos os lados, para que não fosse repetido novamente o processo de expropriação do saber e da submissão do saber fazer como algo menor e mal acabado.

Nada disso é pessoal, e o simples fato de podermos responder a uma interrogação, mesmo que genérica e impessoal (embora pessoal para o pesquisador) já é um alento.

Para: psicóloga que faz pesquisa no abrigo

Achei interessante a proposta de trabalho e a ideia das cartas, mas tenho algumas limitações quanto a compreensão da eficácia e ética do trabalho acadêmico. Essa coisa da academia se apropriar de algo que está acontecendo independente dela e depois de passar o real por seus filtros e lentes exigir que aquilo se torne a verdade... Soa como pirataria. A academia era para ser um lugar de reflexão e conhecimento, mas se tornou o clube dos sabidos. Sabidos que não entendem o mundo real por este se mover muito mais rápido que a velocidade acadêmica. Lembro que durante a faculdade de jornalismo estudávamos a Escola Norte Americana e a Europeia de jornalismo. E eram dados que nem na América do Norte ou na Europa se usam mais. Imagina por aqui, onde a realidade nunca foi a mesma. Sei que isso tudo tem o seu valor, mas acredito fielmente que essa ideia de academia seja super valorizada. Cria-se uma outra forma de elite.

E aí vem a coisa toda. Faz-se um trabalho de observação muito válido enquanto registro, mas que será transformado na verdade de um olhar. Um olhar que chegou em um processo em andamento, que não tem manual de instruções, receitas de bolo. O que existem são diretrizes. Diretrizes para ajudar na execução de um trabalho que beira o impossível. Algo que para ser bem feito depende de uma entrega total. E essas diretrizes foram traçadas depois de anos de observação e atuação e ainda estão em andamento. Isso é falar do infinito.

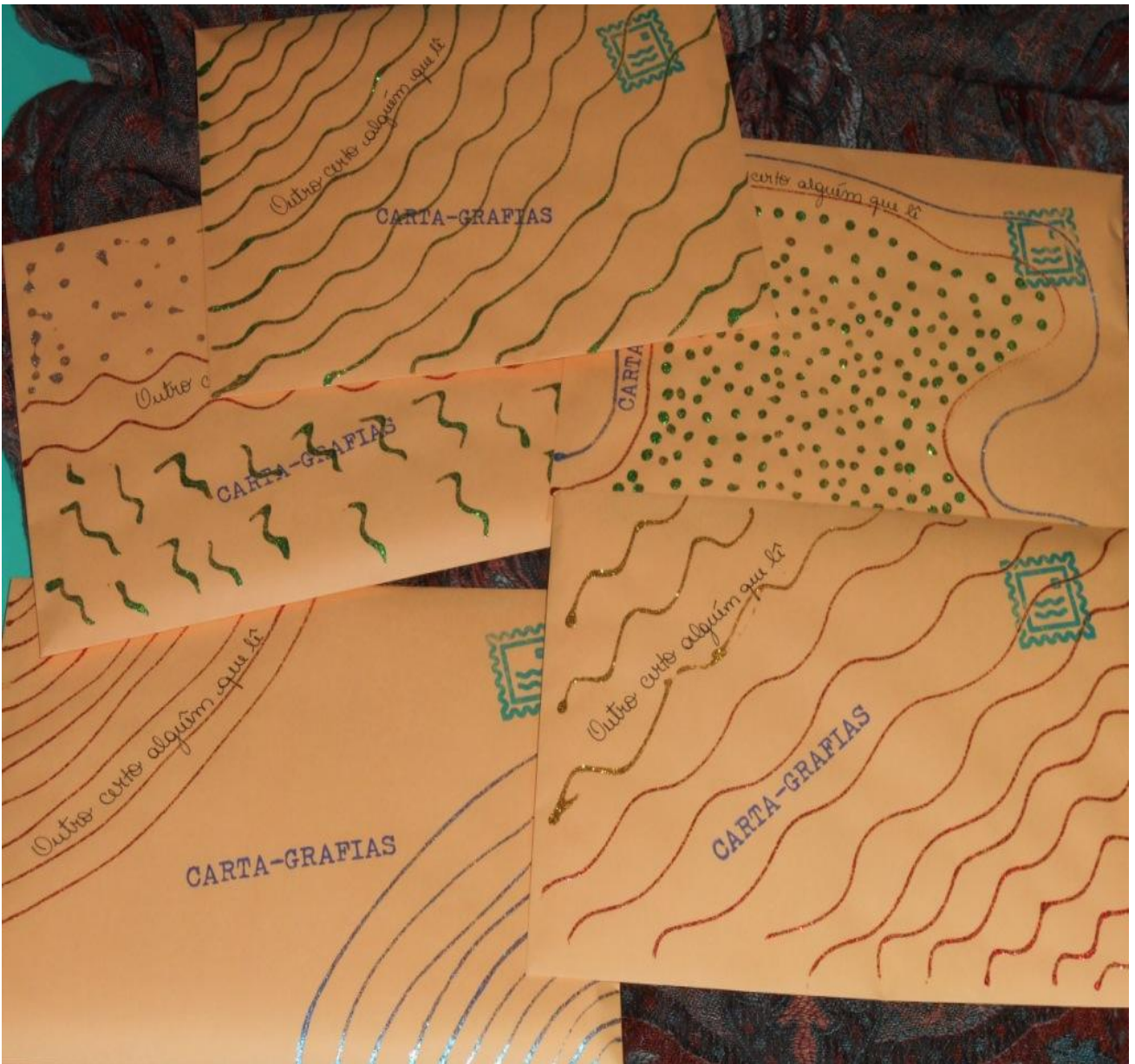
Imagina só:

Daqui há alguns anos essa pesquisa vira livro. Criam-se faculdades de educador. Esse livro vai estar lá. Só que o mundo real é muito mais rápido. Tem de ser reinventado a cada dia. E daí terá um membro do clube dos sabidos pregando que está tudo feito de maneira errada, pois não é assim que está no livro. Mas no dia seguinte da impressão deste material, a coisa já terá se modificado.

Lembro de um cara que foi fazer um trabalho no abrigo e ele fazia umas entrevistas e gravava. Daí teve um dia que ele perguntou como a gente fazia, qual eram os passos... Daí eu disse que cada um ali tinha um perfil de trabalho que tentava se adequar a uma regra, a um mapa, mas que cada um tinha um jeito de agir e que mesmo se ele observasse cada jeito, amanhã eu não reagiria a uma situação da mesma maneira, pois já teria avaliado o que deu certo, o que deu errado, como seria se tivesse feito diferente...

Quando se pensa em desenvolvimento de pessoas, se pensa em um desenvolvimento constante. A pessoa que vive hoje não é a mesma que vive amanhã. Para se trabalhar nisso é necessário acreditar em mutação em nano segundos. Mudar situações, pontos de vista, realidades... Claro que é importante dissecar o cadáver, pois ele faz parte do imutável. Aquilo é aquilo. Mas a parte mais interessante é a parte que está viva, em movimento. O que se registrou agora é a de agora, não é a de daqui a pouco.

Que esse trabalho seja um importante registro de um momento, mas que nunca tentem transformar em verdade absoluta. Que sua iniciativa faça a diferença na academia e que esta volte a ser um ambiente de troca contínua, ao invés de se tornar o grande templo dos detentores do saber, mestres, sábios e afins. Que o mofo e a poeira não cubra nosso cérebro. Que os registros nos poupem de ficar reinventando a roda, mas que nunca vire uma peneira para tapar o hoje e o amanhã.



05

De: certo alguém que chega

Para: Outro certo alguém que lê

ATORDOAR, ATORDOAR-SE, ATORDOAMENTOS...

Escrevo-lhe, sem saber ao certo quem você é. De onde vêm, quais gostos tem, o que já leu, se conhece um abrigo, se gosta de ler, e por aí vai. Escrevo na incerteza do leitor. E você que lerá, não terá certeza quanto a quem escreveu. Escreveu a partir do quê? De onde vem esse que escreve? A intenção é atordoar você que lerá esta carta, um pouco da sensação que surge na vivência em um abrigo como o que foi visitado/pesquisado. Gosto de pensar em um abrigo que também pesquisou a pesquisadora. Cartografar com o abrigo, com envelopes... Pesquisar e ser pesquisada...

Uma porta foi aberta, o atordoar tomou conta dos diários de campo. Até então, tomava o verbo apenas em um significado: causar perturbação. Eis que surgem múltiplas formas de entender o verbo...

Quando procuro o significado no Google¹⁴, surgem as seguintes definições: causar ou sentir abalo ou perturbação dos sentidos por efeito de pancada, queda, bebida, estrondo etc.; aturdir(-se). Tornar(-se) menos sensível; adormentar(-se), insensibilizar(-se). Apoquentar os ouvidos de; azucrinar, aturdir, perturbar. Surpreender muito; assombrar, maravilhar.

Atordoar também é maravilhar, assombrar, surpreender muito. E assim, então segue um atordoamento, nas mais variadas formas de tomá-lo. Atordoar é daqueles verbos que empurram de volta para o mar, com pouca probabilidade de se ter uma rota tranquila de volta para um porto supostamente seguro.

Quem chega é estranho, estrangeiro recebido de forma desconfiada. “*O que vem fazer aqui? O que quer de nós?*” Não há tempo “para fazer sala”. Foram muitos os questionamentos e provocações: “*o que a academia vai nos tirar agora? Jura que tu quer mesmo pesquisar sobre abrigos?*” No início, toda conversa começava com uma certa suspeita...

¹⁴ Acessado em 01 de julho de 2017 do endereço <https://www.google.com.br/search?q=atordoar+defini%C3%A7%C3%A3o&oq=atordoar+defini%C3%A7%C3%A3o&aqs=chrome..69i57j0l5.6872j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8> .

O tempo corre, a correria é forma de vida, corpos que passam apressados: o próximo no banho, o horário do lanche, aquele que precisa ir, aquela que chega; quem vai acolher? Quem fica? Quem volta? Quando volta? “*Já tinham que ter voltado*”? uma adolescente grita, pisando forte enquanto se afasta do educador. Quando penso no educador, lembro-me do coelho branco de Alice¹⁵: “é tarde, é tarde, é tarde”. Parece sempre ser tarde no abrigo. A pressa é medida de trabalho...

São muitos os corpos que habitam um lugar tão pequeno (não tem como dar a dimensão escrevendo). O calor do verão atordoia (e aqui não é como algo bom). A sombra no pátio é pouca. A alternativa é agrupar para conquistar. Em uma tarde de sexta-feira, muitas idas e vindas. As adolescentes querem sair para dar uma volta, os pequenos foram para uma peça de teatro, tantos outros permanecem no abrigo. Os educadores vão e vêm, as tarefas são múltiplas, as crianças e adolescentes parecem se multiplicar. O articulador¹⁶ é chamado a articular a todo instante. Seu nome é chamado inúmeras vezes: educador... educador... Educador...

Educadoooooooooor... EDUCADOOOOOOOOOR!!!! É aquele que parece estar sempre conversando com alguma adolescente. As adolescentes são muitas no abrigo (pelo menos quando se inicia esta pesquisa). Conversar é sua profissão? Conversar é ferramenta de acolhimento e cuidado. Conversar é ferramenta de pesquisa!

Você, que recebeu esta carta, pode não entender muita coisa. É a sensação que tenho toda vez que penso sobre acolhimento de crianças e adolescentes. Do que se trata? O que se quer com esta escrita? Peço paciência e, se possível, siga a leitura. Para nós que estamos dialogando (eu e você), o tempo é outro. Não mais da correria. O tempo da escrita é outro... Faça uma pausa e aproveite esta parada. Acredito que você também pode atordoar-se...

Falar de abrigos (os da política de Assistência e não as calças para fazer exercício) nunca é tarefa fácil. Muitos já escreveram sobre, muitas pesquisas já foram produzidas. Medições de tudo o que é tipo, provando e reafirmando muitas

¹⁵ Personagem no livro “Alice no país das Maravilhas”, publicado originalmente em 1865, de autoria de Lewis Carroll.

¹⁶ Nomeia-se articulador aquele educador responsável por mediar o trabalho dos outros educadores, assim como articular as ações do acolhimento com a equipe técnica.

facetas desta modalidade de medida de proteção. A mais comum das narrativas sobre o abrigo é a da produção de fracassos, de reafirmação de vidas que faltam e da produção de vítimas e algozes. Eu mesma comecei essa história de pesquisa com uma narrativa desta modalidade: uma história única (em uma das cartas desta coleção exemplifico isso).

O que mudou? Você deve estar se perguntando. Não sei precisar quando começou ou onde mudou, quando eu vi, já tinha acontecido. Foucault (2010) afirma que é um experimentador no sentido em que escreve para mudar a si mesmo e não mais pensar na mesma coisa de antes. Precisei de alguns diários de campo descritivos, narrando milhares de fatos e situações para perceber que estava atordoada (no sentido de surpresa). E com isso, escolhas foram sendo feitas. O pesquisar com cuidado vai tomando vida, um cuidado com o processo, com os encontros, com aquilo que era produzido. O tempo de contato foi relativamente curto (4 meses), mas a intensidade foi alta. Escrever, pesquisar, pensar foram tomadas por diferentes sensações; afetadas por efeitos diversos... O efeito Walter¹⁷, por exemplo, ressoa e possibilita desenhar a pesquisa com outros materiais... Nessa altura do campeonato, tenho medo que você desista de meu texto. Por favor, continue.

Chimamanda Adichie (2009) nos alerta para o risco das únicas histórias. A mesma lembra-se do choque que foi perceber que sua família contava uma única possibilidade de história para a família de seu empregado. Assim como se corre o risco quando se pensa em uma infinidade de situações. Com o acolhimento de crianças e adolescentes não é diferente. Desde 2015, uma enxurrada de reportagens ocupam lugar central tanto na mídia impressa quanto na televisão, retratam o quanto as instituições que oferecem o serviço de acolhimento são ruins, precárias e produzem vítimas. Falam do quanto devem apressar os processos de adoção e do quanto precisamos ajudar as crianças e adolescentes do abrigo. O ano de 2015 não foi fácil: "Vítimas do abrigo" foi a manchete (trechos da reportagem seguem anexo, caso você queira saber mais sobre o assunto). Uma manchete que não tem função de atordoar, mas, sim, de paralisar. Se há problemas nas instituições de acolhimento? Sim. Muitos: graves, intensos, repetitivos, crônicos, enfim, problemas

¹⁷ Refiro-me aqui ao Walter Benjamin, onde o tratarei simplesmente como senhor W., em alguns trechos da dissertação.

de todos os tipos. Crianças que dormem na sala, que dividem o mesmo colchão, trabalhadores que ganham pouco, prédios insalubres. Equipes que precisam se submeter aos voluntários para que se possa ter um pouco mais de conforto nas casas (isso, por vezes significa ter uma pintura melhor nas paredes, um sofá onde é possível sentar). Eu poderia fazer uma dissertação denúncia, apontando todas as fragilidades na execução da política de acolhimento institucional. Do que serviria? O quanto respeitaria os sujeitos que escolheram trocar comigo e contar suas histórias no processo de pesquisa? Devemos contar somente estas histórias? Não creio.

Há vida que passa no/pelo abrigo e essa merece espaço na academia. Um colega disse em aula que os trabalhadores da assistência ocupavam muito espaço de fala em sala... Até hoje não sei bem o que ele quis dizer com isso.

Não abandono o ceticismo com algumas instituições e práticas, mas, nesta pesquisa, escolho olhar para outras coisas: crianças que crescem e se desenvolvem mesmo em circunstâncias difíceis; práticas que pensam a singularidade dos sujeitos envolvidos (às vezes é preciso uma caixa de plástico para marcar um pequeno território¹⁸), adolescentes brigam por seus direitos e com isso constroem outras narrativas de vida, trabalhadores que persistem mesmo quando todos dizem que só há desistências e fracassos. Voltar a conviver com um serviço de acolhimento me permitiu perturbar/atordoar meu olhar. Construir outras narrativas, contar outras perspectivas em relação ao acolhimento de crianças e adolescentes.

Mas voltemos àquela tarde de sexta. Tarde que culminou em mais de 15 crianças e adolescentes sentados em uma sala com uma única educadora organizando o lanche. Era preciso acolher quem estava chegando ao abrigo, assim, uma educadora precisou cuidar de quem estava em casa, para que o outro educador pudesse acolher quem estava chegando. Foi com a conversa e com pedidos de ajuda que a educadora conseguiu organizar todos, das mais variadas idades (até mesmo um bebê estava na sala), que tinham demandas diferentes (para além do lanche). Havia muitos elementos indicando que era possível alguma coisa acontecer e dar errado, mas o lanche foi entregue e comido. A vontade era de

¹⁸ Como não há espaço ou armários para todos, os trabalhadores organizam os pertences em caixas organizadoras de plástico, onde guarda-se roupas e outros materiais.

largar o lugar de "pesquisadora" e ajudar a educadora. Preciso dizer que um mínimo foi feito (tentei controlar os meninos que estavam sentados perto). Até mesmo uma menina foi encaminhada para o banho com a ajuda de uma das adolescentes mais velhas. Foi a primeira vez que vi em cena, aquilo que me foi muito repetido: "*nós cuidamos como em uma tribo*". Nesta época não tinha lido muito sobre tribos indígenas e só conhecia o que os estereótipos permitiam.

Agora, quando lhe escrevo, tenho muito interesse por outras formas de cuidado com crianças e adolescentes. Claudia Fonseca, em um texto sobre o trabalho etnográfico, afirma que uma boa etnografia é construída a partir da leitura e imersão em outras experiências culturais. Não segui com a etnografia, mas o ensinamento ficou. Para pensar o cuidado de crianças e adolescentes que estão no acolhimento, fui lendo experiências de cuidado em tribos indígenas brasileiras. Leituras que me possibilitaram chacoalhar o que penso acerca da infância e do desenvolvimento de crianças.

Em um ambiente com tantos e tantas, não há como uns não cuidarem dos outros. Mesmo que por vezes os adultos lembrem para as adolescentes que há educadores, e que são esses os responsáveis pela educação dos demais, adolescentes e crianças também cuidam. Por vezes acolhem. Cuidam. Educam. Com ou sem relações consanguíneas são atuantes para o cuidado do outro.

O maior cuida do menor na hora do lanche. As adolescentes se apavoram com os piolhos que resistiram ao remédio na cabeça de uma recém-chegada. Assumem o trabalho de catar os sobreviventes, se divertem enquanto questionam a eficácia do remédio e o como devem olhar suas próprias cabeças. Outra observa o bebê que se mexe no berço. O calor é grande, o ventilador não dá conta. Os pequenos chegam e com eles o reforço de outra educadora. A organização continua. Alguém varre, as canecas são lavadas por um adolescente com dificuldades físicas e emocionais. Outra adolescente corrige o trabalho deste. Um coletivo se constitui para dar conta da situação. Com a saída dos meninos e com a finalização do lanche, uma caixa de massinha de modelar atrai a atenção dos menores (que são em número suficiente para provocar muito barulho). A educadora instiga o mistério: "*o que tem na minha mochila?*" Os pequenos ocupam os bancos em volta da mesa. As adolescentes se dividem entre aquelas que vêm e

vão e as que ficam vendo TV. A massinha acalma, distrai e dá tempo de respirar (produz fôlego). Lembro-me do coelho de Alice. A qualquer momento parece que o mesmo vai adentrar a sala gritando: "É tarde, é tarde, é tarde!", acabando com o momento de respiro breve que as massinhas de modelar possibilitaram.

Não entra o coelho, mas a notícia da chegada de uma nova moradora. O rebuliço toma conta: "*quem será?*" "*Onde vai dormir?*" "*Quem vai para o quarto?*" Após a notícia, a vida e o cotidiano seguem. A sensação de que o coelho iria aparecer do nada naquela cena continua. O lanche da tarde me lembra daquelas cenas de filmes com famílias grandes: "*vai ter comida pra todo mundo?*" "*Quem falta?*" "*Quantos são?*" "*Quem pega as canecas?*" "*Não quero sentar do lado desse aqui*"... E assim segue, até todo mundo se ajeitar... Mas quem chega não é um coelho, e sim a nova moradora do abrigo. Chega encolhida, falando baixo, parece assustada. Já de banho tomado, com roupa oferecida pelo abrigo. Muitas perguntas lhe são feitas. É hora de eu ir embora.

Esta história é uma adaptação de um dos meus diários de campo, quis lhe mostrar um pouco do cotidiano que presenciei no abrigo. A correria é grande, muito para organizar, muitos para cuidar. "É tarde, é tarde, é tarde!" No meio da correria, um educador para e abaixa-se, conversa frente a frente com uma adolescente. Explica-lhe algo que já tinha sido explicado pelo articulador. O tom de voz não é de correria, um momento de calma se produz. É sexta, dia de saídas para casa. Nem todos têm liberação, nem todos têm para onde ir aos finais de semana. Algo a mais para aumentar as correrias. Algo a mais para ser dialogado, principalmente com adolescentes...

Enfim, espero que você tenha conseguido experimentar um pouco da correria. Correria que parece eficiente. Muito provavelmente nem sempre é assim, por vezes, a máquina quebra, os sujeitos se atrapalham, e o processo necessita ser reinventado. Reinventar parece o verbo do cotidiano do abrigo: não há fórmulas anuncia o Projeto Político Pedagógico do serviço. Mas se você soubesse dos números e dos fluxos de gente ia sentir o mesmo que eu: é de atordoar-se.

Caso permaneça lendo, boa sorte!

Atenciosamente,



ARTE: GUIMARÃES

Entre hoje e segunda-feira, Zero Hora retrata **O DESCASO A QUE ESTÃO SUBMETIDAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES** que vivem em muitos dos abrigos de Porto Alegre. São jovens que, por lei, deveriam receber cuidados especiais, ser prioridade do poder público. Mas abandono, desorganização e burocracia tornam a rede de proteção falha

ADRIANA IRION
adriana.irion@zerohora.com.br

O João-de-Barro encanta pelos ninhos que espalha nas cidades. São moradias tão perfeitas, que, quando desabitadas, chegam a ser cobiçadas para virar enfeites residenciais. Na contramão do que a denominação deveria significar, a casa que leva o nome do pássaro, situada na zona sul de Porto Alegre, é sinônimo de desleixo, desamor, desproteção. Tudo isso em relação àqueles que, por lei, deveriam ser a prioridade absoluta dos cuidados do poder público: crianças e adolescentes.

A informação é básica, mas não custa lembrar que, quando chegam ao João-de-Barro, ao Quero-Quero ou a qualquer outro abrigo público, essas crianças e adolescentes já estiveram em situação de risco, de violência, de abusos e carências variados na própria família. São arrancados de lares duvidosos para receberem, enfim, a proteção que está sacramentada em lei — não só na Constituição Federal, mas também

no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que completou 25 anos este mês.

O que se vê, no entanto, pelo olhar de autoridades que mergulharam nesses locais nos últimos dias, meses e anos, é que as casas dos sonhos, servindo como um lar de verdade, só existem no papel. Nas normas que tratam da proteção à infância tudo funciona tão bem que o abrigo João-de-Barro (JB) até poderia encantar como o ninho do pássaro. Mas é lúgubre, feio, escuro, úmido, sujo, desorganizado, cheira mal. É triste. Numa ensolarada e fria manhã de abril, por volta das 11h, a maior parte dos jovens que estão na casa dorme em quartos fétidos. Roupas se espalham pelo banheiro imundo. Três adolescentes fazem de conta que jogam numa velha mesa de flú, diante de uma despencada estante de madeira, semiebrada e de portas abertas. Vazia. Sem livros, sem jogos. A TV berra algum programa matinal para nenhum espectador. O chão coberto de pó é forte aliado do abandono e do desleixo. A impressão só piora em direção aos fundos do imóvel.

Um banheiro está interditado há meses. O refeitório, um dos ambientes que deveriam servir para estreitar laços de quem ali reside, é pálido, com mesa e paredes brancas. Não há nada acolhedor. O pátio amplo, com piscina e árvores, mais parece um cenário de guerra, com roupas e pedaços de colchões espalhados. Há lixo. Nenhum atrativo de lazer. A piscina está imunda como sempre esteve em inspeções anteriores. Ao ver autoridades, funcionários correm a pegar vassouras. Trabalham rápido na tentativa de recuperar o irrecuperável. A constatação é óbvia: só há limpeza quando alguém fiscaliza. E como fica quem vive ali?

A empresa contratada para fazer a limpeza

dos abrigos — e serviço de enfermagem — deve receber, em 2015, R\$ 4,8 milhões da Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc). A propósito: essa empresa é a mesma que limpa prédios da Justiça. Alguém lembra de esbarrar em lixo ou de usar banheiros fétidos nos fóruns ou nos tribunais?

Ao fundo do pátio, uma simplória inscrição no muro faz lembrar que se está no João-de-Barro, uma casa especial criada em 2008 para melhorar o atendimento de uma parcela de jovens mais problemática. O nome está lá no muro, gravado a tinta. Desconectado do seu real significado, parece ser só o que restou de um projeto de remodelação de abrigos badalado pela prefeitura a partir de 2007, batizado de Figueira. Foi dele que nasceram o João-de-Barro, o Quero-Quero e os Sabiás, as casas com nomes de aves. Mais inspirador, impossível.

Quando o reordenamento da rede de abrigos de Porto Alegre foi pensado, o JB era uma das meninas dos olhos: "(...) propomos o estabelecimento de um Projeto Piloto de uma Casa de Passagem (Casa João de Barro) para adolescentes visando proporcionar a última e talvez derradeira oportunidade que muitos dos adolescentes que ingressam na rede de abrigamento terão de poder usufruir um ambiente suficientemente bom, pois os sintomas antissociais são como que uma busca, às apalpadelas, por um ambiente sadio", diz trecho de documento da Fasc que trata do reordenamento da rede de acolhimento. Outra parte cita ensinamentos de Donald Winnicott, pediatra e psicanalista inglês: "É necessário no tratamento de crianças e adolescentes despossuídos da vida familiar, entre outros fatores, o fornecimento de um ambiente que transmita esperança".

4,7 mil

processos tramitam no 2º Juizado da Infância e da Juventude, em Porto Alegre



DETALHE ZH

Para produzir essa reportagem, de dezembro a julho, ZH acompanhou o resultado das audiências realizadas pelas autoridades nos abrigos públicos de Porto Alegre



CASAS NADA ESPECIAIS

1,3 mil

crianças e adolescentes vivem em abrigos de Porto Alegre

Há pouco de esperança nos abrigos João-de-Barro e Quero-Quero, justo onde deveria estar a “derradeira oportunidade”. Na rede municipal, os dois são chamados de “Casas Especiais” pelo fato de terem sido concebidos para receber uma população diferenciada. Reúnem jovens que estão crescendo zanzando de abrigo em abrigo, muitos com histórico grave de uso de drogas, envolvimento em atos infracionais e transtornos de conduta. Não estão em regime de prisão. São adolescentes não-adotados nem colocados em novas famílias. Cresceram sob os cuidados do poder público. Ou sob a ausência deles.

O Quero-Quero funciona na frente de um movimentado ponto de tráfico de drogas, na zona sul da Capital. Todas as relações possíveis são ruins. Ou os jovens são fortemente atraídos por ganhos com a venda de drogas, ou satisfazem

o vício com facilidade, ou se tornam alvo de ameaças, até de morte, por parte dos criminosos que moram do outro lado da rua.

A existência ali de um órgão público, que atrai a atenção de autoridades, não agrada aos chefes do tráfico. Vale registrar que as normas de proteção à infância ditam que os abrigos devem estar inseridos nas comunidades locais, tendo a participação de pessoas dessa população no processo educativo. O que nem sempre acontece.

Na mesma manhã de abril deste ano em que estiveram no JB, autoridades encontraram no Quero-Quero o cenário de desleixo similar.

Três adolescentes estão estirados em sofás olhando para um desenho incompreensível pela falta de qualidade na imagem da TV. Outros, jogam fla-flu na “área vip”, estimulados pelo cartaz que preconiza: “Quem acredita, sempre alcança”. Um recado cheio de significado para

sujeitos de tantos direitos, tidos como prioridade de atenção absoluta de qualquer agente público. Mas será verdade?

Há adolescentes fumando, espalhados pelo pátio imenso, em meio a lixo acumulado, pedaços de móveis, colchões, fardos de papel higiênico jogados no chão. Uma funcionária explica que recém está assumindo e fala de um plano de atividades a serem ofertadas aos acolhidos. No pátio está o nome com a imagem da ave, pintado em uma parede para que ninguém esqueça que está nas dependências da casa especial Quero-Quero.

Devido a problemas com traficantes e a outras irregularidades, no dia 6 deste mês, o MP pediu que a Justiça desse prazo de cinco dias para a Fasc mudar o Quero-Quero de endereço. Na sexta, o pedido foi analisado pela Justiça e há 10 dias para a Fasc se manifestar a respeito dos pedidos.



06

Quantas coisas retornam à memória uma vez nos tenhamos aproximado das montanhas de caixas para delas extrair os livros para a luz do dia, ou melhor, da noite. Nada poderia realçar mais a operação de desempacotar do que a dificuldade de concluí-la. Eu começara ao meio dia, e já era meia noite antes que tivesse aberto caminho até as últimas caixas. (...) Mas voltando àqueles álbuns: a herança é a maneira mais pertinente de formar uma biblioteca, Pois a atitude do colecionador em relação aos seus pertences provém do sentimento de responsabilidade do dono em relação à sua posse (BENJAMIN, 1987a, p. 234).

Caro Senhor Walter

Seu convite é que nos transfiramos para a desordem dos caixotes abertos, para o ar cheio de pó de madeira, para o chão coberto de papéis rasgados, para que façamos isso e pensemos quanto ao papel do colecionador (1987). Com este convite em mente, me vejo agora com alguns documentos abertos no computador, com os livros esparramados pela mesa e pelo chão, assim como pilhas de cartas a serem melhoradas. O que esta coleção diz do como me propus a escrever? Será que novas montagens serão possíveis? Como me constituo uma cartógrafa-colecionadora?

Colecionador: possui o dom mágico de manejar os objetos (fragmentos) como peças de uma enciclopédia mágica. (BOLLE, 2006)

O desejo de colecionar cartas surgiu com o livro que seu amigo, o senhor George Scholem, lançou com sua correspondência. Cartas que ficaram por anos escondidas no arquivo alemão, cartas que sobreviveram a fúria do regime nazista. O senhor nos oferta a ideia de que o mais importante é a relação que se estabelece entre o colecionador e seus pertences, colocando a arte de colecionar em primeiro foco, mais do que a coleção em si. Assim, fico pensando o que isso diz do processo de montagem da dissertação. Vou seguindo suas pistas, assim como acompanho a narração de sua vida. A empatia cresce, conforme avanço na leitura. Empatia, confiança, encontros... Talvez não sejam seus interesses, mas me são suscitadas enquanto acompanho as imagens da Infância em Berlim.

Em "O Drama do Barroco Alemão" (1928), o senhor diz que "o método é caminho indireto, desvio" (p.50). Abre assim espaço para um

campo de possibilidades: da citação, do fragmento, como as partículas do mosaico, e do tratado. Abre caminho para pensar a pesquisa enquanto processo de coleção. Colecionar, assim está diretamente relacionado às lembranças (1987a), assim como as musas das narrativas são as memórias (1987b). Juntei mais de 100 cartas ao longo do processo de pesquisa, mas exagerada como sou, escrevo e construo outras tantas que irão compor esta nova coleção. Uma coleção que terá que ser partilhada. Uma dissertação-coleção.

A montagem relaciona-se com a natureza fragmentária do texto (CORRÊA; SOUZA, 2016), o seu projeto das Passagens de Paris pode ser tomado como um ensaio-montagem por excelência, assim como Infância em Berlim. O primeiro, pelo que entendi, foi montado e remontado em dois momentos distintos da sua vida. São muitas as influências com as quais o senhor dialogou, particularmente, me interesse pelas montagens dadaístas, surreais e cinematográficas que convergem na sua forma de escrita ensaística. Na construção de uma coleção, desconhecemos o ponto zero, mas percebe-se depois de certo tempo, a presença de algo que emerge como um vir-a-ser que até então não existia (CORRÊA; SOUZA, 2016).

Ressalto que não há como ser radical, como, por exemplo, o Manifesto Dadaísta propõe (pois estamos em ambiente acadêmico), mas a inspiração é possível... Assim, o senhor me inspira a realizar uma dissertação que perde um pouco da forma pactuada, mantém as citações conforme a norma, mas embaralham-se as demais regras que conjuram certo modo de escrever acadêmico. Sua discussão quanto às narrativas serve de campo de possibilidades para que o abrigo e seus personagens ganhem espaço. Em uma conversa escrita, outras pessoas vão assumindo a escrita deste texto. É preciso, assim submeter à validação da escuta do outro, apostando em uma produção coletiva de conhecimento.

"Os procedimentos de montagem sublinham o seu caráter de obra aberta, fazendo com que o leitor se torne coautor do texto, constituindo a montagem por conta própria" (BOLLE, 1994, apud CORRÊA; SOUZA, 2016, p.13). Tal possibilidade serve à disposição de uma dissertação em fragmentos... Uma coleção de cartas e outros textos

inventados e costurados a partir da experiência de pesquisa sobre acolher crianças e adolescentes. Uma pesquisa que passa também a acolher outras questões, outros problemas. O leitor, assim, pode remontar esta coleção a partir de outras perspectivas. Uma obra aberta com pouco controle quanto ao que irá provocar no outro.

Preciso lhe dizer que acho o senhor um homem de muita coragem, mesmo depois de ter sua tese rejeitada, continuou uma produção que não sabia se seria validada por seus pares. Que bom que o reconhecimento veio, mesmo que muitos anos depois.

Como organizar uma coleção? Quais os critérios foram utilizados para adquirir novos itens? Cada novo objeto que chega para compor a coleção faz pensar-movimentar a coleção como um todo (CORRÊA; SOUZA, 2016, p.15).

O senhor ensina que um conjunto de coisas não necessariamente é uma coleção. Há o movimento do colecionador, a montagem, assim como o curador em uma nova exposição, que deve dispor as obras conforme o que propõe suscitar em outros (mesmo que não domine o afeto pretendido). Nas Passagens, um fato importante é sua renúncia às interpretações, a montagem dos anexos e textos e a montagem que será operada pelo leitor produzirá outra leitura do livro. Mesmo pouco utilizando o livro das Passagens, preciso lhe dizer o quão fascinada fiquei com o mesmo. Admito que passear pelo centro da cidade e suas galerias já não são a mesma experiência. Uma tentativa, inspirada por seu livro, é construir passagens para que possamos dialogar com o tema do cuidado. Só a leitura de outros poderá dizer o quanto consegui ou não.

O desafio do pesquisador-colecionador é o de encontrar a forma que melhor convém para a apresentação de sua coleção (CORRÊA; SOUZA, 2016, p. 20). O pesquisador-colecionador entendido como um mediador/curador entre partes: pesquisa, academia, leitor, etc. A curadoria da

própria coleção permite ao pesquisador um constante movimentar do seu trabalho. Movimento que promove deslocamentos...

Espero que sigamos dialogando.

Atenciosamente, Bruna!



07

Vim do RJ para o RS sem emprego ou fazer a menor ideia do que encontraria pela frente. Larguei meu trabalho de auxiliar de biblioteca, peguei a companheira, os filhos, o gato e parti rumo a um lugar onde nunca tinha ido. Isso vai fazer aproximadamente 5 anos (mais ou menos isso – nunca fui bom em decorar datas, nomes... enfim...). Cheguei, fiquei um tempo desempregado, nos inscrevemos no bolsa família e logo comecei a conhecer as pessoas e a fazer uma coisinha aqui e outra ali. Fui colher uva na serra, trabalhei na produção de materiais esportivos... e por aí fui. Até o dia em que conheci um cara que nem lembro o nome em um churrasco e começamos a conversar. Falei sobre meus jornais e projetos comunitários feitos no RJ, sobre meu trabalho com zines... Daí ele me convidou para uma entrevista de oficinairos para uma ong que ele participava. Fui até a final das entrevistas (eram muitas pessoas), mas não passei. Algum tempo depois ele me liga dizendo que apareceu uma vaga em um abrigo. Que era um lance meio diferente de ser oficinairo, mas ele achava que eu ia gostar. Foi aí que descobri o primeiro emprego remunerado que fez algum sentido na minha vida. Cheguei com muita dificuldade para entender aquele trabalho dinâmico ao extremo, onde cada dia era uma coisa diferente... Mas gostei da atividade desde o primeiro contato. Na época, o articulador da tarde era o Rafael, que atualmente está articulando o plantão da noite. O plantão da tarde, como conheci, não existe mais. A formação mudou várias vezes nesses dois anos e meio em que estou nele (talvez um pouco mais – meu velho problema com datas).

Não lembro direito há quanto tempo estou como articulador, mas fazem poucos meses. Na verdade, essa coisa das crianças e adolescentes me procurarem para resolver as coisas se dá desde a época em que eu era educador, pois sempre me senti na obrigação de solucionar, ou pelo menos buscar soluções, para os problemas que elas me apresentam. E nisso chegamos ao ponto em que você diz que funciono como uma espécie de tradutor, pois tenho de entender bem cada um para conseguir exercer meu trabalho com eficiência e daí procurar os caminhos para solucionar os tais problemas, atender as demandas. Conversar se torna ferramenta fundamental. A fala, o vínculo, a escuta, a entrega, a percepção... São todas ferramentas fundamentais para o bom andamento do trabalho. Se essas ferramentas não estiverem funcionando bem, a bomba explode mesmo.

Quanto à função de articulador, como disse anteriormente, é algo recente na minha vida. Algo que nunca almejei. Sempre achei ser educador a melhor parte. Foi toda uma situação e convencimento por parte do Rafael que me fez aceitar a nova função. Mas hoje já aprendi a gostar, pois me possibilita fazer mais coisas que já fazia antes. Se para ser um bom educador o aprendizado é contínuo, para ser um bom articulador a coisa é muito mais difícil. Pois além de ser educador, o articulador é responsável por tudo o que acontece a sua volta. Tem de lidar com todos os adultos

do abrigo e os adultos, algumas vezes, conseguem ser mais difíceis que as crianças, pois já tem suas certezas mais cristalizadas. Daí, além de resolver os problemas das crianças, tenho de me preocupar com as saídas dos carros, resolver questões com a coordenação, levar demandas para a psicologia, assistente social, enfermagem, questões com a limpeza, reuniões, é o telefone que não para de tocar.... e por aí vai. O que facilita a coisa é o acesso e certa horizontalidade que se tem com toda a equipe. Esse diferencial é crucial para a engrenagem funcionar sem maiores problemas na AR7. A coordenação, administração, equipe técnica e todos os envolvidos no processo sempre estão disponíveis. A qualquer momento podemos bater na porta e falar com a coordenação, por exemplo. Imagina se com toda aquela correria ainda tivéssemos de passar por toda uma burocracia para chegar em A ou B? A articulação realmente significa o nome que tem. É o ponto que faz o movimento entre os membros do corpo. Os membros se ligam através da e se movimentam através da. Se bem que se o educador for engajado, aos poucos ele consegue ir fazendo tudo que o articulador faz. Depende da vontade e aplicação de cada um. Pelo menos na AR7, todo mundo consegue ter acesso e interagir com tudo e todos.

Fábio



08

Sobre Cartas

Para: Senhor carteiro que passa apressado na minha rua

Caro Senhor Carteiro

Há tempos que lhe observo, com o seu passo apertado, avaliando o perigo dos cachorros que saltam de forma inesperada. Neste calor de Porto Alegre, sua profissão não deve ser fácil. Lembro-me do tempo que usava um uniforme parecido com o seu e como brincavam que eu parecia uma carteira. Será que era uma premonição? Eu usava uma pasta que lembrava a dos carteiros... Preciso lhe contar da minha pequena experiência como entregadora de cartas. Nada comparada a sua atividade, mas confesso que me ocupei carteira por um tempo. Não foi fácil. Fazer, separar, escrever, pintar, colar, nomear... Cheguei a carregar 70 cartas ao mesmo tempo. No momento em que lhe escrevo, preparo uma remessa maior ainda. Uma dissertação-coletânea-de-cartas! Uma carta-grafia!

Eu que escrevo à mão, me vejo agora obrigada a escrever no computador. Para disfarçar a estranheza, pus uma fonte da qual não estou acostumada. Espero que me ajude, não parece tão *higienizadora* como Times e Arial (fontes academicamente aceitas). Um pedido: quando achar por demais confuso o que lhe escrevo, por favor, marque e me avise. Tenho me pegado divagando sobre essa história de escrever e, principalmente, sobre cartas. Tenho certa inveja das pessoas sucintas que escrevem muito em pouco espaço.

De onde tirei esta ideia de cartas? Hoje já não consigo precisar o início, quando vi já estava no meio, com uma produção intensa de cartas. Uma escolha tomada por alguns como piegas e por outros como corajosa. “*Você produz mimos!*” Alguém me disse nesse meio tempo. “*Eu tenho que lhe escrever a uns quinze anos!*” Alguém exagera. “*Lembrei de continuar te escrevendo quando te vi no ônibus!*” alguém inicia uma carta. Volta e meia recebo um email-carta com o título *Contato*. Desenhos e um avião também me foram dados. E uma dobradura que parece um sapo ou um caranguejo. Duas cartas anônimas... Algumas conversas daqueles que me

disseram não saber escrever... Muitos bilhetes que formaram uma carta-rizoma... Muitas promessas de escrita...

Mas de onde veio a ideia? Como eu disse, já não sei precisar. Guardo a primeira delas: minha avó escrevia cartas quando eu era criança. As respostas a estas era eu que as escrevia enquanto minha mãe ditava. A segunda vez: cartas usadas para se relacionar no trabalho. Eu não conseguia conversar com todos os educadores do abrigo. Já não tinha vontade de escrever naquele livro de registros. Um livro de registros frio, com regras de escrita, mais parecendo um livro de ocorrências. Assim, fui escrevendo cartas, colocava-as em envelopes e deixava uma para cada educador e cozinheira. Eu estava voltando a trabalhar naquele abrigo. Já tinha passado duas vezes por lá: como estagiária e outra como trabalhadora (uma passagem à jato). Algo era preciso fazer de diferente...

A "meta" era buscar a proximidade com as pessoas: uma vontade de me relacionar com os educadores, com os trabalhadores mais próximos das crianças. Uma carta-apresentação. Depois dela, vieram outras, principalmente para o abrigo do qual eu era técnica de referência. Nunca tive resposta por escrito, também nunca pedi por uma. Por vezes, alguém passava e dizia que tinha gostado ou não do que recebeu. Lembro de uma vez que alguém passou por mim no pátio e gritou na passagem: *“aquela última parte valeu por toda a carta. Precisamos olhar o autocuidado. A gente não olha pra gente mesma. Obrigada!”* E seguiu seu rumo com o passo apressado. Falava de uma carta sobre cuidado. Muito antes de este virar meu tema de pesquisa.

Nesta época, na especialização, uma professora pediu uma carta sobre o trabalho. Uma disciplina sobre cartografia... daquelas aulas que ressoam por muito tempo! Uma carta enorme surgiu... Volto para esta de vez em quando. Alguns personagens importantes circularam naquela carta. Não consigo abandoná-los, mesmo com a observação que fiz no abrigo durante a pesquisa. Suas presenças em minha vida ainda são muito fortes, impregnam esta escrita, escorrem e misturam-se a outras vidas. Se o senhor quiser, posso conversar sobre estas memórias na próxima carta.

Depois disso, passei um tempo sem pensar nesta história de cartas... Elas voltaram quando encontrei com Pedro Paulo Bicalho (não presencialmente, pois não conheço o professor). O mesmo escreveu uma carta endereçada à Proteção Integral. Eu achei sensacional! Um tema batido e debatido, colocado em outra perspectiva...

Como apresentar o projeto em duas páginas para uma disciplina do Mestrado? Por que não fazer uma carta ao Cuidado, que já tinha sido citado no final da carta do professor Pedro Paulo? Uma coisa liga a outra... Coisas que colam e se colam são interessantes. Não sei se o senhor gosta de ler, pois lhe digo que nunca li tanto na vida. A cada nova ideia, um mundo de escritores vai se abrindo... Podemos trocar sugestões de leitura, caso o senhor goste. Por enquanto sigo...

Já ia esquecendo! A mesma professora que pediu a carta levou para a sala alguns livros com os quais ela trabalha/gosta. Uma mesa de muitas histórias ela montou. E lá estava um livro de crianças: "O carteiro chegou" (a foto da capa vai anexo para o senhor). Um livro adorável! Tempo depois comprei um para mim (e para os primos também!). Ele me acompanha nesta viagem de escrever para outras pessoas. A ideia é ser um livro-sacola-do-Carteiro, com cartas de verdade, com envelope e tudo mais. Cartas para personagens de histórias conhecidas. Um pouco como venho escrevendo esta dissertação. Seria uma dissertação-sacola-do-Carteiro? Nem só cartas o senhor carrega!

Como eu ia dizendo: uma coisa liga a outra. E assim, vou chegando nesta que nomeiam dissertação e num negócio que chamam de método... Uma colega me escreveu de volta naquela disciplina do Mestrado: por que não escrever para as pessoas que estão trabalhando no Acolhimento? Por que não trocar cartas com estas? O que elas diriam? Uma ideia que estava ainda tímida foi ganhando força. Mas por que cartas? Sempre alguém pergunta...

Nem mesmo no projeto eu consegui expressar bem a minha ideia. Em algum momento, lá no “Interlocuções Metodológicas”¹⁹, quando escrevi para os professores, eu só citei: farei uma carta-grafia... Assim, ponto. Lembro-me de alguém que assistia e achou interessante (comentou em voz alta). E um dos professores que lá estavam para comentar me escreveu que eu deveria radicalizar esta história de troca de cartas, me sugeriu olhar uma obra de arte. *Trupei* em muitas obras de arte nesta história de dissertar... Livros, obras, fotos, arte-postal, e por aí vai...

Na qualificação do projeto as professoras tinham muitas dúvidas quanto às cartas. Creio que um dos medos das mesmas era de que não me escrevessem de volta. Que eu poderia me frustrar. Não ter sobre o que escrever na dissertação. Hoje percebo que eu mesma não tinha essa preocupação. Foi assim que as cartas começaram e talvez seja assim que elas precisassem seguir. Com pouca pretensão... Quando se escreve ao outro nunca sabemos o que virá e se virá resposta, como o outro reagirá. Não controlamos os efeitos do encontro. Um pouco kamikaze, se tratando de uma pesquisa acadêmica que precisa encerrar em dois anos. Mas é preciso arriscar, tu não achas? Cartas são ótimas para iniciar conversas, fui descobrindo... Envelopes na bolsa e a vontade de me relacionar iam acompanhando o processo de estar no abrigo...

Fui engordando a ideia das cartas após a qualificação. Confesso (olha eu usando o maldito verbo de novo. Minha orientadora sublinha quando uso o mesmo) que tinha receio de que iam pedir para tirar as cartas na qualificação do projeto. Com a "autorização" vinda deste momento fui buscar literatura que falasse desta literatura... Sim, o gênero epistolar é um gênero literário (GALVÃO; GOTLIB, 2000). Por vezes, um gênero deixado de lado, considerado muito cotidiano, muito próximo...

Um mundo enorme se abriu. Gente que eu nunca tinha lido na vida, pessoas das quais eu nunca ouvira. Descobri escritores compulsivos por escrever cartas,

¹⁹ Evento do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI) onde os pós-graduandos apresentam para alguns interlocutores, um pré-projeto de dissertação.

guardadores de lembranças e anotações, escritores de cartas de amor, um estudo sobre cartas pedindo ajuda, até as cartas para o Papai Noel já foram objeto de pesquisa. Professor que ensinou aluna por carta (LATOURE, 2016). A vida de Benjamin narrada a um amigo por cartas (SCHOLEM, 1980). Cartas perdidas na Segunda Guerra Mundial. Guimarães Rosa, de quem só tinha ouvido falar, escrevendo pérolas para um amigo (AZEREDO, s/d). A crueldade da guerra e a necessidade das cartas (ALEKSIÉVITCH, 2016). Alguém escreveu para uns meninos que estão na FASE (PROBST, 2015). Fui agregando pessoas nesta conversa de trocar cartas.

Não necessariamente psicólogos ou pessoas com escritas acadêmicas... Muitos escritores, alguns filósofos, um povo da literatura, um povo que trabalha com a história do povo português. Uma multidão de pessoas que em algum momento ocuparam seu tempo para escrever aos outros ou escreveram sobre isso. Um dos textos mais legais que encontrei, foi de alguém que escreveu sobre odiar cartas (GALVÃO, 2000).

Guimarães Rosa produziu pequenas pérolas em suas cartas a um amigo:

[...]mas hoje só foi que eu estudei *que as cartas mais importantes a gente não escreve*, ou tarda, [...]. É quase como começar um livro. Escrever, de verdade, a Você, é impossível. Então, movo-me, e vou pondo e falando, fazendo de conta, fazendo de mim. O que eu precisava era ter Você aqui perto, sempre. Para ouvir e falar, perguntar e comentar, e sentir; até mesmo para ficar calado. De fato, nada mudou, no meio da eterna e externa mudança. Por dentro, sigo. Menos angústia, mais certeza; isto, sim. Cada dia aprendo um pouco mais da vida (ROSA, Carta 20, ano, p.48).

"O que fiz com as tais cartas neste processo de observação em um abrigo? Como operei com as cartas?" Uma operação de guerra, preciso lhe dizer...

Uma coisa liga a outra... Sofia, uma aluna na disciplina na qual fiz estágio de docência me apresentou duas coisas: arte-postal²⁰ e o livro do Guimarães que citei

²⁰ Em aula, a aluna Sofia fez propaganda de uma artista que estava aceitando obras em Arte-postal. Para ver o trabalho referido, segue link: <http://reflexivemail.tumblr.com/>. Considera-se 1962 como sendo o marco do surgimento da Arte Postal ou Arte Correio (Mail Art). A criação da "New York Correspondance School of Art", pelo artista americano Ray Johnson, formalizou o uso do correio como um veículo que serve como meio de expressão e integração

acima. Preciso agradecer apropriadamente a ela, pois foram duas preciosidades que acrescentaram potência e alegria na pesquisa. Da arte-postal surgiu a ideia de trocar cartas e produzir envelopes. Não só o conteúdo é parte do trabalho, o envelope faz parte da carta. Arte e interação. Uma rede de produção de arte. Produzi mais de uma centena de envelopes. Na verdade, os comprei e pintei. Muitas madrugadas foram ocupadas com esta função.

Assim, com essas informações iniciais, lhe digo que depois da primeira observação no abrigo, comecei a levar cartas. Para os educadores inicialmente e, com o tempo, para os adolescentes e as crianças também. No decorrer do processo, essa demanda foi crescendo. Algumas respostas foram surgindo. Elas vinham de diferentes formas. Às vezes, uma conversa quando eu menos esperava. Notícias de que outras pessoas estavam questionando a psicóloga do abrigo sobre as cartas e do por que eu escrevia sobre o trabalho deles. Algumas se incomodaram com a ideia das trocas. Uma carta anônima me surpreendeu. A quebra do anonimato de outra, também. Por isso, entre outras coisas, precisei questionar nesta dissertação a questão do anonimato. Mas este é assunto que estou tratando com a senhora Vinciane.

Com algumas pessoas foi possível uma conversa, com outras mais de uma carta. Uma rede de contatos e relações se formou. “*Quem é você?*”, me perguntavam quando eu trocava o turno ou dia de observação. “*Ah, a moça das cartas. Lemos tua carta com as crianças. Pode entrar...*” Quando cheguei ao abrigo, com o objetivo de me apresentar, deixei cartas (todas iguais, com exceção a endereçada as crianças), explicando a pesquisa e o que estava fazendo no abrigo. Assim, mesmo sem me conhecer pessoalmente, as pessoas poderiam me conhecer. Parece que isso permitiu

cultural entre artistas das mais diversas partes do globo. A ideia de constituição de uma rede de trocas, configurando o que pode ser chamado de primeira experiência de arte em rede. Pelo que escrevem os dois pesquisadores, foi muito difundida nos anos 60 e 70, apostando em uma não separação entre arte e política. Apesar de hoje ser incipiente, é tida como precursora de um princípio inovador nas artes: a interação. (acesso no endereço <http://www.trilhas.iar.unicamp.br/artepostal/artepostal.htm> em 20 de março de 2017)

uma entrada diferente no cotidiano do abrigo. Mesmo com as desconfianças, saber mais ou menos do que se tratava, ajudava... No final das observações no abrigo alguém me escreveu:

Bom, em primeiro lugar, queria dizer que adorei a tua iniciativa das cartas. Apresentar-se para a equipe e as crianças, dizer de onde vem e o que pretende, foi de um cuidado e uma delicadeza que me encantaram. Vou treinar um pouco mais de caligrafia e te mando uma carta física qualquer dia desses, ok?
(carta eletrônica- Email recebido)

Você deve estar pensando no incômodo que deve ser ter alguém observando o seu trabalho. Se for isso, é ótimo. Conversei e escrevi muito sobre isso. Sobre o desconforto de ter alguém observando. Como explicar que observar não é julgar? Que o interesse não era avaliar? Talvez não consiga desdobrar este tema contigo, mas creio que o farei com outra pessoa.

Noto que me empolguei. Preciso finalizar. Neste primeiro momento, preciso dizer do espanto que as primeiras cartas das crianças me trouxeram. A riqueza de sentimentos, a possibilidade de construção conjunta. O desejo pela escrita de uma galera que ainda não sabe escrever. Em um sábado de verão, me peguei surpreendida com as cartas-bilhetes para familiares. Uma oficina de cartas improvisada se criou, nada programado. Os materiais foram surgindo com a ajuda dos educadores, alguém pegava um lápis, outro conseguia uma cola. Não é que cartas colam?

Enfim, por hora encerro por aqui, fazendo votos de que possamos seguir conversando/escrevendo. Não fique tímido, achando que não pode escrever ou que vai ter erros de português (eu os tenho aos montes). O importante é que possamos conversar e trocar.

Grande abraço, Bruna (a moça do cachorro com grandes orelhas)!

PS: segue em anexo as fotos do livro que citei na carta.



JANET & ALLAN AHLBERG

O CARTEIRO CHEGOU

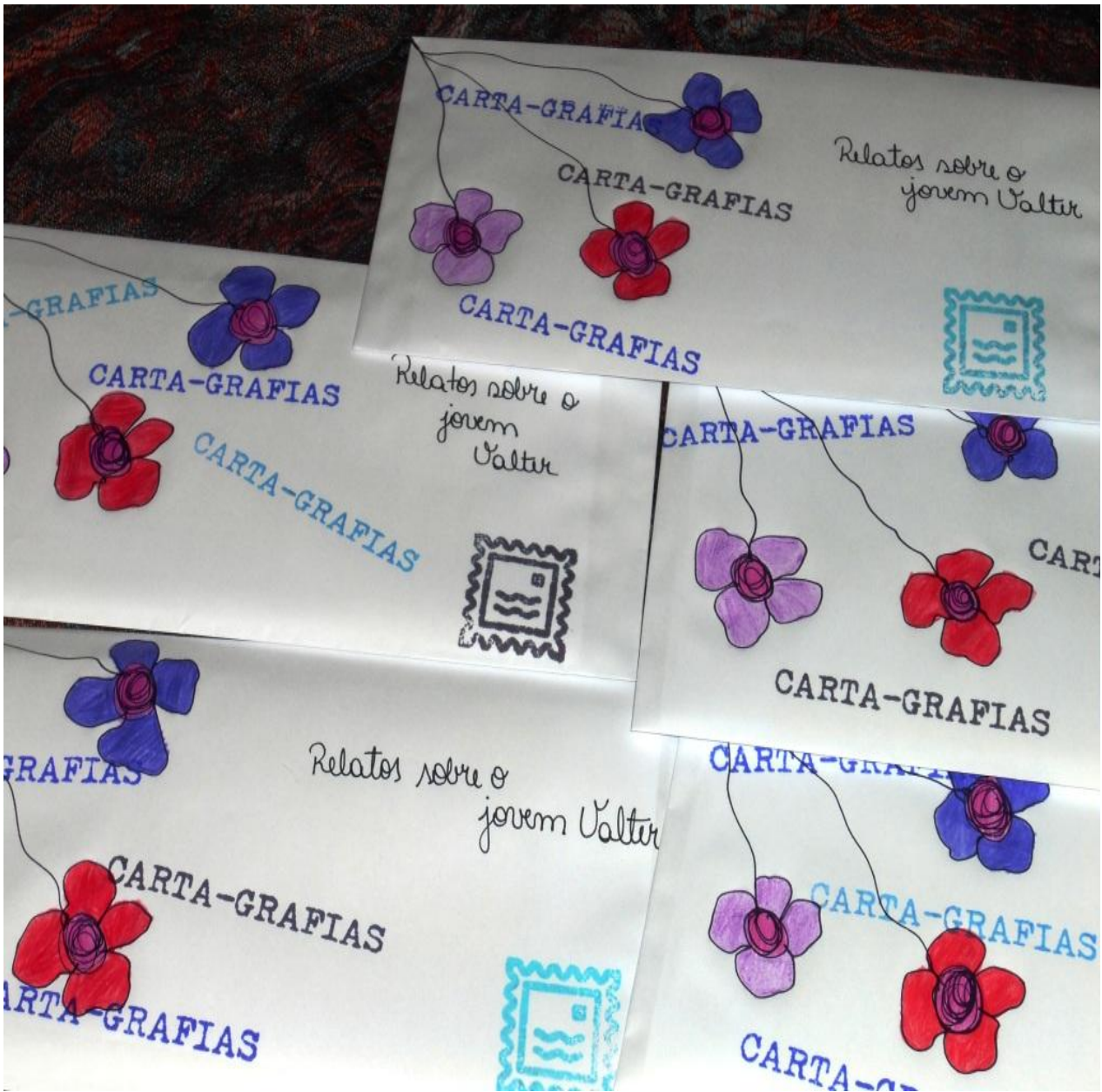


Este livro é como a sacola do Carteiro:

Vem cheio de cartas de verdade, com envelope e tudo.

Para você abrir e ler!

São cartas que o Carteiro levou para alguns personagens que você conhece de outras histórias — como os Três Ursos, a Cinderela, a Bruxa Malvada, Cachinhos Dourados, o Lobo Mau...



Relatos sobre o jovem Valter

O jovem Valter chegou numa sexta de tarde, assim como muitos chegam. Acompanhado pelo conselheiro, carregava uma pequena bolsa, nesta um caderno com alguns desenhos e coisas escritas. Ele diz que foi pego enquanto ia para o Centro. Não sabe dizer ao certo onde morava (ou não quer informar). Aparentemente tinha estado com algumas pessoas em algumas cidades. Parece que está no limite. Muito magro e abatido. Será que vai se colocar em risco? Será que precisará internar? Destaca-se pelo cabelo amarelo...

Sua fala parece desconexa, em alguns momentos não faz sentido. Fala de uma guerra. Será de alguma situação do tráfico? Colocado com as outras crianças e adolescentes, pouco interagiu. O que vivenciou Valter antes de chegar ao abrigo? Quem podemos procurar? Será que tem família? Será que tem experiências com drogas?

Ele falou de alguns amigos com quem ficou. Mas não consegue precisar onde estão e qual a idade dos mesmos. Foi pedido aos educadores que observem o comportamento do jovem nos primeiros dias, já que encontramos uma substância suspeita na bolsa de Valter e há claramente um desejo de morrer no adolescente. O adolescente tem um olhar profundo, parece muito triste. Fala de uma guerra. Guerra? Que guerra? Teria o jovem vivência com o tráfico? Estamos imaginando demais?

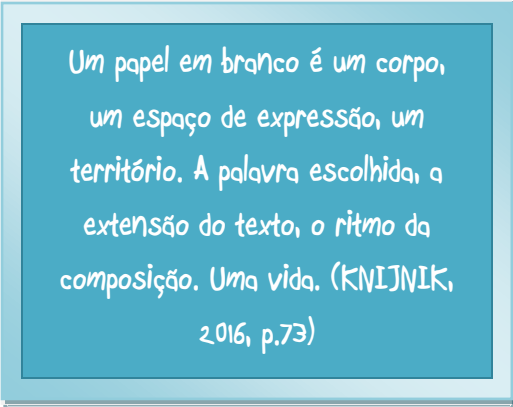
Deve ter passado por situação de violência. É preciso avaliar melhor. Comunica-se com mais facilidade escrevendo. Produz uma espécie de diário no seu caderno. Andou pedindo canetas.

Não fala da família e no documento que chegou com ele, duas linhas que não dizem muito. Motivo do acolhimento: menor perambulando pela cidade, sem paradeiro definido. O Conselho Tutelar diz que a mãe morreu. Valter, depois de uns dias, diz que a mãe mora em outra cidade. Que histórias são possíveis contar sobre Valter?

Valter circula pela cidade, de ônibus em ônibus, vende suas balas e mandolates. Ganha espaço com sua poesia e palavras gentis. É um jovem que na maioria dos dias é tranquilo. Teve alguns ataques de raiva, mas logo passaram. Parece um sujeito que circula, não tem parada e, assim, não há lugar que não conheça. A facilidade com que fala da cidade impressiona.

O jovem parece bem consigo mesmo, não há lugar em que fique mais do que um ano. Já morou com a avó, com o pai, com um irmão, com a mãe; ultimamente morava com uns amigos. Parece que tem medo das autoridades. Chegou muito quieto, precisou de muitos dias até que falasse com alguém de forma coerente. Ou será que não entendemos a sua coerência? Quem escuta adolescentes? Há corajosos que ainda desenvolvem esta atividade. O jovem olha desconfiado quando nos aproximamos. Será que não devolve a desconfiança com a qual é cuidado?

Sentado no banco do abrigo parece observar o que passa. Um interesse em passar invisível: não me olhem, não falem comigo. O educador chega pelas beiradas, na malandragem. Oferece um escape para o jovem: pulseirinhas. Compartilham do silêncio, uma conversa conforme dizem os guaranis. Conversa feita de suspiros, olhares e trocas monossilábicas.



Um papel em branco é um corpo,
um espaço de expressão, um
território. A palavra escolhida, a
extensão do texto, o ritmo da
composição. Uma vida. (KVIJNIK,
2016, p.73)

Valter quer o direito de sair. Insiste em dar uma volta. Os demais trabalhadores se preocupam: "logo esse guri vai explodir". Será que Valter vai fugir, se não autorizarmos ele a sair? Sair para fazer o que? Ir e vir, um direito básico... Básico para quem?

Valter se deixa conhecer por entre as linhas que escreve. Inscreve-se em páginas de um velho caderno que antes era utilizado em uma longínqua experiência escolar...

Me chamo Valter e não sei o que estou fazendo aqui. Já sei me cuidar e não entendo o que querem de mim no abrigo. Me confunde esta situação: querem que eu fale, mas quando eu falo se assustam com o que eu conto. Não entendo o que querem que eu diga.

Parece que tem algo pronto a se dizer. Ninguém de fato parece se interessar pela minha história. Não sei se consigo contar o que passei, pois tenho vergonha e acho que ninguém quer me ouvir. Tenho vontade de sumir, sinto que não aguento mais essa situação toda que tenho passado.

Não consigo mais escrever hoje, as crianças ficam me pedindo as folhas do meu caderno. Eu não quero dar, mas os outros insistem. Às vezes eu fico no banco, tentando ficar sozinho e pensando na vida. Eu gosto de pensar.

Eu gostava de andar! Andar pela cidade. Eu dizia que ia para a escola e pegava o ônibus para o Centro. Passar pelas diferentes partes da cidade. Meus ônibus preferidos são os T (T1, T2, T3, T4, T5, T7, T8, T9, T10, T11). Ônibus que atravessam. Que passam pela cidade. Eu ficava andando, de ônibus em ônibus. Atravessar!!!! Estar de passagem. Ficar, eu só ficava no Centro, vendo aquele monte de gente passar. Parece formiga indo e vindo. Os adultos não entendem. Acham que criança e adolescente não pode nada. Eu ficava de boa no Centro. Não fazia mal pra ninguém. Mas sempre tinha um policial para encher, mandar embora, mandar para o DECA.

Eu fazia um dinheiro bom com as coisas que eu vendia no Centro. Agora, não dá nem para sair do abrigo. Tem que ficar aqui, esperando. Parece bicho. Eu olho pro portão é da vontade de sair, ver gente. Eu só queria dar uma volta.

Parece que entrar a gente entra, mas sair daqui é impossível...

Valter aprendeu o que adultos, crianças e adolescentes aprendem na prática de forma muito rápida: ir e vir é um direito bastante restrito para quem é pobre. Há uma forma de ir e vir, há uma gerência quanto a este direito. A rua é necessariamente lugar de passagem, não ouse parar... Valter começa a repetir algo que muitas vezes surge: quando é que o juiz vai me liberar? De trabalhador em trabalhador, ele tenta a liberação para sair. Aos trabalhadores, a difícil missão de explicar o sem explicação... Sem algumas regras, o ambiente que muito recebe corre o risco de explodir...

Assistente Social

Eu queria dar uma volta! Prometo
que volto!

Eu só quero dar uma volta!

Valter!

Para a pesquisadora que acompanha o trabalho no abrigo, ele deixou a seguinte carta:

11/03/17
Dê: Valter B.
Para: Bruna

Bom dia Bruna, muito prazer meu
nome é Valter tenho 13 anos não sabia
que você reparava em mim e quando
você me via escrevendo é porque eu
estava chateado e quando eu estava
desenhando é porque não tinha nada
pra fazer aí eu desenhava só
por fazer e quando eu ficava me lam-
be eu gostava de ficar em silêncio e
escutar tudo na minha volta por-
que eu gostava de ficar em silêncio e
de ficar conversando com algumas
povos também. Bem essa é minha
carta para você.

Um abraço de Valter
11/03

As últimas notícias de Valter: pulou o muro a tarde e foi embora. Quem avisar? Onde procurar? Parece que Valter voltou para o fluxo do ir e vir... Será que volta?



É como se toda valorização e toda "politização" da vida implicasse necessariamente uma nova decisão sobre o limiar além do qual a vida cessa de ser politicamente relevante, é então somente "vida sacra" e, como tal, pode ser impunemente eliminada. (...) Toda sociedade fixa esse limite, toda sociedade-mesmo a mais moderna- decide quais sejam seus "homens sacros" (AGAMBEN, 2002, p. 146).

Última passagem?

Carta para quem precisa ir...

Eu passei cinco anos esperando se eu voltava para minha casa ou se não voltava, e acabei não voltando. É a demora, a lentidão e o descaso com todo mundo que tá lá. Eu poderia ter tido uma resposta em relação a minha família, ou ser encaminhada para adoção que seria difícil com a minha idade, mas não impossível. (Débora, 23 anos)²¹

Escrevo para você que agora precisa ir. Atravessar a porta rumo ao desconhecido. Voltar para casa, não ter para onde ir, ir para outro serviço público, pensão, quartinho, puxadinho, morar na rua, em uma "residência terapêutica"... Você que fez 18 anos... Você que por algum motivo, ficou mais um pouco no abrigo. Escrevo para você que precisa ir... Uma porta que se fecha... É preciso

coragem para atravessar a porta. Um novo território que se desenha... Também escrevo para quem, com coragem acompanha estes sujeitos. O abraço final, o desejo de boa sorte, a insegurança de quem acolheu e agora precisa deixar que se vá...

Assim como você encontrei algumas pessoas nesta situação. Uma porta se fechou atrás de delas. A sensação de que o mundo está mudando. De um cenário em que muitos se propunham a cuidar de você e gerenciar sua vida, agora é preciso encarar de maneira solitária. A porta do ECA fechou-se: bem-vindo ao mundo dos adultos! Crescer e tornar-se adulto se conforma de modos diversos conforme nossa classe social, raça, gênero... Você, que agora encara o mundo sem o abrigo, vivenciou um crescer acelerado... *Esse guri tem que assumir*

²¹ Reportagem "Com indefinição judicial, jovens de 18 anos saem do abrigo sem família", acessado em 10 de julho de 2017, no endereço: http://www.agenciadenoticias.uniceub.br/index.php/com-indefinicao-judicial-jovens-de-18-anos-saem-do-abrigo-sem-familia/?utm_campaign=shareaholic&utm_medium=facebook&utm_source=socialnetwork

as responsabilidades! Ela já não é mais uma criança! (referindo-se há alguém de 14 anos).

Escrevendo a você que agora passa por esta situação, leio a reportagem que citei acima. Débora, a entrevistada, passou cinco anos no abrigo. Chegou adolescente e ficou até os 18 anos. Fala sobre a longa espera e as expectativas. “Por que não pude voltar para minha família?” Ela se pergunta. Muitas vezes ouvi esta mesma pergunta de pessoas que foram crescendo no abrigo. Para não expor você que conheci, utilizo uma frase de Débora, citada na entrevista: “Eu não tinha medo, eu só não entendia porque a gente não podia voltar para casa”.

Lembro-me de um jovem que costumava dizer que o abrigo era um *complexo*, uma bolha e que esta não era igual ao mundo. Ele dizia, logo antes de fazer 18 anos, que estava ficando mal acostumado ali no abrigo. “Eu preciso ser mal”, ele repetia... “Eu preciso ser mal”, ele repetia... “Mais mal que o Pica-pau”, a estagiária brincava com ele... Em uma preparação para o mundo fora do *complexo*, ele experimentou uma escalada de agressividade, destruindo as relações que tinha estabelecido no abrigo... É preciso dizer adeus! Nem sempre fácil, nem sempre algo a se festejar... No abrigo no qual pude realizar a pesquisa, a pessoa com mais tempo de abrigo era uma adolescente que se encontrava ali há 5 anos. Todos apontavam este marco. Numa Casa de Passagem, o tempo é contado em dias, em algumas situações por meses, raramente em anos. Em outra experiência, conheci pessoas que estavam a 10, 15, 19 anos em um abrigo. Pessoas que conheceram poucos meses fora da realidade da instituição.

“Eu fui muito bem acolhida, mas não chamaria o abrigo de lar”. Frase de Débora para a repórter sobre como se sentia em relação ao abrigo. Muito cedo, crianças e adolescentes experienciam situações-limites. Situações de violência e de extrema pobreza que acabam por culminar em uma experiência de institucionalização. Pensando em você e em todos os outros sujeitos na mesma situação, me lembro de Agamben (2008) no livro “O que resta de Auschwitz”. Pensando sobre a questão do testemunho, o autor vai discutir a relação da situação-limite e o quanto esta desempenha função semelhante ao estado de exceção.

É precisamente tal incrível tendência da situação-limite em transformar-se em hábito o que todas as testemunhas, mesmo as que, submetidas às condições mais extremas, o atestam unanimemente ("Quando se faz este trabalho, ou a gente fica louco ou a gente se acostuma")(p. 57).

Fico pensando em quantas vezes ouvi frase parecida: "*se não voltar para casa vou ficar louco!*", "*vou enlouquecer que nem a fulana*", "*vou precisar de internação se ficar mais um pouco aqui*". Muitas fugas, principalmente de adolescentes. Agamben (2008) vai apontar que na "situação extrema", o que está em jogo é, portanto, continuar sendo ou não um ser humano.

Mas escrevendo para você que precisou ir, e que agora adulto precisa "se virar" sozinho, penso nos trabalhadores que passam seus dias a acompanhar o processo de acolhimento de crianças e adolescentes. São educadores, psicólogos, assistentes sociais, técnicos de enfermagem, cozinheiras, trabalhadores da limpeza, motoristas. Como é construir um trabalho como este? Como é despedir-se de sujeitos com quem, querendo-se ou não, (podendo ou não) se vincula?

Em mais um dia que passo no abrigo, a psicóloga me fala de como é duro trabalhar com vidas que são desperdiçáveis... Vidas que podem logo adiante serem dispensadas... Lembremos-nos do *Homo Sacer* (Agamben) e a vida nua. Um choque pensar nisso... Um choque ver que por vezes o trabalho perde potência, se encolhe... Quase nada é possível...

Lembro-me de Zeus que corria para o abrigo toda vez que se envolvia em problemas na rua... Lembro-me de Hércules que contava o tempo para ir embora, mas sempre voltava... Lembro-me da jovem que não queria ir... Que conseguiu ficar um pouco mais... Lembro-me daquele que foi com medo do que o esperava... Lembro-me da jovem que ouviu da boca dos adultos que não teria seu filho de volta, que o caminho dele tinha sido a adoção... Como não se lembrar daquela que precisou aprender muito em pouco tempo... Da jovem que ficava feliz quando não encontrávamos seus parentes... Lembro-me do dia nublado quando o jovem foi embora com suas coisas em sacos de lixo... Ele foi e não teve despedida... Ser grande, estar fora, linha tênue entre 17 anos e 11 meses e 18 anos.

Para muitos, os da classe média e alta, ter 18 anos é motivo de festa, indecisões, vestibulares, carteira de motorista, casa dos pais. Apoio para crescer e

planejar carreira profissional. Há um abismo, para uma grande parte da população, ter 18 anos, não é necessariamente uma festa! Mas sim uma vida facilmente abandonada, sacrificável...

Homem sacro é, portanto, aquele que o povo julgou por um delito; e não é lícito sacrificá-lo, mas quem o mata não será condenado por homicídio; na verdade, na primeira lei tribunicia se adverte que "se alguém matar" aquele que por plebiscito é sacro, não será considerado homicida." Disso advém que um homem malvado ou impuro costuma ser chamado de sacro (AGAMBEN, 2002, p.196).

"Como pensar a vida, postulada como insacrificável, e ao mesmo tempo convertida em algo descartável, capturada como vida nua?" (CANDIOTTO, 2011, p.87). Eu sinto por você, que muito provavelmente foi convertido de forma compulsória em vida descartável, nua... E nem sabe disso, só vai sofrendo as consequências... Se entrar para o mercado informal, é por que não é esforçado. Se envolve com o tráfico é porque sempre foi bandido. Se não arranja trabalho é vagabundo... Se for homem e passar por algum policial, a situação já ficará complicada. Lembro-me de um jovem que foi surrado por não ter denunciado a violência policial. De outro, que mesmo tendo cumprido a medida socioeducativa que lhe cabia, leva "*uma ruim*" sempre que passava por algum policial. O risco de morte por violência é muito maior para você. Cuide-se, na medida do possível. Você já deve ter pelo um amigo que levou tiros ou morreu de causa violenta. As estatísticas não jogam a seu favor. O irmão do jovem que hoje mora em algum lugar na cidade foi morto logo que saiu do abrigo. Zeus também não durou muito tempo. Uma série de sentenças que comportam um deixar morrer, próprio de um racismo de Estado. Souza e Gallo (2002), a partir da obra de Foucault, afirmam que

[...]o racismo é o mecanismo pelo qual o Estado justifica seu direito de matar, numa sociedade biopolítica, fundada na afirmação da vida. E o que é mais interessante: o direito de matar é justificado como uma afirmação da própria vida, uma vez que a eliminação do diferente, do menos dotado, do menos capaz implica a purificação da raça, o melhoramento da população como um todo. A cada um que morre, o conjunto resultante é melhor que o anterior. O racismo de Estado é, pois, a feição moderna do evolucionismo e do darwinismo social novecentista (p.47).

Como se constitui o *homo sacer* nos tempos atuais? "Indefinição a ser estimulada já que, para defender o valor sagrado e imprescritível de determinadas vidas, outras são deixadas de lado e destituídas de proteção jurídica." (CANDIOTTO, 2011, p.87).

Lembro-me de você que foi acolhido em algum serviço de acolhimento, e que 'lá no fundo' esperava poder ficar... Ficar um pouco mais... Ter mais tempo de proteção... Fico pensando em Foucault: para fazer viver pode-se e permite-se deixar morrer... Algumas vidas serão perdidas no caminho! Lembro-me de quando tomei conhecimento do menino que foi baleado... Do medo que trabalhar com Zeus me dava: "*um dia esse guri vai aparecer morto!*" Mesmo produzindo escapes, outras formas de trabalho e assim, de produção de vida, há uma dimensão capturável neste trabalho. Enquanto trabalhadores, operamos o controle de uma parcela da população.

Se ao soberano, na medida em que decide sobre o estado de exceção, compete em qualquer tempo o poder de decidir qual vida possa ser morta sem que se cometa homicídio, na idade da biopolítica este poder tende a emancipar-se do estado de exceção, transformando-se em poder de decidir sobre o ponto em que cada vida cessa de ser politicamente relevante (AGAMBEN, 2002,p. 150)

[...] o racismo vai permitir estabelecer, entre a minha vida e a morte do outro, uma relação que não é uma relação e guerreira de enfrentamento, mas uma relação do tipo biológico [...] A morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior é o que vai deixar a vida em geral mais sadia e mais pura (FOUCAULT, 1997,228).

Não sei bem o que ocorreu com você, com quem falo agora, mas os jovens que conheci no abrigo, na maioria das vezes voltaram para a mesma situação que saíram. São pobres, negros, moradores de bairros da periferia da cidade. Fazem parte de uma massa da população que será empurrada... Homens para o sistema prisional e as mulheres para as políticas de Assistência Social. Todos empurrados para um mercado de trabalho flexível e precarizado. De crianças e adolescentes em risco são alçadas a categoria de ameaças iminentes. É duro eu lhe dizer estas coisas, mas não há como escrever sobre cuidado sem ter esta faceta em mente. Uma discussão precisa ser como um dado, múltiplas faces, vários olhares. Escrever sobre práticas de cuidado é pensar que o trabalhador que cuida também pode estar entre esta parcela de vida dispensável... É ter presente que o trabalho precisa continuar mesmo sabendo que a passagem para os 18 anos vai produzir outras violações de direito. É encaminhar o retorno para a família, mesmo sabendo que nada será fácil e que o acesso aos serviços básicos é cada vez mais dificultado. Lembro-me da mãe

que recebeu os filhos em casa e se apavorava com o fato de que não conseguiria comprar a mesma comida que comiam no abrigo. Lembro-me da família que não podia voltar para casa por que não havia um banheiro.

As pessoas abandonadas, tolhidas de alternativas e escolhas compatíveis com as atribuições da cidadania, são transformadas em ameaças iminentes para o restante da sociedade. Em virtude disso, os dispositivos de segurança estatais são acionados. Em nome da vida a ser protegida, elimina-se a ameaça e é fortalecido e justificado o poder soberano (CANDIOTTO, 2011 p.94).

Se eu posso te dizer algo, mesmo que não ajude muito é: resista. Foucault já tinha apontado isso: onde há poder há liberdade, e se há liberdade (por menor que seja), há possibilidades e resistência. É nesta aposta que muitos trabalhadores, que também não estão livres de serem capturados na categoria *Homo sacer*, pautam seu dia a dia. Há luta, há gente apostando nos desvios, e isso foi possível de reafirmar com a minha nova estada pelo abrigo... A aposta é no instante, nas brechas, naquilo que é possível...

Você, testemunha deste processo de acolhimento de crianças e adolescentes; sobrevivente de condições nem sempre adequadas, sofre na pele as consequências de ser uma vida dispensável. A polícia é mais rígida quando o aborda. A moradia é precária ou inexistente, o trabalho é precário, o risco de morte eminente. Desculpe-me o pessimismo.

Com as instituições que realizam o trabalho, a precariedade é parte do dia a dia do trabalho. Para ter uma TV melhor é preciso de voluntários, para se ter um pouco mais de conforto, é preciso de parcerias para além do órgão estatal que mantém o abrigo. Muitas crianças e adolescentes dividem a cama com pelo menos mais uma pessoa. Muitos, quando chegam, dormem na sala. Guardam suas coisas embaixo dos bancos ou em cima do armário.

Não há glamour na vida no abrigo... Por vezes, há novas violações de direito... Mas uma das durezas a se assistir é a saída, principalmente daqueles que tiveram o abrigo não como medida excepcional e transitória, mas que ali ficaram por muitos anos, acostumando-se com a bolha superprotetora de um mundo que, por vezes, parece ser descolado do resto.

Fique firme e até mais!



Michel - o questionador

Michel não cumpre as regras. Questiona tudo. Os trabalhadores estão com muitas dificuldades de inserir o pré-adolescente na rotina do abrigo. Ele afirma que já é adolescente, exige que seja tratado como tal. Colocou os outros em agitação. Foi preciso intervir com o grupo, já que o adolescente questionou o fato de ter que dormir na sala. Os outros adolescentes já o ameaçaram. Os educadores já não sabem o que fazer. Será que não será melhor encaminharmos para outro abrigo? Michel tem 11 anos, mas não parece. Fala como se já tivesse 18 anos. Pediu para sair de casa, relatos de conflitos com a mãe e com o padrasto. Brigou na escola com a diretora e desde então não frequenta a mesma. Interessante que o menino gosta muito de ler. Nos momentos que está mais tranquilo lê os livros que temos na biblioteca e os que pega (sem pedir) da sala dos técnicos. Gosto particular por certos livros. Recentemente descobriu o ECA²². Anda com o livro debaixo do braço. É preciso conversar com o menino urgentemente. E avaliar a situação familiar. Será que alguém na família extensa acolhe Michel? E sua mãe? Será que ficaria com ele?

Notamos que Michel vem encontrando problemas em se adaptar ao dia a dia do abrigo. Enfrenta os educadores, principalmente no que concerne as regras cotidianas. Questiona, propõe outras regras, procura brechas no que é tratado e acertado com o grupo. É constantemente chamado atenção, na tentativa de manter o ambiente mais tranquilo. Não aceita voltar para a escola, e quando tratamos do assunto, levanta a voz e diz: *o que vão fazer comigo? Me mandar para o abrigo? O juiz não pode fazer nada comigo! Pra FASE eu não vou por não ir na escola!* Sua mãe relatou em conversa com os técnicos que não consegue segurar o menino em casa, e que o padrasto já não aguenta mais a situação.

Michel é bastante inteligente, mas não se dá conta das dificuldades que apresenta. Assim, sugerimos que o menino mantenha-se acolhido por um pouco mais de tempo. Na próxima semana, tentaremos encaminhá-lo para outra escola, que conta com uma sistemática de trabalho diferenciada das demais. Dissemos para Michel que ele poderia escrever para o juiz sobre sua situação.

²² Estatuto da Criança e do Adolescente

Para: Senhor Juiz

De: Michel

As memórias e experiências que dispararam os textos que compõem esta dissertação foram sendo inventados através do corpo-da-pesquisadora...

*Tudo o que não invento é falso, já dizia
Manoel de Barros.*

Senhor Juiz, com todo o respeito lhe escrevo. Não sou muito de escrever cartas, mas gosto de escrever e ler. O senhor vai ter que desculpar os erro de português. Gostar de escrever eu gosto, mas não gosto muito dos negócio da escola. Estudar é um saco (pra não dizer um palavrão, com todo respeito).

Escrevo para lhe dizer que não aguento mais essa história de abrigo. É muito chato ficar aqui. Sei que a minha mãe reclamou, disse que eu não fico em casa. Tudo *ladaia* dela. Ela mente e coloca toda a culpa em mim. O senhor não sabe como é viver com o meu padrasto. Ele é um baita mentiroso.

Tinha um livro esses dias lá na outra escola, com um negócio de homem infame²³. O cara que escreveu tem o nome igual ao meu. E o texto parecia dessas coisas que juiz deve conhecer. Talvez o senhor me entenda e me liberte de uma vez. Me disseram que abrigo não é cadeia para eu pedir liberdade. Mas não tô muito convencido, não. Eu vim para cá porque não me comportei. Não entendo. Fui ler naquele negócio de ECA, não aparece nada sobre mau comportamento levar para o abrigo. Eu acho que esses cara do Conselho tão usando essa lei do ECA para criar outros infames. Vou lhe explicar: pelo que entendi, essa história de querer saber do cotidiano das pessoas nem sempre existiu. Antes, tu ia lá e confessava os pecado. Tu falava tudo o que acontecia para ter a absolvição. Com o tempo, e com o negócio de soberano, as coisas foram mudando. O outro Michel disse que o cotidiano se transformou num evento enfático: um teatro. Ele disse que no

²³ Michel Foucault- A vida dos Homens Infames (2015)

século XVII a questão não era mais religiosa, e sim, de registro. Para escrever as coisas do cotidiano dos pobres era utilizada uma série de coisas: "a denúncia, a queixa, a inquirição, o relatório, a espionagem, o interrogatório" (p.209). E tudo vai sendo escrito, vai ser acumulado em prontuários. Desses eu entendo: *a mãe tem um no posto de saúde, tem um no CRAS, um no CREAS, eu tenho um no abrigo, e devo ter um aí com o senhor, né?* Toda vez que vai conversar com uma psicóloga ou assistente social nova a gente tem que contar tudo de novo. E elas querem todos os detalhezinhos, não pode faltar nada.

O senhor desculpa a intimidade aí, mas tá foda ficar no abrigo. Tudo cheio de *ladaia* esses educadores. Me prometeram que ia pra casa, e já faz mais de mês que tô nessa história. Se o senhor não der um jeito, o jeito vai ser fugir. Não vou ficar de enrolação, não. Tô cansado desses educador que só mandam no cara. E aquelas assistente social, então! A gente pede pra ir visitar a mãe. Elas fingem que não escutam. Dizem que eu tenho que me acalmar, e tal. Que tem que avaliar a situação: nunca vi gente que avalia tanto.

E não gostei nada de perceber que eu sou só mais um de muitos que são mandados para o abrigo por não ter se comportado. Não entendo, no ECA não fala de mau comportamento. E também diz que não dá para colocar no abrigo por pobreza. Fico desconfiado dessas coisas.

Me disseram que se eu não me comportar, o senhor pode me mandar para uma tal de FASE²⁴. O senhor precisa me ajudar. Eu tô de boa, até um trabalho eu consegui. E as guria? Tudo pega nos baile funk²⁵. O senhor não sabe o que é ser adolescente, né? A gente não pode nem se divertir mais. Aí, depois querem que a gente vá pra escola. As guria chegam aqui e nem

²⁴ FASE-Fundação de Atendimento Socioeducativo

²⁵ Michel fala dos motivos dos encaminhamentos para o abrigo. Em casos envolvendo meninos, na maioria das vezes, as situações de violência, tráfico, medidas socioeducativas são apontados como situações de acolhimento. Em relação às meninas, durante o processo de pesquisa, viu-se que muitas são encaminhadas para o abrigo por motivos como frequentar bailes funk sem autorização familiar, namoros que a família não concorda, envolvimento com jovens traficantes, comportamento sexual avaliado como inadequado. Situações que são encaminhadas com outras nomeações: negligência, situação de risco, etc.

sabe por que vieram. Eu pelo menos sei que não ia na escola e que incomodava em casa.

É tudo uma cagação de normas e regras: *faz isso, faz aquilo, não pode isso, não pode aquilo*. Se tu reclama, já falam que tá de zoeira, que não quer nada com nada. Ninguém respeita, por que a gente é adolescente. Parece que adolescente não sente, que adolescente não sabe, que adolescente não é gente. Não vejo a hora de fazer 18. Aí ninguém me pega mais. As gurias mais velha tudo fogem. Voltam com o Conselho ou algum familiar vem trazer. Se o senhor não me ajudar, vou ter que fazer o mesmo. Mas já vou avisando que eu o Conselho não vai pegar. Vou sumir na vila e ninguém vai me encontrar.

O outro Michel diz que os homens infames são aqueles que tiveram um encontro com o poder. Eu até copieei um pedaço do texto para passar para o senhor...

É uma antologia de existências. Vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desventuras e aventuras sem nome, juntadas em um punhado de palavras. Vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos. *Exempla*, mas-diferentemente do que os eruditos recolhiam ao redor de suas leituras- são exemplos que trazem menos lições para meditar do que breves efeitos cuja força se extingue quase instantaneamente (FOUCAULT, 2015, p. 199).

Eu vou aliviar pro seu lado: ficam dizendo que tudo é o senhor que resolve, que tudo tem que esperar que o senhor diga o que tem que fazer. Mas eu já vi o que essas mulheres fazem. É parecido com o que acontecia com o rei. O Foucault dizia que as cartas com as ordens de prisão, internamento era uma espécie de serviço público e que as pessoas se utilizavam do poder do rei. Assim, ele fazia aquilo que vinha da população. É que nem as mulher do abrigo e as pessoas do Conselho. Me disseram que tudo depende do senhor, mas quem foi que pediu que eu viesse pro abrigo: o conselheiro! O senhor vai fazer o que eles falarem. O senhor nem me conhece. É tudo uma questão de escrita. O Foucault era interessado nisso, gostava do que escreviam sobre os outros (de preferência sobre os pobres).

Acho que ele ia se interessar pelos PIAs²⁶. A psicóloga que tá fazendo pesquisa no abrigo parece também gostar dessas histórias... A psicóloga que trabalha aqui também... Deve ser coisa de psicólogo!

Peguei da psicóloga do abrigo um texto sobre escrever, uma gente que pergunta: o que podem as escritas infames? Uma tal de Tânia, o Luis, o Carlos e o tal Leonardo que estudam os carinha que ficaram presos no manicômio vão se preocupar com as histórias que foram contadas sobre esse povo que mora no manicômio. Não sei se o senhor tá entendendo, mas eu não quero ficar que nem esses infames. Ou será que já sou um? Eu quero poder contar a minha própria história. Dessa galera que eu falei, eles escreveram o seguinte...

A narrativa em nossa experiência contemporânea pode se dar apenas nesse espaço do desastre e do acontecimento, ao abrir-se para o impossível da morte de uma experiência que autoriza a si mesma, ao levar-se ao seu limite, enquanto experiência do próprio limite. Narrativa do desastre e da infâmia que nos permite ampliar a potência da escrita dizer meninices, porcarias para as quais não se inventou palavra ou língua (Tânia, Luis, Carlos e Leonardo, 2015, p. 234).

As pessoas reclamam que eu gosto de falar, que eu conto muita história e que eu fico inventando ladaia. Não sei o que senhor pensa, mas eu acho que o povo tem medo de quem pensa. Eu vou repetir, quem sabe o senhor escuta: "**eu quero voltar para casa!**" Tá ruim no abrigo! Eu já falei pra mãe que eu vou me comportar. Faz três dias que eu não fico impedido. Se eu for pra casa, eu vou estudar! Eu juro! Ajuda a *desembolar* essa ideia, seu Juiz!

Valeu!

Michel...

²⁶ Plano Individual de Atendimento



Transformando um caminho pedregoso em perguntoso...

Prezado Professor Êmerson

Tudo bem? Ao receber esta carta, espero que esteja bem. Fiz uma disciplina²⁷ com o senhor no ano passado e por sugestão da minha orientadora, torno a lhe escrever. Seus escritos e pistas me acompanham ao longo da dissertação. Suas aulas são daquelas que nos puxam o tapete, desconfortando o confortável. Só tenho a lhe agradecer a generosidade.

Preciso lhe agradecer apropriadamente pelas muitas pistas e provocações oferecidas na sua disciplina e nos textos que nos oferta. A forma como conduzi meu projeto, a escrita e a forma de fazer pesquisa foram muito influenciados por suas aulas. As leituras de alguns de seus textos e do livro “Pesquisadores In-mundo” me permitiram abrir o processo de pensar o cuidado, não só como objeto de pesquisa, mas enquanto perspectiva de pesquisa. O pesquisarCOM ganhou, assim, uma outra dimensão: pesquisarCOM cuidado...

O aviso, lembrete, advertência, está lá no seu texto sobre o SUS²⁸: não há como pensar o cuidado sem nos preocuparmos com o nosso agir. No cuidado, relação que se estabelece entre territórios existenciais distintos, sempre haverá uma produção oriunda da mesma: vida ou morte. O senhor chega a falar em um agir torturador, onde o sujeito-trabalhador arranca as verdades que lhe convém, as verdades que pressupõe do outro a priori.

Pesquisar com cuidado é apostar na força das múltiplas narrativas construídas durante o processo... Uma composição de territórios, não simplesmente um aglomerado de dados. Lembro-me de sua última aula em que apresentávamos nossos trabalhos, e o senhor disse que eu teria que escolher com quem conversar e que fontes utilizar. Confesso-lhe que andei me passando e neste texto que estou construindo vou falando um pouco com cada um. Recentemente, agreguei também alguns escritores da literatura. Não há como separar as fontes que fazem sentido.

²⁷ Disciplina intitulada “Vivenciando o devir-cartógrafo e as pesquisas em micropolítica e cuidado”, ofertada pelo PPG Saúde Coletiva no ano de 2016.

²⁸ MERHY, E. E. Saúde e Direitos: tensões de um SUS em disputa, molecularidades. *Saúde e Sociedade*, v.21, n.2, p.267-279, 2012.

Sentido não para explicar algo, mas que causam interferências, que produzem abalos nos modos de constituir o pensamento.

Queria lhe contar nesta primeira carta que resgatei uma referência que o senhor colocou na ementa da disciplina. Um texto breve, com uma ideia de construção de ferramenta. Um texto que guardei (não muito escondido) para não esquecer e que agora me foi muito útil. Falo da caixa de afecções (ESP EM MOVIMENTO, 2014). Não sei se lembra de deste texto, mas a mesma tem me ajudado bastante.

Estou fugindo um pouco do assunto que me motivou a escrever ao senhor, mas falar de procedimentos também é importante. E assim, esta é a forma que encontrei de ir contando um pouco de como venho escrevendo. Voltarei a este tema em outro momento, se o senhor permitir. Desta referência da caixa, até chegar às correspondências foi um pulo. Caixas, envelopes, montagens e geringonças combinam enormemente. Não esquecerei a sua aula sobre geringonças...

No texto sobre a caixa, há o convite de experimentação: ver, sentir, olhar... Com as cartas, pensei a mesma coisa. Não havia sentido apenas escrever capítulos em forma de cartas. O processo de correspondência deveria ser recriado. Para além de ler sobre cartas, há a necessidade de se experimentar o ritual. Epístolas têm a ver com rituais e formalidades, exigem endereços, destinatários e certa forma de escrita. Construir a obra sem ter controle de como o outro irá reagir. Proponho com isso a experimentação. Minha geringonça é simples: papel, envelope, palavras, frases, endereçamentos...

Juntei uma multidão de fontes, falei com muitas pessoas, escrevi muitas cartas. E, assim, chego a este último conjunto de cartas. Uma última correspondência que encerrará o processo do mestrado: uma carta-dissertação!

Escrevendo para/com os trabalhadores, crianças e adolescentes, o cuidado foi sendo colocado enquanto transversalizando a pesquisa, a escrita. Aquilo que está presente na intencionalidade do escrito, na prudência da pesquisa, na forma de se colocar em relação. Uma pesquisa sobre a possibilidade de se encontrar e com isso encontrar com uma multiplicidade de afetos, vidas, sujeitos. Um cuidado com produção de mais existência, pensando em como Deleuze faz falar Spinoza.

Vou juntando o que li em seus trabalhos: um cuidado em ato (FRANCO; MERHY, 2012); cuidado com o cuidado (MERHY, s/d); cuidado como uma relação (MERHY, 2002); cuidado enquanto acontecimento (MERHY, 2006). Ando em voltas: definir ou não definir? Eis a questão. Nestas horas lembro-me do Senhor Walter (1987a) dizendo que quanto mais explicações, mais longe estamos da experiência. Assim, escolho seguir com suas pistas, entrelaçando o cuidado e Política de Assistência Social.

Escrever para o senhor é também retomar a discussão: como tenho tratado o cuidado? É preciso conceituar? Ou é preciso construir um caminho de experimentação? Outro professor disse em aula esses dias que é preciso operar com os conceitos...

Construí passagens para o cuidado. Passagens em forma de cartas. Passagem para a construção de narrativas de práticas de cuidado... Uma dessas passagens é pensar o cuidado enquanto procedimento de pesquisa.

Acolher crianças e adolescentes e pesquisar tornaram-se próximos. Campos problemáticos, intensos, carregados de sobreimplicações e afetados imensamente pelos eventos sociais que ocorrem no Brasil. Escrever com cuidado é também colocar em análise o cenário macropolítico em que vivemos, sem com isso produzir dissertações-denúncias.

Gostaria de compartilhar com o senhor uma pequena nova mania: pontuações. Gosto de reticências... Elas irão aparecer muitas vezes na escrita. Por um tempo apostei nas interrogações. Fiz (e faço) perguntas (aos montes- com perdão da palavra). Não respondi a maioria delas, desdobrei-as. E agora me abro para a passagem que se abre com ... (três pontinhos). Três pontinhos fazem uma reticência. Teoricamente utilizadas para indicar um pensamento ou ideia por terminar e que transmite, por parte de quem exprime esse conteúdo, reticência, omissão de algo que podia ser escrito, mas que não é. Uso e abuso destes pontinhos. Talvez um mau uso. Mas para além de indicar algo que ficou por terminar, os encaro como a possibilidade de saltar (uma pontuação ponte)... De uma frase para outra... De uma ideia para outra... Uma passagem... Das pontuações que conheço me parecem as mais afetuosas... Começo a ficar preocupada: vejo afetos nas pontuações... Essa história de pensar sobre a escrita, começa a me fazer

mal... Alguém uma vez me disse que o conhecimento se faz aos pulos, assim eu sigo saltando... De três pontos em três pontos... Até descobrir novas formas de pontuações afetivas...

O senhor deve estar achando esta conversa um tanto esquisita. Onde quero chegar? Enfim, encaminhando-me para uma finalização, reconheço que da última vez que conversamos eu pretendia fazer uma etnografia das práticas de cuidado no abrigo. Alguém, na sala cheia, me questionou: *mas por que tu desistiu da cartografia?*

Na época gaguejei... Não consegui articular uma resposta plausível. Agora, relembro esta situação, fico pensando em um texto sobre escrita na pesquisa que li recentemente. A professora Paola Zordan, em 2014, escreveu sobre o desespero que pode surgir com o desafio de colocar em palavras o processo de pesquisa. Ela afirma que é mais desesperador quando os modos de pesquisa conhecidos se tornam enfadonhos ou se esfacelam frente ao que estamos estudando. Concordo muito com ela. Por vezes, senti meu projeto de pesquisa se esvaindo como a areia em uma ampulheta. A todo instante a sensação de que o chão lhe é tirado, e os autores só reforçam este sentimento. Quando o senhor, em aula, disse que cartografia não era método foi o auge. Mais angústia provocou, mas me possibilitou problematizar o meu problema e assim construir um caminho mais *perguntoso*. Habitar a pesquisa deste jeito é por demais angustiante... Mas vou seguindo... "O medo de não saber como fazer é paralisante, é preciso um terrível embate contra os pavores de 'fazer certo' para se conseguir fazer certo" (ZORDAN, 2014, p.118).

Gostaria de trocar algumas ideias com o senhor sobre o cuidado. Espero que não seja um incômodo receber minhas cartas. Sigamos conversando...

Abraços, Bruna



Psicóloga

A senhora tem um gosto esquisito de leitura, viu! Nunca vi tanta esquisitice junta: ler sobre essa história de homens infames. Acho que aquele livro falava de gente como nós do abrigo. Não sei onde a senhora quer chegar com esses livros. E ainda traz eles junto pro abrigo. Agora me vem com essa história de churrasco de criança²⁹. Eu achei que era livro de diversão aquele amarelinho na sua mesa. Mas não! Outro livro falando de como pobre se dá mal. A senhora só pode ter problema. Não sei como é psicóloga.

Enfim, o tal do autor, se vivesse hoje ia estar aqui com a gente, né? O maluco perdeu o pai, foi morar com outras pessoas, passou miséria. Só podia escrever sobre isso. Pensando bem, parece com o que pensam da gente hoje. Queria ver se esses político vinha dormir na sala e acordar toda hora com gente passando. Ou não ter onde colocar as coisas. Queria ver essa gente que aparece na TV tendo que viver que nem a mãe com o dinheiro do Bolsa.

Mas o carinha que escreveu esse livro não tava falando bem de canibalismo, né? Eu entendi que ele tava criticando as pessoas que cuidam do país. Não sei se eu entendi errado. Se o outro carinha, o dos homens infames tivesse humor, ia ser assim os textos dele, eu acho. Tive que recortar uns pedaços que me deixaram assustados. Olha esse na página 23:

Acho que é um consenso de todas as Partes que esse prodigioso número de Crianças nos Braços, nas Costas ou nos Calcanhares de suas Mães, e freqüentemente de seus Pais é, do deplorável presente estado do Reino, um considerável malefício adicional; e, portanto, quem quer que pudesse encontrar um método justo, barato e fácil de tornar essas Crianças úteis e saudáveis Membros dos Bens-comuns, mereceria ter por parte do público a sua Estátua como preservador da Nação (SWIFT, 1729/2006).

O maluco diz que essa medida que ele vai propor devia ser aplicada as famílias que precisam das caridade e também aquelas que não conseguem sustentar direito os seus filhos. Imagina!? A minha mãe seria uma dessas pessoas. Eu viraria churrasco pra gente rica

²⁹ Manual para fazer de crianças pobres churrasco- livro de Jonathan Swift (1729/2006). Jonathan Swift, o autor de 'As viagens de Gulliver', apresenta um texto político e satírico do século XVIII, e talvez ainda válido para os tempos modernos do Terceiro Mundo. Pensando acerca das crianças e adolescentes que não conseguem ser sustentados por suas famílias. O autor sugere em seu texto que as crianças sejam utilizadas como alimento para os mais ricos.

comer. Tudo bem, que já parece que a gente é comida pra esse povo, mas, pensa! Comida de verdade! A senhora sabe que a gente foi ver o filme dos Jogos Vorazes. Tem um pouco a ver com essa conversa desse homem do livro. Olha essa... Imagina se ele vivesse hoje e visse esse monte de bebê que aparece no abrigo. Tem hora que esqueço que o cara tá fazendo crítica. Parece muito que ele pensa assim mesmo...

E é exatamente com um Ano de Idade que eu proponho olhar por elas de tal maneira que, em vez de serem um Fardo para seus pais, ou para a Paróquia, ou querendo Comida e Roupa para o resto de suas Vidas, elas deverão, pelo Contrário, contribuir para a Alimentação e em parte pelo Vestuário de muitos Milhares (SWIFT, 1729/2006, p. 28).

Só uma reclamação, antes de continuar. Muito chato ter que ficar colocando esse negócio de referência. A senhora inventa essas história de mestrado e a gente pra escrever tem que ficar se comportando, colocando data e página e esses negócio... Um saco isso! Mas vou voltar pro livro do tal do Jonathan. Tô chocado. A mãe, no final de semana perguntou por que eu tava com um livro de churrasco. Eu disse que era da psicóloga.

Ele vai fazendo umas conta de quanto gasta para cuidar de uma criança e fala que até os doze anos, não é vendável. Lembrei da mãe que veio trabalhar numa casa de família em Porto Alegre. Ela disse que veio com 11 anos, por que a mãe dela não podia ficar com ela em casa. Parece com as conta que o Jonathan fez. E tudo isso me lembra do livro dos homens infames. Tudo é sempre sobre como as famílias se comportam, como os político podem governar elas e como as coisas são feitas para algumas pessoas ficarem no mesmo lugar. Eu fico pensando o que os psicólogo tem a ver com tudo isso. A senhora carrega uns livro esquisito, viu!

Foi-me assegurado por um americano muito entendido, amigo meu em Londres, que uma Criancinha saudável bem tratada é, com um Ano, um Alimento delicioso e nutritivo, seja Cozida, Grelhada, Assada ou Fervida; e eu não tenho dúvidas de que serviria também em um Guisado ou um Ensopado (SWIFT, 1729/2006, p. 35/36).

Esse maluco deve ter lido a história do João e Maria, por que parece com a bruxa do livro que come as criança. Mas é coisa muito estranha mesmo. Eu tava vendo uma reportagem no programa aquele do meio dia que os educadores gostam de ver e tinha uma mulher do juizado falando das adoção. Tudo bem que não é que nem fazer comida,

mas é muito estranho as pessoa só gostarem de bebês. A senhora não acha? Parece que os bebês são mais fáceis de vender, que nem no livro. Esses dia ouvi a enfermeira dizendo que as pessoas só gostam dos bebês filé mignon. Parece que ele tem razão. Os meus irmãos queriam ser adotado. A senhora sabe que a mãe não tem mais o negócio aquele do poder³⁰. Eles disseram pra juíza que queriam ser adotado, mas ela disse que é difícil e que as pessoa gostam mais de criança pequena. Os guris não entenderam direito. Mas é que nem esse livro. Bebê vale mais. A gente cresce e vai ficando de fora das coisas. Só serve pra trabalhar no que ninguém gosta.

Não conheço dessas história de políticas públicas que falam na TV, mas é esquisito que ficam falando da minha mãe que ela não tem uma família organizada e que por isso não pode ficar com a gente (disseram isso lá no Conselho). Era organizada: era eu, a mãe e os irmão. O que queriam dizer com organizada? Isso a senhora nunca explicou e a assistente social também não. Os educador disseram que tem isso no PIA. Mas a estagiária tá de enrolação, não quer deixar que eu leia o PIA de novo. Só por que encenquei com a história do Transtorno de conduta. Tô perguntando, por que o livro fala de que os pobre não gostam de casamento. Esses dia a estagiária tava falando com a outra de um tal de francês³¹ (que não é o dos homem infame). Um homem de nome enrolado, que dizia que nos Estados Unidos, as pessoas das políticas públicas cobram que as mães falem o nome dos pais das crianças para receber as ajuda do governo. Que as mães que não sabem isso, saem prejudicadas e que as pessoas cobram delas. Eu acho errado essas coisas. Parecem que eles querem saber de tudo da vida dos outros. Só por que é pobre, tem que falar até a cor das cuecas... O Foucault do outro livro parece que ficava falando de disciplinar os

³⁰ Destituição do poder familiar- Em relação ao procedimento para que seja determinada a suspensão ou perda do poder familiar – denominado antigamente de “poder pátrio” – o ECA estabelece que deve ser provocado pelo Ministério Público ou pela parte interessada, por meio de uma petição inicial que informe, entre outros aspectos, as provas que serão produzidas e contenha a exposição sumária do fato. Caso exista um motivo grave, o juiz poderá determinar a suspensão do poder familiar por meio de uma medida liminar até o julgamento definitivo da causa, confiando a criança ou adolescente a uma pessoa idônea ou a uma casa de acolhimento. Acessado em 01 de julho de 2017, em <http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/80757-cnj-servico-entenda-o-que-e-suspensao-extincao-e-perda-do-poder-familiar>.

³¹ Löic Wacquant- sociólogo francês que discute o Estado penal e a criminalização da pobreza. Sua bibliografia inclui "Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe" e "*PUNIR OS POBRES: a nova gestão da miséria nos EUA [A onda punitiva]*"

sujeitos e de governar o povo. É o mesmo que o maluco do churrasco fala, se eu entendi bem: regular e controlar. E nessas, a gente vai ficando no abrigo e vai enchendo cada vez mais de gente. A educadora falou que teve uma época que tinha 98 crianças e adolescentes aqui. Hoje tem 25 só na casa dos meninos! Um saco tudo isso! Mas olha o que o homem do livro "sugere" (imagina se o prefeito resolve fazer isso pra dar conta desse povo todo que tá nos abrigos!):

Uma Criança daria dois Pratos em uma Recepção para os Amigos, e quando a família jantar sozinha, o Quarto dianteiro ou traseiro daria um Prato razoável. Temperado com um pouco de Pimenta ou Sal ficaria muito bom fervido no quarto Dia, especialmente no Inverno (SWIFT, 1729/2006, p.41).

Eu li no ECA³² que pobreza não é motivo para mandar pro abrigo, mas parece que os juízes não estão lendo esse livro. Nem os carinhos do conselho tutelar. *Incomodou em casa, vai para o abrigo!* A senhora tem que ver que tem um monte de gente que não sabe por que tá no abrigo. É só falar com os guris. Parece que o abrigo serve para domesticar as crianças pobres. Se não se domestica e se transforma em "gente de bem", a solução é o churrasco do homem do livro. Eu não concordo com isso, a senhora tem que entender. Mas que parece... Parece. Enfim...

³² Estatuto da Criança e do Adolescente



Para o jovem de olhar desconfiado

Fico feliz de termos nos encontrado. Te ver na rua não foi nada fácil, mas entendo que faz parte da vida... Que bom que tu tem uma galera. Espero muito honestamente que você tenha se safado da última situação em que se meteu. Tomar dois tiros e sobreviver é para poucas pessoas. Tu és um cara silencioso, por isso escolho te escrever... No abrigo, tu costumavas ficar mais quieto com os adultos. Sei que precisa confiar no outro pra conseguir conversar. Fique livre para escrever de volta.

Estou fazendo um negócio chamado Mestrado e resolvi escrever para algumas pessoas contando o que ando pensando sobre práticas de cuidado e Acolhimento Institucional e, principalmente, perguntando como elas entendem que o cuidado acontece nos abrigos. Achei que depois da nossa conversa ali na praça, tu tinhas que ser o primeiro. Quando tu me perguntaste o que ando fazendo, só te contei uma parte. Escolhi não falar da outra. Não sabia como tu ainda te sentias com a saída do abrigo. Não foi fácil! Sei que tu te sentiste meio que traído, jogado para fora do abrigo. Eu estava lá naquele dia. Foi triste, lembro que era um dia nublado e você foi. Fazer 18 anos não é simples para quem se encontra acolhido.

Ah, não estranha à polidez da escrita, tá? É que outras pessoas lerão esta carta. É um problema escrever cartas que não são só para uma pessoa, mas são ossos do ofício... Eu estou corrompendo essa história de gênero epistolar (traduzindo: o negócio de escrever cartas).

Tu riu quando eu falei que não consigo parar de estudar. Me perguntou o que eu acho que ganho estudando tanto e que vou fritar os neurônios. Essa última parte eu concordo e muito. Coloquei-me em uma enrascada: não sei ao certo como contar o processo de pesquisa que estabeleci desde que eu iniciei o Mestrado. Uns nós surgiram no meio do caminho. Sinceramente parece um caminho que vem mudando sistematicamente ao longo do processo. Quando penso que cheguei a algum lugar, outras possibilidades se abrem, e assim vai. Estou me sentindo zozza. E isso é bem louco! Em busca de um norte: o que é dissertar? Outro processo se instaura: o que é desnortear? Como pegar cuidado e Acolhimento Institucional e desnortear estas noções?

Na dissertação, estou juntando tudo o que foi produzido, em uma espécie de coleção de cartas e outros textos. Preciso dar um nome para o que fiz. Uma carta-grafia? Uma cartografia? Ou uma construção de passagens? Confesso que me instiga um sujeito chamado Walter Benjamin, um cara que me faz lembrar de você. Meio calado, com muitas dificuldades na vida. Pense em um sujeito azarado! Alguém sucinto nas palavras, meio difícil de enquadrar, mas que gosta de trabalhar com arte. Este sujeito fala de usar o método como desvio³³... Como produzir desvios?

Tu deve estar pensando que enlouqueci. O que tu tem a ver com tudo isso? Pois bem, foi a minha experiência de trabalho com vocês no abrigo que me fez chegar ao mestrado e nesta história de dissertação. Tu lembra quando conversávamos no banco do abrigo e tu falavas de quanto tinha uma psicóloga com quem tu gostavas de conversar depois da escola? Nunca me esqueci daquelas nossas conversas. Mesmo as que pareciam muito sem sentido. Foram cenas e encontros como essas que tive contigo que me impulsionaram a conversar com uma quantidade infindável de gente sobre este processo de acolher e cuidar. Como se constituem práticas de cuidado em serviços de Acolhimento Institucional? Como se produz acolhimento entre cuidado e proteção integral? Perguntas que foram surgindo entre...

Como faz um tempo desde que saí do abrigo, resolvi que era tempo de realizar outra inserção em um serviço de acolhimento. Comecei a frequentar um abrigo da Prefeitura de Porto Alegre... E a partir desta experiência, muitas outras questões surgiram. Escrever cartas tem a ver com cuidado e acolhimento? Escrita enquanto ferramenta de cuidado? As cartas como ferramenta de intervenção? Qual a potência da escrita na/da pesquisa? Paro por aqui, pois se a minha orientadora sonha que ando produzindo tantas mais perguntas ela vai querer meu pescoço... Como tu bem sabe, eu não tenho muito limites, e neste processo que me envolvi, precisamos ter alguns... *"Tu já participaste de umas pesquisas, lembra?"*

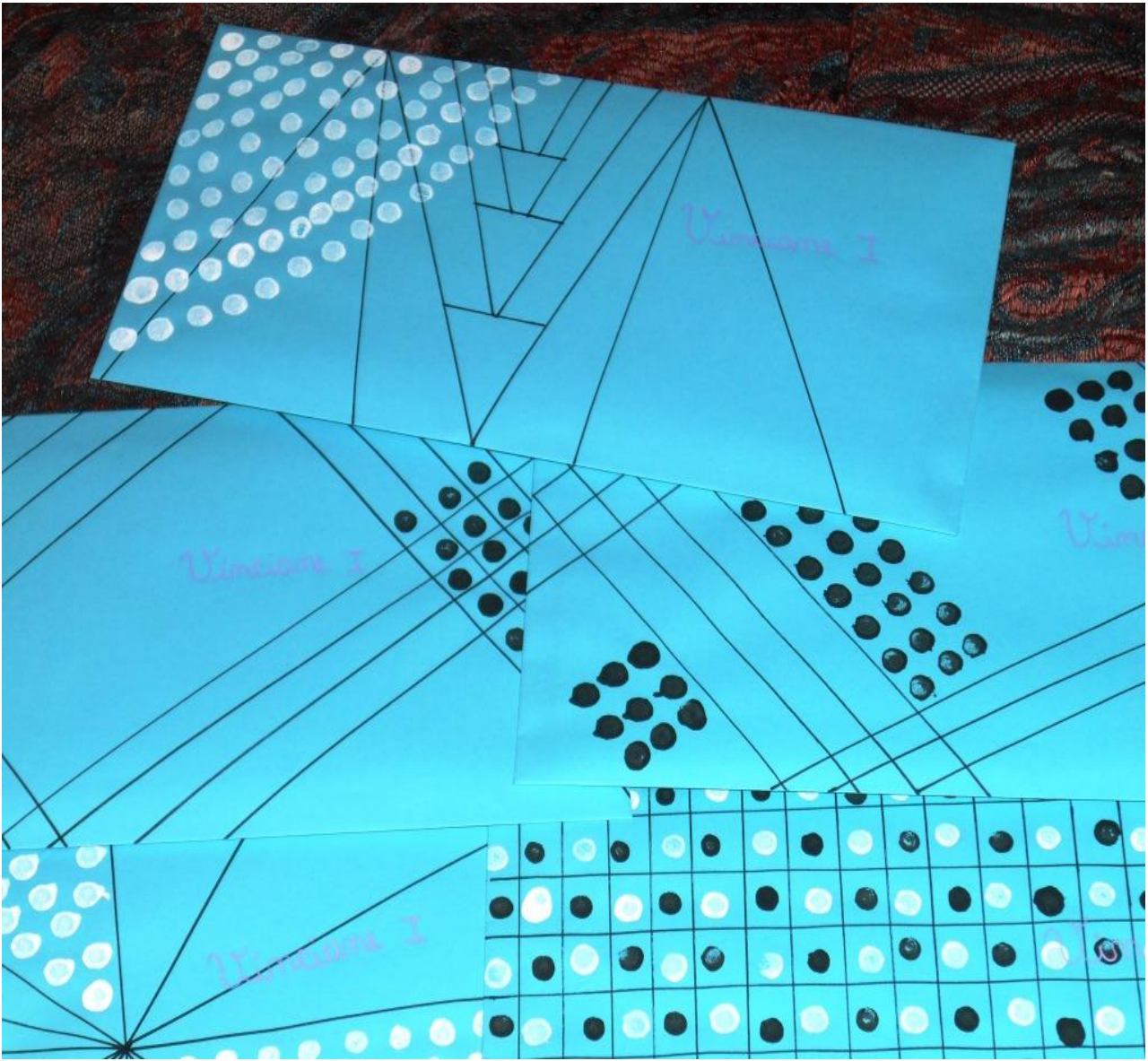
Tu nem imagina a quantidade de trabalhadores, crianças, adolescentes passam por este abrigo que conheci. A quantidade de gente que vai e vem. Se tu piscar, já mudou. Regras e um cotidiano similar, mas um tanto quanto diferente daqueles que tu

³³ Livro "Passagens", 2009.

conheceste no abrigo que morou. Foi possível pensar outras coisas. Conversar com outras pessoas e discutir algumas ideias que eu tinha em relação às práticas de acolhimento de crianças e adolescentes. Senti como se tivessem me tirado o tapete (não sei se tu conheces essa expressão). Acho que sim! Enfim, um abrigo quase uma tribo no meio da cidade...

Enfim, queria ver se posso seguir te escrevendo. O que achas? Se tu achar de boa, continuo deixando as cartas com os guris que ficam ali contigo na praça. Pode ser? As minhas, tu pode deixar com a moça do bar, passo ali todos os dias para pegar pão. Ela é de boa. O papel e o envelope ficam por minha conta (eles seguem junto com esta carta).

Te cuida! Abraços, Bruna



15

Vinciane

Tudo bem? Espero que ao receber esta carta, tu estejas bem. Preciso conversar urgentemente sobre algumas questões, e me pareces a pessoa apropriada com a qual propor esta conversa. Escrevo de forma apressada, pois neste último ano abri muitas frentes de conversa. Tenho trocado cartas com algumas pessoas, umas mais formais que as outras, assim, por vezes misturo o que escrevo e me misturo ao que escrevo. O Michel vai dizer que isso sempre ocorre. Assim, tomo a liberdade para lhe escrever neste tom mais informal. Para muitos, vai soar confuso, pois tenho dificuldades em me desvincular do "senhora" ou "senhor", principalmente quando se trata de professores e pessoas que leio. Preciso falar/escrever de duas questões que estão me incomodando/movimentando: as emoções e o anonimato. Sobre as emoções na pesquisa ou a pesquisa das emoções, preciso elaborar um pouco melhor o que quero. Fico pensando se não tem a ver com o corpo que pesquisa...

Talvez eu tenha que lhe escrever outra carta, para que entendas o dilema no qual me encontro. Primeiro vou falar do anonimato, questão que mais urgente. Faço uma pesquisa sobre cuidado, crianças e adolescentes e acolhimento institucional. Inventei de escrever para as pessoas. Escrever cartas durante as observações que realizava. Frequentei o abrigo um pouco mais de três meses. Indo em média umas três/quatro horas por semana. Uma vez por semana. E durante as observações, com as conversas que tinha, eu ia escrevendo cartas para as pessoas (adultos, adolescentes e crianças). Um negócio que chamei de carta-grafia (um trocadilho infame com cartografia).

Para minha surpresa, algumas pessoas me escreveram de volta. Parar para escrever, achei o máximo terem parado para me escreverem. Recebi cartas por email, cartas escritas à mão, conversas no banco do abrigo, desenhos, poesias, reflexões, questionamentos. Enfim, uma surpresa. Vou explicar um pouco mais esta questão da surpresa, em outro momento. Neste primeiro momento, preciso ir direto ao ponto: o que fazer com a questão do anonimato? Quando faz sentindo manter a questão do anonimato?

Lendo seu texto "Leitura Etnopsicológica do Segredo", publicado na Revista Fractal (2011), fiquei pensando que tu és a pessoa para tecer esta discussão. Em determinado momento do seu texto surge: "eis o efeito das práticas sem nome: elas estão sempre correndo o risco de colocar as pessoas em situações em que

elas têm pouca chance de serem interessantes, e pouca chance de ficarem interessadas" (p.20).

Das duas primeiras vezes que li seu texto, confesso (minha orientadora implica quando uso este verbo) que não me incomodei tanto com esta discussão. Mas agora, tendo compartilhado o dia a dia de diferentes trabalhadores e pessoas moradoras de um abrigo, essa questão me pegou de jeito. Será que não temos interesse em manter as pessoas menos interessantes? A quem serve isso? Sinto que é preciso amortecer um pouco aquilo que surge, *amaciar* para levar para o mundo dos acadêmicos. A dureza por vezes assusta. Em outro momento do mesmo texto, tu vai trazer a questão do profano, e que "ignorância e anonimato se constituem em relação com o profano" (p.24), atualizando a assimetria entre o *expert* e o profano. Qual o medo destes saberes práticos? O povo com o qual tive contato vivia me repetindo que o lema de trabalho era fazer fazendo... Mando-lhe em anexo uma das cartas que recebi. Acho que tu vais gostar do que me disseram...

A senhora discute esta relação de assimetria que é produzida e bem demarcada e do quanto a psicologia fez uso da mesma para "proteção". As primeiras cartas que recebi neste processo de pesquisa diziam quanto ao papel da academia e o lugar da pesquisa. Foram feitas analogias importantes. O que fazer com o sentimento de apropriação? O próximo trecho é sensacional, preciso repeti-lo aqui, mesmo correndo o risco da senhora ficar entediada com a repetição do que já conhece:

Essa proximidade vivida como ameaçadora, de *expertises*, de profissionais e de amadores, vai induzir uma resposta mais radical por parte dos psicólogos: dirigindo-se àqueles que eles interrogam de maneira a privá-los de toda a possibilidade de apelar a esse repertório de teorias que lhe poderiam ser comum (redefinida em certas circunstâncias como crenças ou representações), eles garantem efetivamente a estrita separação de saberes. Um procedimento pode garantir essa "purificação" ao definir o privilégio dos *expertises*: aquele que consiste em criar a assimetria entre o pesquisador e aquele que será chamado, termo que marca a assimetria, o "sujeito" (DESPRET, 2011, p.24).

"Como o sujeito poderia tomar a posição em relação à questão já que ele a ignora?"(p.24). Correndo o risco da senhora se cansar de mim, preciso continuar lhe trazendo as questões que em seu texto me provocam. Minha intenção quando comecei esta pesquisa, que lhe falei brevemente, era de colocar em questão essa assimetria, supondo que o sujeito do outro lado é também pesquisador. Assim, construindo uma cartografia com, e não uma cartografia do. Não sei se lhe faço

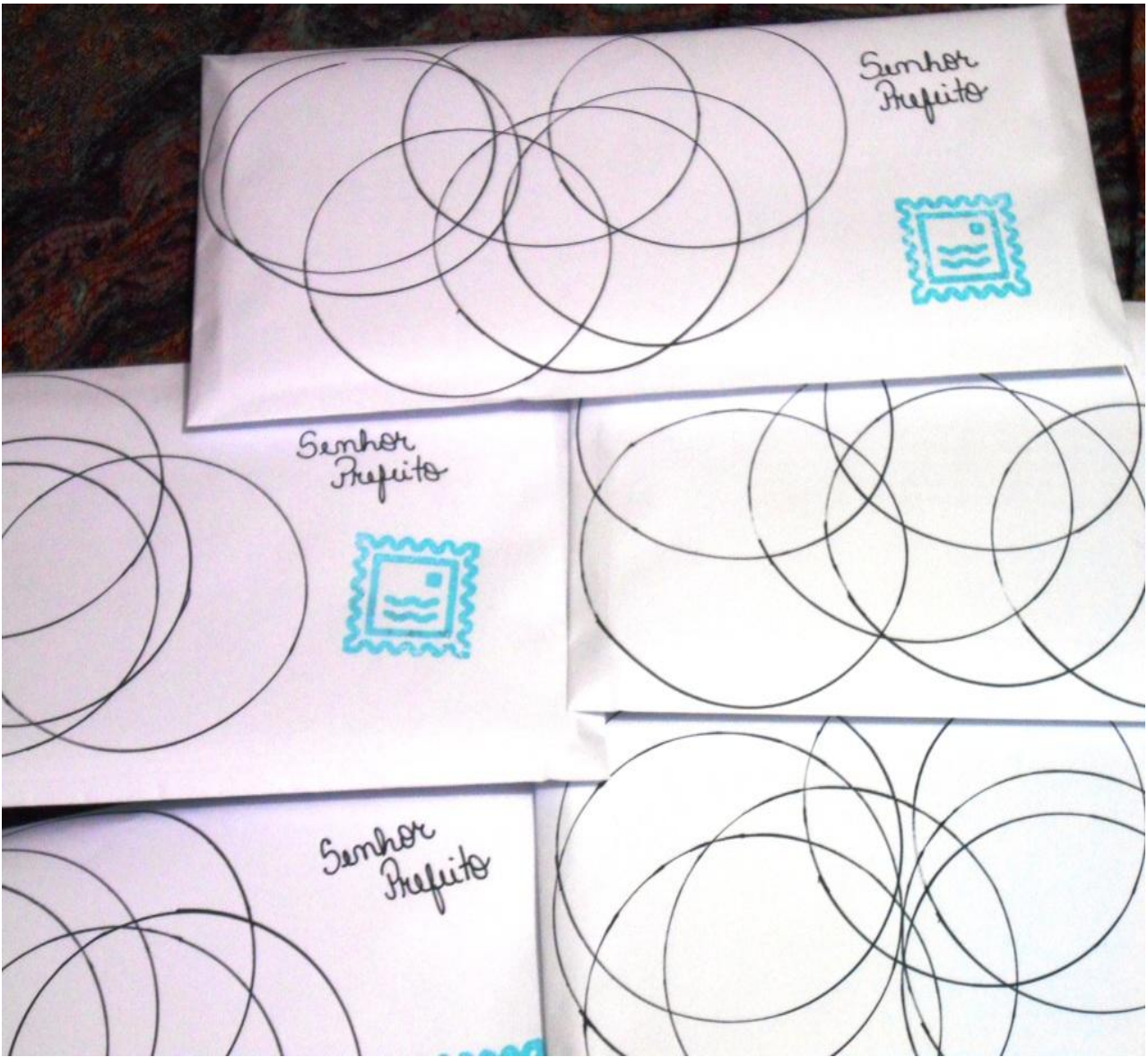
algum sentido. Gostaria de saber sua opinião e como poderia resolver esta questão. Tenho recorrido aos escritos do professor Êmerson para trabalhar com estas situações. Caso tenhas algumas dicas de leitura, aceito de bom grado.

Acabo de achar alguns materiais interessantes da senhora falando sobre narrativas, a partir do comentário que fez nos trabalhos de dois professores (uma eu conheço, o outro só de leitura). Não tive tempo para ler com calma, mas acredito que na próxima carta conseguirei agregar esta questão quanto às narrativas. Vou alongar esta correspondência, mas preciso citar um trecho dos comentários feitos pela senhora que encontrei:

Como saímos desse impasse? Quando Ronald diz que o pesquisador é responsável pela pesquisa a fazer, de alguma forma é como se o pesquisador fosse uma etapa nessa construção, um mediador, um intercessor, um artista, entre uma verdade que está por fazer e todos os materiais que podem compor a verdade da vida das pessoas. Essa verdade não terá necessidade de ser repetida ou refutada, mas composta de outra forma, como nas narrativas trazidas pela Márcia. (DESPRET, 2011, p. 188)

Um abraço, Bruna!

PS: costumo ser relapsa com as referências que faço, usando-as um pouquinho e logo procurando outras. Assim, uma frase me salta aos olhos: Como estranhar o familiar? A senhora questiona... Um desafio que tive que sustentar ao longo da pesquisa... O que me era familiar foi ficando estranho, diferente, não usual... O abrigo foi se dobrando e desdobrando em múltiplas possibilidades...



Para: Senhor prefeito

De: uma psicóloga

Caro senhor prefeito, antes de lhe escrever fiquei pensando em que mais poderia acolher as questões que aqui coloco. Pensei em escrever para o juiz, mas creio que não seria o destinatário apropriado. Depois fiquei imaginando a promotora, mas me pareceu muito distante. Assim, venho por meio desta manifestar minha preocupação com o rumo que está sendo tomado na Política de Assistência Social no município. Com tal dispositivo, há sempre o risco do controle, da vigilância e não conseguirmos muito além do que a manutenção de situações de pobreza. De início, minha carta pode soar um tanto quanto queixosa, ou até como aquelas denúncias que vemos na TV ou no jornal. O que preocupa é o senhor não entender/perceber que é uma figura importante nas relações de cuidado que pesquiso. Tão importante quanto os conselheiros tutelares, juiz, promotor público.

Em um abrigo gerenciado por um órgão do município o senhor tem parte importante na constituição de práticas de cuidado. A forma como permite a contratação de profissionais, o dinheiro que repassa, os investimentos que faz, a escolha dos profissionais que trabalham na gestão da política. Situações que fazem parte do processo de constituição de práticas de cuidado.

Já me preocupava o uso de alguns termos na política de assistência: abordagem, vigilância, fortalecimento, função, acolhimento. Termos que constituem os textos embaixadores do trabalho no dia a dia dos serviços. O que seria aumentar a função protetiva de uma família? Como avaliar um vínculo? Na política de Assistência Social parece que já se sai com os vínculos frágeis e/ou rompidos. Enfim, enquanto trabalhadora, muitas preocupações surgem. Não é uma questão somente com o senhor, que assim como eu, está inserido em um contexto maior. Há um projeto de governo em jogo. Direcionamentos que chegam aos municípios em normativas técnicas, orientações, etc.

A frágil política parece sucumbir rapidamente a nova disposição política do país. O último ano vem mostrando que não há consolidação que não possa ser colocada em questão e destruída. O senhor tem trabalhado muito para fragilizar a Assistência Social de Porto Alegre: não repasse de verbas, demora na contratação de profissionais concursados e mais uma infinidade de processos de desmonte...

Parece que o senhor vem estudando a cartilha de forma bastante precisa. Primeiro é preciso dizer que os serviços não funcionam (investe-se em propaganda para demonstrar este "fato"), afirma-se que os trabalhadores públicos não executam suas tarefas, aponta-se que os serviços executados por terceirizadas são melhores e mais baratos, e por fim, é preciso dizer que se fará um "choque de gestão". Tudo isso, em menos de seis meses. Nesta situação, a propaganda é a alma do negócio. Que nem no governo nazista.

Eu tenho me debatido com a questão: como produzimos práticas de cuidado com/para as famílias que fazem uso da Política de Assistência social? E aí fiquei pensando que precisava conversar com o senhor. Não basta eu apontar que a responsabilidade não pode ser carregada por crianças e adolescentes e suas mães... Nem pelos trabalhadores dos serviços envolvidos.

Como pensar em possibilidade de cuidado quando vemos uma política de governo perversa e precarizante como a sua? Vamos a um exemplo bem prático: o usuário não tem dinheiro para o vale transporte, que foi aumentado grosseiramente para amenizar os problemas com os donos das empresas de transporte público. O transporte é público, mas a empresa é privada. Alguém reclama que não está lucrando o suficiente, e a população tem um aumento vergonhoso para um serviço ineficiente. Nos CRAS as filas são grandes em busca do VT assistencial (para consultas em saúde, procurar emprego, etc). Muitas vezes os usuários não encontram tal recurso. O direito de ir e vir não é bem um direito garantido. Ir e vir para quem depende do transporte público está na mão de alguns empresários. Enfim, muitas pessoas que precisam de auxílio para garantir um direito bem básico. O senhor e seus secretários sabem bem disso. Mas parecem que ignoram.

Na sexta-feira, véspera de uma campanha de vacinação, eis que surge no *facebook* da Secretaria da Saúde do município:



Então o senhor está dizendo que para ter acesso a UBS é preciso ter dinheiro, *smartphone*, plano de internet, morar em um bairro onde este serviço funcione? O senhor permite que não haja passe livre, e supõe que TODAS as pessoas que irão tomar a vacina, podem usar este serviço de transporte privado.

Mas voltamos ao problema da Assistência, eu só queria lhe mostrar um pouco das incoerências que habitam a gestão do município. A notícia é de que já não existem equipes técnicas trabalhando nos CRAS pela cidade. Fui a um evento esses dias, e uma trabalhadora contou emocionada que agora só restava ela e mais uma colega. Em outro CRAS não é possível fazer visita domiciliar há mais de ano (já sei, o senhor vai dizer que assumiu o governo em janeiro). Há um claro endurecimento na política de assistência, que passa de assistir para abordar cada vez mais os sujeitos. Wacquant, um sociólogo francês, descreveu e previu com bastante precisão o que estamos

presenciando com mais força no seu governo: a precarização e transformação dos programas sociais em braço do Estado punitivo. Estamos caminhando para a "colonização do setor assistencial pela lógica punitiva e panóptica da burocracia penal" (WACQUANT, 2009, p. 07).

Há uma política de reordenamento aprovada pela câmara municipal para o órgão gestão da Assistência Social. Há mais de um concurso aberto com candidatos aptos a serem chamados. E o senhor? O que faz? Lança edital para terceirização da já pequena rede própria de abrigos do município. Honestamente, o senhor e o gestor da pasta de Assistência Social nunca passaram um dia em um serviço de Acolhimento. O senhor não sabe nem o que é um CRAS! Nem tiveram a experiência de precisar de um vale transporte assistencial e não ter acesso ao mesmo. Ou ter que pedir carona em um ônibus, pois não tinha dinheiro para a passagem.

Todo um aparato de criminalização e penalização da pobreza é montado. Wacquant, um autor o qual tenho medo de lhe indicar, pois não sei o que o senhor vai entender da obra do mesmo, escreve sobre a consolidação das políticas assistenciais enquanto dispositivos de gestão da pobreza. Foi perturbador ler tal autor e continuar trabalhando, escrevendo, enfim, habitando a atual conjuntura política brasileira e mundial. "Pelo simples fato de existir, a pobreza constitui um atentado intolerável contra este 'estado forte e definido da consciência coletiva' nacional" (MALAGUTI, 2012, p. 42). Assim, nesta "nova configuração" de gestão da questão social, os serviços são dispostos enquanto dispositivos de gestão de cunho disciplinar, com vista a "assegurar o expurgo cívico ou físico da parcela da população que se revelam 'incorrigíveis' ou 'inúteis'" (MALAGUTI, 2012, p. 44).

Um arremedo do programa social americano vem sendo importado. Os danos serão maiores e mais permanentes. Se em um contexto americano, conforme avalia o Wacquant, os danos foram menores do que os previstos, em um cenário como o Brasil, o retrocesso virá de forma de desenfreada, produzindo muitos acolhimentos, muitas mortes, e um aumento nos já altos índices de desigualdade social.

Um dos argumentos mais cruéis que pautam esta tomada de decisão política que é a precarização da Política de Assistência Social é o que diz respeito à individualização da responsabilidade: "você é pobre por que quer!". Só não temos campanhas com este slogan, por que ainda há um mínimo de constrangimento social. O agora cliente da Assistência Social precisa ser abordado e regulado, em protocolos rígidos que tem por objetivo vigiar condutas. O trabalhador (precarizado e dispensável) é tomado enquanto braço executor do Estado. Olhos e ouvidos treinados para controlar uma parcela populacional que deverá se submeter a este novo modelo. Não sei se tem de muito novo, pensando no nosso processo histórico. Na corda bamba das políticas públicas, o SUAS parece estar na lista de extinção...

Lembro novamente de L  ic Wacquant (2009), que construindo o percurso das mudanças no setor social na França vai afirmar que em momentos de acirramento do Estado punitivo, a abordagem estatal passa a ser do tipo abatedouro, com a subordina  o às demandas advindas dos campos políticos e mid  tico, aumento no fluxo de presos, e a a  o social pautada por um moralismo punitivo. No Brasil, vive-se há tempo com um "inchaço" do sistema prisional. Já uma enorme parcela da popula  o fora do mercado formal de trabalho, nem mesmo o mercado informal suporta o grande número que há. Assim, damos passagem para cidades-presídios, como por exemplo, o Presídio Central em Porto Alegre que conta com popula  o bem maior que a cidade na qual trabalha.

"Temos que enquadrar aquela família", "você precisa ser mais firme com aquela mãe", são frases recorrentes em serviços da Assistência Social. Não se precisa do juiz para judicializar e burocratizar nossas práticas. "A transi  o da gestão social para o tratamento penal das desordens, induzida pela fragmenta  o do trabalho assalariado    eminentemente produtiva" (MALAGUTI, 2012, p. 63). Há a assistência cabe, neste modelo de Estado, supervisionar sem trégua as condutas, rotina e vida ótima dos usuários que não conseguem encaixar-se nos modelos de trabalho dispostos. Mesmo que questionemos isso, e que o texto da política negue este lugar, há a configura  o de um certo trabalho social para assistentes sociais e psicólogos: avalia  o de risco e de vínculos. O cuidado, nesta lógica,    capturado enquanto tutela, buscando o controle enquanto balizador das rela  es. Em uma rela  o de tutela, o princípio    de que o cuidador    aquele que sabe cuidar e o tutelado,    aquele que sabe que não consegue se cuidar (MACERATA, 2010).    preciso subverter esta lógica. E para isso,    importante que o esforço seja coletivo, com a implica  o das diferentes pessoas envolvidas e responsáveis pelo cuidado de crianças e adolescentes e suas famílias.

Em nome de uma maior efetividade, o senhor vai precarizando ainda mais os serviços, em uma jogada de marketing interessante e eficaz: a alega  o de que os serviços estão sendo fechados por avalia  es de funcionalidade. Wacquant (2009) relata que o processo nos Estados Unidos começou com as opera  es *pente-fino*, após o fechamento de serviços e reordena  o de políticas, justificando assim, o fechamento das políticas sociais em uma lógica punitiva. Se gasta mais com o sistema carcerário que receberá a popula  o masculina, do que com as políticas sociais (WACQUANT, 2009).

Enfim, segue minha preocupa  o com o cenário macropolítico que circunda a discussão que me proponho. Segue em anexo reportagem que aponta um pouco de como a Política de Assistência Social vem sendo administrada no município, assim como no país.

Coloco-me    disposi  o para conversar.

Atenciosamente, Psicóloga

Fasc publica edital que terceiriza atendimento em 10 abrigos de Porto Alegre

Publicado em: abril 26, 2017 (Sul21)



Usuários esperam por distribuição de senhas para atendimento na FASC, em 2016 Foto: Maia Rubim/Sul21

Fernanda Canofre

A Fundação de Assistência Social (Fasc) de Porto Alegre anunciou, nesta terça-feira (25), uma reestruturação na rede de atendimento a partir de junho. O novo modelo, previsto no edital publicado pela presidência do órgão, passará dez abrigos que hoje fazem parte da rede própria da Fasc para conveniadas – ou seja, entidades privadas. A Rede de Conveniamento passaria a se chamar Rede de Conveniamento Pleno, deixando apenas dois abrigos municipais nas mãos de servidores da Fundação.

A Fasc defende a medida alegando que ela pode gerar até R\$ 4 milhões de economia aos cofres públicos e traria “qualificação” ao atendimento municipal de assistência social. Em nota, a entidade explica que hoje as conveniadas arcam com o pagamento de salários de 2/3 dos trabalhadores, enquanto despesas como “locação do imóvel, telefone, veículo, materiais de alojamento, materiais de consumo, alimentação, passes assistenciais, manutenção e o terço restante de RH” ficam a cargo da Prefeitura. Com a nova medida isso mudaria. “A instituição conveniada receberá um valor per capita e arcará com 100% das despesas do acolhimento e funcionamento dos abrigos. Isso já acontece, atualmente, em 9 abrigos de crianças e adolescentes”, diz a nota.

O novo edital prevê ainda um reajuste no repasse às conveniadas. A nota afirma que o valor atual de R\$ 2.029,00 passaria a R\$ 3.525,91 por usuário. A Fasc salienta que um acolhido na rede própria hoje custa em torno de R\$ 7 mil.

O presidente da Fundação, Solimar Amaro, defende que “o novo modelo oferecerá um serviço mais qualificado para pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade e risco social”. E diz que unidades que oferecem atendimento a pessoas com deficiência também seriam beneficiadas, com reajustes de até 273% nos repasses.

A nota diz ainda que servidores da Fasc que trabalham em casas da rede própria seriam realocados. Porém, não faz nenhuma referência sobre o que aconteceria com os concursados que ainda não foram nomeados e aguardam chamamento. Com a redução da rede própria da Fasc, o número de vagas de servidores também deve sofrer corte. Perguntada sobre a situação, a Fasc não havia retornado o contato da reportagem até o fechamento desta matéria.

O coletivo Nomeações, já, que reúne aprovados em concursos da Fasc em julho de 2016 à espera de convocação, disse que a reformulação os leva a continuar “estratégias de luta contra os processos de terceirização”. “Isto porque são vínculos de contratação frágeis e instáveis e seus impactos na prestação dos serviços são vistos no cotidiano. A Assistência Social hoje vive um momento dramático, de ofensivo desmonte. Isso é gravíssimo, pois é uma política de seguridade que tem impactos na proteção social de indivíduos e famílias”, afirma o coletivo.

Para o Conselho Municipal de Assistência Social (Cmas), a medida apresentada pela Fasc “burla o chamamento dos concursados”.

Para Cmas, edital tem de ser impugnado

O Cmas realizou reunião para discutir a medida anunciada, na tarde de terça-feira. Órgão de controle social das políticas de assistência da Capital, o Conselho já encaminhou ofício pedindo a impugnação do edital. “Pela razão de que não participamos da comissão [que o criou], o projeto não veio para o Conselho e ele não contempla o que já foi aprovado em plenária”, explica a presidente Maria de Fátima Cardoso do Rosário.

O Conselho avalia a medida anunciada no edital como “um descumprimento da lei”, que desconsidera todo o controle social ao não ter sido submetido à avaliação do Cmas.

Segundo o órgão, no início do mês o próprio presidente da Fasc teria convidado conselheiros para elaborar o edital, porém sem especificar seu conteúdo. Mais tarde, Solimar teria dito que se trataria do repasse de três abrigos da rede própria do município para a iniciativa privada. O Conselho foi “surpreendido” com a notícia de que, na verdade, dez abrigos passariam a ser conveniados, sem gerência da Fasc.

“Todas as pessoas que participaram da elaboração do edital têm cargos no governo, com exceção de uma, que é representante da Some (Sociedade Meridional de Educação, ligada à Congregação dos Irmãos Maristas) no Conselho Municipal da Criança e do Adolescente”, lembra Fátima. “É um retrocesso, o poder público passa a ser mero repassador de recursos e não cumpre seu papel de Estado”.

O Conselho afirma ainda que teria aprovado em reunião com Solimar Amaro, há dez dias, a reprogramação dos recursos da assistência, prevendo pagamento de contas de luz, telefone, aluguel e até carros, para os abrigos da rede própria. Segundo Fátima, as medidas que vêm sendo encaminhadas pela Fundação aparecem com “mais que urgência, atropeladas”. “A Fasc está fazendo chamamento público sem que tenha arrumado a casa”, diz Maria de Fátima.

O Conselho tem uma reunião marcada com o presidente da Fasc no início da tarde desta quarta-feira, quando irá discutir o ofício pedindo a impugnação do edital.



Para o jovem de olhar desconfiado

Oie!

Como é legal receber uma resposta tua! Que bom que tu tá te recuperando. Espero que tu fiques bem na casa da tua irmã. Tu foi direto ao ponto, né? Por que cartas? Por que escrever? E o que isso tem a ver com cuidado?

Eu vou ter que te falar de um cara que conheci ainda no tempo da graduação. Um sujeito francês, um tanto excêntrico. Tenho lido algumas coisas quanto ao que ele chama de escrita de si. Te mando um trecho que parece começar a responder estas tuas indagações:

A carta torna o escritor "presente" para aquele a quem ele a envia. E presente não simplesmente pelas informações que ele lhe dá sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e seus fracassos, suas venturas e desventuras; presente com uma espécie de presença imediata e quase física (FOUCAULT, 2012, p.152).

Em um ambiente que tu meio que conhece, onde a correria é grande, percebi que é preciso parar um pouco, fazer o tempo parar, sem com isso fazer a máquina parar. Não tem como parar o cotidiano do abrigo de um todo. São muitas crianças e adolescentes, chega uma que precisa ser acolhida, gente que precisa ir para escola, que precisa conversar, que precisa ser ajudada para arrumar suas coisas, gente que precisa ser acompanhada. O trabalhador parece polvo, com mil braços e orelhas. Orelhas são importantes neste trabalho. É preciso delicadeza para fazer parar um pouco esta máquina, é preciso jeito e não força. Aprendi com um educador que é preciso habilidade para apostar na escuta em um lugar como o abrigo. A escrita surgiu como possibilidade, ainda antes da pesquisa:

Escrever é, portanto, "se mostrar", se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. E isso significa que a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. (FOUCAULT, 2012, p.152)

Tu passaste mais de 10 anos no abrigo, foram muitas pesquisas ao longo destes anos. Lembra-se daqueles questionários engraçados que vocês tiveram que preencher? Tendo isso em vista, propus algo mais simples: observar e escrever, ou seja, conversar e se relacionar (estar junto). O desejo de pesquisa era estar junto, e para isso, as cartas ajudaram. Uma ferramenta antiga, meio antiquada, mas bastante potente.

Tu não gostas de escrever, claro que lembro. Era um inferno quando tu tinhas que fazer os trabalhos da escola! Mas tu gostavas de escrever outras coisas, disso eu lembro... Mas lembra quando tu querias escrever letras de música? Tu queria cantar as coisas que vivias, eu tenho interesse na história pequena, do dia-a-dia...

O que eu faço? Recolho sentimentos, pensamentos, palavras cotidianas. Reúno a vida do meu tempo. O que me interessa é a história da alma. A vida cotidiana da alma. Aquilo que a grande história deixa de lado, que trata com desdém. Eu me ocupo com a história omitida. Ouvi mais de uma vez e ainda ouço que isso não é literatura, que é documento. Mas o que é literatura hoje? (...) Tudo extravasa das margens: a música, a pintura e, no documento, a palavra escapa dos limites (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 372/373).

Então, ando explorando essa história que te falei sobre escrita de si. Inspiradas na escrita de Foucault, umas professoras escreveram:

A carta criava a reciprocidade, efetuava uma avaliação e o olhar de si e do outro sem decifração; é da ordem do ocupar-se de si e cuidar do outro. A carta criava uma exposição ao olhar do outro e uma abertura como objetivação e subjetivação, ao mesmo tempo. Para os estoicos, epicuristas e pitagóricos, ela ganhava o estatuto de remédio da alma como o exercício de saúde (LEMOS; NASCIMENTO; GALINDO, 2016, p.85).

Eu adoraria ter escrito uns hip-hop como tu sugeriste, mas me falta talento musical. E tenho que lidar com algumas formalidades acadêmicas. Quando a pesquisa não cabe mais nos modelos instituídos, a performance narrativa auxilia a produzir outras formas de contar. Você deve estar cansado destas interrupções, mas tenho gostado de compartilhá-las contigo. Segue mais uma:

Entre descrever e narrar não há mútua exclusão por atribuição de características intrínsecas a uma e a outra. O que conta é a aposta numa escrita que se abre a conversações inúteis, ociosas, longas e sem pretensões necessárias a consensos, sabendo passar entre (STENGERS, 2006); uma escrita que se deixa marcar por vestígios, suja e bela. (GALINDO; MARTINS; RODRIGUES, 2014, p. 297)

Tem sido difícil associar o que conheço com o que fui vendo e aprendendo com a pesquisa. Parece que se misturam. Sugeriram-me ficcionalizar as narrativas. Mas ainda estou buscando formas de entender o que seria bem isso. Escolho produzir documentos para analisar, cartas que tem prática de escrita descontínua, onde a relação com o autor passa a ser não relevante, pois é múltipla (LEMOS; NASCIMENTO; GALINDO, 2016). Já não sei bem ao certo que escreve o quê...

Mande-me notícias suas!

Abraços, Bruna



Seria um pássaro, um avião ou o Superman? O que é um abrigo, mesmo?

Para: Senhor carteiro que passa apressado na minha antiga rua

Fico muito grata com sua disponibilidade em escrever. Mande lembranças para minha antiga vizinha. Que felicidade ela se lembrar de nós neste tempo todo. O menino dela costumava brincar com os meus cachorros. Fui pega de surpresa com minha falta de tato. Sim, *o que é um abrigo?* O senhor me pergunta. Como não me dei de conta que isso não é do conhecimento de todos. E que para muitos abrigo é que nem a FASE³⁴. Estou tão embrenhada nesta história que esqueço que os outros não estão. Peço desculpas.

Vamos do início desta vez: Acolhimento, abrigo, Acolhimento Institucional e Casa de Passagem. E aproveito para lhe contar um pouco sobre onde estive neste verão.

O Acolhimento Institucional é uma Política Pública de Estado, concernente ao Sistema Único de Assistência Social, situada mais precisamente na Alta Complexidade. Isto, porque as pessoas atendidas não podem (por um motivo ou outro) viver com suas famílias ou permanecer na situação em que se encontravam. Assim, como meu interesse é o trabalho com crianças e adolescentes, o foco passa a ser no que eles chamam de Abrigos Institucionais, as Casas Lares e as Famílias Acolhedoras. Tudo isso é explicado com muito mais detalhes no que chamam “Orientações Técnicas para Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes”³⁵ (BRASIL, 2009). Basicamente são três modalidades de atendimento para crianças e adolescentes que precisam ser retirados de suas famílias. Aproximando mais um pouco a vista: o foco será nos abrigos institucionais, que em Porto Alegre são denominados como abrigos residenciais. Caso o senhor tenha interesse no contexto histórico destes fatos, posso

³⁴ Fundação de Atendimento Socioeducativo

³⁵ Esse documento visa regulamentar a organização e oferta dos serviços de acolhimento para crianças e adolescentes afastados do convívio familiar por medida de proteção. Além disso, é uma ação prevista no Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária.

lhe indicar alguns materiais. Por hora, para nossa conversa, mais vale o questionamento: é um abrigo? Uma cidade? Um barco? Três versões de um mesmo serviço.

Começemos pelo mais "simples": O que é um abrigo? Em papéis oficiais (leis, orientações e coisas afins) um abrigo é um...

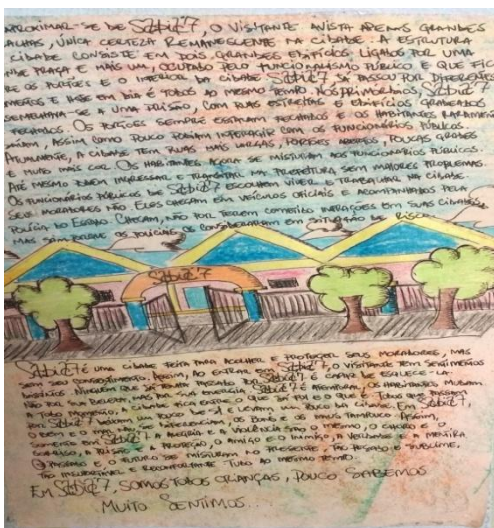
Serviço que oferece acolhimento provisório para crianças e adolescentes afastados do convívio familiar por meio de medida protetiva de abrigo (ECA, Art. 101), em função de abandono ou cujas famílias ou responsáveis encontrem-se temporariamente impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção, até que seja viabilizado o retorno ao convívio com a família de origem ou, na sua impossibilidade, encaminhamento para família substituta. O serviço deve ter aspecto semelhante ao de uma residência e estar inserido na comunidade, em áreas residenciais, oferecendo ambiente acolhedor e condições institucionais para o atendimento com padrões de dignidade. Deve ofertar atendimento personalizado e em pequenos grupos e favorecer o convívio familiar e comunitário das crianças e adolescentes atendidos, bem como a utilização dos equipamentos e serviços disponíveis na comunidade local (BRASIL, 2009, p. 63).

Traduzindo: uma casa, prédio, local em que se acolhem crianças e adolescentes que precisam ser retirados das suas famílias e que devem receber o necessário em termos de acolhida, alimentação, moradia, cuidado, etc. Um risco nesta história deve ser problematizado: é para ser o mais próximo de uma residência, mas uma residência não pode ser tomada como referência. Confuso, né? O risco, que alguns serviços correm, é querer reproduzir um ambiente familiar neste contexto. Tipo, pensar na história de papai, mãe e filhinhos... São lógicas totalmente diferentes. É potente e importante que se pense enquanto uma instituição que precisa se ocupar de um processo de cuidar de crianças e adolescentes. E que não é família, nem creche, nem escola, nem orfanato... É algo além, algo entre...

Na sua última carta, o senhor perguntou (mais de uma vez) sobre o lugar que frequentei no verão. Algumas informações que o senhor me pediu, eu não poderei lhe dar. Em uma pesquisa, principalmente com crianças e adolescentes em situação de

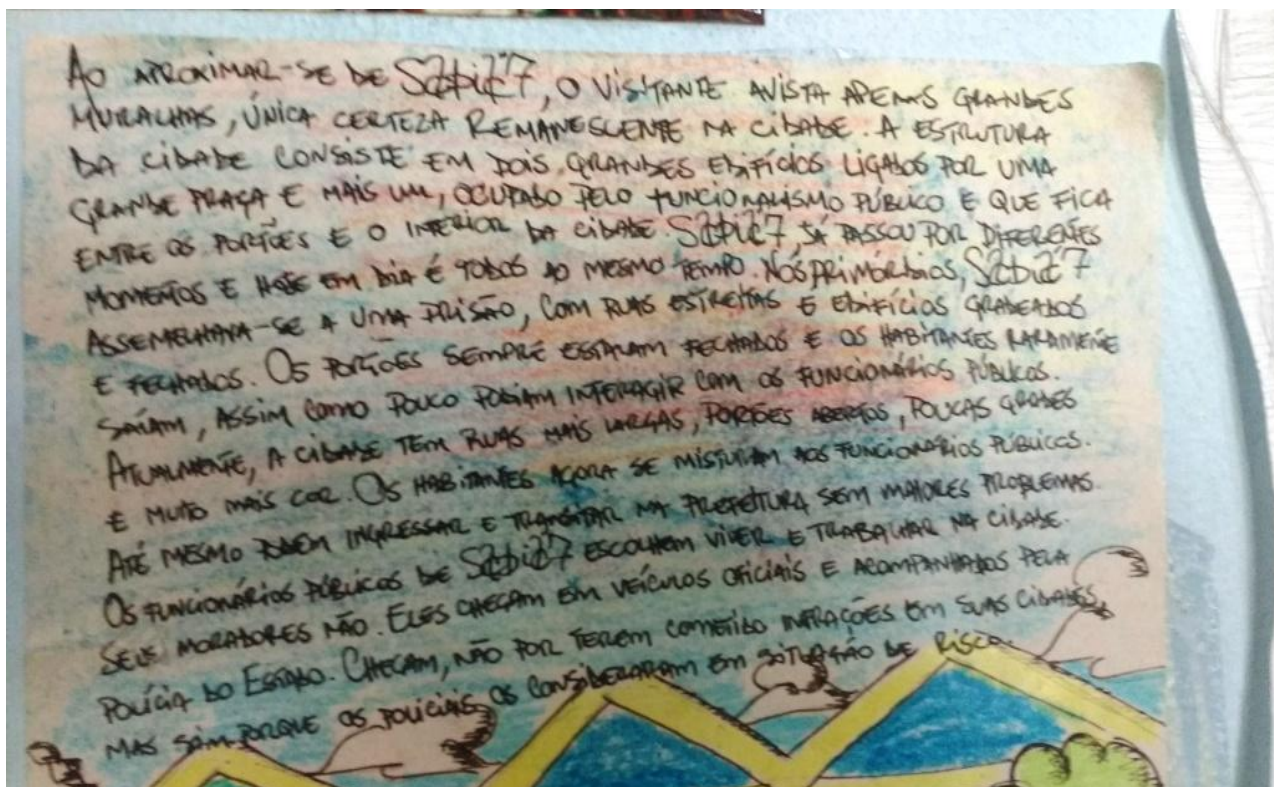
medida de proteção³⁶, algumas coisas são sigilosas. É preciso preservar a identidade das crianças e adolescentes (por isso os nomes foram tirados e abreviados) e o endereço do local onde moram. Caso o senhor queira visitar algum abrigo, realizar alguma doação posso lhe indicar os meios de fazer isso. Mas aqui, em nossa conversa, seguiremos falando de um abrigo...

Uma cidade? Imagino que ao ler isto, o senhor pensará que agora "saí da casinha". Como pensar um abrigo como uma cidade? Enfim, pego emprestada uma imagem ofertada por algum estagiário de psicologia que passou pelo abrigo. Uma imagem que faz parte da coleção de outras imagens que permeiam as paredes das salas dos técnicos no abrigo. Seria o abrigo uma pequena cidade? Espero que você consiga ver bem as fotos:

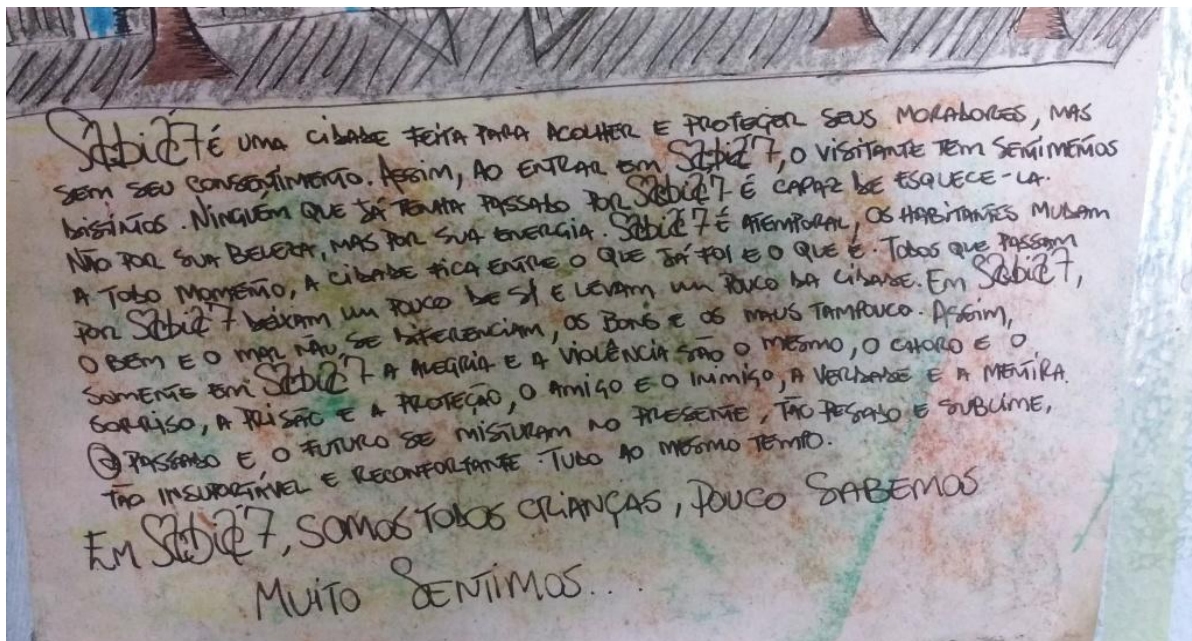


Desculpe a resolução das fotos. A fotografia não é muito hábil na arte de tirar fotos. Segue abaixo algumas tentativas de aproximar mais as imagens para poder ler o texto...

³⁶ Medida de Proteção- As medidas de proteção à criança ou ao adolescente são aplicáveis sempre que seus direitos sofrerem ameaça ou violação, seja por ação ou omissão da sociedade ou do Estado, por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável, ou por sua própria conduta. Tais medidas são regidas por princípios especificados no Estatuto da Criança e do Adolescente.



Ao aproximar-se de Sabiá 7, o visitante avista apenas grandes muralhas, única certeza remanescente da cidade. A estrutura da cidade consiste em dois grandes edifícios ligados por uma grande praça, e mais um ocupado pelo funcionalismo público e que fica entre portões e o interior da cidade Sábria 7. Já passou por diferentes momentos e hoje em dia é todos ao mesmo tempo. Nos primórdios, Sabiá 7 assemelhava-se a uma prisão, com ruas estreitas e edifícios gradeados e fechados. Os portões sempre estavam fechados e os habitantes raramente saíam, assim como pouco podiam interagir com os funcionários públicos. Atualmente, a cidade tem ruas mais largas, portões abertos, poucas grades e muito mais cor. Os habitantes agora se misturam aos funcionários públicos. Até mesmo podem ingressar e transitar na prefeitura sem maiores problemas. Os funcionários públicos de Sabiá 7 escolhem viver e trabalhar na cidade. Seus moradores não. Eles chegam em veículos oficiais e acompanhados pela polícia do Estado. Chegam, não por terem cometido infrações em suas cidades, mas sim porque os policiais os consideraram em situação de risco.



Sabiá 7 é uma cidade feita para acolher e proteger seus moradores, mas sem seu consentimento. Assim, ao entrar em sabiá 7, o visitante tem sentimentos distintos. Ninguém que já tenha passado por Sabiá 7 é capaz de esquecê-la. Não por sua beleza, mas por sua energia. Sabiá 7 é atemporal, os habitantes mudam a todo o momento, a cidade fica entre o que já foi e o que é. Todos que passam por Sabiá 7 deixam um pouco de si e levam um pouco da cidade. Em sabiá 7, o bem e o mal não se diferenciam, os bons e os maus tampouco. Assim, somente em sabiá 7 a alegria e a violência são o mesmo, o choro e o sorriso, a prisão e a proteção, o amigo e o inimigo, a verdade e a mentira. O passado e o futuro se misturam ao presente, tão pesado e sublime, tão insuportável e reconfortante. Tudo ao mesmo tempo. Em Sabiá 7, somos todos crianças, pouco sabemos e muito sentimos.



Eu poderia lhe dizer os procedimentos do dia a dia, como se organizam e tal. Até lhe ajudaria a entender algumas coisas que lhe digo, mas não sei se é o que tenho

interesse em lhe contar. Mas segue a minha visão do Abrigo Residencial (AR) no qual passei algumas tardes e manhãs do verão:

A primeira vista, dá certo medo adentrar no AR. Como chamar este local de Abrigo Residencial? Tenho presente certo modelo de residência (o modelo no qual fui criada). Na minha cabeça seria preciso se parecer com uma casa (colocaram isso na minha cabeça onde eu trabalhava). Casa? Que casa? Casa de quem? Sobre qual referência de casa estamos pensando? Chego à rua e encontro um prédio que mais parece uma escola de Educação Infantil. Os muros me confundem. Eles parecem muros das escolas do município. Um portão e um porteiro simpático. Quando entro, fica claro uma divisória (um portão com grades amarelas, aberto): há um na frente e um lá nos fundos. Uma divisória. Ok! Mas com o tempo, segue o incômodo. É mais do que uma casa! Não há um rótulo que faça caber o abrigo referido. Os trabalhadores chamam de Casa de Passagem (tenho que dizer que foi daí que cheguei ao livro do Senhor W. cujo título é Passagens). A essa altura, o senhor deve estar achando que endoideci de vez, eu imagino. Mas vamos lá.

Uma pista na parede: o abrigo parece uma cidade! Os moradores não estão lá por consentimento, segue o escrito. Isto é uma questão. Mas uma cidade que pulsa, tem seus fluxos, seus problemas, vivencia o sonho e pesadelos de quem a habita. Os trabalhadores chegam de diferentes frentes: uns são contratados por uma Organização social e outros pela Prefeitura da cidade de Porto Alegre. Um campo de batalha tecido no dia a dia. Batalha sim, com tensões, embates, enfrentamentos...

O abrigo parece uma cidade dentro de outra cidade. Um lugar que abre uma espécie de passagem... A soleira que marca a entrada para outro lugar... O ponto de encontro é na pracinha (melhor conhecida como quadra de esportes). Uma árvore enorme fornece alguma sombra. Se chover, a pracinha fica inviável. Os bancos na área que circula a quadra ajudam um pouco. Em cada porta uma história. As casas não são grandes, mas cabem muitas pessoas. Mas muitas mesmo (pense em uma casa de três quartos que acolhe umas vintes pessoas ou mais). O senhor não tem ideia. A

coordenadora passa de lá para cá com uma planta da divisão dos quartos. *"Quem dorme com quem? Quem dorme onde?"* Não há como isso funcionar deste jeito, o senhor deve estar pensando. Um preconceito que eu também tinha (eu confesso). Um preconceito carregado a partir do que reportagens contavam, do que me contavam no local onde trabalhei. Claro que nem tudo é um mar de rosas, há muito problemas e confusões, mas em compensação há uma infinidade de vidas, de histórias que se escondem atrás de sóbrios muros levemente coloridos.

Falando em mar: seria o abrigo um barco? Pois então, nunca tinha pensado nesta imagem para um abrigo, até que a mesma me foi ofertada pela Mirela, psicóloga do local por onde andei. Não lhe explicarei muita coisa, lhe deixo a imagem. Caso o senhor queira tirar alguma dúvida, posso lhe encaminhar o contato da mesma. Enfim: um abrigo-residência que é um abrigo-passagem que é um abrigo-cidade que é um abrigo-barco... Um abrigo-entre-definições-lugares...

O abrigo que é um barco do qual lhe falei, segue em folha anexa, viu? Não coube neste espaço e não quis diminuir o tamanho da foto.

Seguimos conversando. Mande um abraço para minha vizinha, caso o senhor a encontre. Já ia me esquecendo: que maravilha que o senhor ter encontrado outra carta em suas entregas... Pelo que entendi esta veio de longe e é bastante gorda. Tomara que tenha causado um encontro alegre em quem a recebeu. Aguardarei suas instruções para ver qual carta sua colocarei na dissertação.

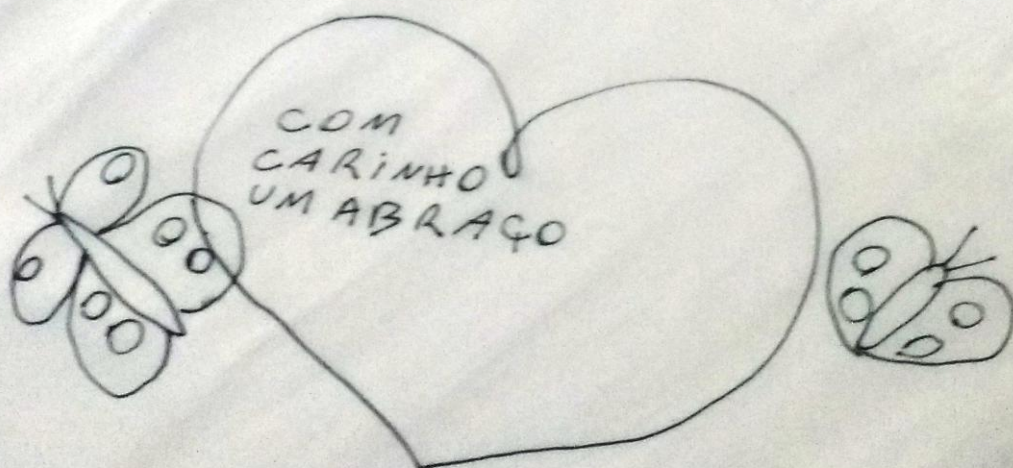
Um abraço, Bruna!

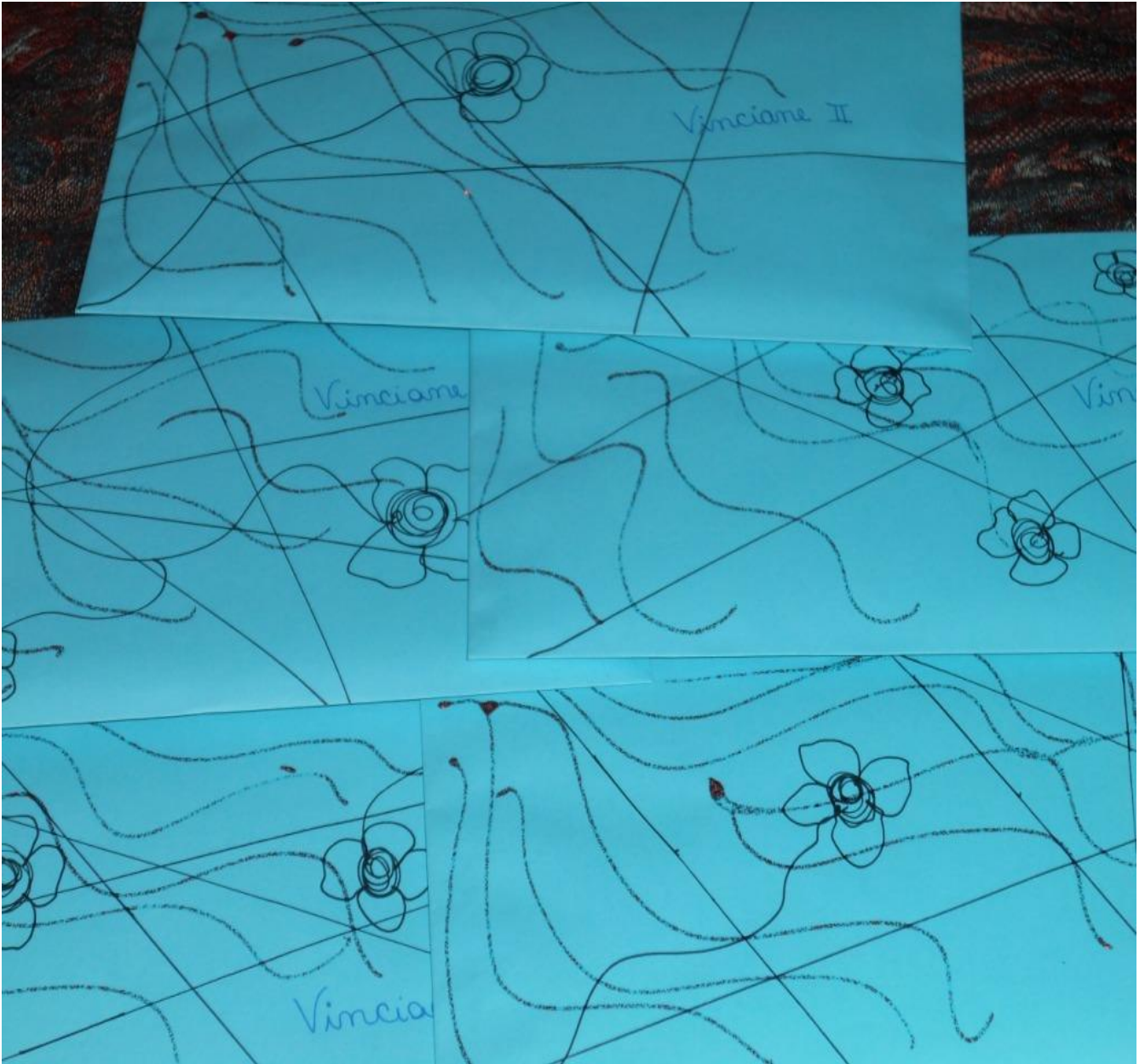
PS: em próxima carta, me mande notícias do que achou do livro da Svetlana.

Segue o barco que lhe comentei:



OLA BRUNA DESCU PA NÃO TE
DADO A CARTA MAIS EU PERDI E ESCREVO
ERADO QUERIA ESCREVE TU É MUITO LEGAL
ESTOU BEM QUERO TRABALHA LOGO
PRA A JUDA MINHAS IRMÃS ESTA
CARTA EU VOU GUANDA BEM ESTOU
SEM PALAVRA ESCREVI TODO
FEIO OUTRO DIA ESCREVO SERTO.
UM COAÇÃO COM CARINHO.





Para: Vinciane Despret

Senhora Vinciane

Agradeço imensamente a resposta e a rapidez com que respondeu minha carta. Uma pessoa como a senhora deve ter muitos compromissos e encontrar tempo para responder as indagações de uma mestrande que a senhora nem conhece, demonstra muita disponibilidade. Realmente lhe agradeço.

Fiquei muito curiosa quanto aos trabalhos da professora Márcia e do senhor Roland, mas no Google encontrei apenas seus comentários quanto ao trabalho dos mesmos. Em outro texto, a professora Márcia juntamente com outra autora discute as relações entre as narrativas que construímos e o feminino na ciência. Ele conversa com a discussão sobre as narrativas, e de como contar histórias é uma das formas de relatar a pesquisa.

Voltando a sua resposta: partir da ideia de que narrativas são criações é importante. Ainda tateio quanto à temática das narrativas, são muitas perspectivas, que fizeram com que eu flerta-se com diferentes autores. Em relação ao tema, a senhora me recoloca a pergunta: "Trata-se de perguntar se as narrativas são trabalhos científicos ou obras artísticas?" (DESPRET, 2011, p.187). E eu penso: cartas que escrevemos são narrativas? As cartas que escrevemos (como esta) podem ser consideradas trabalhos científicos? Não sou bem entendida nas obras do Deleuze, mas me parece que em alguns trabalhos, ele vai colocar uma questão próxima. Veem-me em mente o livro: O que é a filosofia? Não sei se a senhora conhece. Eu conheço e tenho medo. Pouco li, mas o que entendi é que tanto arte, ciência e filosofia são criadoras. A filosofia seria a que criaria conceitos. Arte e ciências criariam objetos. As narrativas poderiam operar enquanto conceito? Um dispositivo de produção de mundos?

Uma proposição que li nos seus comentários e que a senhora retorna na sua carta diz respeito quanto ao oferecido com as narrativas que produzimos nas nossas pesquisas. Preciso repetir suas palavras: "não poderemos jamais oferecer uma explicação. O que fazemos não é uma explicação, mas algo que acompanha. São narrativas que não podem explicar, mas que podem acompanhar" (p. 187). Narrativas que acompanham... O senhor Benjamin (2000) vai dizer que estamos pobres de histórias notáveis, sendo que nenhum evento nos chega sem estar impregnado de explicações. Para este senhor, as explicações se unem a

informação, desprivilegiando o relato. Agora me surge: será que não preciso relatar mais? Um relato para além da descrição, privilegiando as narrativas enquanto forma de articulação de inúmeros modos de viver.

Uma ideia interessante, principalmente pensando nas cartas que venho trocando na minha pesquisa. Mais do que explicar o como o cuidado acontece, elas passaram a acompanhar... Vidas... Pessoas... Histórias... Uma política de Estado... Encontros... Cuidados... Acompanhar e performar uma ferramenta de cuidado.

"Com quem será preciso compor? O que entrará nesta composição?" (p.187), a senhora pergunta. Preciso lhe dizer que fico nervosa com estas novas aberturas, mas percebo o quão elas são necessárias. Tenho conversado com o senhor Walter e ele tem me contado coisas interessantes sobre o processo de trabalho dele quanto ao tema das narrativas, a questão da história e da memória. Ele parece estar um pouco triste com o que vem ocorrendo à sua volta, temo pela vida do mesmo, a situação não anda fácil e o clima político tem deixado o senhor Walter mais preocupado do que de costume. Mas não quero lhe incomodar com estas preocupações. Alguém escreveu sobre um tipo de escrita (ou seria um tipo de pesquisa?) que coloca vida e obra num mesmo plano de contágio. Refiro-me ao professor Luciano Bedin da Costa (2011) que fala dos biografemas e de como este tipo de pesquisa "coloca vida e obra num mesmo plano, sabendo que o movimento de uma acabará por movimentar a outra" (p.132). O professor não é o primeiro a utilizar esta estratégia, mas se constitui referência quanto ao tema. Lembrei-me disto agora, pois fico pensando em como vida e obra vem se confundindo para mim enquanto leitora e escritora de uma pesquisa. Sujeitos com quem tive contato, com quem conversei, de quem li sobre suas vidas, ouvi histórias sobre.

"Pesquisadores são como artistas!" Já ouvi isso de outras partes, mas vindo da senhora, parece algo muito mais vivo. Mesmo que a senhora não tenha explicado muito esta questão. Talvez eu tenha que parar com os pedidos e desejo de explicação. Muito obrigada por frisar o seguinte trecho:

Vejo o artista como alguém que aprende a tornar belo, de certa forma é aquele que faz ver aquilo que todos sempre enxergaram, mas faz ver de outra forma, de maneira que pensamos não ter visto antes. E a verdade é que não vimos. E o pesquisador, finalmente, seria aquele que – assim como o artista aprende a tornar belo – aprende a tornar interessante (DESPRET, 2011, p. 188).

Não sei como funciona na Bélgica a questão de crianças que por algum motivo não podem ficar com suas famílias. Li que em alguns lugares na Europa, os governos estão utilizando o sistema de famílias acolhedoras. No Brasil, trabalhamos com a ideia de abrigos para crianças e adolescentes que precisam ser retirados de suas famílias. Explico-lhe isso, pois falando em tornar interessante e belo, o tema com o qual escolhi trabalhar é bastante controverso. Parece que só há uma possibilidade de fala sobre o mesmo: como lugar ruim, que tolhe a vida alheia. Alguns colegas ficavam extremamente incomodados com o quanto os pesquisadores da Assistência Social falam dos seus temas. Não é belo, nem interessante falar de crianças e adolescentes que são retirados de suas famílias, de corpos pobres e da nossa implicação com estas questões. Assim como não parece nada belo falar dos trabalhadores que escolhem estar neste lugar.

Falando nisso, preciso retomar o que foi tema principal da minha outra carta. A senhora, como já previa não me trouxe uma resposta. Produziu mais inquietações. O que quero com a discussão sobre o anonimato? O que esta discussão tem a ver com a minha pesquisa? E principalmente, me fez revisitar seu texto sobre o segredo (DESPRET, 2011). Não se trata de fazer denúncias, a senhora afirma, mas de buscar soluções para a pesquisa e a psicologia, falando do que produz na sua prática, aponta que "exploro os dispositivos de encontro que distribuem a *expertise* e que criam o interesse" (p.25). E termina seu texto e também a carta com a provocação: "Que valor poderia ter um saber se ele não agrega ao mundo e aqueles que o compõem, um pouco mais de interesse?" (p.25).

Em uma das únicas vezes que surgiu a discussão quanto ao anonimato ou não na pesquisa, um texto me ajudou bastante. Não sei se a senhora conhece a autora, Katja M. Guenther, que em um artigo de 2009, discute a ética de nomear pessoas, lugares, organizações. A autora complexifica ainda mais essa discussão e me faz pensar o que fazer com o que foi produzido na minha pesquisa. Nomear as crianças e adolescentes é impossível e creio não ser necessário, mas fico pensando nos trabalhadores.

Ainda pretendo lhe falar das emoções na pesquisa...

Grande abraço, Bruna



Se é ingenuidade, devo ser muito ingênuo...

Caros autores

Escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida. [...] Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em vias de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria visível ou vivida (DELEUZE, 2011, p.11).

Sinto-me convocada a tentar compor com a pergunta que vocês lançam logo no título do capítulo. Não que hoje possamos pensar os abrigos como instituições totais, mas estas estão em um passado próximo dos mesmos. Trabalhei em um local que se constitui a partir do reordenamento de uma destas instituições totais: a Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM). E assim, senti a convocação da pergunta de vocês: PesquisarCOM em instituições totais: ingenuidade, desafio ou utopia? (REISHOFFER; BICALHO, 2016)

Primeiramente gostaria de pontuar que é preciso estabelecer um modo de pensar e colocar em ação a pesquisa que se propõe a ser com e não sobre. Qual a narrativa dominante quanto ao tema que pretendemos pesquisar? Como esta narrativa vem se constituindo? Como podemos confrontar esta história e contar outras histórias (MENESES, 2008)?

Trabalhar em instituições que tenham características próximas das ditas instituições totais é precisar colocar em perspectiva uma visão homogeneizante de quem sejam os sujeitos por ela atendidos e o trabalho que é realizado. Assim, pesquisarCOM neste cenário, entendo que antes de tudo seja agir em prol de outras histórias (MENESES, 2008). Outras histórias que possam ser contadas por trabalhadores, crianças, adolescentes, mães, pesquisadores. Histórias que coloquem em xeque a versão "científica" da instituição e das vidas que a constituem. Histórias que façam falhar a narrativa acadêmica que se constrói e constrói as vidas que perpassam a instituição. Seria ingenuidade, desafio ou uma utopia? Fico pensando que é um pouco de tudo...

Produzir histórias alternativas pode ser tomado enquanto exercício ingênuo, pois as linhas de captura nas quais nos encontramos enredados, por vezes nos dão a impressão ou pretensão de que estamos conseguindo colocar em ação outras formas de fazer pesquisa. O tempo da ingenuidade talvez seja o da aposta na

delicadeza, no sensível. Ingenuidade, pensada a partir da sua dimensão da simplicidade. Os grandes artefatos de pesquisa, as grandes pretensões de mudança irão falhar quando pensamos em instituições como abrigos, por exemplo. O tempo da delicadeza é também um tempo da escuta. Um tempo em que somos ouvintes de experiências que se não forem ouvidas podem ficar para sempre esquecidas (GUSMÃO, 2009). Assim, em meu processo de pesquisa foi preciso pensar o espaço do delicado, da simplicidade e do sensível na metodologia de pesquisa. Na dureza da instituição um móvel de brinquedos salta aos olhos. A árvore de natal improvisada no papel é construída por todos. As fotos vão se acumulando na parede: quem chega, quem fica, quem se vai. As histórias saltam dos prontuários e livros de registro. Por vezes, algumas histórias precisam de livros e prontuários para persistir.

"Exijam o impossível!" estava escrito na parede do pátio do abrigo. Por três meses vislumbrei aquela frase com um tanto de desconfiança: *já não basta conviver com esse possível? Como exigir o impossível em um lugar que pode exigir tanto?* Questionamentos que vinham em mente quando eu estava sentada em um banco frágil que balançava com o peso... Penso que seja a dimensão utópica, da qual vocês se referem. Só há de se manter imaginando ser utópico aquele que não entender como se constitui um processo de pesquisarCOM ou quem não conseguir deslocar o olhar das narrativas homogêneas que se criam de lugares como os abrigos. O engraçado é que escrevendo para vocês, fico imaginando que para alguém eu soarei como utópica e um tão quanto piegas. Mas enfim...

O desafio coloca para o pesquisador a dimensão ética de do pesquisar. Não há pesquisarCOM quando as distâncias e lugares não são situados, enquanto as ações não corresponderem com aquilo que é colocado no papel e verbalizado pelo pesquisador. Enfim, o que desejo lhes dizer é que pesquisarCOM passa por um exercício ético e crítico do pesquisador que precisa assumir e permitir que o outro seja tanto ou mais pesquisador de sua pesquisa. Esta pesquisa que finalizo com esta dissertação só foi possível quando outras pessoas puderam se apoderar dela. Quando, mesmo sem saber quem eu era, sabiam o que eu fazia no seu espaço de trabalho e assim podiam questionar minha postura enquanto pesquisadora, meu objeto de pesquisa, perguntas e tudo mais...

Perguntas foram surgindo destas relações: O que quer a academia do abrigo? Como pesquisar sem achatá-la a vida dos outros que se dispõem a receber um trabalho acadêmico? Como será possível construir espaço para o conhecimento "não acadêmico" em uma pesquisa? Como constituir um processo em que se possa escrever COM a partir de um processo de se escrever PARA o outro? Perguntas que foram sendo acolhidas em uma dobra do objeto de pesquisa: por que só pensar o como se constituem práticas de cuidado no acolhimento? Por que não se pensar em como se constituem as práticas de cuidado nas Políticas de Pesquisa em Psicologia Social?

Vida sendo feita de fluxos, variações inusitadas e irracionalmente inapreensíveis, que acabam nunca tomando alguma forma constante para que possa ser comunicado. E, encarando a vida como esse emaranhado de forças intensas em errância, porque deveríamos continuar a escrever como se isso não existisse? Por que deveríamos continuar a dispor de uma escrita que expulsa todo devaneio, toda multiplicidade, esta mesma que faz da vida algo extraordinariamente fantástico e sem finalidades, apenas intenso? (ZUCOLOTTO, 2014, p. 11)

O pesquisar em cenários como abrigos para crianças e adolescentes precisa ser pensado em múltiplas dimensões: ética, estética, poética, política. O processo de pesquisa que intentei construir baseava-se também na dimensão da delicadeza da escuta, na possibilidade de ser testemunha de experiências que se não forem ouvidas poderão perder-se para sempre (GUSMÃO; SOUZA, 2008). Relacionar-se enquanto ética de pesquisa talvez tenha ganhado mais importância do que responder perguntas norteadoras. Perguntas mudam-se no decorrer do pesquisar COM...

Para finalizar, gostaria de pontuar para os senhores, que o pesquisar neste cenário no qual escolhi me inserir, é também pensar na pesquisa com crianças e adolescentes. Pessoas pelas quais estamos acostumados a falar por, pensar por...

O que você veio fazer aqui? Era a pergunta. Por vezes me confundiam com as educadoras. Riam quando eu tentava explicar o que vinha fazer no abrigo. *Estudar o abrigo! Que estranho!* Crianças e adolescentes ainda tomadas enquanto menores. Para pesquisar COM crianças e adolescentes é preciso pensar "o menor enquanto potência, criação, algo que beira ao impossível, que se constitui como algo que está em vias de se fazer." (HILLESHEIM, 2006, p. 27)

PesquisarCOM crianças e adolescentes, trabalhadores, abrigos é conseguir deslocar a vista do ponto de vista, mudar a perspectiva, desmontar os aparatos de saber que constituem únicas histórias sobre estes. Colocar em jogo a experiência, validada na escuta do outro. Enfim, a aposta que segue é na construção artesanal de narrativas (BENJAMIN, 1987b) que tecidas durante o percurso de pesquisa saltam para as páginas desta dissertação. O abrigo aqui, trazido a cena como cenário de experiências e produção de vidas. Não há lugar de partida, não se trata mais de partir ou chegar, o interesse está no que se passa ENTRE, no atrito, um lugar onde as coisas adquirem velocidade (HILLESHEIM, 2006).

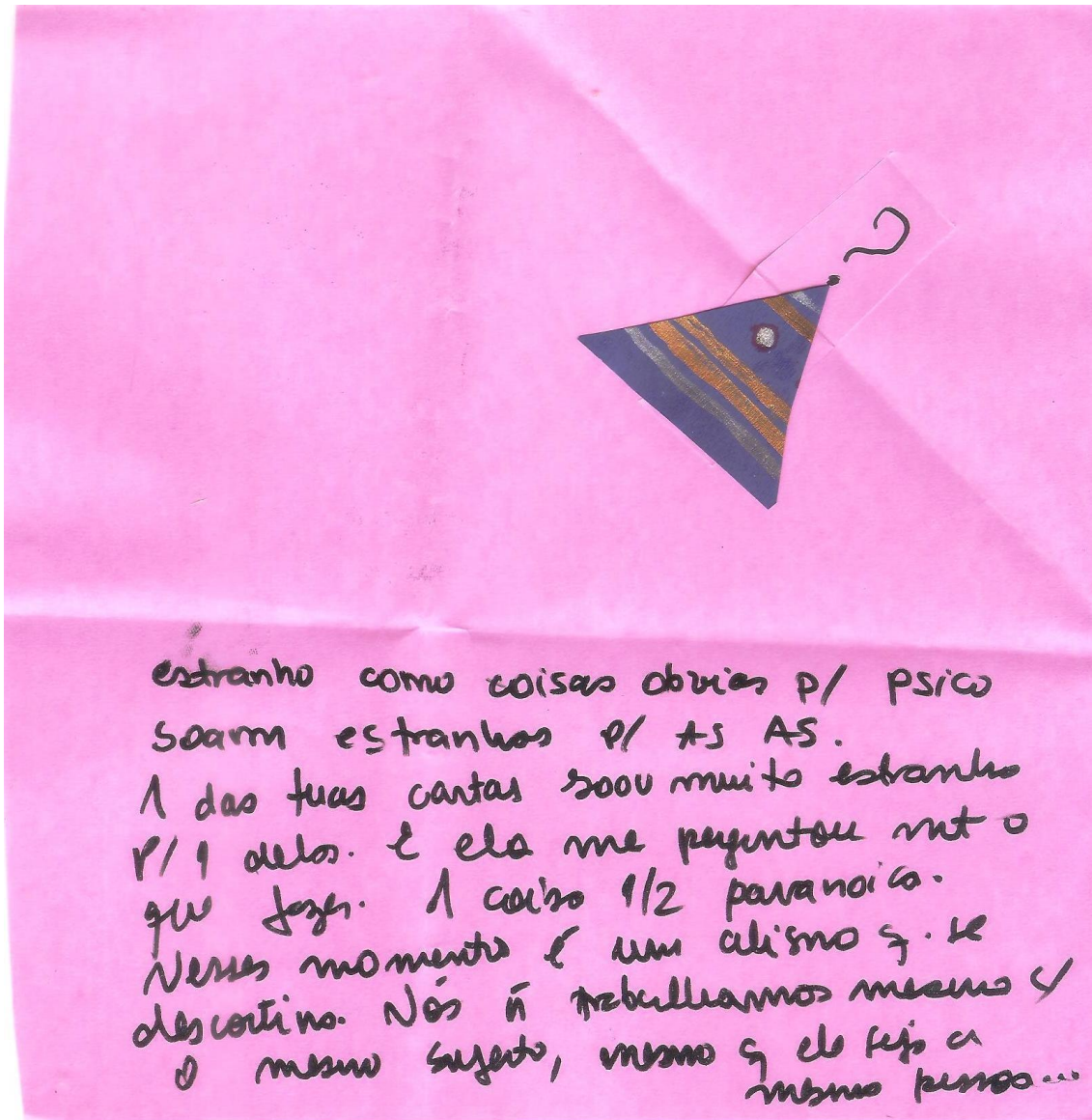
Espero que os senhores não se incomodem com a tentativa de interlocução com suas ideias. Foi inevitável lhes escrever, após a leitura de seu texto.

Atenciosamente, Bruna



Trechos de cartas rizomáticas...

Bruna,





COLETIVO
FAÇA ACONTECER Coca-Cola

O abrigo também pesquisa a pesquisa da pesquisadora...

Já pesquisei tantas coisas...

Ato infracional, violência intramuros, chefia e liderança, escuta, papéis, rotinas, violência, agora eu estava estudando o funk, passamos o ano estudando o racismo. Assim vamos construindo a estrutura que suporta a navegação nas águas turbulentas. É como fazer um navio que possa navegar numa tempestade sem afundar e possa se movimentar na calmaria. Nosso navio funciona melhor nas tempestades. Sei disso. Nas calmarias as pessoas se entendiam e o pior delas vem a tona. Não é um bom lugar para pessoas "calmas", elas prosperam no tédio e isso é ruim, já aconteceu e não dura muito. [...]

O método de trabalho consiste em planos amplos, plano A, B, C, D e mesmo assim uma certeza, tudo pode mudar a qualquer momento e podemos ter que inventar o plano E.

Ontem fui a uma reunião onde te escrevi o papel amarelo. Talvez por isso ele esteja assim, 1/2...sei lá. Reunião de grupo (GT) para pensar formação dos... educadores. Não vou falar sobre isso aqui. O que quero contar é a coisa: a pergunta, aquela que parece as que o J.A. faz: é uma pergunta que pergunta o que se sabe, uma pergunta que obtura. Mas como assim? Como uma pergunta pode "fechar", eu me pergunto. E fecha mesmo.

Então perguntar uma pergunta que não tem resposta e a gente sabe que não tem resposta serve pra que mesmo? Serve para "atrapar" o raciocínio ou rasgar buraco de possibilidades?

Perguntas que fazem ploft e parecem querer dizer "viu como é impossível, viu como eu não tenho resposta, desiste! Vai e deixa tudo como está!" Mas adivinha qual é a pergunta maldita?

Procura-se (quem)? Quem realmente procura alguém, procura respostas, faz perguntas? Deleuze disse que quando se pergunta para que serve a filosofia a resposta deve ser agressiva, porque a "pergunta pretende-se irônica e mordaz". É a mesma coisa.

A resposta (isso é, quem cuida) vem vida (vale + ou -?) ou vem morte?

Uma resposta que vem morte é feito de lugares comuns . As pessoas que não deixam-se fugir da burocracia, as gaiolas de saber-poder. Um eu que tudo sabe e pode ensinar. Um outro que tem que ser "treinado", "manipulado" e usado. Que p. é essa? Fazer discussão de formação agora? Tiveram 4 anos e agora? Depois de tantas *maracutaias*, usos e fruições de dinheiro público, um GT agora?

Cuidado para quem?

A grande capacidade de sedução totalitária dessa gente... [...]

Eu procuro perguntas que me fazem experimentar, vagar...

O papel amarelo:

Eu acho que a gente se apressa e passa por cima das coisas.

Procuramos coisas grandes: metas, brilhos, construções... e outras coisas que nos tornem importantes. Eu gosto do pequeno, do imperceptível, do desimportante aparente. Acho que é restos da época que eu queria fazer clínica. Clínica do ruído, do não dito, coisas que ninguém vê. E isso para mim é cuidar. Cuidar para que o que da subjetividade resta possa... vir... tocar... deixar um rastro, mesmo que imperceptível.

Acho legal esses envelopes e a possibilidade de tecer encontros. Encontros epistolares, é bem verdade isso remete ao início do Freud,né? Mais o que realmente me

toca é a ideia da conversa. Como falamos muito e conversamos pouco. E como é bom... pensar, trocar... Isso é um momento tão valioso nesses tempos... Quando a gente faz alguma coisa para poder cuidar a gente acaba criando uma desigualdade, sei lá, acho que acabamos tendo que os cuidar todos ao mesmo tempo. Um cuidar de sujeito-sujeito, que independe do papel, da idade, etc... Às vezes achara que cuidamos acaba sendo uma maneira de controlar, de impor uma ideia, um saber.

Eu gosto de perguntas. Gosta de pedir para ver/saber/ouvir o que o outro tem para mostrar, ensinar e falar. Não gosto de saberes cristalizados, de certezas, de achismos e crenças.

Mas é inevitável que essas coisas aconteçam e a gente tem que estar atento para que essas coisas não nos esterilizem e como fazer isso "fazer onda" é a grande pergunta.

O que fazer para que possamos ver/escutar/sentir/estar com o outro? Como "passar" isso para todos os trabalhadores?

Pintar, falar, conversas, criar teias de relação: "a arte para não morrer da verdade". Mas a arte que não necessariamente parece arte.

Maís uma carta-bilhete

PS:

Pensei maís um pouco: Porque eu ainda faço o que faço do jeito que faço?

Por quê?

Não me contorno.

Não me acostumo.

Não aceito. _____ ser o juiz das pessoas.

Não quero _____ salvar ninguém.

Não tenho pena nenhuma.

Não acredito que saiba nada a maís que o outro.

Não procuro conformismo, conformidade, e muito menos "por nos conformar", não acredito em saber/crença pré-concebida, por que acredito

que o verdadeiro saber é dado/surge nos encontros e que sempre vou para as intervenções disposta a escutar...

+principalmente

SOU TEIMOSA

NÃO DESISTO FÁCIL

E penso que meu preço é muito alto, assim, dificilmente serei corrompida por obviedades ou dinheiro, poder, brilho...

+ principalmente

Me entedio facilmente

E nesse fazer, sempre o novo e o brilho fulgurante da alteridade pode advir.

Isso é bom

Bjs,

12/01/2017

Sobre o que os trabalhadores tem se perguntado...

[...] tenho me perguntado sobre a judicialização da vida. Os educadores se perguntam sobre outras coisas... Ex: sobre como fazer com a dor de viver... O depois (dos 18 anos), limites das famílias, voltar para casa. A gente vai se interessando por coisas diferentes.

Os bons educadores dizem que aprendem com as crianças. Pode perguntar: se o educador não tiver um caso marcante, pode apostar, ele não vai durar...

[...] Sabe o sistema de aprendizagem do trabalho, eu penso (e pensei muito nisso) que não se ensina o educador a trabalhar. Se transmite. É da ordem da transmissão a coisa.

A ideia do educador acolher é hoje metodologia de trabalho. [...]

[...] **Cuidado é questão central...**

Vínculo também. Suplência de função é terceiro tripé no PPP (que vai sendo feito para ser uma coisa nossa, pra nossa realidade).

A próxima não vou fazer manuscrito, já vou avisando... e desculpa a letra. Hoje já escrevo muito mais rápido no computador. Só estou fazendo a mão por que tu me escreveu, por reciprocidade...

Bjos, Mirela...



Eu tô na batalha pra ter as crianças de volta

Seu Juiz,

Me disseram que escrever para o senhor podia ajudar. Tô cumprindo o semiaberto e é uma barra. Ir e vir do presídio não é fácil. Mas é um passo de cada vez, parece aquelas coisas de AA.

Eu já peguei muito trabalho pesado, muita desconfiança das pessoas. Tem muito preconceito com quem é apenado. Eu sou mulher, negra, pobre e cumprio pena. Sei que não é a primeira e que eu ratiei feio na história, mas o senhor tem que vê que eu tô cumprindo tudo direitinho. Faço tudo o que me mandam. Já aguentei muito desaforo nos trabalhos pra que isso não fosse um problema.

Tô trabalhando numa firma de limpeza. Faço meu trabalho direito, cuido pra que tudo fique bem e que eu ajude quem precisa. Meu trabalho atual me alegra, parece que eu ajudo as crianças dos outros fazendo o que faço. É sofrido ver os meus filhos crescerem. Eles nunca puderam ficar direito comigo. Tão com a minha mãe desde que nasceram. O que mais dói é eles chamando ela de mãe. Mas eu entendo, eu não tava lá quando eles precisaram de mim. Minha mãe faz pelos meus meninos o que não fez por mim.

Eu queria que tivesse tido um abrigo que tivesse me acolhido quando eu era criança. Talvez eu não tivesse errado na primeira vez e tudo fosse diferente. O senhor precisa entender que a vida não foi fácil pra mim. Agora parece que as coisas estão melhorando. Eu consigo sonhar de novo. Sonhar em ter uma casinha só minha, ter as crianças morando comigo. Ter meus problemas com a justiça

Um papel em branco é um corpo,
um espaço de expressão, um
território. A palavra escolhida, a
extensão do texto, o ritmo da
composição. Uma vida. (KVIJNIK,
2016, p.73)

O testemunho do sobrevivente assenta-se sobre a consciência aguda de que aquilo que pode ser narrado não é essencial, pois o essencial não pode ser dito. (GABNEBIN, 2008, p.16)

resolvidos. Não ter as pessoas me olhando como se eu fosse uma criminosa. Eu sonho que as pessoas olham pra mim sem ver só a pessoa que cometeu um crime.

A assistente social que me atende disse pra eu escrever pro senhor. Que isso ia ajudar. Falou que escrever ajudava a clarear as ideias. Eu

não sei se funciona, mas aqui estou. Tenho medo que o senhor repare no jeito errado que escrevo. Não fui muito na escola. Usei droga muito cedo. Me ajuntei com um cara mais velho quando eu era adolescente. Foi quando nasceu o meu mais velho. Nasceu na FEBEM, ainda bem que a minha mãe me ajudou, se não ele tinha ido pra adoção. Vi no jornal que todo mundo quer bebê pra adotar. Que os bebês não ficam no abrigo ou voltam pra família. Fico imaginando se a minha mãe não tivesse me ajudado. O que ia ser de mim?

Sempre me disseram que eu não sabia aproveitar as coisas. Que eu era uma mãe horrível. Eu sei bem disso, é o que quase fez que eu me matasse. Foi por pouco que eu não me enforquei. Ai eu lembrei que tinha que lutar pra pegar meus filhos de volta. Eu espero que um dia eles entendam o que me aconteceu, que não fiz por mau.

Eu realmente não entendo muito o que querem das famílias. A lista de exigências é grande para quem é mãe e pai junto. Parece que a gente tá sempre errada. Que nunca faz o suficiente.

Eu hoje eu tô bem. Parei com as drogas, tô no trabalho, consigo juntar uma graninha e posso ver meus filhos com mais frequência. Já não penso besteira e nem ando com as pessoas de antes. No final do ano, a minha pena termina e vou poder pedir a guarda das crianças de volta. Agradeço pela sua atenção. Abraços!

P.S.: Modificando os modos vigentes de biografia, Barthes engendra registros fragmentários de sujeito, contrapondo a pretensão de totalidade comum às biografias correntes. Outras histórias podem ser germinadas do que fora impossível em suas vidas? (KNIJNIK, 2016, p. 75)



O Cuidado na pesquisa... A pesquisa do Cuidado...

Para Vinciane

Cara Vinciane, tenho pensando no que lhe escrever. Já faz tempo desde nossa última conversa. Tomo a permissão de ter nossas cartas como pequenas conversas, se isso não lhe incomodar. Venho pensando sobre a questão da pesquisa, e com quem posso compartilhar. Seu nome me vem em mente. Estou agora relendo o texto "As ciências da emoção estão impregnadas de política?" e remoendo aqui com meus botões quanto ao fato do processo de pesquisa ter ganhado tanta força quanto ao problema de pesquisa. O como fazer a pesquisa tem me ocupado mais tempo e espaço na escrita do que propriamente o que deveria ser o objeto da pesquisa. E aí, lembrei-me de seu texto: "Se escolhi esta pesquisadora é porque ela, melhor que todos os outros, mostrou que a verdadeira aposta de suas pesquisas era antes de tudo o conhecimento de nós mesmos" (2011, p.30).

Associo com a questão que me coloquei enquanto pesquisadora: como pesquisar implicada com o outro? Respeitando o espaço em que me inseria, as histórias que seriam compartilhadas comigo e como construir uma co-autoria da pesquisa. As cartas não eram só minhas. No momento em que elas trocam de mãos, passam para outro domínio. Fazem parte de outras histórias. O processo de pesquisa precisava ser coerente com o proposto enquanto objeto. Como pesquisar sem associar com o cuidar? É possível promover cuidado com a pesquisa? Ou promover pesquisas com cuidado?

Tu segues as pistas do trabalho de Catherine Lutz, eu sigo suas pistas... E assim eu sigo fazendo uma colagem daquilo que me interessa. Conversas com pessoas que eu não imaginava conversar. Pensar o cuidado com que pesquisamos merece tanta atenção quanto pensar o cuidado com o que acolhemos crianças e adolescentes. E esse processo de duplo questionamento que a senhora pontua, aparece no meu processo de pesquisa: uma obrigação em reencaminhar para eu mesma a questão que coloco para os outros (DESPRET, 2011). "Como se constitui as práticas de cuidado no Acolhimento Institucional de crianças e adolescentes?" convoca "como se constituem práticas de cuidado no processo de pesquisa em Psicologia Social?". Retomo um texto que li com certa displicência na primeira vez, e encontro proposições como: "o saber dos outros transforma nossas maneiras de nos saber" (DESPRET, 2011, p.34). Pensar o cuidado na pesquisa me parece uma possibilidade de recolocar lugares, discussões, e reafirmar o compromisso com as emoções e com a não-neutralidade no processo. E agora, quando lhe escrevo sobre o processo de pesquisa que ocorreu, fico matutando quanto a necessidade de reencaminhar a questão para mim mesma. É um processo que vem junto e é simultâneo, assim como a senhora aponta no trabalho da Catherine.

O processo de pesquisar e a preocupação com que este pudesse ser entendido como prática de cuidado sempre esteve no horizonte das discussões que propus. É preciso coerência entre o que propomos/escrevemos e o que colocamos em prática. Em outro texto, a senhora coloca a questão do corpo. E discutindo as relações entre o cavalo Hans e os sujeitos que resolveram pesquisá-lo, a senhora vem com uma questão que complementa o que venho tentando elucidar (se esse é o verbo mais indicado): "quem

influencia e quem é influenciado nesta história?" Questões que não podem mais serem respondidas de forma clara. "São causa e efeito dos movimentos uns dos outros, ambos induzem e são induzidos, afetam e são afetados" (2011, p.04). Nesta relação de aprendizado, os lados precisam entender a que o outro é sensível. Confiança e interesse podem assim, ser compartilhados.

[...] um instrumento que não seja amparado na docilidade é um instrumento que é projetado para dar oportunidade ao sujeito da experiência de mostrar quais são as perguntas mais interessantes a serem feitas a ele; isto é, as perguntas que fazem com que ele seja mais articulado. [...] Harlow não pode levar em consideração a questão da relevância, a questão que interroga qual é a boa questão que oferece um vir a ser interessante àqueles para os quais ela se dirige, isto é, a questão que interpreta e constrói sinais que 'fazem um mundo' para o animal (p.10/11,2011).

As cartas parecem que ganharam vida própria. Passaram a ser mais importantes do que a questão em si. A possibilidade de estar em contato, de estar junto parecia questão mais importante para trabalhadores, crianças e adolescentes. Um estar junto mediado pela pesquisa e por parte da metodologia desta. Assim, minha bolsa virou a bolsa do carteiro: *tu trouxe carta pra mim? Cadê a minha? Ele também quer uma carta! Para quem é hoje?* Alguns adultos ficavam desconfiados, de outros a entrega de um envelope no meio do cotidiano de trabalho fez surgir um sorriso. A relação se estendia por outro tempo, por um tempo da epístola, um tempo prolongado.

A senhora diz que importa é o arranjo e que este deve articular novas maneiras de falar, novas maneiras de ser humano com não-humano. Isso, pensando nos gansos e no pesquisador. Seria possível dizer que na pesquisa criei um corpo-pesquisadora-carta, um híbrido humano-não-humano? Estou lendo um artigo sobre escrita e fontes, para pensar o que lhe trouxe na última carta quanto as narrativas na pesquisa: "as narrativas não têm de espelhar qualquer realidade, pois não são conjuntos de assertivas e, sim, como vimos argumentando, histórias que se interseccionam e se interconectam; mundos compostos e recompostos" (GALINDO, MARTINS, RODRIGUES, 2014, p.297).

Despeço-me com mais um trecho de um de seus textos. Desta vez me refiro ao "O corpo com o qual nos importamos: figuras da antro-po-zoo-gênese":

'Des-apaixonar' o conhecimento não nos dá um mundo mais objetivo, apenas nos dá um mundo 'sem nós'; e conseqüentemente, 'sem eles'-as linhas são traçadas com muita rapidez. E, porquanto este mundo apareça como um mundo 'com o qual nos importamos', ele também se torna um mundo empobrecido, um mundo de mentes sem corpos, de corpos sem mentes, corpos sem corações, expectativas, interesses, um mundo de autômatos entusiastas observando criaturas estranhas e mudas; em outras palavras, um mundo mal articulado (e mal articulador) (2011, p.16).

Um abraço, Bruna!

PS: segue em anexo um pequeno texto que fiz sobre as cartas na pesquisa.

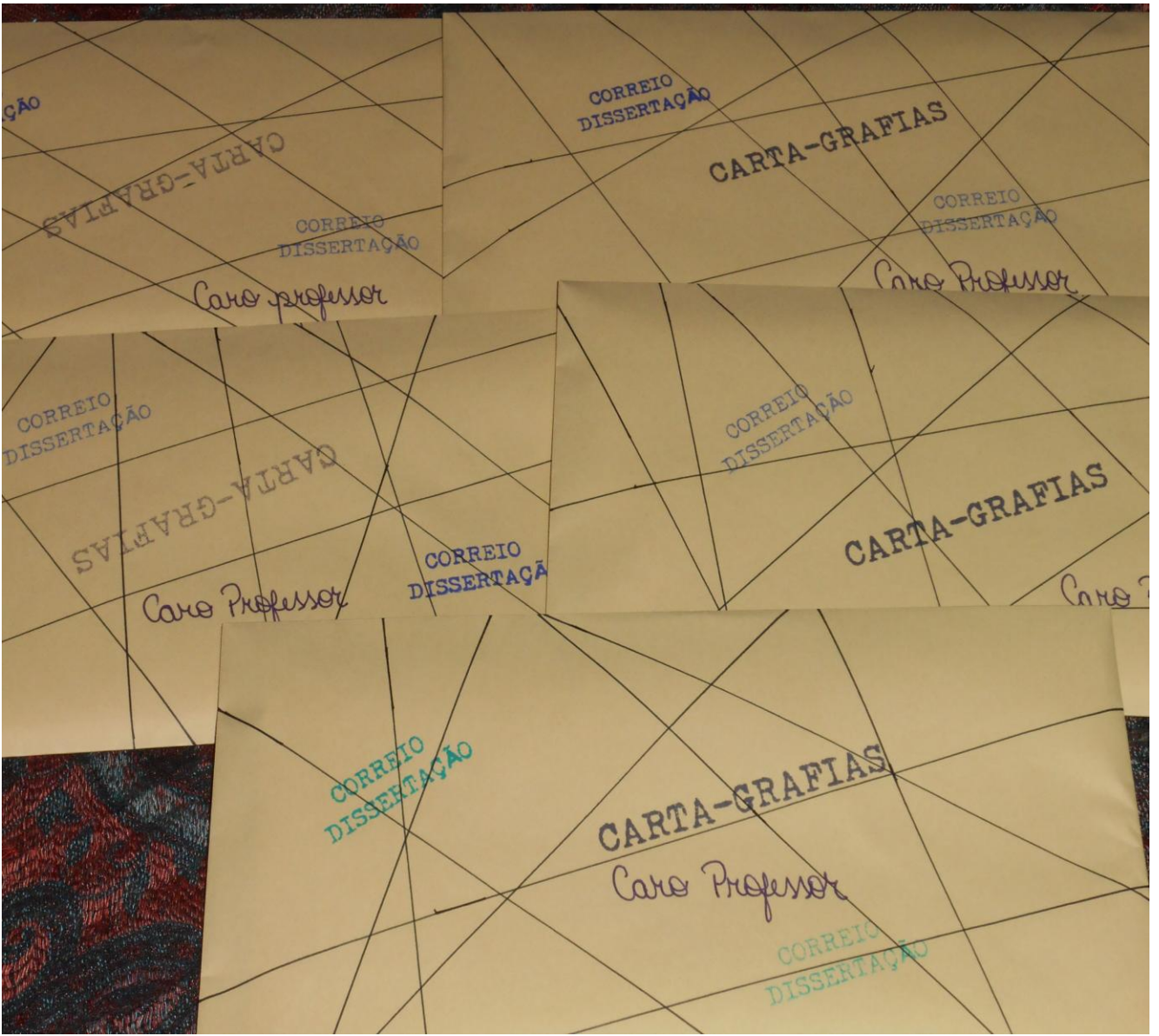
O que tem dentro do envelope?

É sábado, e a vida no abrigo parece ter outras formas. As crianças e os adolescentes acordam mais tarde e aos poucos vão tomando café. O sol é indicativo de que será possível brincar na rua. *O que você trouxe? É para quem essas cartas?* Um dos pequenos faz que irá pegar um envelope. Depois dos primeiros dias, as crianças e os adolescentes passaram a me perguntar se tinha ou não carta. Alguns adultos também. Quando eu trabalhava no abrigo, trabalhar no sábado não era necessariamente um dia ruim, pois o telefone não tocava tanto (ou não tocava) e o ritmo era outro, a correria parecia 'dar um tempo'.

O menino olha dentro do envelope, o sacode. *O que mais pode ter dentro?* Os pequenos esperam pelo adulto que abre o envelope. Pedem explicação, pedem para ler. Uns agradecem. A pequena anda com o envelope embaixo do braço. Mostra para quem passa o que ganhou. Abre a carta e lê para outros, mesmo que ainda não tenha idade para ter aprendido ler e escrever. Repete o que a educadora lhe disse, passa a mão pelas estrelinhas. Enquanto brinco com outra criança, um ou outro vem me procurar. Pedir para ler de novo, fazer novos pedidos, interceder por alguém novo que não recebeu carta. O envelope que continha um barco virou chapéu. O irmão mais novo cuida da carta do irmão mais velho. O mais novo deve ter uns dois anos e o outro uns cinco anos. Quem disse que precisa ter ido para escola para ler? O que escrever para crianças tão pequenas? O que escrever para os adultos? As perguntas sobre o cuidado são respondidas por alguns. Outros preferiram falar sobre a relação com a universidade. Outros de sua vida, de sua trajetória. O que provoca no outro receber uma carta? Entregar cartas provoca responsabilidade com o outro. Interessar e se interessar: importar-se. Cada envelope, o que escrever, para quem escrever. A intencionalidade extravasa a pergunta. O que tudo isso tem a ver com o problema que me coloquei no projeto de pesquisa?

Em determinado momento preocupo-me: o que tudo isso tem a ver com as práticas de cuidado que se dão entre cuidado e proteção integral? O que pesquisa e cuidado tem a ver?

Os meninos riem quando peço para que as cartas que eles fazem possam ser colocadas no meu trabalho. "Trabalho?" Espantados perguntam: "tu ainda estuda?" "Tu tem professora?" O convite para brincar junto surge após o término da distribuição de cartas. *Você quer um suco?* Alguém pergunta e outra brincadeira se constitui...



Cuidar do pesquisar...

Caro professor

Obrigada por acolher tão prontamente minha carta e divagações. Alunos nem sempre são práticos e acabam tomando mais tempo dos professores do que o necessário. Sou dessas, assumo. A minha orientadora que o diga.

O senhor foi muito pontual em já me questionar o que quero dizer com o cuidado como uma relação entre territórios existenciais. Fui relapsa com esse tema, principalmente depois de tentar ler a *Hermenêutica do sujeito*, do Foucault. Escrever sobre o cuidado estava me deixando mais angustiada do que outra coisa, assim, em um curso que fui sobre infância e acesso à saúde, uma das palestrantes apontou que enxergava o cuidado como o encontro entre diferentes territórios existenciais. Ela não foi, além disso, e aí com a pista precisei ir procurando referências. O que seria isso?

Nisso, volto para os autores que trabalham com pesquisa sobre políticas públicas de saúde. Como

Entendemos que um território existencial é um ambiente vivo que está sempre sujeito a modificações, desvios e recriações de si mesmo, já que sempre se constitui na relação com outros territórios em movimento. Guattari em *Caosmose* (p. 44) afirma que no território existencial “uma instância expressiva se funda sobre uma relação matéria-forma, que extrai formas complexas a partir de uma matéria caótica”. A expressividade do território, que é anterior a formação de seus personagens, dá forma e consistência a uma matéria informe e heterogênea – matéria que podemos entender como um plano relacional. Isso quer dizer que o território existe efetivamente em um espaço relacional, que é uma dimensão não identitária, pois é a dimensão das relações, onde não existem identidades, mas dinâmicas relacionais. Onde não se pode definir um sujeito isolado do outro, um objeto isolado do outro (MACERATA; SOARES; RAMOS, 2014, p.922).

Assim, o cuidado seria essa aproximação com o mundo do outro, um processo de contaminar e habitar o território alheio e os modos de vida outros. É a expressividade, e não a funcionalidade, que explica a formação territorial nesta perspectiva. Alvarez e Passos (2012) se propõem a acompanhar o processo de construção de um território existencial no qual pesquisado e pesquisador se constituem em um movimento de coemergência.

O senhor me questionou sobre o como dar conta do que me foi escrito pelos outros. Perguntou-me das cartas que recebi. Fui me deixando afetar por aquilo que os outros foram me apresentando... Na pesquisa "aprende-se para poder habitar terras estranhas" (ZORDAN, 2014, p. 120). No início, enganosamente, pensava eu que não iria ter estranhamentos por estar voltando a um ambiente pretensamente conhecido.

Voltando ao tema desta carta, penso o cuidado como algo compartilhado em ato, não localizado em um sujeito ou instituição. A aposta é em um cuidado que constrói redes que passam pelos sujeitos e instituições envolvidos, um cuidado comum que se dá numa relação com o plano coletivo (MACERATA, 2010). Antes de se transformar em sinônimo de se comunicar com troca de cartas, correspondência³⁷ tem a ver com o ato, processo ou efeito de corresponder(-se), de apresentar ou estabelecer reciprocidade.

E para dar conta do que foi se constituindo, precisei ir modificando os processos da pesquisa. O escrever foi o mais afetado. Uma devastação provocou uma mudança em referenciais, estilo, forma de escrita. A escolha foi produzir uma montagem literária, tendo os biografemas como inspiração. Vidas como criação. "Para pintar o biografema, um personagem é mais que o personagem da história. Ele tem que ser concebido" (BAKTIN apud FRICHMANN, 2012, p.19). Em uma possibilidade de "lidar com as biografias sem me limitar com a história referenciada" (FEIL apud BANDEIRA, 2014, p. 14).

As experiências enquanto trabalhadora no Acolhimento foram se misturando com as da pesquisadora, em um ir e vir impossível de formatar. Assim, uma possibilidade biografemática surge enquanto inspiração para lidar com estes restos de memória que saltam enquanto escrevo a dissertação. "O princípio biografemático que envolve essa nova escrita da vida diz respeito à fragmentação e pulverização do sujeito; o autor da biografia não é testemunha de uma vida a ser grafada por ele, mas o ator mesmo de uma escrita" (COSTA, 2011, p. 34). Foram muitos encontros com mães, crianças, adolescentes, trabalhadores, livros de ocorrência, papéis em prontuários, memórias impossíveis de não habitarem

³⁷ Informação acessada em 07 de junho de 2017 em <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=correspond%C3%AA>.

também este processo de pesquisa. No abrigo em que pesquisei, a psicóloga me provocava: *difícil não comparar, né?*

Assim, um método misto, fragmentário, inventado é preciso ser colocado em prática para que a escrita encontre curvas. Dos biografemas, tomo emprestada a possibilidade de criar... "Insólita realidade em que a escrita pode ser performatizada como ato de testemunhar um passado que não está nos arquivos, mas no ato de retirar de sua poeira esquecida o que insiste" (KNIJNIK, 2016, p 67). As cartas produzidas, as conversas, a experiência anterior foram tomadas como dispositivo para a produção desta coleção de textos que forma a dissertação (uma montagem literária, epistolar e ensaístico).

Assim, o texto é tomado como uma entidade com vida, instalando uma potente polifonia (KNIJNIK, 2016). Proliferam os personagens, gentes comuns do cotidiano do abrigo, que vão e vem, com a força de inventar brechas de vida e cavar frestas de possibilidades em ambiente duro e áspero como pode ser um serviço de Acolhimento Institucional. Permito escrever e inscrever o menino que atormenta para voltar para casa, as mães que pedem seus filhos de volta, trabalhadores que precisam promover afeto e cuidado, vidas que por fim, escorrem por entre os dedos, vidas inventadas de serviço em serviço, institucionalizadas e apreendidas em únicas histórias. Junto a isso, as produções de crianças, adolescentes e trabalhadores que tão pacientemente acolheram a pesquisadora em seu local de viver e trabalhar.

E o que tudo isso tem a ver com o cuidado? O senhor há de perguntar... Pois bem, se trato o cuidado como o encontro ENTRE territórios existenciais, não há como excluir o pesquisador destas relações. Pesquisar, neste sentido, é habitar um território existencial (ALVAREZ; PASSOS, 2012). A pesquisa então habitada a partir do entendimento do que é a construção de um território existencial no qual os diferentes sujeitos envolvidos se constituem. Modos de expressão múltiplos vão



Ao extrair fios da
mais variada
natureza sígnica, o
biógrafo arma uma
espécie de teia,
graças à qual
apreende, capta e lê
a vida de alguém,
tal como a aranha
em relação à mosca.
(COSTA, 2011, p.34).



conformando o processo de pesquisar, as narrativas são polifônicas, onde há uma "multidão para além do humano a tagarelar" (KNIJNIK, 2016, p.70).

Pensar o cuidado e pesquisar enquanto possibilidades de encontros entre territórios existenciais estabelece-se o foco nos personagens e paisagens que se compõe de forma mútua, aonde paisagens vão sendo habitadas por personagens e estes vão povoando a paisagem. Um processo em constante produção. Lima e Yasui (2014), a partir dos trabalhos de Deleuze e Guattari, situam o território existencial não como referente a um ponto em um mapa, mas enquanto "noção que envolve espaços construídos com elementos materiais e afetivos do meio, que apropriados e agenciados de forma expressiva, findam por constituir lugares para viver" (p.599). A escolha, afirma Guattari (2012), é ética: ou se objetiva, se "cientificiza" a subjetividade ou tenta-se apreendê-la em sua dimensão processual. O autor aponta que o importante não é o resultado final, mas o fato do método cartográfico multicomponencial coexistir com o processo de subjetivação e de ser assim possível uma reapropriação dos meios de produção da subjetividade (p. 23).

Uma posição de pesquisar e cuidar que exigem uma abertura ao aprendizado, em um trabalho de cultivo e refinamento (ALVAREZ; PASSOS, 2012). Cultiva-se, assim, uma disponibilidade à experiência. O cuidar e pesquisar em íntima relação com o cultivo à receptividade às relações. Indissocia-se o ato de pesquisar do de cuidar. Não há pesquisa fora desta relação. As escolhas metodológicas, de escrita de narrativas são parte do processo de pensar o cuidado e a pesquisa enquanto "produção de vidas e criação de mundos" (YASUI, 2012, p.13).

Seguimos conversando... Espero que eu não tenha feito nenhuma apropriação indevida de ideias... Escrever com conceitos como território existencial me causa frio na barriga...

Abraços,



Bruna

Comigo vai tudo bem, espero que contigo também. Falar sobre a prática no abrigo para mim é muito difícil, pois penso muito sobre isso e tenho opinião sobre diversas "coisas", sobre mim mesma, sobre a instituição, sobre meus colegas e sobre as crianças, que tudo acaba implicando na minha prática.

Vou tentar começar do início, não sei se cheguei há te falar que sou assistente social, me formei fazem 7 anos, trabalhei em 2 lugares após minha formação, mas vi que eles só me queriam para manter o convênio, então eu não conseguia fazer meu trabalho, optei por sair, pois eu não ia me responsabilizar por uma prática que não era minha, fazer relatórios baseados em livros registros. Após isso engravidei e não consegui mais me inserir na minha área. Fiquei por um grande período sonhando em voltar.

Até que me inseri numa outra instituição de acolhimento institucional, minha primeira experiência como educador social, eu queria voltar de qualquer forma. Não sei se tudo isso te interessa, mas vou falar... kkkkkk... Com o passar do tempo algumas coisas passaram me a implicar, até o nome do cargo na minha carteira de trabalho: AGENTE DE AÇÃO SOCIAL. Eu achava um absurdo, pois nessa instituição ser Educador Social era quem tinha nível superior e trabalhava nos projetos. Com o passar do tempo algumas inquietações surgiram. A FASC nos proporcionou um curso de Educador Social.

Momento em que conheci de ouvir falar a casa de acolhimento e fiz algumas amizades. A fala desses educadores me encantava, pois comecei a observar que eles realmente eram educadores e eu tinha uma prática de cuidadora. Na casa em que eu trabalhava só tinha adolescentes e apenas um educando de 8 anos que tinha transtorno global do desenvolvimento.

Eu me sentia despreparada para lidar com essa criança e também não me sentia com suporte para lidar com tal situação. Nessa instituição me deparei com a questão da homossexualidade, prostituição, drogadição além do abandono, mas enfim, aquela vivência de não poder interferir em tais situações que eu me deparava foi fazendo com que eu me desgostasse do trabalho (nem sei se existe essa palavra), eu me sentia um nada perante essas demandas. Fora que quando a gente tem família, marido e filho pequeno é difícil tu passar 12 horas no final de semana trabalhando. Com uma somatória de tudo pedi demissão.

Várias pessoas ficavam me instigando a trabalhar na casa de acolhimento e eu receosa, mas com a crise pensei: vou enfrentar. Hoje penso que essa foi uma das melhores atitudes que tomei, adoro trabalhar aqui e esse aprendizado que estou tendo não há dinheiro que pague. Então vamos lá. Nesta instituição desde quando entrei já passei por duas mudanças. Inicialmente entrei no plantão da tarde na AR 08, após no plantão da tarde na AR 07 e atualmente estou no plantão da manhã na AR7.

Olha, é muita diferença.

Quando me propuseram subir para AR7, eu não queria, senti medo, pois falaram que o trabalho era muito dinâmico, que chega tudo quanto é criança e

adolescente (casos diferentes), eu queria ter ficado um pouco mais na AR8, pois é um povo mais "tranquilo".

"Tipo as crianças já estão acostumadas com o abrigo". Eu pensava também, como será quando essas crianças chegam no abrigo, elas choram, querem ir embora, o que vou fazer?

Mas eu não tinha opção ou era eu ir ou meu irmão ser demitido, pois era uma chance que davam para ele se incorporar num outro plantão, pois no que ele estava não estava dando certo. Meu irmão trabalhava à tarde no AR8, atualmente está no plantão de noite, talvez tu não tenha contato.

Mas eu não sou fraca não e fui...

Permaneci mais ou menos um mês no período da tarde, vou te dizer, foi uma prova de fogo pra mim, não sei como resisti. Sabe quando tu chega num ambiente em que ele está todo armado, foi o que aconteceu comigo. Eu não me identificava com aquelas pessoas, eu "achava" que a prática dos meus pares ia contra ao que eu tinha como certo. "Achava" eles muito permissivos. Tinha muito trabalho de rotina (banhos), uma correria geral, o meu contato com as crianças era mais para cobrar a rotina, coisa que num outro espaço já me incomodava.

O momento em que eu mais gostava era no final do plantão, as crianças jantavam e após ficávamos no quarto olhando TV e brincando e os adolescentes na sala olhando filme de terror e dançando funk (isso me incomodava muito).

Então surgiu a oportunidade de eu ir para o plantão da manhã, aí sim eu encontrei meus pares de trabalho e comecei a vivenciar outras possibilidades.

Apreendi que podíamos ter acesso aos prontuários, achei o máximo isso, poder entender um pouco o porquê a criança estava acolhida e o que já foi realizado até o momento. Também pude entender um pouco como funciona o acolhimento, como essas crianças vem parar no abrigo.

Descobri o acesso à equipe técnica e coordenação. Me senti pertencente a instituição e na solução dos casos daquelas crianças. Aqui a gente pode opinar, pode trocar saberes, aliás, a gente deve passar adiante todas as observações e inquietações que temos.

Pois a prática não é apenas o ato do fazer, da mão de obra e sim essa troca que temos como equipe.

São tantas coisas para falar que posso ficar um pouco confusa, mas se quiser depois posso te explicar alguns pontos.

Sabe que tenho uma dificuldade, com os meninos entre 5 e 7 anos, pois tenho meu filho que tem 5 anos e não entendo porque quando olho para eles sinto um pouco de "pena" e vontade de fazer mais por eles, mas por casualidade estou inserida na casa de meninas e meninos até 5 anos. Essa relação é uma grande dificuldade que tenho.

Outra dificuldade é conseguir entender como as famílias não conseguem se organizar para ficar com seus filhos.

Te digo, tento dar tudo de mim no cuidado dos educandos, todo momentos que passo com eles procuro que seja o mais prazeroso, isso é muito difícil, pois o

trabalho em grande parte é fazer com que eles cumpram as regras e educar dói, às vezes precisamos ser mais ríspidas. Às vezes "coisas" que dá vontade de devolver na mesma moeda. Ser ofendida, chamada de "vagabunda", de ouvir que tu é paga para isso, levanta abunda e vai fazer alguma coisa é muito difícil, às vezes da vontade de dizer "te enxerga", eu tô aqui trabalhando. Mas temos que entender esses xingamentos, que não são para nós, mas sim para toda situação que está acontecendo ou aconteceu com eles. Coisas que me incomodam: "negligência", descaso, preferências. Na próxima carta explico melhor.

Abraço, Daniela

Educador! Educadooooooooor! EDUCADOR! EDUCADOOOOOOOOOOOR!!!!!!

Pelo pátio anda apressado o educador... Com o telefone, vai e vem, transpõe o portão que separa lá na frente com os fundos. A adolescente o segue e aos gritos o chama. O que quer a menina? O que pode o educador? O tom de voz muda quando ela fala com ele. Conversar parece ser o mote, o trabalho, a ética do cuidar. Ele se ajoelha, enquanto ela senta no banco. Eles falam, falam por longos minutos. Uma ligação é objeto da conversa. É sexta-feira, desconfio que seja algo relacionado a saídas ou visitas. Como suportar que outros saiam e ela não? Como suportar a espera por uma visita que pode ou não se efetivar? Suporte... Aquilo que auxilia ou reforça; reforço, apoio (diz o dicionário). Uns aprendem com outros... Outros educadores também conversam, mudam o tom de voz. Às vezes mais rígido, às vezes em tom de brincadeira, muitas vezes compreensivos... Uma educadora, uma vez desabafa: como não se envolver? Como não misturar?

O que pode o educador em um abrigo? O que se permite o trabalhador? Função ambígua, ampla, com muitas funções e restrições. Como inventar em um trabalho como esse? Como se constitui o trabalho do educador? Criar vínculo, não criar vínculos... Muitas vezes questionaram a si mesmos... A moça das cartas também foi questionada: o que tu acha? Dá para trabalhar sem se envolver?

Se envolver: pela institucionalização? Pelas crianças e adolescentes? Envolver-se, enredar-se... O abrigo enquanto trama de relações...

O que quer a moça das cartas? Pergunta que parece sempre estar à espreita... O que ela quer capturar do nosso trabalho? Aos poucos, com a moça das cartas eles também conversam... Por cartas, no banco, entre brincadeiras, enquanto desdobram seu trabalho...

Conselhos de como fazer funcionar a pesquisa fui recebendo... Tu tens que cuidar o como entrega os envelopes para as crianças! Aqui a gente tenta que eles guardem lembranças, podemos guardar as cartas no prontuário, para quando eles forem embora...

O educador segue sua trilha, de um lado para outro, fazendo pontes, tecendo histórias. Liga pra um, chama o outro, fala com uma adolescente, outras se juntam na história. Por fim, parece um contador de histórias com os ouvintes em volta. Não há como não pensar em Walter Benjamin e seu texto do narrador... Educar? Cuidar? Operação que ocorre entre, na fronteira. Lembro-me de Deleuze (2013) e o E. "O E é a diversidade, a multiplicidade, a destruição das identidades. [...] A multiplicidade nunca está nos termos, nem no seu conjunto ou na totalidade." (p.62)

Como foi se constituindo essa linha? Lembro-me das discussões entre ensinar e educar... Confesso que nunca entendi direito... Como se operou essa separação.

A educadora afirma: educar dói... Por isso é difícil! Com os educadores fui aprendendo que o importante é aprender... Aprender com os olhos, ouvidos, com o corpo... Aprender com o outro fazendo... O trabalho é passado de um para o outro, não há fórmula, não há mágica, não há dica, nem receita. O importante é a abertura... A gente cuida como numa tribo... E como se cuida numa tribo? Tribos podem cuidar de múltiplas maneiras... Não há idealização e nem um cuidar especial. Cuidado como uma linha de fuga... Por onde as coisas passam, os devires se fazem e as revoluções se esboçam (DELEUZE, 2013). Cuidado colocado como protagonista no Projeto Político Pedagógico. O educador educa e cuida... Mesmo que pouco ache que cuide... Cuidado pensado na possibilidade radical do estar em relação, em uma arte dos encontros. Sinto saudades de Spinoza.

Lembro-me dos Guarani, onde as crianças são de responsabilidade de todos. De certa maneira, muito próximo ocorre no abrigo. Poucos adultos, muitas crianças. A responsabilidade é todos. A moça da limpeza também cuida, a adolescente mais velha ajuda, o educador de uma casa fica de olho nas crianças da outra casa. Técnico de enfermagem cuida, afirma um adolescente. A funcionária do administrativo também.

A educadora corre atrás de um pequeno que lhe escapa: é preciso cortar as unhas, ela diz. A cena é tensa, parece ser mais fácil cortar as unhas de um tigre. Um pouco domadora ela precisa ser. Como crianças se mexem! Penso eu observando a cena. O constrangimento é grande por parte das duas (minha e dela). É preciso quebrar o gelo: é ruim mesmo cortar a unha de gente pequena, a observadora diz, meio sem graça. É o suficiente! A educadora passa a falar de como ninguém gosta destas tarefas menores: cortar unha, catar piolhos, limpar orelhas. Numa casa com muitos pequenos, essas tarefas ocupam muito tempo, creio eu.

Você precisa comer de boca fechada! Ensina o educador ao pequeno que toma o café da manhã. É sábado no abrigo. Não é preciso acordar tão cedo. Alguns pequenos estão acordados, o educador vai servindo o café e orientando. O pequeno observa o educador tomar seu próprio café e repete os gestos. Espera o elogio. O educador corresponde com um afago na cabeça. É na repetição que o aprendizado se dá. Mais um ponto que me lembro das aulas sobre a cultura Guarani: aprende-se por observação e repetição. Os pequenos aprendem com os adultos repetindo aquilo que observam.

Educaooooooooooooooooor!!!!!! Quando é que a gente vai fazer as pulseirinhas? O educador é quase que perseguido pelo adolescente que quer saber se há como fazer pulseirinhas, e se podem fazer naquele

instante. Vendo a cara de curiosidade da pessoa que observa a cena, ele explica: eu sabia fazer as pulseiras e a psicóloga arranhou os materiais. Tem gurí que se acalma fazendo elas. Meu pai arrumou uma mesinha para fazer melhor. Tu tá vendo aquele lá? (me aponta um menino sentado no banco) Ele se acalma com as pulseiras.

Educadooooor, quem vai usar o computador hoje? O uso do computador e do vídeo game exige muita articulação entre os envolvidos. Muitos querem jogar/usar e há poucos equipamentos. Uma escala rígida é criada. O gerente é um educador, que precisa estar de olho no tempo e na troca dos usuários. Mais concorrido que uma lan house. Na sala onde ficam os objetos de desejo de muitos, também é ponto de conversas, de retomada de regras e preenchimento do livro de registro, assim como sala do pessoal da enfermagem. Nas paredes há uma infinidade de informações, tabelas de atendimentos, remédios, assim como tabelas de controle de comportamento de alguns meninos.



Sobre crianças, cuidado e outras perspectivas...

Caro senhor W.

Vi-me um tanto quanto atrapalhada com esta história de infância e adolescência. Como pensar sobre estes sujeitos que povoam os abrigos? Sujeitos de quem muitos falam e poucos parecem escutar. Uma dissertação me trouxe algumas inquietações quanto ao tema: quem é a criança na política pública de acolhimento? Um sujeito que parece universal. Universal? Como isso é possível? Escrevendo-lhe vou lembrando-me de algumas cenas. Como de costume, filmes, livros e histórias da vida embaralham-se. Lembro-me da jovem que não quer ir para a escola e que com isso movimenta a rede de serviços de uma cidade. Lembro-me do pequeno Valentin³⁸ que morava com a avó e queria ser astronauta. Recordo-me de quatro irmãos que cuidavam de si quando o pai faleceu. Lembro-me das crianças (nem tão jovens assim) peculiares de um livro. E dos muitos modos de ser criança que a coleção de curtas “Crianças Invisíveis”³⁹ apresentou.

Enfim, fico pensando em como é possível desejar/pensar uma infância que seja universal. Assim, sigo pensando em crianças e adolescentes. Alguns recortes são importantes quando estamos trabalhando com a política de acolhimento de crianças e adolescentes: são oriundas de bairros pobres e violentos, com alto nível de estigmatização social, em sua maioria negra e de famílias pobres. Há recortes de raça, classe social e origem no território. Não podemos esquecer-nos disso. Não é qualquer conjunto familiar que é tomado enquanto "alvo" da política de assistência social. Uma discussão que pode ser muito dura de ser realizada, mas aqui, gostaria de lhe falar de crianças e adolescentes e perspectivas de cuidar...

Neste momento em que lhe escrevo, escolho trabalhar com autoras e autores brasileiros (um pouco como fiz quando pensei a questão do cuidado). Foco em experiências de pesquisa relacionadas a outras crianças e adolescentes: indígenas (oriundas de diferentes territórios e tribos). Por consequência, poder pensar em outra perspectiva de desenvolvimento infantil, não centrado em pesquisas europeias ou norte-americanas.

Autoras e autores brasileiros que estudam filosofias indígenas. Em particular, me chamou a atenção a filosofia Guarani. Essa mudança de perspectiva veio a partir da leitura da infância em Berlim (que constitui uma obra pela qual tenho muito apreço), e também a partir de uma pista que surgiu no abrigo. A psicóloga me disse que eles tentam cuidar como que se fosse uma tribo. Fiquei

³⁸ Valentin - filme de 2003 do diretor Alejandro Agresti. O menino Valentin, de nove anos, vive com a avó há seis. Ele é muito isolado e carente, já que sua mãe sumiu e seu pai não quer falar no assunto, distraíndo-se com outras mulheres. O menino se liga a Leticia, e vai fazer de tudo para que ela seja sua mãe.

³⁹ Crianças Invisíveis - filme de 2006, onde sete histórias de crianças vivendo em situações de pobreza em diversos países ao redor do mundo mostram como a dura realidade do dia a dia leva a infância embora mais cedo. Os diretores envolvidos são: Emir Kusturica, Spike Lee, Ridley Scott, John Woo, Kátia Lund, Jordan Scott, Stefano Veneruso, Mehdi Charef.

com isso na cabeça. Como é cuidar como se fosse em uma tribo? Toda tribo cuida de forma igual? Como é cuidar crianças em outras culturas? É preciso mudar as perspectivas, ou como o professor Émerson gosta de dizer: *é preciso mudar a vista do ponto*⁴⁰. É hora de olhar para além do que a psicologia produz enquanto desenvolvimento.

Antes de prosseguirmos, um breve parêntese: não sei como o senhor vai acolher a 'brincadeira' que envio anexo a esta carta. A partir das suas AMPLIAÇÕES (BENJAMIN, 1987a), tomei a liberdade e acrescentei algumas outras, mais apropriadas ao que venho pesquisando.

Antonella Tassinari (2007) afirma que por muito tempo não nos permitimos levar a sério o tratamento que os indígenas dispensavam às crianças. A autora relata que a liberdade e autonomia muitas vezes foram (e são) interpretadas como ausência de limites e de autoridade dos pais. A mesma aponta também que a criança indígena parece ter maiores possibilidades de vivenciar uma infância com mais independência e autonomia do que podemos supor. Não sei se o senhor vai se interessar, mas segue um trecho de um diário de campo:

É sábado de manhã e começa a aula de educação guarani. Muitas pessoas de diferentes nacionalidades e com diferentes experiências em relação ao tema. Muitos estão fazendo suas pesquisas na área. Conhecem e frequentam aldeias, trabalham com professores e com escolas indígenas. Sinto-me uma metida. Quero estar lá para poder explorar outros referenciais quanto ao tema do cuidado e da infância. Não há o que me convença a usar aquele sujeito que se envolveu com o Terceiro Reich e que é muito citado nos trabalhos sobre cuidado. Permaneço assim, como o mesmo grupo de autores que usei no projeto e acrescento agora partes de uma filosofia mais próxima: a filosofia indígena. Neste primeiro momento exploro a perspectiva de diferentes tribos, mas sinto que aos poucos irei focar em uma só, tema da disciplina que iniciei. Como se constitui a educação guarani? Se o objetivo é cuidar como uma tribo; como guaranizar a noção de cuidado? (trecho de diário de campo, 26/03/2017).

O sujeito do qual falo, o senhor deve imaginar quem seja. Sim, falo do Martin Heidegger, sujeito que o senhor conhece melhor que eu, mas só o que me disse já basta para me estimular a buscar outros diálogos. Desde que fiquei sabendo que o mesmo pactuou com as ideias do Hitler e se beneficiou com isso, não consigo dar espaço para o mesmo em minhas conversas. Como conversar com alguém que compactou com ideias tão infames? Posso estar sendo precipitada em meu julgamento, mas precisamos nos posicionar e já que escolhi conversar com o senhor, não irei aprofundar nenhuma conversa com o sujeito acima citado. Prefiro recorrer à literatura mais próxima. Por que não pensar a noção de infância e cuidado a partir de produções indígenas? O que a psicologia pode aprender com a produção indígena de vida, família, infância?

Preciso situar que a última e única vez que pisei em terras indígenas foi ainda no colégio, assim, o que lhe conto são de leituras que tenho feito. Andei lendo que para os Guaranis, há o reconhecimento da autonomia das crianças, que devem ser respeitadas. Para estes, a criança é vista como um ser de fato, com um espírito que precisa ser cativado para permanecer na terra (MELLO,

⁴⁰ Refiro-me ao Professor Émerson Elias Merhy, com quem pude conviver em duas disciplinas no Mestrado.

2006). Para os Guaranis, além de oferecer autonomia para a criança é preciso demonstrar respeito, pois o espírito que volta pode ser de um membro da família que faleceu. Uma visão de infância que permite outros modos de pensar o conhecimento. A criança Guarani, por exemplo, aprende com os mais velhos, através de processos como a observação e imitação, um exercício que por vezes precede da palavra e constitui-se no tempo da relação (MENEZES; BERGAMASCHI, 2015). A questão da escola (mesmo em uma tentativa diferenciada) não é unanimidade entre as diferentes etnias Guaranis, há aldeias que não contam com este aparato e que as crianças aprendem a ler e escrever o português com adultos que saibam.

O aprendizado, por exemplo, para os *kaiapós*, envolve não só transmissão de saberes, mas principalmente, o fortalecimento dos órgãos sensoriais, ou seja, ensinar e aprender passa pela fabricação do corpo que aprende (TASSINARI, 2007). Uma advertência faz a autora: não há como apontar um modo indígena de conceber a infância. Frisando que este conceito é datado e europeu. Pensar a partir do termo criança possibilita variadas formas de tratar este período.

Penso nas crianças que passam pelo abrigo. Há uma autonomia que é interessante de ser pontuada. Algumas pessoas irão dizer que não há autonomia, pois enquanto crianças e adolescentes há pessoas que devem escolher o que é melhor para seu desenvolvimento. Há algum tempo não consigo mais pensar assim. Fico imaginando o que o senhor irá me responder. Enquanto reviso esta correspondência, me vem o pequeno texto "Canteiro de Obras" (1987a), no qual o senhor fala da tolice de se "elucubrar pedantemente sobre a fabricação de objetos que fossem apropriados para crianças" (p.18). Conforme o senhor, duas disciplinas quando se encontraram (Psicologia e Pedagogia), não conseguiram reconhecer que a Terra está repleta de materiais de atenção infantil.

"Crianças formam para si seu mundo de coisas" (p.18), o senhor afirma. Assim, fico pensando em várias situações que pude presenciar no abrigo. Fugas! Que em alguns lugares são chamadas de evasões. Como lidar com elas? O que fazer? Buscar o sujeito? Procurar onde está? Que ele volte sozinho? Uma psicóloga uma vez pontuou que o menino precisava se experimentar fora do abrigo e que por isso fugia. Uma aposta na potência do movimento do jovem, para além de punições, brigas e reprimendas. Uma aposta na autonomia do sujeito, potência em uma circulação, por vezes criminalizada. Lembro-me agora de um trecho que me ajuda nesta discussão: "As etnografias mostram que as crianças indígenas têm uma liberdade de escolha que nos parece inconcebível, porque lhes permite tomar decisões que afetam diretamente seus pais, familiares ou comunidade" (TASSINARI, 2007, p.13).

Para os *Kaiapós*, uma das concepções que fazem parte de sua pedagogia aposta na máxima que as crianças "tudo sabem por que tudo veem", se referindo a uma situação que não é mais compartilhada pelos adultos, que já não podem circular livremente por todos os espaços da aldeia (TASSINARI, 2007). A aprendizagem passa pelo desenvolvimento dos órgãos sensoriais: o ouvido

e o coração, conforme assinala a autora. A observação é parte fundamental da pedagogia nativa *Kaiapó*.

Assim, as crianças aprendem muito mais do que os adultos ensinam. Há uma habilidade em processar tudo o que acontece à sua volta, que a inserção em ambientes como a escola vai fazendo com que a percam. Há algo que aproxima esta visão de infância com suas ampliações. Construimos espaços "infantis" que cerceiam outras possibilidades de aprendizagem. As crianças no abrigo aprendem observando, repetem gestos, aprendem a acolher: não há idade, situação ou condição cognitiva. A pequena que se solidariza com o menor ainda que está sendo arrumado para ir passar uns dias com a tia. Para ela, que assiste a cena, há um não-cuidado com o menino, já que aparentemente, ela reconhece só o abrigo como espaço que pode lhe acolher bem. A família (para ela) é tomada como lugar de sofrimento. O adolescente, quando recebe a notícia de mais uma chegada, é solícito com quem chega. Espera os trâmites institucionais, e faz seu próprio acolhimento para quem é recém-chegado. O que é seguido por outros meninos. Um trabalhador me explica que as crianças e adolescentes, por vezes, são chamados para fazer a acolhida de quem está chegando ao abrigo.

Escrevendo-lhe, percebo que há uma conexão com um texto do Gilles Deleuze que se chama *O que as crianças dizem* (2011): "a criança não para de dizer o que faz ou tenta fazer: explorar os meios, por trajetos dinâmicos, e traçar o mapa correspondente. Os mapas dos trajetos são essenciais à atividade psíquica (p. 73)". O autor vai explorar essa relação com a constituição de mapas, afirmando que os mesmos são redistribuições de impasses e aberturas, de limiares e clausuras, com o inconsciente lidando assim, com trajetos e devires. Não consigo dissociar do que temos tratado quanto às passagens. Deleuze teria bons diálogos com a perspectiva de se constituir crianças Guaranis, por exemplo.

Cuidamos como em uma tribo? Desconfio que não seja bem como em uma tribo. Há muitas tribos indígenas e infindáveis modos de cuidar. Lembro-me de uma em que sua forma de cuidado de crianças aparece no "roubo" de crianças. A apropriação dos filhos alheios permite a manutenção de relações mais cordiais entre diferentes aldeias e famílias. Um cuidado que passa pela predação dos filhos alheios. Em outra experiência etnográfica, Lecznieski (2005) conta como as crianças são centrais na vida dos Kadiwéu, e como a "apropriação" dos filhos é comum no processo de constituição das famílias. Os avós tomam para si seus netos, criando-os como filhos.

Durante nossas andanças de casa em casa, tornou-se rotineira a manifestação de admiração quanto à capacidade de Gabriel para aprender rápido o idioma. Toda vez que ele mostrava interesse em algum assunto ou perguntava alguma coisa, as pessoas se olhavam, risonhas, e faziam comentários do tipo: "Viu? Ele quer saber como se diz isso no idioma!". Às vezes, expressavam seu contentamento afagando a cabeça de Gabriel, dizendo: "Este vai virar um kadiweuzinho!". Certa vez, por exemplo, Seu Tenório, que muitas vezes já havia referido ao tema - num tom por nós lido, até então, como de sendo de brincadeira - disse, apontando para o Gabriel

e olhando séria e fixamente nos nossos olhos: "Esse daí vou pegar pra mim. Vou dar nome pra ele, vai ser meu, vai sempre lembrar da gente aqui". Seu Paulínio, por sua vez, comentou-nos que muita gente lhe perguntava se Gabriel era seu filho, mesmo sabendo que não é. Segundo ele, "essa é uma curiosidade do Kadiwéu!", só queriam saber se ele estava "criando" o Gabriel. Esta era, aliás, uma forma frequente de interação, e mesmo pessoas que nunca tínhamos visto antes, quando encontradas nos caminhos, perguntavam se ele era meu e se iria levá-lo comigo quando voltasse para a cidade. Também Seu Domingos indagou se iríamos levar o Gabriel de volta para a cidade, quando retornássemos, ou deixaríamos ele com "os índios" (p.77/78).

Quanto aos Kadiwéu, a autora aponta que eles são tomados por outros como muito "relapsos" com as crianças que tem liberdade para brincar. Os Guaranis, na perspectiva de autores como Schaden (1962), também são situados como "relapsos" quanto ao tema dos limites para as crianças. É preciso situar que a história é outra, a cosmologia que rege o educar e cuidar em uma tribo parece mais complexa e mediada por outras questões. Mas penso na potência que esta pista carrega... Assim como ter no horizonte a necessidade de entender as crianças e os adolescentes em seu contexto social. É possível guaranizar o cuidado, pensando nas múltiplas referências que uma criança pode ter em termos de cuidador, não ficando referenciado apenas na figura dos adultos. Uma criança colocada enquanto ser atuante e em posição de ser ouvido e respeitado enquanto sujeito na coletividade. Fico imaginando se conseguíssemos problematizar as relações de limites a partir de um referencial Guarani. E isso, não só em relação às crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional. Poderíamos ter a constituição de práticas de cuidado menos medicalizantes, por exemplo.

Cohn (2005) vai explorar a temática da criança atuante, situando o lugar ativo desta na constituição das relações sociais de algumas etnias indígenas. Neste caso, é entender que a criança interage ativamente com os adultos e com outras crianças, assim como, com o mundo, sendo parte importante para consolidar os papéis que assume e as relações em que está inserida, pontua a autora.

Senhor W, a noção de criança atuante me parece mais adequada para pensar as relações que se estabelecem em um abrigo. Outra perspectiva de olhar para sujeitos que passam a ser submetidos a relações mediadas por serviços de acolhimento.

Vou encerrando por aqui. Faço votos que sua situação melhore.

Um abraço, Bruna!

Ampliando as ampliações... (Um olhar a partir de W. Benjamin).



Adolescente patifão. Ele chega, desorganiza, inventa, conta versões de uma mesma história. Provoca movimentos no ambiente, e, por vezes, se coloca em situações de conflito com os adultos e com outros adolescentes. Não há só um tipo, as gurias na idade da adolescência também são conhecidas por suas patifarias. Estratégias são construídas para lidar com a patifaria alheia. É preciso organização para receber um patifão... E adultos? Patifam também! Algo que se constitui diferente do que define o dicionário⁴¹, onde patifaria é definida enquanto indecência; comportamento, dito ou ação indecente ou desrespeitosa. Sem-vergonhice; ausência de pudor; falta de decoro e de decência. No abrigo, o adolescente patifão parece como um sopro que movimentava as coisas, desaloja os sabidos e constituem outras formas de estar no abrigo (tanto para ele próprio quanto para os adultos). Patifar é potência de vida (mesmo que a custa de muito mais trabalho). Assim, enquanto ele patifa, os adultos conseguem patifar também.

⁴¹ Acessado no endereço <https://www.dicio.com.br/patifaria/> em 11 de julho de 2017.

CRIANÇA LENDO. Da biblioteca da escola recebe-se um livro. Nas classes inferiores os livros são distribuídos. Vez ou outra apenas se ousa expressar um desejo. Frequentemente veem-se com inveja livros almejados caírem em outras mãos. (...) Durante uma semana o leitor esteve inteiramente entregue à agitação do texto, que, suave e secretamente, densa e interruptamente, envolveu-o como flocos de neve. Adentrou-se assim o interior do livro com ilimitada confiança. (...) A criança mistura-se com as personagens de maneira muito mais íntima que o adulto. É atingida pelo acontecimento e pelas palavras trocadas de maneira indizível, e quando a criança se levanta está inteiramente envolta pela neve que soprava da leitura. (Benjamín, 2009, p. 104-105)

Criança acolhida. Ele/ela costuma chegar acuado com poucos pertences. É entrevistado. Toma banho, come alguma coisa, lhe falam as regras. É colocado sentado em algum lugar. Uma ficha, alguns papéis chegaram antes. Por vezes vem acompanhado de um papel-guia: uma guia de acolhimento. Quieta, chega observando o ambiente. Se vier acompanhado, fica mais fácil, pelo menos tem com quem conversar. É preciso coragem para ser uma criança acolhida.

A/O adolescente acolhido(a). Chega desconfiado, fala pouco, olhos atentos a tudo. Em pouco tempo vai estabelecendo território, gesticula, conta histórias. As regras lhe são ditas logo de cara. Não pode fumar, não pode sair, "olha o tamanho do short", "o piercing é devolvido depois de fazer exame". Por vezes chega chegando, anunciando que sabe, que não vai ser passado pra trás. Aquele que já se encontra no abrigo, reclama, "eles ou elas chegam pra patifar", pra roubar "as coisa do cara". Geram movimento e confusão. Testam as habilidades dos adultos para promover o convívio com as diferenças. Muitas vezes se movimenta como o adolescente patifão citado acima.

Criança que acolhe. Do Conselho ou Juizado se recebe um número, uma guia de acolhimento. No abrigo algumas conversas são necessárias no início. Depois dos trâmites de chegada, quando a nova criança ou adolescente já está na casa, muitos olham, tentam se aproximar. É preciso coragem para o primeiro passo (que na maioria das vezes é dado por quem já está no abrigo e não pelo novato). Alguém distração e alguém faz a primeira pergunta: "daonde tu veio?" "Meu nome é..." "Tu já morou em abrigo?" uma proximidade pode se estabelecer. Na casa das meninas, a situação pode não ser tão simples assim. Alguém diz: "eu gosto das novas. Elas querem fazer amizade, aí fazem tudo que a gente pede." Após a acolhida oficial, há a acolhida do grupo, aos poucos e com suas peculiaridades. Quem disse que só adulto é que acolhe nesta história? Um processo estimulado, aprendizado que vai passando de um para o outro. Pouco tempo depois a impressão é que quem chegou sempre esteve ali.

Criança e adolescente que brinca. Tipo raro, encontrado em poucos lugares. Parece que na casa de Passagem pode brincar. Passa um tempo com alguma atividade, usa a concentração, estabelecem regras, modos de jogar. Tem dificuldades em compartilhar o brinquedo ou jogo e negociações são necessárias. Pouco visto em outros abrigos, permeia os dias em que estou neste abrigo. Choco-me com a frequência e intensidade de movimentos: "um suco de pato para você" alguém me oferece. "O mamã" (mamadeira) está pronto, as injeções são divertidas, o remédio é ruim, e os banhos são orientados: "tem que lavar as orelhas e o bumbum". A bola em disputa em uma quadra onde o sol castiga. O vídeo game lembrança das modernidades, uma doação que permanece. O computador é disputado, a diversão é ver vídeos de funk no youtube. Uma epidemia brincante, uma relação que se estabelece. "você pode brincar comigo?" aos poucos, substituí os pedidos de colo dos pequenos. O adolescente brinca, brinca de patifar. Excede os limites, provoca o adulto, busca o enfrentamento, um cabo de guerra: "quem é mais forte?" A estratégia faz parte. O menino que corre

do educador é parado com a entrada de outro jogador: "não corra atrás, se fizer é jogo de cinco anos. Espera entrar para o almoço e dá o gelo".

CRIANÇA DESORDEIRA. Toda pedra que ela encontra, toda flor colhida e toda borboleta capturada já é para ela o começo de uma coleção e tudo aquilo que possui constitui para ela uma única coleção. (...) Mal ela entra na vida e já é caçador. (...) sucede-lhe como em sonhos: ela não conhece nada de permanente; tudo lhe acontece, pensa ela, vem ao seu encontro, se passa com ela. Os seus anos de nômade são horas passadas na floresta de sonhos. (...) Suas gavetas precisam transformar-se em arsenal e zoológico, museu policial e cripta. "Pôr em ordem" significaria aniquilar uma obra... (Benjamin, 2009, p.107)

Adolescente circular. Há um povo que circula. Passa da casa para o abrigo, do abrigo para a casa. Da casa da mãe para casa da avó, da casa da avó para o abrigo. Por vezes é na tia que passa. E assim, como nas brincadeiras de criança, circula por várias mãos. "É preciso aproveitar a vida", diz a adolescente. Elas conversam com o educador sobre o ir e vir. "Ir para casa em VD até que é legal", "até que dá saudades daqui". Diz que ir para casa é confuso, pois lá sente falta do abrigo. E no abrigo, sente falta de casa. Outra, que conversa com o educador, diz a mesma coisa. Da saudade que vai e vem. Da chatice de não ter nada o que fazer em casa. De não ter as amigas. Do excesso de regras que o abrigo tem. Assim, rindo, as adolescentes dizem que é da vida essa circulação. Para as duas, tal processo faz parte da vida. Reconhecem os benefícios e dificuldades das situações. Há certa aceitação quanto sua situação de adolescente que circula. A circulação começa cedo. Muitas crianças. Bebês pouco circulam. Do abrigo, ou vão para adoção ou voltam para a família extensa (situação mais rara).

A guria das meias é meio que a versão feminina do outro adolescente. Fala, gesticula, encara educador, conta história. Fala do abrigo e de sua vida fora do mesmo. Diz que está ali porque não parava em casa. Diz que a mãe dela nunca a via. Que saía na sexta e voltava na segunda. Fala

que não consegue se segurar. Rí e parece se lembrar de algo que aprontava. O educador, que parece se divertir com este tipo de história, pergunta dos tios da guría, fala que a conheceu pequena, e que agora ela está no abrigo. Um laço criou-se ali na proximidade que o território geográfico criou (educadores moram no mesmo lugar que a família da jovem). A guría diverte-se se convidando para ir para casa com os educadores. Diz que pode ir na mochila do educador, pois precisa sair do abrigo. Conversa enquanto está sentada no puf arrumando sua mochila. Pelo que percebo, ganhou muitos pares de meía na festa de natal do dia anterior. Abre os sacos, joga no chão. Parece não se importar com possíveis xingões que possam surgir disso. Mostra outro pijama, e diz que gosta mesmo é de camisolas, mas que estas não são permitidas no abrigo. Diz que em casa tem várias camisolas. Quando o educador se afasta fala da rua, da liberdade de fazer o que quer. Um menino que se encontra ao seu lado também fala que fazia o que queria, que matava aula, batia nos outros, que vivia expulso da escola, passava jogando bola ou vídeo game. A guría das meias se identifica e fala também do que aprontava na escola... (Trecho do diário de campo, 27/01/2017).



Bilhetes, cartas e possibilidades de cuidado...

Para: O senhor carteiro que entrega cartas e tudo mais

O senhor me fala da tristeza que é entregar cartas que não são bem cartas: toda espécie de contas e catálogos de compra que entristecem sua sacola. Fico imaginando o peso que é carregar apenas provas de um consumo desenfreado. Mas o que seria dos Correios se não fossem estas danadas? Ninguém lhe espera com entusiasmo, o senhor me diz. Eu imagino! As cartas perderam o brilho. O tempo de espera, a expectativa. Hoje nos perguntamos se não vai atrasar a fatura do cartão. Se o correio não vai atrasar ou perder o que precisamos que seja entregue. O débito em conta deixou o contato com o correio ainda mais distante. Ninguém escreve ao Coronel⁴²... As cartas importantes, como a que esperava o Coronel no livro, estão desaparecendo... Uma história engraçada: conheci este livro enquanto esperei por meses a carta de admissão do emprego no abrigo. Minha identificação com o livro foi imediata. O único porém é que o carteiro do livro não é muito simpático.

A última carta que mandei pelos correios? Não foi bem uma carta, mas um apanhado de cartas. Uma espécie de teste, por assim dizer. Mandei para minha orientadora uma primeira versão da minha dissertação. Não posso lhe mandar fotos, pois as perdi em um incidente com o meu celular. Uma pena...

Fico feliz que tenhas encontrado uma carta no meio de tanta infelicidade. Que história ótima tu inventaste! Ótima e triste. Fico pensando se na escrita, as melhores histórias não são as tristes. Os psicólogos, por exemplo, adoram estas: as tristes, de gente com muitas dificuldades, as de morte, enfim, as histórias que tenham certa

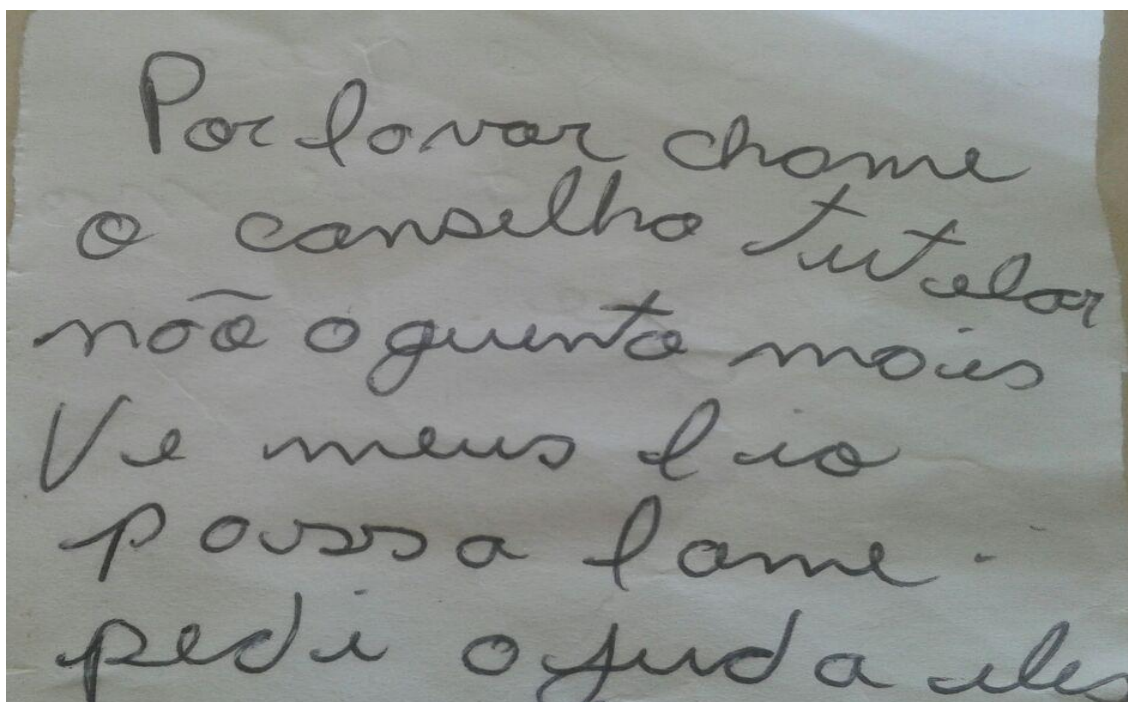
⁴² "Ninguém escreve ao Coronel", livro de Gabriel Garcia Márquez, com primeira publicação em 1961. Sinopse: Enquanto espera o pagamento de sua aposentadoria, pelo correio, um coronel reformado luta para sobreviver em uma cidadezinha hostil. Ao seu lado apenas a mulher asmática e um galo de briga que pertencia a seu falecido filho. A correspondência sempre chega uma vez por semana, às sextas-feiras, mas a aposentadoria não, perdida nos trâmites burocráticos. "Ninguém escreve ao coronel", diz com desdém o carteiro. Uma trama simples, mas repleta de ironia e comentários sutis sobre a história e a política de seu país.

tragédia envolvida... A tragédia do outro é um pouco superestimada no mundo acadêmico.

Imaginei que você fosse se interessar pela arte postal e pelo senhor Guimarães. Tu me perguntas das cartas que recebi na pesquisa. Pois bem, para falar delas, terei que copiá-las ao longo do texto. Talvez tu recebas uma carta um pouco maior que a outra (talvez BEM maior). Como não reclamou da última, creio que o tamanho não esteja lhe cansando. Antes que esqueça, que bom que gostaste do livro. Creio que tua guria vá gostar dele, será um ótimo presente. Vai ser interessante ela ter outra visão da profissão do pai. Conte-me, em outra oportunidade, o que ela achou.

Engraçado você falar do povo do Sedex. Agora que mudei de residência, notei essas diferenças. Já não tenho contato direto com o carteiro, por vezes esqueço-me de olhar a caixa de correios (que muito esquisitamente fica dentro do prédio). É o porteiro que recebe o carteiro. Quando saio para ir a algum lugar costumo ver a guria do Sedex. De carro, ar condicionado e suas encomendas fechadas. O que há nas caixas e envelopes que entrega? Será que ela tem essa curiosidade? O povo do Sedex e suas muitas caixas me deram a ideia de encaixotar a dissertação.

Queria lhe escrever um pouco sobre algumas cartas que recebi e outras que não são bem cartas, mas que fui coletando por aí. Assim, nossa conversa será sobre cartas e bilhetes, saudades e distâncias... Daqueles com quem troco cartas, o senhor me parece o interlocutor perfeito para acolher estas histórias. Pequenos desejos de estar junto, de dizer que gosta daquele com quem não se pode ficar junto. Cartas de crianças para suas mães e familiares, cartas de mães desejando que seus filhos possam ser cuidados...



Por favor chame
o conselho tutelar
não o quinto moio
Ve meus filhos
possa a fome
pedi a ajuda eles

Fonte: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2017/01/irmaos-sao-deixados-em-quintal-com-carta-nao-aguento-ver-passar-fome.html>

Imagine a cena: uma mãe abandona os filhos com este bilhete. Negligente, dizem que ela é. Os serviços e autoridades dizem que a família era atendida, mas que fugia. Os jornais apontam que a mesma já tinha passagem pela polícia por furto, e as crianças passam pelo abrigo. Uma caça à mãe se deu. Ela deve ser responsabilizada, ecoam as vozes dos cidadãos de bem. Será? Questiono-me... Nesta história, me solidarizo com a mulher, com a mãe que irá para prisão: negligência é o crime.

O que houve com esta família? Com esta, agora tão horrível mulher abandonadora de crianças. A institucionalização parece ser a solução mais rápida, a resposta primeira a ser dada em situações difíceis. O Conselho Tutelar como a medida para quando tudo desmorona. Mas não falamos do desmoronamento, do ponto que culminou nisso, num projeto de governo que produz essas vidas, os abandonos, a pobreza. Lembro-me do Foucault e a produção de Homens Infames. Mas permita-me um desvio, vamos falar de outro lado. Façamos de vida, de afetos, da saudade e dos pequenos gestos de cuidar... Das necessidades de reafirmar que gosta, que ama, que tem saudades...

**“Mãe, eu teamo muito sentir a sua
falta
Muito teamo muito”
G.**

(escrito pela *menina* em janeiro de 2014).

Fonte: OLIVEIRA (2014, p. 10)

Minhas cartas são como as de antigamente: envelope lacrado, com remetente e destinatário. Recebendo as mesmas, algumas crianças me pediram para escrever. Assim, seguem os pequenos achados com que eles me presentearam e intentaram presentear outras pessoas. Falemos então, de cartas e bilhetes presentes, encurtadores de distância. As cartas, antes de qualquer objetivo, abre espaço para os afetos, para o desejo de encontro e de aproximar distâncias:

Vou escrevendo, porém, e vejo que o que eu queria, mesmo, era saber de Você, de Você por dentro, fazer uma série comprida de perguntas. Você me entende. Daria a Você temas, a serem preenchidos. Por exemplo: A gente e o tempo. O papel dos atalhos e o dos desvios. A divisão dos outros, em mutáveis e imutáveis. Despojamento e enriquecimento. Incorporação e ausência. Das necessidades de retorno a zero. Os ciclos de crescimento do espírito. Porque, Compadre, a vida é coisa importantíssima (ROSA, carta 20, s/d, p.48).

Um sábado de manhã, eu levantei meio que cheia de preguiça, mas segui para o abrigo. Com algumas cartas que depois geraram outras cartas. Após ajudar um dos adolescentes com o desenho e pintura de um coelho, um dos mais novos me cerca, e até eu escrever uma carta para ele, não há sossego. Quer uma carta e um envelope como os que faço (lhe mando em anexo algumas fotos dos envelopes e cartas que tenho falado). É exigente com as cores que tenho que usar e com o enunciado. Esta movimentação traz outros a volta. É na casa dos meninos que o movimento de escrita de cartas se intensifica. “*Quero que escreva para minha irmã*”, um pede. Outro pede que eu leia o que escrevi para ele. Um terceiro quer que eu o ajude a escrever uma

carta pra mim mesma. Um jogo de quebra-cabeças dos Vingadores precisa ser montado em meio a esta organização de cartas. O Hulk e o Homem de Ferro precisam ser montados. A pergunta do dono do jogo era: “*as peças estão todas aqui? Elas precisam estar todas aqui!*”.

Voltando as cartas, segue a primeira:

L,

Te amo muito.

Gosto muito de ti.

Um beijo,

D.

Uma carta que não pode ser endereçada para uma mãe. Uma mulher em situação de rua, um filho no abrigo. História daquelas impossíveis de acompanhar... O menino com dificuldades fica ansioso quando encerra a visita. Briga, enfrenta, chora. Quer sua mãe. Uma mãe que não tem endereço fixo, nem telefone, um indicativo de visita que pode ou não pode ocorrer... Os educadores se solidarizam. Há pouco o que dizer ou fazer. Quando ganha um envelope e uma folha de papel é para esta mãe que quer escrever. Mas não quer ficar com a carta, entrega a mesma para mim, a pessoa que lhe deu o envelope e papel. Um recado escrito e passado adiante. Uma mãe que nem sempre é encontrada. Uma promessa de visita. *Um dia ela vem!* Uma visita particularmente difícil para o menino e para aqueles que o acompanham. O adulto que o acompanha precisa ser firme e afetivo: são muitos a cuidar. Ele dita o que preciso escrever, coloca o papel no envelope e me entrega: guarda pra ti! Escreve e parte para brincar na rua...

Uma carta para um bebê, outro menino quer escrever. Tiro da manga uma carta que nomeei Nômade, uma carta sem um endereçamento inicial. Foi estranho escrever para um alguém sem nome, rosto, vida... Escrever para um alguém... Conversar com alguém que não sabia bem quem era ou podia deixar de ser. Do meu saco de cartas, uma Carta Nômade contenta o menino. O senhor deve estar perguntando por que eu

não tinha uma carta para ele. Ele tinha chegado há pouco no abrigo, eu não o conhecia... O fluxo é corrido de chegadas e partidas... Para sua irmã ele quer escrever. Mas me diz que precisa ser que nem as minhas. Não entendo o que o menino quer dizer. Só vou entender tempo depois. É preciso enfeitar o envelope ele me mostra apontando para a pilha que ainda me resta. O menino sabe ler, mas não sabe escrever. Os meninos lhe cobram que ele escreva, mas aí vem sua explicação: *ler eu leio, escrever não sei.*

E.

Te amo muito. Gosto de ti.

Um beijo,

A.

Uma carta que tem destino e data de entrega. No domingo a mãe virá visitá-lo com a irmã. Uma carta-presente. Um presente que o pequeno pode ofertar para uma irmã menor ainda. Uma carta-presente para uma bebê. O menino me lembra: “*na outra semana, tu tem que trazer a minha.*” A encomenda de cartas continua, as exigências crescem: tem que ter letras, me diz um. “*Tem que ter meu nome*”, diz outra. “*Quero carros*”, alguém pede. “*Tem que ter os Vingadores e um carro junto, tá*”. “*O Hulk e o Capitão América*”, me pede o menino. Menino este que passa a manhã me dizendo que devia ter trazido uma carta para ele, mesmo quando eu digo que ele não estava ali na semana passada quando fui. Menino que quando vê os envelopes diz que eu irei ajudá-lo a escrever uma carta, não pergunta se posso, se quero, apenas afirma que vou... Não diz para quem, mas que precisa de uma carta. Munido de um envelope, caça uma folha. Não consegue a folha, e se frustra. Ofereço uma folha da minha caderneta, o que pega prontamente. Com a caneta "roubada" e uma pequena folha, uma pequena-carta-brilhete ganha forma. Na sala do abrigo, que virou uma sala de escrita de cartas, me dita o texto com cuidado:

Tia L,

Gosto de ti. Te amo.

Te gosto muito. Te adoro.

Foi a Bruna que me ajudou a escrever.

Um beijo,

J.

Quando percebe que as frases se repetiram chateia-se com o "erro". *É errado dizer que gosta muito de uma pessoa?* Aponto para ele que ele gosta muito dela e que isso está na carta. O envelope deve ser que nem os meus, essa é uma das suas exigências. Olha os outros no saquinho sobre a mesa e dá as indicações de como devo proceder. Escolhe os desenhos que quer que eu faça, as cores que tenho que usar. Tem que ficar bonita, me alerta. A escrita e pintura do envelope são acompanhadas do menino que lhe contei acima, que ainda não tinha escrito sua carta (não conto mais as coisas em ordem). Voltando para os meninos, "Para" e "De" são questões importantes. Quem endereça e quem irá receber devem ser deixados claros, pede meu pequeno interlocutor. O outro observa. Um parece ter mais tratos com esta história de cartas, o outro aprende com o companheiro. Eles parecem se conhecer há mais tempo, não conseguem me explicar sua relação e a circulação pelos abrigos. O tempo, esse danado... Alguém uma vez me disse que o tempo nos abrigos é que nem o coelho branco da Alice.

O menino tem um plano bem elaborado: escrever a carta, guardá-la, esperar a volta da assistente social, fazer uma visita a tia e aí entregar a carta. Parece ter paciência. Enquanto ajudo aquele que escreveu para a irmã, o exigente escritor de cartas me pede uma escrita para uma mulher/menina/adolescente (eu imaginei que se tratasse da educadora, mas fiquei em dúvida), mas aparentemente tratava-se de uma carta de amor. Ele faz com que eu escreva no envelope da carta que iria para a tia. Quando percebe que não conseguiria entregar o mesmo envelope que iria para a tia, frustra-se (o menino que nos observava tinha alertado que o plano não ia dar certo). Foi necessário um "plano B" para apagar o que ele pediu para escrever. Com isso, o

escritor de cartas permitiu-se tratar o envelope e personaliza-lo (pintou com uma cor escura onde riscamos a mensagem, colocou outras flores). Escrever para a tia era mais prioritário do que sua carta de amor. A história deixa o menino encabulado, ri das lembranças da suposta amada. O amigo que acompanhava a construção da carta e que aparentemente conhece a história com mais detalhes repreende o outro com suas aspirações românticas. Em outro momento descubro que todo o amor do menino era por uma educadora com quem ele aparentemente tinha brigado.

O irmão escritor quer flores em seu envelope. As faço, mas digo que ele deve pintá-las. Com isso o menino além de pintá-las decora com outras coisas. Escreve o nome da irmã e o seu. Foi um sábado de endereçamentos. Histórias fabricadas com papel, envelopes e giz de cera. O escritor exigente precisava que sua carta fosse fechada. Encheu a paciência do educador para que o mesmo arranjasse cola. Confere que a mesma esteja colada. Não escreve nada demais, mas faz questão de ser dele para sua tia.

Mães e familiares que no imaginário social merecem serem punidas, escrachadas, execradas. Mães e familiares que são pensadas com carinho. Lembradas em momentos em que é possível sentir saudades, lembrar-se delas, demonstrar afetos. Quem disse que se precisa da escrita para comunicar? Para escrever? Pequenas notas de carinho construídas... Volto a Guimarães, que não pode ser explicado:

Esta filosofice tôda é para provocar Você. Isto não é carta: mas, quando muito, um sumário. Estou vendo se Você está aí, mesmo. E trazendo o abraço. Para Você ver que a gente sempre está perto. Lembranças muitas. Mas gosto de saber que a querida Comadre está aí, em Paris, que não sei de cidade e pessoa que melhor entre si combinem. Afeto. (Na margem) Muito afetuosamente, o seu (Compadre) Guimarães Rosa (ROSA, carta 20, s/d, p.49).

Senhor Carteiro, espero receber notícia sua quanto ao que achou do que lhe escrevi. Prometo que na próxima lhe explicarei mais sobre este negócio de literatura menor. Com as cartas que lhe contei e mostrei, creio que tu vais poder me ajudar a

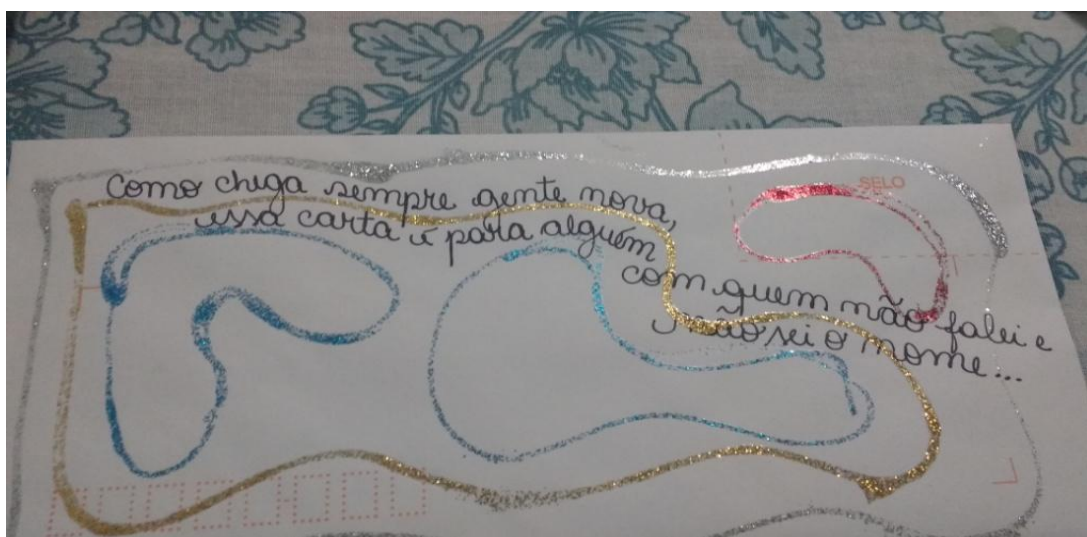
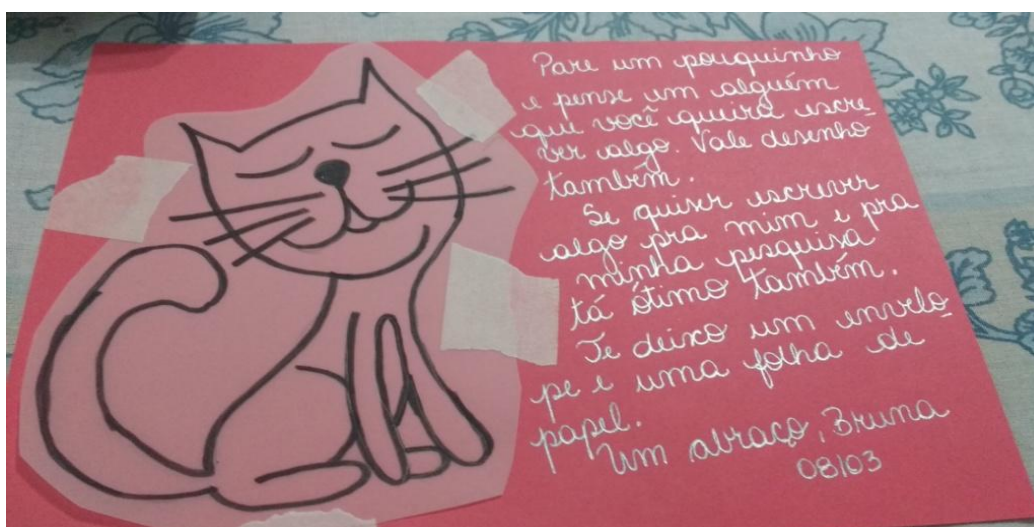
entender melhor o que os sujeitos inventaram com este conceito. Grata pela paciência e possibilidade de trocas.

Um abraço, Bruna!

PS: caso eu resolva escrever para sua colega de profissão vou lhe mandar cópia da missiva na próxima correspondência.

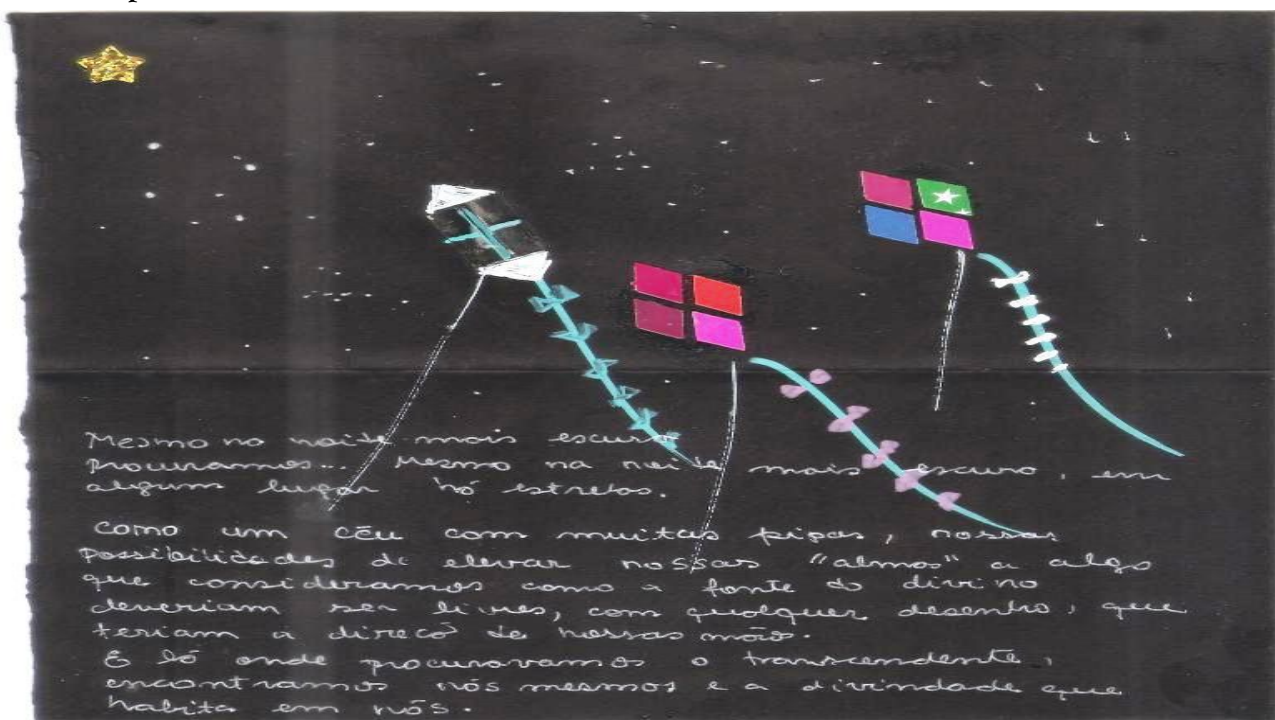
PS₂: as cartas citadas nesta nossa correspondência não foram às únicas recebidas, se quiser conhecer as outras, me avisa...

ANEXOS (Não repare na qualidade das fotos... Sou péssima fotógrafa).





As duas próximas eu recebi:



Uma vez tinha "SOMOS TODAS Um" na
parede do abrigo.

Em algum momento me deu vontade de
colocar

"SOMOS TODOS ^{UM} MÚLTIPLOS"

porque somos, né? múltiplos em nós, infinito
particular que nos habita. Nós também somos
multidão que só é homogênea se olharmos bem
de longe; onde todo são uma massa.

Assim, mesmo assim, o todo contém a parte.
É o que está em cima é como o que está
embaixo.

Conforme os antigos, seremos "UM" quando
tivermos sutileza, conseguirmos separar o
terrestre do leve; o sutil do espesso, ter suavidade
nesses processos, conseguindo obter o que está
no céu, mas também do que está no terra. E tudo
sai do mesmo lugar, por adaptação.

Eles dizem que somos feitos do mesmo material:
parte céu, parte terra, parte água, parte fogo e
tudo corresponde. Também q. tudo vibra, tudo
se move.

Tudo é dual.

Tudo flui e reflete

Então como a música, a luz, a pedra ou
qualquer coisa que quisermos ser.

E isso deveria ser o suficiente.

Desejar
viver

conviver.



De: Michel

Para: Psicóloga do abrigo

Eu já falei com o educador. Ele me explicou o que o juiz disse, mas eu não aguento muito mais não, viu! Tô cansado de ficar aqui. E eu não gostei daquela escola não. As professora tudo olhando torto. Me perguntaram por que eu tava no abrigo! Respondi que não interessava pra ela, a mulher ficou braba e me botou pra fora da sala. Que mania dessa gente querer saber tudo da nossa vida. Bem que o Foucault disse que toda aquela engrenagem que tinha o rei como fazendo o que as pessoas pediam com as cartas escritas de maneira bonita sobre as desgraças dos outros ia se transformar. Ela falou que o poder que se exercerá sobre a vida cotidiana será constituído de uma rede diferenciada e contínua na qual se alternam instituições diversas (justiça, educação, saúde, assistência). A professora já tava querendo informação para ver como ia me governar melhor.

Eu já disse pro educador que pra aquele lugar eu não volto mais. O juiz vai me mandar pra onde? Pra outro abrigo. Se for, vai ficar ótimo. Não gosto daqui mesmo, não. A educadora me disse que se eu não estudar eu vou pra FASE. Aí falei que isso não existia, e já fiquei impedido. Falei do ECA e a mulher me chamou de mau educado. Depois o juiz vem com aquele papo de querer escutar o cara, que a gente pode escolher as coisa. Desde quando adolescente escolhe: se for para escolher, não estudo mais não.

A senhora não tá me entendendo. Eu tava bem em casa. Aquele homem que não presta, ele mente pra mãe. *Embola* toda a história e eu fico de ruim. O juiz disse que eu podia falar, escolher, que eu podia ser ouvido, que o ECA me garante essas coisa. Mas parece que tá todo mundo surdo. Tudo vai pros relatório, pro livro de registro. O cara não pode falar nada, que já vem gente reclamar. Não entendo. O único educador que conversava com a gente, não tá vindo mais. Me disseram que tá de férias. Um saco! É proibido tirar férias... Só os chatos podem...

Eu continuo lendo aquele livro que a senhora me emprestou. Não tô entendendo tudo, mas tem umas coisas que eu fico pensando aqui no abrigo. A estagiária leu comigo o tal do prontuário. Que porra de transtorno de conduta é esse? Desculpa o palavrão. Tentei ver no Google mais não entendi. Tava lá no prontuário, no PIA. Não entendi. Um monte de gente assinou aquele negócio, não dá pra ver quem escreveu aquilo. Foi a senhora? Eu queria entender o que aquilo significa. Me disseram que eu não me comporto, mas também ninguém escuta o cara. Esse negócio aí é que nem o que disseram do Walter? Se eu for internado, boto fogo no abrigo e fujo da clínica. Ouvi que o Zeus já fez isso. A senhora vai ver. O cara fica de boa, e ficam com essas *ladaia*...

Eu não entendo a senhora. Assim, não dá pra respeitar, não. O Michel escreveu sobre aquelas pessoas lá que alguém pedia para ser internada e que para isso escreviam umas coisas sobre elas. Vou colar aqui, pra senhora entender melhor...

O objetivo visado era, no entanto, o mesmo. Em parte, ao menos: passagem do cotidiano para o discurso, percurso do universo ínfimo das irregularidades e das desordens sem importância. Mas a confissão não desempenha aí o papel eminente que reservara o cristianismo. Para esse enquadramento, se utilizam, e sistematicamente, procedimentos antigos, mas, até então, localizados: a denúncia, a queixa, a inquirição, o relatório, a espionagem, o interrogatório. E tudo o que assim se diz se registra por escrito, se acumula, constitui dossiês e arquivos. A voz única, instantânea e sem rastro da confissão penitencial que apagava o mal apagando-se ela própria, é doravante, substituída por vozes múltiplas que se depositam em uma enorme massa documental e constituem assim, através dos tempos, como a memória incessantemente crescente de todos os males do mundo (FOUCAULT, 2015, p. 209).

Eu tô desconfiado. Daqui um tempo, vão fazer um livro da gente que tá morando no abrigo. Lendo aqueles PIA e dizendo coisas da gente. A senhora vai ficar braba comigo, mas peguei um livro da estagiária. Eu acho que ela tá com medo de mim. Ela nunca mais me chamou. O livro fala de coisa parecida. Fala de crianças e adolescentes que foram tratados que nem as pessoas que o Michel escreveu. O livro é de uma tal de Lilia e se chama

“Os infames da história”. Eu tô achando que vocês mantêm nós aqui só pra ter essas coisas. Por isso não entendi nada daquele PIA e daquela coisa de guia de acolhimento. O que é destituição do poder familiar? A estagiária não quis me dizer. Tô lendo o livro da Lilia e tô ficando meio estressado. Aí o cara foge, e vocês mandam o Conselho atrás. Parece que a gente é bicho. Depois ficam brabo que eu falo as coisa. Se o juiz não gostou do que eu disse, o problema é dele.

Eu quero saber quando a senhora vai poder falar comigo. Aquela estagiária é muito chata. A assistente social nunca tá no abrigo. E não vou ficar escrevendo muito, não.

Eu vou poder sair no final de semana? A mãe disse que sim, da última vez que ela veio na visita! A senhora fala com a assistente social?

Valeu!

Michel



Mães e práticas de cuidado

Cartas-bilhetes⁴³ de mães que não puderam ficar...

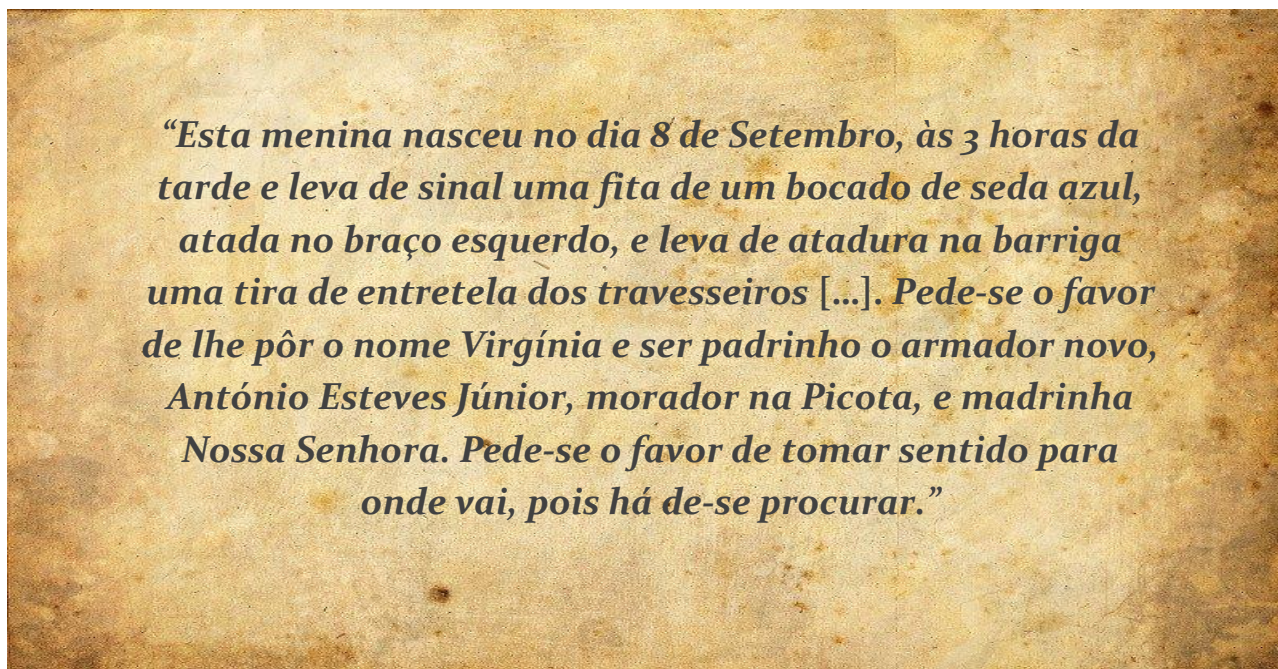
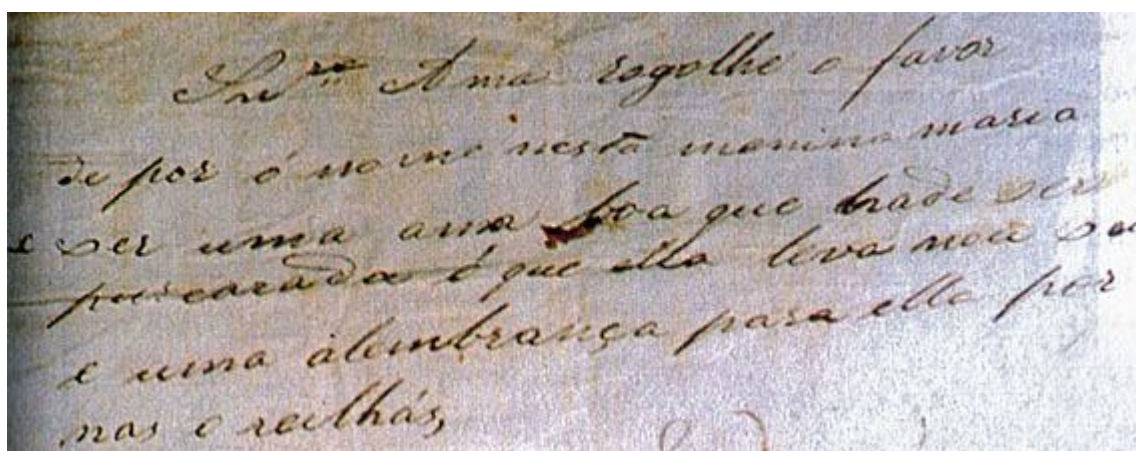


Figura: Bilhete encontrado na roda de Viana do Castelo, na madrugada do dia 9 de setembro de 1857.

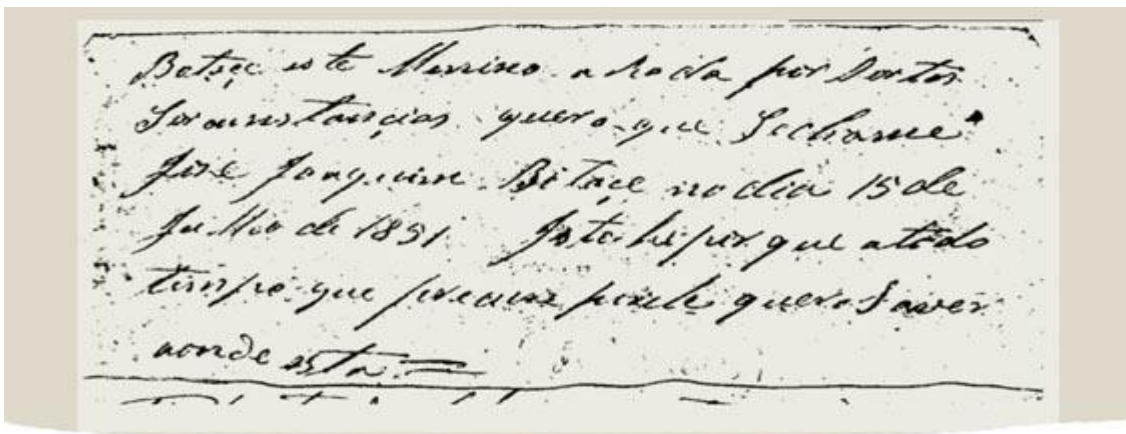
Em Évora, deixaram este bilhete de recomendação:



“Snra. Anna rogo-lhe o favor de por o nome nesta menina Maria e ser uma ama boa que hade* (*há de) ser procurada o que ela leva [?] é uma alembração para ella por nas orelhas.”

A saudade da mãe começava no momento da exposição, como se vê no bilhete deixado na roda de Vila Nova da Cerveira:

⁴³ Os bilhetes que compõem este trecho foram acessados em <https://sumidoiro.wordpress.com/2012/12/01/o-nome-do-pai/>, em 12 de janeiro de 2017.



“Botaçe* (*Bota-se) este Menino a Roda por sertas sercunstançias, quero que se chame Joze Joaquim. Botaçe no dia 15 de Junho de 1851. Isto he por que a todo tempo que precisar por ele quero saver* (*saber) aonde está.”

Mulheres de todas as idades, por vezes muito jovens, são as que sobrevivem quando a criança e/ou adolescente é encaminhado para acolhimento. É ela que precisa migrar de serviço em serviço, de atendimento em atendimento, para que possa, quem sabe, ter seus filhos de volta. O caminho não é fácil. O atravessador pobreza encontra-se na grande maioria das situações.

Muitas adjetivações são postas em jogo: relapsa, negligente, incompetente, desorganizada, desestruturada, doente, viciada, pouco maternal, etc. Um processo de desqualificar o cuidado possível por esta mulher/família. O que escreveriam as mães que encontrei pelo caminho do acolhimento?

Nota: enquanto escrevo e reescrevo a dissertação, me pego pensando: e se as mulheres, mães das crianças pudessem escrever ao juiz. O que diriam? Como escreveriam sobre sua situação? Quais práticas de cuidado são possíveis de serem inventadas por famílias tidas como de/em risco? Um exercício de imaginação, misturado com as memórias das entrevistas realizadas com muitas mulheres que se encontram na situação *mãe negligente*. Inventam-se possibilidades de contato. E se fosse possível o contato com o juiz para além de audiências e documentos formais? O que é possível quando passam a conversar mãe e juiz? As cartas que seguem foram escritas a partir dos encontros com algumas mulheres-mães e o como estes ressoaram no corpo da pesquisadora. Narrativas surgem em um exercício de inventar vidas...

Eu só queria ter meus filhos comigo

Seu Juiz

Venho com todo respeito pedir para o senhor interceder pela minha família. Meus filhos! Preciso deles comigo. Não sei se o senhor tem filho ou não, mas precisa entender que é impossível viver sem eles.

Sei que não sou perfeita. Não aprendi a ser mãe direito, minha mãe era uma mulher muito triste e nos criou sozinha. Trabalhava de sol a sol e a gente foi se criando, uns cuidando dos outros. Eu aprendi a cuidar dos filhos assim. Eu e os meus irmãos nos criamos, estamos todos adultos. Agora, com as minhas, vejo aquelas mulheres dizendo que eu era isso, que eu era aquilo, que eu não cuidava dos meninos. No papel que tem seu nome seu Juiz, diz que eu sou negligente. Não entendi o que o significa. As menina tinham comida, casa, até o gato da NET eu consegui comprar pra elas ficarem em casa. Não sei o que mais fazer. A psicóloga me disse que eu tinha que trabalhar menos, que eu precisava mudar meu horário lá no trabalho.

Parece que a culpa toda é minha. Me disseram que eu deixava muito as crianças sozinhas, que elas não podem ficar tanto sozinhas, que eu estava sendo negligente com ela. Eu não sei bem direito o que é ser negligente. Falaram também num negócio de desestruturação de poder familiar. A psicóloga me explicou, mas não eu sei muito o que é isso. Mas imagino que é grave. O senhor desculpa os meu erro de escrever, mas é que a gente não conseguiu ir muito na escola. Foi pouco e a gente teve que ir trabalhar cedo. Era 10 irmãos e só a mãe pra dar conta. O pai morreu cedo.

As cartas escritas importam não só pelo que dizem; importam no que interrogam, na barulhenta polifonia de discursos que comportam em sua aparente unidade. (KNIJNIK, 2016, p. 71)

O senhor deve de ter um monte de coisa pra ler e se preocupar. Mas pensa nas minhas gurias lá no abrigo. Li no jornal que o abrigo é ruim, que tem gente que bate nas crianças, que faz até coisa pior. Meus nervo estão à flor da pele. Pensa o senhor, que eu não consigo mais comer e dormir direito. Essas mulher do CREAS não entende, ficam fugando na vida dos outros. Eu não entendo porque só eu tô tendo que passar por isso. As criança da vizinha passam o dia na rua, de casa em casa e ninguém faz nada.

Venho escrever, Seu juiz, para pedir para o senhor um pouco de misericórdia. Eu sinto que vou morrer sem as crianças perto. O senhor pensa que toda a semana eu tenho que pegar duas hora de ônibus para ver eles. O domingo passa voando. A pequena chora dia e noite.

Eles iam na escola, eu sei que eu tenho que cuidar mais. Que a mais velha matava umas aulas e me dizia que ia sempre pro colégio. Ser mãe sozinha é muito difícil. Às vezes tu acha que as crianças estão se comportando, mas não são. Os parente moram longe, eu vivo sozinha, dependo só de mim pra tudo. Reclamaram que eu não levava nas consulta do posto. Eu sei que fiz errado, mas eu tinha medo de perder o trabalho. Como eu ia pagar as coisas pras crianças? Elas nunca passaram fome nem frio. Eu tô batalhando pra dar uma vida melhor pra elas. E me disseram que eu coloco elas em risco. Que não posso deixar as mais velhas cuidando da pequena, que tenho que ir nos atendimentos tudo. Parece que essa gente nunca trabalhou. O senhor desculpa o atrevimento, mas parece que esse povo não conhece patrão. O patrão não aceita direito nem os atestado do médico, imagina os que não são de médico!

Eu amo as minhas crianças, eu sei que errei, mas eu não entendo o que querem mais. Dizem que eu tenho que pensar na proteção e no cuidado das meninas. Como se eu não protegesse as meninas!!!! Parece que o que essas mulheres pensam que é proteger é diferente do que eu. Eu tava ensinando as mais velha a ter responsabilidade, cuidar de criança, da casa, saber fazer as coisas. E

me disseram que isso era trabalho infantil, a tal da negligência. Minha casa é simples, tô juntando dinheiro pra gente fazer o banheiro, mas é tudo bem limpo, eu garanto pro senhor. Falaram que sem banheiro as crianças não podem voltar. Disseram que eu tenho que fazer tudo o que me mandam. Mas eu não consegui coragem de pedir pra mudar o horário do trabalho, tenho medo que o patrão me demita. Se isso acontecer, vou ficar sem dinheiro nenhum. O pai das meninas não ajuda em nada. Só atrapalhou a minha vida. Por causa dele que as pessoas acham que não cuida bem das minhas filhas.

Eu amo as minhas meninas, e um ano no abrigo é muito tempo. Me disseram que iam entregar a minha carta pro senhor. Não sei escrever direito, mas eu queria dizer o quanto quero as meninas de volta.

Eu não aguento mais correr de um lado pro outro, que nem barata tonta. Uma pessoa diz que é para eu ir no advogado, a outra me diz que tenho que ir no atendimento, a outra fala que eu tô fazendo pouco. Já fui no CRAS, no CREAS, no abrigo, na defensoria, no fórum, já falei com psicóloga, assistente social, advogado. Já não sei quem é quem nessa história. E ninguém me diz ao certo o que fazer pra ter as crianças de volta. A gente é pobre, Seu Juiz, mas é trabalhadora e mãe.

Muito obrigada por aceitar a minha carta.



Oi Bruna!

Sim, estou bem! Espero que esteja tudo certo contigo!

Primeiramente, obrigada pelo retorno sobre a minha monografia. Mas tu sabes que fizeste parte dela, não é? O mérito é todo da nossa parceria! Sabes que sempre que eu falo sobre a minha experiência de trabalho no serviço de acolhimento institucional, eu falo da experiência de ter estado em contato tanto com as crianças/adolescentes quanto com os trabalhadores daquele lugar.

Acho que esta foi a principal experiência! Tive a oportunidade de estar ao lado de ambos no NAR e no NAF e acho que isto me livrou de algumas durezas que presenciávamos com tanta frequência por lá. Rótulos, diagnósticos, sentenças de vida, aprisionamentos, que eu tanto precisei falar e escrever naquele momento. Claro, naquele momento, era o tempo de sentir, e senti mesmo tudo intensamente.

Hoje, de forma mais clara, o laço me interessa mais. O cuidado, penso, se dava ali, no laço. No entre. De um lado trabalhador (seja o/a cuidador/a, o/a cozinheiro/a, o/a educador/a físico/a, o/a motorista, o/a pedagogo/a, o/a diretor/a, o/a psicóloga... enfim) e de outro lado a criança/adolescente... mas em lados que se ligam, na oferta e no recebimento, de práticas de cuidado cotidianas. Não em uma via somente, mas enlaçado. Acho que no cotidiano de lá (de dentro), isto era pouco olhado, observado e cuidado. Da mesma forma, o “lá de dentro”, continuava sempre tão apartado do “aqui de fora”, como se fossem dois mundos completamente diferentes e opostos.

Em relação à psicologia, na experiência de estar com os trabalhadores no atendimento funcional, por exemplo, a abertura ou a chance que tive de observar e compreender que havia mais, que era preciso ampliar, expandir, aumentar, libertar modos de ser, viver,

trabalhar, cuidar, pude ver que (cuidar a dor) não é somente a dor do outro, é também a própria dor, enlaçada na do outro.

Minha primeira imagem quando penso no NAR é estar andando pela rua, tentando encontrar o local, e por muitos e muitos metros apenas ver árvores, como uma mata fechada, sem jamais imaginar que ali dentro havia quase 100 crianças/adolescentes morando, muitos trabalhadores, vidas... A dor de lembrar disto ainda está aqui, mesmo eu não estando mais lá... E foi sobre isto que tanto precisei escrever... Desta não oposição entre dentro/fora, entre quem cuida e quem é cuidado (em se tratando de práticas e não dos lugares marcados, que obviamente existem).

Enfim, nesta experiência de trabalho, ganhei um outro sentimento que se expressava assim: *e se fosse diferente?* Acredito que esta frase resumia muita coisa, muitos outros sentimentos em estar ali, me trazia força e esperança. Acho que as práticas de cuidado naquele cotidiano estavam no laço entre trabalhadores e crianças/adolescentes e talvez, naquele momento, eu não conseguisse perceber que todos ali cuidassem desse encontro, que olhassem para isto também.

Um abraço carinhoso, Camila



Quem cuida das famílias?

De: alguém que se interessa pelo assunto

Para: ECA

Venho por meio desta questionar algumas questões que vem sendo justificadas em seu nome. Você, pois se trata de um jovem adulto, vem tendo papel fundamental para balizar o trabalho com famílias em situação de vulnerabilidade social. É um risco grande questioná-lo, mas é parte do meu trabalho. Vivemos tempos em que os direitos sociais são vulneráveis, e qualquer legislação que minimamente os garanta e os sustente deve ser por todos protegida. Mas para continuar o processo de pensar acerca da constituição de práticas de cuidado no Acolhimento Institucional de crianças e Adolescentes é preciso colocar algumas questões. Assim, seguem alguns apontamentos que fui fazendo ao longo da pesquisa e ao longo do meu tempo enquanto trabalhadora.

Quem cuida das famílias que chegam aos serviços? E como este cuidado está relacionado às práticas de cuidado que são constituídas no dia-a-dia do acolhimento de crianças e adolescentes? Uma faceta do cuidar que precisa ser explorada... Como protegemos as famílias das violações que os serviços colocam? (Ouvi este questionamento em um evento que fui recentemente)

As famílias que têm suas crianças acolhidas passam por uma série de violações de direito. São empurradas para um campo de trabalho informal, precário e sem maiores perspectivas. A precarização é pano de fundo no cotidiano das mesmas. Serviços que não cumprem sua função, a renda que não é suficiente, o olhar desconfiado e o risco de constantemente de serem rotuladas como fracassadas e não merecedoras. Famílias que precisam provar que são arranjos que prestam o papel de cuidadora para suas crianças (papel este situado em legislações e orientações). Uma linguagem dura, o senhor vai dizer, mas são estes rastros que encontro enquanto leio os documentos que baseiam suas entranhas ou que foram construídos a partir da sua leitura. Como não se assustar?

Caso a família não tenha capacidade de dispensar cuidados adequados à criança ou, mesmo com o apoio apropriado, se recuse a fazê-lo, a abandone ou dela abra mão, o Estado é responsável por assegurar cuidados alternativos adequados, dispensados ou intermediados pelas autoridades locais competentes (ONU, 2009, p.143).

Existe um lugar a ser cumprido, enquanto cuidadora, para propiciar um cuidado adequado ao bom desenvolvimento da criança. Nas mesmas diretrizes citadas acima, o cuidado vai se consolidando como algo a ser prestado, quase como um serviço. Não questiono a pertinência ou não de se discutir práticas de cuidado que estimulem o desenvolvimento de crianças e adolescentes. Problematizo o modo como este discurso vem se constituindo, fazendo emergir condições de possibilidade para algumas práticas, como por exemplo, a institucionalização em massa de crianças e adolescentes. Assim, como questiono o uso de alguns conceitos e as consequências destes nos trabalhos em políticas públicas.

Existirão situações em que crianças e adolescentes terão que ser acolhidas. Isso não há dúvidas, mas questiono o como procedemos com estas famílias durante o percurso que leva ao acolhimento. A centralidade da Política de Assistência Social, por exemplo, é na família. Mas a centralidade da culpa e responsabilização também é.

Fico pensando até quando iremos ignorar algo que vem sendo timidamente inserido nas legislações e orientações: "cabe ao Estado à responsabilidade de assegurar que as famílias tenham acesso aos meios necessários de apoio em sua função de prestadores de cuidados" (ONU, 2009, p. 142). Não se pode acolher por motivo de pobreza e vulnerabilidade financeira, mas é este um dos principais motivos que geram os acolhimentos atuais. Há uma série de outras nomenclaturas criadas para substituir a questão financeira em documentos e guias de acolhimento: vulnerabilidade, negligência, estar na presença de usuários de drogas, problemas de conduta, etc.

"Toda criança e todo o jovem deve viver em um ambiente que lhes ofereça apoio, proteção e cuidado e que lhes permita desenvolver plenamente seu potencial" (p.142). Concordo com a afirmação, mas coloco em questão qual modelo de família baseia esta orientação. Como este documento define criança e jovem? Como foram construídas as bases de tais afirmações? As práticas protetivas e de cuidado são construções em um determinado campo de possibilidades, assim, não podem ser tomadas enquanto universais, e devem ser pensadas em perspectiva quanto às concepções de sujeito que são embasadas e em que nossas práticas são justificadas.

Com o seu nascimento, algumas pessoas (VECCHIO, 2007) vão afirmar que os filhos e filhas das famílias pobres passam a ter os mesmos direitos dos filhos de famílias mais favorecidas, pelo menos em teoria. Já que sabemos que ter os mesmos direitos não necessariamente quer dizer que o acesso a esses direitos seja totalmente garantido. A contrapartida vem com a necessidade destas famílias adequarem-se às normas estabelecidas pelo estatuto: é preciso ser uma família prestadora de cuidados!

Pois, caro ECA, para podermos pensar acerca de quais práticas de cuidado propomos e estabelecemos para as famílias, é preciso que suspendamos nossos pré-conceitos, para que se possa estabelecer uma reflexão crítica das noções que carregamos em nossas intervenções. O que seria uma infância adequada? Como se constitui um desenvolvimento pleno e harmonioso? Como seria uma família que cumpre sua função protetora? E assim segue...

Lembro-me de uma dissertação que li, cujo título "Onde mora o perigo?" que parece ser pertinente ao nosso diálogo. Por vezes o perigo na intervenção do psicólogo ou do assistente social, mora na boa vontade do voluntário e na presteza do Conselho Tutelar... A pesquisadora quis colocar em análise o conceito de proteção em uma determinada parcela da população, considerada em vulnerabilidade (famílias pobres em uma vila porto-alegrense). No trabalho, não há o interesse em se constituir uma única visão que dê conta de toda a parcela em situação de vulnerabilidade. A

autora pretendeu estar atenta aos elementos que pudessem surpreender a lógica dominante ou o senso comum (VECCHIO, 2007). Assim como deslocar o foco que na maioria das situações encontra-se no que os trabalhadores das políticas públicas entendem como proteção.

Para que o senhor tenha ideia, uma das partes interessantes deste trabalho diz respeito ao como ainda se trabalha com um discurso hegemônico sobre proteção, calcado na influência de leis internacionais, que por sua vez são baseadas em pesquisadas situadas em uma determinada concepção de infância. A autora cita uma série de outros estudiosos que apontam para a necessidade de problematizar a construção dos textos que norteiam as políticas públicas...

Penn (2002) afirma que as políticas públicas voltadas para a infância apoiadas por organizações internacionais baseiam-se em grande medida nos discursos sobre a infância produzidos a partir de pesquisas em Psicologia do Desenvolvimento e Neurofisiologia. O perigo está em que estudos complexos, específicos e 'por vezes pouco cuidadosos' nessas áreas do conhecimento sejam apropriados por profissionais de outras áreas (economia, por exemplo) e em seguida evocados para justificar uma determinada concepção de projetos sociais e de cuidados em relação à infância (VECCHIO, 2007, p.83).

O risco que bate à porta em cada nova intervenção é o de transformar as famílias pobres em inadequadas e, principalmente, em negligentes. As práticas de cuidado com as crianças e adolescentes podem ser fundamentalmente diferentes das que o técnico que acolhe a família está acostumado. E isso não significa que é preciso desqualificar o que se apresenta em atendimento. Há um risco de que 'prendamos' a família ao estigma de eterno problema social, não supondo potência de vida nos sujeitos que chegam para atendimento.

Escrevendo para o senhor lembro-me de uma história que ouvi no ônibus. Uma mãe contava para a companheira de viagem que precisava conseguir carteira assinada, uma casa com aluguel e fazer laqueadura para ter seus filhos de volta. Os mesmos estavam num abrigo há mais de dois anos. Imagino que existam outras nuances nesta história, mas o senhor há de convir que os pré-requisitos exigidos para tal situação extrapolavam o que há inscrito no seu corpo. A preocupação é com o desenvolvimento das crianças e adolescentes, mas parece que não há cuidado em singularizar esta experiência, que passa a ser tomada em termos universalizantes. Há práticas de cuidado que são consideradas inadequadas, a partir da ascensão das noções de cuidado e proteção que permeiam seu trabalho, por exemplo.

Os discursos sobre proteção infantil (sobretudo da infância pobre) ou ainda sobre trabalho infantil são grandes geradores de mobilização social causando comoções e adesões de poderosas instituições nacionais e internacionais. Ao serem consideradas frágeis e incompletas, as crianças se tornam alvo fácil nas relações de poder de modo que não há pressões contrárias quando se fala por elas. Há sim, uma tendência a não escutá-las de forma alguma (VECCHIO, 2007, 127/128).

Em um projeto de intervenção máxima quando se trata de famílias pobres, a construção da criminalização de condutas e comportamentos parece constituir meio de desproteção das famílias que chegam para atendimento nos serviços. Em nome da proteção, do cuidado e do interesse da criança, por vezes há a produção da judicialização da vida familiar, em um movimento de primeiro

acolher para depois pensar em intervenções que minimizem os danos. O cuidado em rede parece complicado e, por vezes, impossível de se pensar, principalmente, quando ainda se está muito pautado no enquadramento, avaliação, e construção de usuários com méritos ou sem méritos. Para uma criança universal, há um desenvolvimento universal, em uma família ideal que presta um cuidado ideal...

Viana (2002) salienta que a internacionalização da ideia da "criança universal" aconteceu por volta dos anos 60. Um personagem que passa a ser foco dos programas, projetos e legislações de proteção, o que ocorre em conjunto com uma ênfase na responsabilização familiar pela educação dos filhos e um aumento da vigilância judiciária em torno da fiscalização da socialização da criança. (SCHUCH, 2009, p.251)

E se a ideia de criança universal e proteção integral encontram-se um certo livro? Como este encontro se comporia? Penso no Manual para fazer das crianças pobres churrasco, de Jonatan Swift (1729/2006). Penso que a situação seria embaraçosa. Muito de domesticação e controle já se propôs em seu nome, da senhora Proteção visando uma ideia de "criança universal". Em um exercício mordaz de crítica, o autor descreve a seguinte ideia:

Uma Pessoa de muito valor, um verdadeiro Amante de seu País e cujas Virtudes muito estimo, recentemente, discutindo esta questão, deleitou-se ao oferecer um refinamento ao meu Projeto. Ele disse que muitos Cavalheiros neste Reino, tendo ultimamente dizimado seus Veados, imaginou que a Procura por esta Carne de Caça poderia bem ser suprida pelos Corpos de jovens Rapazes e Moças, com não mais de catorze anos, nem menos de doze. Grande é o Número, de ambos os Sexos, em todos os Países estando agora a ponto de Morrer de Fome, por falta de Trabalho e deles se livrariam seus País, se vivos, ou então seus Parentes mais próximos Mas com o devido respeito a tão excelente amigo e tão meritório Patriota, não posso concordar totalmente com sua Visão, porque quanto aos Machos, meu conhecido americano assegurou-me com vasta experiência que sua carne é normalmente Dura e Magra, tal como a de nossos Escolares devido ao exercício e seu gosto desagradável. Engordá-los não resolveria a Questão. Quanto às Fêmeas, acredito humildemente que seriam uma perda para o Público, porque elas em breve se tornariam Parideiras. Além disso, não é improvável que algumas Pessoas escrupulosas pudessem Censurar tal Prática (embora muito injustamente) de beirar um pouco a Crueldade [...]. (p.51/52)

Imagina se essa moda de churrasco pega? O senhor vai-me dizer que certas variantes desta situação estão em voga nos tempos atuais, vide o elevado número de mortes de crianças e adolescentes pobres em situações envolvendo violência policial. Enfim, torço por dias melhores para o senhor.

Atenciosamente,

Alguém que se interessa pelo assunto



O dia em que o Senhor W. encontrou-se com Tecelina

Caro Senhor W.

Cá estou eu novamente lhe importunando. Devem estar chatos meus pedidos de desculpas e enrolações. Escrevo-lhe sobre uma pessoa com quem encontrei. Em busca de pistas do que seria a tal de literatura/língua menor encontro Tecelina⁴⁴. Foi na tese de doutorado da professora Betina⁴⁵, muito bem recomendada por sinal. Deixo passar de início. Não percebo da importância da referida senhora para nossa correspondência. Só me dei de conta relendo “O narrador”. Por sinal, que texto mais maravilhoso. Tirando o fato de que nunca tinha ouvido falar do Leskov, tudo de ótimo este texto.

Preciso focar, recaio nas amenidades com muita facilidade. Preciso ser mais concisa alguns me dizem. Dona Tecelina é daquele tipo narrado no seu texto: artesã profissional, a sujeita tece do avesso. Tecelina vem de uma família de tecedeiras... Mas, como aprendeu com seus pais, tece do avesso. A experiência que passa de pessoa a pessoa e que é fonte da qual bebem os narradores, o senhor afirma no seu texto. Pois bem, Tecelina parece desta parcela da população. Tece usando pedacinhos que sobravam de outros romances e peças, juntando com pedacinhos que ela achava (SOUZA, 2007). "O narrador retira da sua experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes" (BENJAMIN, 1987b, p.201).

Tenha paciência comigo, pois ainda preciso recorrer a essas citações literais. Tome como prova de respeito a sua obra. Dialogar com quem lemos nos livros, não é tarefa fácil. O professor Merhy, sujeito interessante, em uma de suas aulas disse que com as citações temos dois caminhos: inventar a partir delas ou

⁴⁴Tecelina, livro de Gláucia de Souza (2007), Editora Projecto. Sinopse: Tecelina tece manta, tece roupas e tece também histórias. Ela aprendeu a tecer com a mãe, que aprendeu com a avó, que aprendeu com a bisavó... Só que a Tecelina aprendeu a tecer 'do avesso', e isso faz com que ela tenha muitas histórias para contar. 'Tecelina' é uma narrativa com ares de poema, com ilustrações cheias de movimento e brincadeiras.

⁴⁵ Tese de Doutorado Betina Hillesheim: "Entre a literatura e o infantil: uma infância", 2006.

aderir à ideia que elas carregam. Mas enfim, voltando ao que gostaria de lhe contar.

Dona Tecelina parece se encaixar no cargo o qual o senhor colocou como em extinção no texto que citei acima. Vamos aos fatos:

- Dona Tecelina pouco ou quase nunca se preocupa com explicações. Diz que essas são sem-graça, e não deixam espaço para tecermos nossas ideias. Falando do seu tempo, o senhor nos diz que sua geração é pobre em fatos surpreendentes. Um parêntese: (fico imaginando o que achas do meu tempo, do tempo do *facebook* e esses aparatos tecnológicos).

- Conta histórias que deixam o sujeito-leitor livre para interpretar como quiser. O senhor mesmo diz que o ápice da narrativa é a abertura, ter um final que provoque múltiplas continuações e que não necessariamente fosse verificável pela experiência.

- Para a tecelagem de Dona Tecelina funcionar ela precisa de pessoas boas de ouvir. Espécie em extinção no mundo de hoje! Ouidores precisam ser treinados, já diz um sujeito chamado Rubem Alves que oferece um curso de Escutatória. Como o senhor diz, é preciso de uma comunidade de ouvintes para que a arte de narrar não morra à míngua.

- Dona Tecelina tece, destece e retece. Se ela fosse afeita a livros, iria dizer que ela andou lendo os seus. Ou que o senhor leu o da Glaucia sobre a história de Tecelina. "Contar histórias sempre foi a arte de contar e de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas" (BENJAMIN, 1987a, p.205). Tecer e ouvir histórias faz par na construção da arte de narrar. A narrativa floresceu no meio artesão, o senhor afirma. Constituindo-se assim numa forma artesanal de comunicação. É preciosa essa sua frase. Outro parêntese: (Vou dizer que se dona Tecelina não fosse meio que apaixonada por certo chinês, creio que vocês fariam um belo par).

- Dona Tecelina exerce trabalho manual, herdado de sua família. Outro destaque que o senhor pontua quando fala da sobrevivência das narrativas, sua ligação com o manual, com o ritmo de trabalho, com a rede em que se guarda o ato de narrar.

O que foi tecido é presente! [...] O que foi tecido é passado! [...] Foi então que eu vi o que era tecer em pedacinhos: era voltar e retercer, era pular pedaços, era contar os pontos e as palavras, e depois pular de propósito para poder recontar (SOUZA, p. 21, 2007).

Fico lembrando que talvez outro sujeito com o qual o senhor iria ter um bom encontro seria com Deleuze. Se lhe interessar, trato deste senhor em outra carta. Seguimos com Dona Tecelina: se imprime na narrativa a marca do narrador, o senhor afirma. Tecer e viver são sinônimos na família de Tecelina, não há um sem

As situações narradas (dos abrigos, de cuidado, de vida) são feitas de fragmentos; novas possibilidades surgem na sua montagem e desmontagem; não se pretendem definitivos; sua fragmentação perturba desejos de totalização e pretensa neutralidade.

outro: tecer, retercer, destecer... Recontar - creio que é o que faça das narrativas, uma obra artesanal. Glaucia, que foi contando a história de Tecelina de pouco em pouco, em um vai e vem, diz ao final do livro, que com o tempo, quase ninguém mais vai visitar Tecelina, mesmo quando ela faz chá. Duas são as hipóteses de Glaucia: ou as pessoas não gostam de chá, ou não têm tempo de sentar e ouvir histórias repetidas. O que aprendi com o senhor me faz suspeitar da segunda hipótese.

Ouvir é arte que se aprende, assim como tecer e narrar. Tecelina aprendeu a tecer com Tude e Tício, que aprenderam com muita gente (p.32)... As melhores histórias não são as que podem ser abreviadas, é preciso espaço e tempo para que a narrativa se construa, ganhe força e seja passada a adiante em uma nova versão: o que foi tecido é presente! Diziam as mulheres antes de Tecelina. O que foi tecido é passado! Dizia Dona Tude, mãe de Tecelina. Modos de contar um passado, onde não é necessário preocupar-se com encadeamento exato dos

fatos, apenas com a maneira da inserção dos mesmos no fluxo das coisas (BENJAMIN, 1987b).

Neste texto sobre narrador, o senhor é bastante generoso sobre a relação entre memória e narrativa. Mas o que me chama a atenção é o fato de que neste contexto de narrativas, experiência e memória, a potência está na possibilidade de construção de redes, em um encadeamento de histórias, marcada pela lembrança de fatos difusos, sem o *a priori* de um fim (como no romance). E o que aconteceu depois? - pergunta plenamente justificada... Assim, sigo escrevendo esta dissertação.

Não fiques bravo com as brincadeiras e com as citações a seus próprios textos. Estas últimas são sinal de respeito por sua obra.

Abraços, Bruna

PS: caso o senhor queria encontrar Dona Tecelina, me avise.



Eu não sei bem o que lhe escrever. Vou pedir desculpa. Não sei escrever muito bem. Tu falou que a gente podia escrever. Eu resolvi escrever mesmo. Tem coisa que eu queria contar. Não se vai ajuda nesse negócio de pesquisa.

Eu nem sei bem se eu entendi bem o que é uma pesquisa. Só vi que tu quer saber como cuida no abrigo. Como cuida de criança? Eu só sei que deve a vida ao abrigo...

Se não fosse esse trabalho, eu não sei o que ia ser da minha vida. Da minha vida o abrigo já faz parte. Eu queria ter tido um lugar desses quando eu era criança. Ah, acho que as coisas iam ser diferentes. Eu não ia sofrer tanto na vida. Aqui, as pessoas cuidam bem, viu. E eu faço o que posso. Ajudo com o que sei fazer. Arrumo tudo da melhor forma, viu. É assim que eu posso ajudar... Não sei se tu entendi.

Antes eu tive um emprego, mas era diferente. Lá eu só ia. Aqui eu gosto, parece que eu ajudo também essas crianças. Dá um aperto quando elas vão embora. Até os terrível! Esses dias, eu chorei... Lá fora, a gente não sabe se vão sofrer... Tadinha dos bichinhos.

A vida foi dura, sabe. Eu queria ter tido um abrigo pra me proteger. Eu caí no crime de menina. Eu não lembro bem a minha idade. Fui parar lá na Felém. Fiquei lá até os 18 anos. Foi muito ruim. Depois fui de novo, mas já era mais velha. Tô sofrendo até agora. Tô cumprindo com as minhas obrigações. Um dia eu vou ter os meus de volta. Vou juntar todos. É meu sonho. É trabalhar aqui, vendo essas crianças aqui, é triste e feliz. Eu lembro

dos meus. Eu rezo por eles. Eles não vão ter a mesma vida que eu. Tu vai ver. Eu queria que alguém tivesse me ajudado antes. É bem triste isso. A gente não ter melhores filhos. Mas é a vida, né? A vida as vezes é triste. Eu choro... É triste ver os filhos e eles não ficarem com a gente.

Aqui no abrigo, eles são bem cuidados, viu! Essas crianças tiveram mais uma chance. Eu queria ter sido acolhida. Já sei diferente, eu acho. Mas fazer o que, né? É a vida.

Espero que essa minha carta tenha te ajudado.

Boa sorte! S.



Quem veio para ficar? Quem está por passar?

Hermes, Deus da Eloquência. Será?

Hermes fala, fala muito. Para tudo e qualquer coisa ele tem um argumento ou história para contar. Por vezes enrola-se nas próprias histórias e palavras. Por vezes é pego na mentira.

Quando o conheci estava contando uma longa história para um educador. Hermes tinha chegado fora do horário na noite anterior. Sua história envolvia perder-se, chegar fora do horário e pedir ajuda em um ônibus para voltar. Uma história confusa se formava. O educador, assim como os que passavam, questionava a veracidade dos fatos. Era interrogado sobre o fato de não ter ligado para alguém do abrigo. Hermes falava rápido, parecia que tinha pressa em acabar com o breve interrogatório. Em outro momento, vi Hermes preocupado com os pelos no corpo. Queria saber se teria como depilar os pelos. Envolveu muitas pessoas em seu dilema. Vários educadores, que iam e vinham, entraram na conversa. Alguns riam dos argumentos de Hermes, outras o apoiavam. Hermes falava com entusiasmo das gurias e de como é nojento pelos. Fala dos maus cheiros que provocam e de como precisava se depilar. De pelos para cabelos foi o passo seguinte na conversa. As risadas diziam respeito a um trio que tinha chegado há pouco. O cabelo amarelo de alguém estava em pauta, assim como o novo penteado de outro jovem.

Hermes parece o deus das conversas cotidianas, seu dom é o de agregar pessoas a sua volta. Por vezes transforma-se no deus da confusão, vive encrencado quanto aos assuntos ditos banais: banho em horário predeterminado, chegada em horário previamente estabelecido, saídas não previstas, apropriações indevidas. É preciso jogo de cintura para ajudá-lo no processo de acolhimento.

Muito educado, Hermes cumprimenta quem chega com intimidade. O motivo de ele estar no abrigo nunca surgiu como questão no processo da pesquisa. Aliás, fato interessante: pouco foi abordado tal questão pela pesquisadora, seja com os adultos como com as crianças e adolescentes. O cotidiano ocupa mais espaço, assim como as coisas com aparente pouca valia. O tempo das observações era muito ocupado com sessões de sucos de pato e sorvete, injeções e choros, brincadeiras de boneca e comidinha. Hermes parece reinar (nos muitos sentidos da palavra) há muito tempo. Rainha imponente, por vezes se atrapalha... Deus da agregação, soma a preocupação das pessoas ao seu entorno: *o que será deste guri quando fizer 18?*. Hermes parece ser daqueles que vão e vem...

Zeus caiu em combate...

É final de domingo e recebo o telefonema: Zeus está morto! Entrou em território indevido, não pagou suas dívidas. Suspeitam que sofreu as consequências de uma guerra que não era sua: brigas do tio com outro traficante, demarcações de território. Zeus errou o deslocamento e o trajeto cobrou o seu preço.

Um telefonema esperado, por muitos, previsto. A ansiedade dos adultos era quanto certo destino iria se concretizar... Poucas possibilidades se previam para Zeus... Para um deus, o jovem trilhava caminhos desenhados muitas vezes, por outros. É duro, Zeus é deus jovem, um tanto quanto imprudente, rezava a lenda que era imortal. Um deus *chorão* e *reclamão*, *bom de boca*, era *amansado* com comida: o tempo de espera nas muitas internações era preenchido pensando em comidas... E como era internado! Em uma das vezes, inspirado em certo imperador, colocou fogo em uma sala na clínica psiquiátrica. Ficou famoso por este episódio que era contado com o *status* de lenda urbana. Sobrevivera a muitas coisas, mas sucumbiu ao destino. Morreu como previra o oráculo: *morrerá quem nem o pai!*

Alguns dirão: *antes tarde do que nunca!* Quando parto para o enterro, lembro-me da última cena do documentário *Ônibus 174* de José Padilha, em que a tia de Sandro acompanha sozinha o enterro do sobrinho. Zeus foi jogado de um lado para outro, após a morte do pai. Diferentemente do Zeus mitológico, este sucumbiu... A imagem que fica de Zeus é ele fazendo listas de compra na internação: *o creme tem que ser Dove, viu?*

Afrodite...

Jovem e bela, Afrodite arrebatava corações. Misteriosa, por elas muitos e muitas são apaixonados. Afrodite é livre (ou deveria ser), a manifestação de sua sexualidade cobra um preço: o preconceito dos outros. *Olha o tamanho do short! Vai sair assim? Tu tem que te preservar! Assim vai ficar mal falada! Não é coisa de guria decente isso!* Nem falaremos dos funks que Afrodite escuta. Estes causam problemas com os adultos que cuidam da jovem deusa. Não há um dia que o comportamento dela não seja colocado em suspeita. Em um dos dias mais complicados, a jovem foi enviada a uma delegacia da criança e do adolescente após ser recolhida em um baile funk próximo a casa de sua família.

Afrodite sofre com o julgamento alheio. Um dos motivos de ter ido parar no abrigo. Em conversa sobre Afrodite, alguém diz: *tu vê, né! Foi vista beijando uma garota na esquina da escola, quanto fazíamos a atividade na rua!* O tom da constatação é pejorativo, reforçando que o lugar de Afrodite era no abrigo. Afrodite envolvia-se em

situações em que facilmente saía machucada. Muito cedo conheceu formas de violência complicadas: a violência sexual e a violência contra a mulher. Amar de forma intensa é seu problema.

Atenas...

Gostar de brigas é o lema de Atenas. Brigas físicas e batalhas verbais. Não gosta de perder. Quando os argumentos verbais se esgotam, sai batendo os pés, furando o terreno pelo qual passa (o chão treme com suas passadas firmes). As portas, por vezes não sobrevivem à força de suas batidas. Intempestiva, irrita-se com facilidade, assim como se arrepende com a mesma facilidade... Deusa da inteligência, por vezes perde o foco por sua impulsividade que parece ser do tamanho do mundo. Atenas tem muitas devotas, que a seguem em seus momentos de maior impulsividade. Juntas, elas são quase impossíveis. Não há o que as acalme. Sua força coletiva é impressionante. Reordenam espaços e para apaziguar as batalhas é preciso esforço coletivo. Os adultos precisam usar das estratégias mais variadas possíveis, a lei da argumentação impera. Para enfrentar Atenas e suas aliadas é preciso saber que o uso da força é de pouca ajuda.

Hécate

Hécate é deusa dos caminhos e seu poder de olhar para três direções ao mesmo tempo sugere que algo no passado pode interferir no presente e prejudicar planos futuros. O que carrega Hécate? Uma mochila, um par de tênis, muitas calcinhas, dois sutiãs, meias (de muitos tipos e cores), um pote de shampo, um de condicionador, o perfume, uma escova de cabelo, duas camisetas, uma calça, um pijama, estojo de maquiagens, o carregador do celular, um moletom, um guarda-chuva, e pressa...

Pressa para sair dali, pressa para colocar tudo na mochila. Pressa para iniciar o final de semana. É dia de sair para Visita Domiciliar. Dia de ir para casa. *Mas em casa, dá vontade de voltar*, diz para a educadora. E no abrigo, dá vontade de ir para casa. Quem escuta apressadamente pensa: *bem coisa de adolescente! Nunca sabe o que quer!* O apressado profere: *não valoriza o que tem!* A fama de encrenqueira da jovem é maior que sua mochila.

As coisas parecem que ganham vida, se multiplicam e não querem ir embora. Não cabem na mochila que cada vez parece menor. Da mochila para caixa, há um caminho a percorrer. Traduzindo: primeiro os pertences ficam nas bolsas e malas que o sujeito traz consigo na hora da chegada ao abrigo e com o tempo vai ganhando espaço na organização da casa. Todo um processo, que em uma Casa de Passagem ganha velocidades diferentes.

Quem chega, dorme na sala. A progressão para os quartos vai se dando conforme a agilidade ou não das transferências e a constituição do grupo naquele momento. Quem chega, precisa conquistar: espaço, respeito, confiança. Hécate ouve os conselhos da educadora quanto ao final de semana, recebe ajuda com seus pertences. A mochila com o zíper prestes a estourar vai recebendo as roupas que a educadora dobra e alcança para a jovem. Os caminhos são o poder de Hécate...

"Vai entrar! Tem que entrar!". Já não sei quem fala: a adolescente sobre sua mochila ou conselho tutelar e juiz sobre crianças e adolescentes no acolhimento? A mochila da adolescente e o abrigo parecem muito. Tem sempre alguém querendo colocar mais do que comporta, mais do que deveria.

_____ : **Deus da Dúvida:** Por que vim para o abrigo? Cadê minha mãe? O que eu levo junto? O mesmo pergunta: o que carrega o sujeito que é buscado no serviço de convivência? O que carrega o sujeito que chega direto do Conselho Tutelar? O que carrega o sujeito que é buscado direto na escola? O que carrega o sujeito que é mandado para um campo de concentração? O que carrega um sujeito que é mandado para um campo de trabalho forçado? As histórias, as épocas, os personagens se confundem e confundem _____ vive em um meio onde sujeitos que carregam consigo tudo o que tem. Guardar é luxo, assim tudo parece ser precioso e ao mesmo tempo descartável. Um sujeito de passagem, uma mala. O jovem Deus da dúvida abre passagem para uma série de questionamentos. Irrita de tanto repetir... Pergunta até multiplicar as perguntas... Por quê? Por quê? Por quê? Como isso ficou assim? Segue ele irritando a todos a sua volta...

Comendo uma maçã ele observa um saco de lixo no canto da sala: quem veio ou quem vai?

PS: "Nossas crianças precisam ser cuidadas!" alguém diz na televisão, enquanto digito apressadamente uma dissertação.

Fui enfeitada pelo jovem deus *duvidoso*: que crianças? O que é cuidar? Como cuidamos das famílias dessas crianças? Como cuidamos das políticas públicas? Desde quando cuidado virou isso que falam? De crianças e adolescentes falamos? Porque o desejo de mandar todo mundo para a adoção? Crianças em risco... Crianças de risco... Risco para as crianças... "*Precisamos reduzir o risco*", alguém diz na televisão que permanece ligada. Riscos? De quem? Para quem?

Lembro-me da mochila da jovem deusa. É preciso fazer caber. É preciso levar tudo o que se tem consigo. Um adolescente que chega para o acolhimento carrega muito mais do que seus pertences. O risco é uma caixa que é preciso ser carregada junto. Ele está em risco? Ou coloca os outros em risco? Carrega o risco, os fatores de risco, e uma bagagem que vai além do material. Carrega o estigma de uma família "fracassada". Alguém não foi capaz! Uma responsabilidade individualizada! Mais um objeto que não cabe na mochila. O zíper da mochila ameaça abrir com o peso dos objetos. A adolescente se impacienta. É preciso levar tudo junto, inclusive culpa e responsabilidade. A responsabilidade tem que ser de alguém. Ou a mãe ou a/o adolescente as carregam... Há aqueles, que como a educadora com a mochila de Hécate se propõem a acompanhar, estar junto, tentar construir outras possibilidades de caminho...

Carregam o risco: nasceram e cresceram na periferia, foram expostos à violência, família reconstituída, pai ou mãe usuário de drogas, conhecem ou convivem com pessoas que usam drogas ou estão presas, defasagem escolar, vítima de algum tipo de violência, negros, pobres, ficam sozinhos em casa, mãe trabalha fora, baixa escolaridade dos pais, inserção dos pais e/ou responsáveis no mercado de trabalho informal, etc... Comportamentos e situações por muitos colocados como marcadores de risco. Risco para quem? Risco de quem? Alguém carrega a culpa. Ela vai na mochila da adolescente e/ou com a mãe "negligente"?

E se outro alguém levasse a culpa? Um alguém mais adequado e responsável. O apresentador na TV, pergunta o que acontece que todas as 1400 e poucas crianças ainda não foram para a adoção. Ele não prestou atenção no que disse a promotora: no ano passado, haviam 189 crianças aptas para adoção em Porto Alegre. E o resto? Como foram parar no abrigo? Como se constituem as conjunturas que as mantêm no abrigo? Como cuidamos dessas famílias? Como se coloca em prática a política de Acolhimento em Porto Alegre?



De: O jovem da praça do centro

Para: a Psicóloga

Desculpa demorar pra escrever, tô na correria. A senhora continua com essas esquisitices de psicóloga. Não sei onde quer chegar com esse monte de coisa. Só a senhora mesmo! As gurias mandam dizer que estão bem e que estão com saudades da senhora.

Estou bem! Tô juntando reciclado na rua, tá dando uma grana boa, até. Tô morando um pouco com o meu irmão, um pouco na rua, e às vezes com a tia lá na Restinga. Tô me virando! Tava lendo a tua carta e lembrei do Zeus. A senhora tem notícia dele? Aquele guri era doido de pedra!!! Vivia na pedra. Mas era bom de coração.

Lembra daquela vez que ele fugiu porque tava com medo de que ia bater nas tia? O loco fugiu a pé lá pra cidade dele, sem dinheiro nem nada. Caminhou um dia todo de chinelo de dedo... Não sei como não cheirou naquele dia! Bem louco, o cara! Mas pensa, não conheço outro que ia fazer isso pra não bater em educador. Era mais fácil meter a porrada e ir pra internação. O que é mais 21 dias pra quem já foi internado várias vezes? Falando nisso, minha irmã tá internada de novo. Aquela guria não sossega! Passa mais na clínica do que em casa. Nessa última pegou uns pedaços de vidro e disse que ia se cortar toda. Coitada, vai muito se encrencar ainda. Vou lá visitar ela no domingo. Ela gosta que a gente vá visitar ela. Tenho que comprar uma comida pra levar. É sempre bom, né?

Tá difícil de entender o que a senhora quer dizer dessas narrativas. Tá louco, esses papo de psicólogo... Eu gosto é de conversar. Falar das coisas simples, ouvir um som, observar as pessoas na rua. Vou inventando história para quem passa. Nojo dá, quando as pessoas tratam a gente como invisível. Parece que a gente não existe, que a gente é lixo. Esses dias uma mulher deixou o cachorro mijar nas minhas coisas. Queria matar aquela vagabunda. Mas me segurei... Eu ia pra cima da vaca! Mas já tô muito encrencado com a justiça pra fazer um negócio desse. Não dá mais pra ratear, não. A senhora entende, né? Agora eu tenho 18 e os irmão tão saindo do abrigo.

Se souber alguma notícia de Zeus, escreve aí... Tô curioso pra saber daquele guri. Ele já deve ter saído do abrigo, né? É engraçado que quando a gente sai do abrigo o tempo parece que anda diferente. Antes, parecia que nunca passava, agora parece que faz muito tempo que saí de lá. To meio perdido com isso. Não sei mais dizer quando foi

as coisa lá no abrigo. É muito loco isso. Às vezes acho que to ficando que nem o pai, bem doido...

As gurias também não ajudam. Tu sabe que a Lua foi morar noutro estado? A gente se fala quando eu vou lá na tia. Acho que isso não foi bom pra outra, e por isso que ela tá bem loca querendo se cortar. Ela tá se sentindo sozinha. É a próxima a sair do abrigo. Eu até entendo ela. Não é muito fácil sair do abrigo. Numa hora todo mundo protege a gente. Tem psicóloga, assistente social, diretora pra fazer as coisa pra gente, faz 18, no outro dia é tchau e se vira. Dizem que vão ajudar, mas não entendem que é foda pro cara... Tu tá acostumado com a bolha e depois não tem ninguém por ti. Foi foda sair do abrigo. Eu vivia dizendo que odiava e tal, mas deu medo quando mandaram ir embora. Fiquei muito perdido. Cheirei muito nos primeiros dias. Vivia noutro mundo. Vendi tudo que me deram. Não conta pras tias, tá! Elas vão ficar muito puta se souberem!

Já aconteceu muita coisa comigo. A tia disse que eu pareço um velho de tanto de coisa que já passou comigo. Falando nisso, a senhora nem sabe, achei um livro no lixo seco de uma casa esses dias. Um livro que parece dessas coisas que a senhora fica escrevendo pro cara. Vou cola um pedaço aqui. É de um tal de Jorge Larrosa. Vi nas outras cartas que a senhora bota no cantinho as coisas que os outros escrevem. Vou tentar repetir. Não repara se ficar diferente, tá?

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza da experiência que caracteriza nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (LARROSA, 2015, p.18).

Fiz certo? Lhe ajuda? Se eu entendi certo, tem a ver com as coisa das tal narrativa da senhora, né? Eu concordo com esse homem que escreveu... Não adianta os cara ter um monte de coisa, e não viver as coisas. A vida pode ter me maltratado, mas eu vivi um monte de coisa. Boa e ruim! Por que às vezes não dá pra escolher, né. O que me aconteceu faz parte da minha vida, da minha história. Daria até filme. Os guri também! Dava livro o que aqueles maluco viveram e passaram. A senhora tinha que juntar a gente um dia... Para contar como tá a vida e tal... Talvez eu tenha entendido essa coisa da narrativa ou não. Já não sei mais... Pelo que entendi, a senhora não tá interessada nas explicação, nas informação. De que isso não é experiência.

Às vezes parece que é a senhora que cheira que nem Zeus fazia! Vou dizer... Se eu entendi direito, a senhora quer mostrar no seu trabalho o que passa com as pessoas

que cuidam e são cuidadas no abrigo. A senhora não quer uma explicação de como a coisa acontece. Quem nem jornal, né? No texto do Jorge que falei, ele disse que a informação não é experiência. Aí pensei no jornal, que só explica e informa o que aconteceu... Vou colar de novo, tá... Não falo bem como o cara...

E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência (LARROSA, 2017, p. 18/19).

Esse maluco parece saber das coisas. Fico pensando nas tia que diziam que a gente só ia ter vida se estudasse, se soubesse de um monte de coisa. Elas queriam que a gente fosse que nem os sujeito informado do livro. Muito sabe, pouco sente! Gente que não vive as coisa não sabe de experiência. Fiquei com vontade de conhecer esse Benjamin que ele falou. Parece que fala coisa boa. Falando nisso, tô ouvindo um rap bom (não é nada que nem os funk)! Acho que a senhora ia gostar! Posso passar as letra na próxima carta!

Pra terminar deixo mais uma parte do texto do tal do Jorge...

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2015, p.25).

Até!



Literatura Menor- "Línguas selvagens não podem ser domadas, elas podem apenas ser decepadas."⁴⁶

Ao receber esta, espero que esteja bem. Tenha paciência, que esta será das confusas... O que me pede movimenta medos e inibições de escrita...

“Nós vamos ter que fazer alguma coisa com a sua língua”, eu escutei a elevação raivosa na sua voz. Minha língua retém-se, empurrando pra fora os tufo de algodão, repelindo as brocas, as longas agulhas finas. “Eu nunca tinha visto nada tão forte ou tão resistente”, ele diz. E eu penso, como você doma uma língua selvagem, adestra-a para ficar quieta, como você a refreia e põe sela? Como você faz ela se submeter? “Quem disse que privar um povo de sua língua é menos violento do que guerrear?” (Pinto; Santos; Veras, 2009).

Não creio que estamos lendo os mesmos livros! É muita coincidência. Uma mulher instigante é a Svetlana Aleksievitch⁴⁷, não? Uma autora-ouvido como se autodenomina. Fiz uma série de anotações sobre os dois livros que li. "Como construir perspectivas alternativas sobre a produção de conhecimento sobre a 'história do mundo'? Haverá só uma história ou o mundo está repleto de relatos, frequentemente contraditórios entre si?" (MENESES, 2008, p.01). Svetlana é uma dessas pessoas preocupadas com construir perspectivas outras sobre o mundo. Tanto ao longo de "Vozes de Tchernóbil" quanto em "A guerra não tem rosto de mulher", são outras histórias com as quais a autora está preocupada. O preço: não ter seu livro publicado, ser perseguida por querer "destruir" a história da Segunda Guerra Mundial e o triunfo soviético. Mulheres não podiam ter sua versão contada. O silenciamento foi companheiro de milhares de mulheres por anos. Quando entrevistadas, os maridos e companheiros avisavam que elas não poderiam falar. Aquela, não era a história da guerra. Assim inicio esta nossa carta, divagando um pouco sobre este texto que encontrei sobre domar a língua selvagem e a leitura que estamos realizando, há histórias que não ganham espaço nos livros.

⁴⁶ *Como domar uma língua selvagem- GLORIA ANZALDUÁ, Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, n° 39, p. 297-309, 2009. Traduzido por: Joana Plaza Pinto, Karla Cristina dos Santos, Revisão da Tradução: Viviane Veras.*

⁴⁷ *Svetlana Aleksandrovna Aleksievitch* é escritora e jornalista bielorrussa. Vencedora do Nobel de Literatura de 2015, reconhecida por sua escrita polifônica, sensível ao sofrimento alheio e atenta ao contexto no qual está inserida.

Nesta história de cartas, pesquisa, escrita e cuidado, outras formas de pensar a biografia se fazem necessário. Uma invenção de procedimentos, uma caixa de ferramentas que vai se constituindo com o que pode fazer passar os afetos e dar corpo aos encontros. Assim vou associando: cartografia, narrativas, cartas, biografemas... Na outra carta que lhe enviei, as crianças construíram uma oficina de fabricação de cartas. Outras ferramentas ganham força, escutar é uma delas. Aprender a escutar com outro repertório que não aquele com o qual iniciei este processo.

O senhor já deve estar cansado de me ouvir quanto ao processo de pesquisa. Como me pediu, compartilho um pouco sobre o que seria uma literatura menor. Como eu lhe contei, tenho me arriscado por terras desconhecidas e fico um pouco insegura explorando alguns conceitos. No livro *A guerra não tem rosto de mulher*⁴⁸, ela traz depoimentos que expressam um pouco do que estamos conversando:

"(...) Servi como oficial do correio militar. Vi com meus olhos como as pessoas choravam e beijavam o envelope ao receber uma carta na linha de frente. Muitos tinham parentes que morreram ou que moravam em territórios ocupados pelo inimigo. Esses não podiam escrever. Então escrevíamos cartas da Desconhecida: ' Querido soldado, quem está lhe escrevendo é uma Moça Desconhecida. Como está combatendo o inimigo? Quando você volta com a Vitória? '. Passávamos noites escrevendo... Na guerra, escrevi centenas de cartas como essa..."
Maria Alekséievna Remniova, segundo-subtenente, funcionária do correio (p.218).

Escrevendo-lhe, fico pensando no como a leitura dos livros de Svetlana foram importantes durante o processo de escrita do projeto de dissertação e na inserção no abrigo enquanto pesquisadora. Uma atenção polifônica foi sendo construída... Com Deleuze e Guattari (2015) tenho me questionado: posso tomar as cartas trocadas no abrigo como produção de uma literatura menor? Um medo me toma em me

⁴⁸ No livro *a Guerra não tem rosto de mulher*, a autora entrevista mulheres que serviram ao exército soviético durante a Segunda Guerra Mundial, dando vazão à outra forma de contar os horrores da guerra. Surge com os relatos, uma guerra feminina, desconhecida até então dos livros de história.

aventurar com esses autores. Eles me parecem distantes. Tiram-me o tapete. Parece que não os entendo, ou que me apropriou da forma que preciso e não de como eles explicaram. Os dois afirmam que "uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior" (p.35). E após citam três características: a língua precisa ser afetada de um importante coeficiente de desterritorialização. Tudo nela é político. E tudo tem que tomar um valor coletivo. O gênero epistolar, por vezes pode ser tomado enquanto menor (de menor tamanho), assim como a literatura infantil com a qual a professora Betina trabalhou em sua tese. Mas para os dois autores citados, o menor é dimensionado não como denotando algo inferior, como potência e possibilidade de resistência (HILLESHEIM, 2006).

Sinto a necessidade de retroceder, precisamos conversar um pouco sobre cartas. Tenho lido um novo autor, que escreve sobre escrita. Um filósofo que veio para o Brasil com as confusões (se dá para assim chamar) da Segunda Guerra Mundial, Vilém Flusser é o nome dele. Interessante que no texto sobre cartas, ele fala prioritariamente sobre a solenidade das cartas e a questão do mistério. Tenho que te dizer que ler este texto me remeteu há alguns pontos da minha própria entrega de cartas. E da última remessa que estou organizando. Cartas que além do destinatário, serão lidas pela banca de que fará a avaliação da minha dissertação. Confuso, não?

Faz tempo que venho tentando escrever sobre como as entregas de cartas foram interessantes. E agora, com o texto do Senhor Flusser, esta questão me é mais próxima. Fiz com as cartas, aquilo que me parece um contrassenso: tornei-as pública. Violei o código milenar do gênero epistolar. Rompi com uma parte do mistério. Produzi fendas na caverna do mistério (FLUSSER, 2010). Na sua última correspondência, o senhor me pergunta por que não brinquei com a ideia do carteiro, do porque eu não ter radicalizado com a experiência. Assim, preciso lhe dizer duas coisas: uma, que sou tímida e essa história mais teatral não é muito comigo, e outra, que a correio é muito caro, assim, procedi com as entregas o máximo possível. E com as mais de 200 cartas escritas, parti para uma coleta de amostras, com o mundo

como um mostruário, pensando em Deleuze (2011). O interesse em singularidades, partes notáveis e não totalizáveis. A experiência que sempre escapa... Tornar a língua convulsiva, gaguejar, são demais para sua cabeça, o senhor me diz. Fico feliz que não seja só comigo que estas coisas acontecem. Assim arrisco a pensar a escrita de cartas como enunciação coletiva de um povo menor que encontra expressão no escrito e através dele. Onde isso vai chegar, já não sei...

Mudando e não mudando de assunto, tu me pergunta sobre contar histórias e construir narrativas, sobre como as pessoas fazem uso da língua para colocar em palavras suas experiências. Lembro-me de outro trecho do livro de Svetlana em que a autora afirma: "As pessoas me recebem e narram de formas diferentes. Algumas começam a contar imediatamente, já pelo telefone. [...] Outras postergam o encontro e a conversa por muito tempo(p. 144)". Uma enfermeira-instrutora (no mesmo livro) afirma que é preciso um poeta para contar aquilo que ela não consegue encontrar as palavras, um poeta que nem o Dante.

Tenho conversado com um senhor que por um tempo preocupou-se com a questão da experiência, da narrativa e do narrador: o senhor Walter Benjamin. A Andréia Meinerz, em 2008, escreveu que a crítica deste referia-se a um processo de estreitamento da experiência na modernidade. Estaria em voga uma experiência diminuída, que não mais se pauta no coletivo, na comunidade, na sociedade como um todo. Ela aponta que

A experiência se torna ínfima nas sociedades modernas, onde as pessoas vivem cada uma do seu jeito, atomizadas em seus pequenos mundos, enquadradas nos espaços funcionais da arquitetura contemporânea, ao mesmo tempo em que estão virtualmente conectadas com o mundo via internet (MEINERZ, 2008, p.15).

No ensaio "O narrador", em 1936, o senhor W. aponta a decadência da arte de narrar, afirmando ser uma expressão da pobreza da experiência. O autor afirma que a antiga arte de narração vai sendo gradualmente substituída por outras formas de literatura, como o romance e a informação jornalística. Quanto a esta questão da

experiência, o senhor W se pergunta: "Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas de geração em geração? (p.114)".

É incrível como o livro da Svetlana trata deste silêncio, daquilo que é impossível ser dito sobre algo tão cruel como a guerra, a violência, a fome. O que é possível narrar? O senhor W. afirmou que os combatentes voltavam mais pobres em experiências comunicáveis, pois se tratava de experiências desmoralizadoras. Um italiano, com quem é quase impossível dialogar neste momento, afirma que não é só a grande catástrofe que provoca este silenciamento, mas também o cotidiano (AGAMBEN, 2005). O senhor W relatou que os remanescentes da Primeira Guerra Mundial se viram abandonados em uma paisagem diferente de tudo. Fico imaginando sobre o que ele escreveria se tivesse sobrevivido à Segunda Guerra Mundial. Lembrome de Primo Levi que não se considerada escritor, mas que foi pegando hábito de escritor. O que diria o senhor W. se ele tivesse tido contato com materiais como os relatos que Svetlana faz emergir em seu livro.

Deleuze (um daqueles franceses de quem lhe falei) escreve que a "saúde como literatura, como escrita, consiste em inventar um povo que falta" (2011, p.14). É função fabuladora inventar um povo. O autor aponta a constituição de um povo menor, eternamente menor, tomado em um devir-revolucionário.

Fim último da literatura: pôr em evidência no delírio essa criação de uma saúde, ou essa invenção de um povo, isto é, uma possibilidade de vida. Escrever por este povo que falta... ("por" significa "em intenção de" e não "em lugar de"). (DELEUZE, 2011, p.16)

Penso se há como fazer conversar as ideias que o senhor W aponta em seus trabalhos sobre experiência e narrativas com o conceito de literatura menor. O narrador de Walter parece um sujeito que faria um uso menor da língua maior, a partir desta experiência que pode ser passada de geração em geração. Mas eu posso estar para lá de equivocada. Não sei o que tu pensas sobre isso. Fico pensando no processo de escuta, escrita e visibilidade que a Svetlana produziu no livro sobre as mulheres que combateram na Segunda Guerra. Seria uma literatura menor, penso eu.

O que tu pensas? "Uma literatura menor não segue uma linha reta que vai do conteúdo a expressão- mas começa por enunciar- a palavra não é a da ordem de algo que se vê, mas que se inventa, que antecipa a matéria" (DELEUZE;GUATTARI, 1977 p.28).

E assim, tendo a criar coragem para afirmar as cartas produzidas na pesquisa que tenho feito enquanto uma literatura menor, um agenciamento coletivo, com potencial desterritorializador importante. Requisitos postos por Deleuze e Guattari, no livro Kafka por uma literatura menor. O menor já não qualificando mais certas literaturas, "mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida)" (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p.39). Flerto com um conceito nebuloso para mim. Talvez ao longo das cartas, com a junção das histórias e escritas que foram se compondo a partir de um pedido de pesquisa seja possível perceber a força do que se produziu... Um exercício menor da escrita acadêmica; escrita aproximando-se da oralidade em cartas e não mais capítulos... Nem domar, nem deparar, e sim abrir brechas para a passagem da potência da língua selvagem de trabalhadores, crianças, adolescentes que constroem conhecimento quanto ao cuidado em serviços de abrigo. Em tempos de ocupações e resistência, aproximar a academia das vidas que se constituem a partir de um dispositivo da Política de Assistência Social. Escrevo com figuras que costumam serem objetos de pesquisa, medidos, explicados e avaliados.

Os fragmentos são grãos, "granulações". Selecionar os casos singulares e as cenas menores é mais importante que qualquer consideração de conjunto. (DELEUZE, 2011, p.78)

Fico tímida tentando me aproximar de temas como esse. Creio que precisaremos conversar melhor sobre esta questão. Fico à disposição para realizar maiores pesquisas, pois se tu ficar tão confuso quanto eu estou, precisaremos de outras parcerias de conversa. Como podemos ir abandonando o apego aos conceitos e definições e ir construindo possibilidades com a escrita...

Abraços, Bruna

PS: mande um abraço para tua guria. Imagino o quanto esta troca de faculdade auxiliará vocês...

PS: segue em anexo um rabisco que fiz sobre minha última entrega de cartas no abrigo.

A última remessa para moradores de um Serviço de Acolhimento

É sábado. O sol ganha força. Não está tão quente como os últimos dias, mas ainda é o calor do verão de março. Não entendo porque março é um mês tão quente. Chego ao abrigo, algumas crianças e adolescentes ainda estão dormindo e outras já brincam no pátio. Não reconheço a maioria dos educadores. Isso assusta (em menos de duas semanas uma mudança tão grande). Os pequenos brincam na quadra. A brincadeira precisa caber na sombra que a tabela de basquete produz. A dupla de irmãs comanda a brincadeira. Chego e sento em um dos bancos coloridos no pátio. As crianças me reconhecem. Alguns perguntam: "*e hoje?*" "*Tem carta pra mim?*" Não só os adultos são outros, como outras crianças e adolescentes surgem. É rápido o movimento de passagem. É coisa de dias e o cenário muda (ou seriam as peças que mudam?). Uma casa de passagem que honra o nome. Aos poucos, vou reconhecendo alguns trabalhadores que estavam no interior das casas organizando a rotina. Aos poucos vou distribuindo a última

Reconheceremos o que teremos perdido com a folha de papel chamada "carta": uma das últimas aberturas por meio das quais podíamos ter esperança de reconhecer o outro (FLUSSER, 2010, p. 169).

remessa de cartas para os acolhidos. Alguns agradecem, outros somem com a mesma rapidez com que surgiram. O educador pega uma espécie de tapete e um balde de giz de cera. Alguns sentam e querem escrever, desenhar, pintar. Os pedidos de leitura surgem: *"o que tu escreveu?"* Noto que duas adolescentes observam a cena. Não as reconheço, e logo vem o pedido: *"e para nós?"* *"Tu escreveu?"* Mesmo tendo feito cartas sem destinatários (para estas eventualidades). Elas não foram suficientes. Assim, precisei me desculpar e produzir mais cartas ali mesmo.

Como bem disse a psicóloga, não há como ser suficiente naquele espaço. Não a como contemplar a todos. Essa parece ser uma característica do abrigo. Nunca será suficiente...

Os pequenos espalham e brincam com o papel. Aviões são feitos. O educador novo (que se justificou por estar fazendo seu trabalho- e só parou quando expliquei a pesquisa) melhora o parco avião que produzo com a folha roxa. O avião que ele produz voa mais alto, fazendo a felicidade do pequeno. Outro avião é solicitado para o educador. Cartas voltam (respostas de alguns adolescentes). Dominar a escrita não é requisito para se comunicar por escrito. Sempre há formas de conseguir que as letras sejam inseridas no papel.

Volto para casa pensando em como algumas pesquisas se debruçam sobre as cartas e arquivos que encontram em acervos. Esse nunca foi meu interesse. Meu interesse esteve sempre na possibilidade de produção de novos ou outros arquivos sobre o acolhimento e as vidas que nele estão contidas. Uma produção com o outro, do outro, uma produção de encontros. Reconhecer o outro enquanto pesquisador. Um sábado colorido, azulado, escrito, desenhado, conversado. O azul parece ser mais azul e o calor não incomodou. Também aprendi sobre as possibilidades da confecção de pulseirinhas. Enfim, o artesanato como forma/possibilidade de trabalhar com a ansiedade, com o tédio, e com o estabelecimento de proximidades. E de como nos finais de semana a vida corre em outro ritmo...



Olá,

Escrever-lhe tem sido fonte de prazer e expectativa. Muito obrigada pela indicação do livro, conheço o Larrosa e gosto muito do que ele escreve e, sim, tem tudo a ver com o que venho escrevendo e pensando. Guardarei para mais tarde minhas impressões do texto que me sugeriste. Vendo-te falar tão entusiasmado do livro, lembro-me da história de um catador de lixo que montou uma biblioteca com os livros que os outros colocam fora. Não imagino o que leva alguém a colocar um livro fora, mas agradeço pelo que você encontrou.

Somos pobres de histórias notáveis. [...] Nenhum evento nos chega sem estar impregnado de explicações. Quase nada mais do que acontece beneficia o relato; quase tudo beneficia a informação.

(BENJAMIN, 1987b, p.276-277)

A narrativa não se esgota, diferentemente da informação...

Fico contente com as notícias das meninas. Uma pena que tua irmã continue neste processo de internações. Quem sabe ela vai melhorando agora que está mais velha. Viver o abrigo não é fácil, como tu bem sabes. O que vocês vivem não é nada simples. Vivência ou experiência? Sempre uma dúvida... Tua última carta me fez rever meus cadernos de nota. Meus antigos rascunhos de um texto interessante. Que experiência resta a partir dos restos da guerra? Pergunta-se Benjamin. Uma experiência diminuída, estreitada, retrato do indivíduo moderno que não mais se pauta no coletivo, na sociedade como um todo

(BENJAMIN, 1987a). O laço que Benjamin estabelece entre o fracasso da "*Erfarung*" e o fim da arte de contar. Você é um contador de histórias, meu caro. Lembra-se de como tu gostava quando conseguia ficar um tempo contando do passado no abrigo? Das tuas experiências na/da rua?

A experiência, assim, era passada com a autoridade dos velhos, em provérbios, em histórias. Onde foi parar isso? Pergunta-se Benjamin (1987b). Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas de geração em geração? (BENJAMIN, 1987a,

p.14) Lembro-me de quando vocês recebiam os meninos novos no abrigo contando as histórias das evasões, de como vocês faziam e sobreviviam. Histórias que passam de sujeito para sujeito... Histórias que se perdiam ao longo dos anos... Lembro-me de certo sujeito que gostava de colocar fogo nas coisas... História sem tempo que vai passando enquanto rito do acolhimento. "O rito caracteriza uma configuração mediada de experiência que se torna aceita dentro de um grupo, predispondo a todo um sistema de alianças, projetos e códigos de valores não abstratos e compartilhados" (MEINERZ, 2008, p.15). Coisas que se aprendem de ouvido, passado de criança para criança, de adolescente para adolescente. Para os adultos isso sempre foi mais complicado. No abrigo em que estive na pesquisa, isso é bastante estimulado. Aprende-se a cuidar ouvindo histórias, olhando os outros, permitindo-se aprender com o outro. É preciso estar mais do que com os ouvidos abertos, o relato, mesmo em um tempo de correria, parece ser o privilegiado.

Se da guerra, os soldados voltavam calados, mais pobres em experiências transmissíveis de boca em boca (BENJAMIN, 1987a), no abrigo, muito vocês falavam. Não é com todo mundo, mas há sempre algo a contar. Uma narrativa das perguntas seria possível? Pelos interrogatórios os técnicos são parados, levados para conversar em salas, questionados quanto às questões que importam: quando eu terei visita? Quando irei para casa? Já falou com a minha mãe? Quando terei audiência? É possível falar de uma experiência de estar no abrigo?

Os soldados que voltaram da primeira guerra mundial viram-se abandonados em uma paisagem modificada, diferente de tudo do que estavam acostumados. Como constituir-se sujeito da experiência no abrigo? Gosto de pensar que o conceito de barbárie que Benjamin apresenta no seu trabalho, nos ajuda a pensar outras possibilidades de narrar. Um conceito positivo, que impele a ir para frente, a começar de novo, a construir com pouco. Não tem como não pensar naqueles que encontrei pelas minhas andanças no abrigo. Constrói-se com o pouco: vidas em processo que cavam frestas com o cuidado de um minerador que procura pedras preciosas na pedra.

Duas adolescentes encontram-se sentadas na sala, onde alguns circulam, outros tomam o café da manhã. O interesse das duas não é na televisão que está ligada. Conversam baixinho, trocam confidências. A que chegou há dois dias pergunta para outra sobre dicas quanto ao abrigo que está e quanto ao novo para o qual irá. O interesse está nas rotas de fuga. Por onde é possível escapar? E como são os meninos? É possível fumar? A outra adolescente, claramente tem mais experiência no quesito acolhimento institucional. Já esteve em outro abrigo, esteve mais de uma vez neste que se encontra. É escutada com toda atenção pela outra que se encontra nervosa com sua transferência. Há toda uma série de conselhos dados quando do ato da transferência. (trecho do diário de campo, 21/01/17)

Tu eras um cara que ia e vinha. Não havia cerca, vigilância ou educador que te parasse. Tu também não te negavas a narrar à experiência na rua. Pensando na tua passagem pelo abrigo, lembro-me de dois textos que venho lendo: "o que resta de Auschwitz", do Giorgio Agamben e "É isto um homem?", do Primo Levi. Quando me lembro de vocês, principalmente os adolescentes no acolhimento, penso no caráter testemunhal que há na subjetividade-acolhido.

Primo Levi sobreviveu há Segunda Guerra Mundial, aos horrores de um campo de concentração, em seu livro, vai construindo as possibilidades de vida em um ambiente como Auschwitz. Pensando em como você habitava o abrigo, não tem como não pensar em Primo Levi. Mais precisamente em um amigo que lhe mostra o porquê de manter-se com certos hábitos e rotinas... Primo Levi tenta apresentar o sentido das palavras de Steinlauf:

Justamente porque o Campo é uma grande engrenagem para nos transformar em animais, não devemos nos transformar em animais; até num lugar como este, pode-se sobreviver, para relatar a verdade, para dar nosso depoimento; e, para viver, é essencial esforçar-nos por salvar ao menos a estrutura, a forma da civilização. Somos escravos despojados de qualquer direito, expostos a qualquer injúria, destinados a uma morte quase certa, mas ainda nos resta uma opção. Devemos nos esforçar por defendê-la a todo custo, justamente por que é a última: a opção de recusar nosso consentimento (LEVI, ano, p. 55).

Você, assim como Zeus (de quem tu perguntaste na outra carta) eram hábeis na arte de recusar o consentimento. Passaram por muitos procedimentos e técnicas de cuidado propostas/impostas, com uma paciência espartana, mas nunca desistiam. Zeus era menos ambicioso, apenas não queria ir para a FASE. Você queria ser livre, seja lá o que isso significasse. Zeus a cada nova internação parecia mais resignado, mas uma parte sua mantinha-se sempre

inalcançável. Um novo plano de fuga sempre estava em mente, uma nova aventura na rua sempre era construída, mesmo que sob efeito de muitas medicações. Você ouvia, e fazia aquilo que lhe vinha em mente. Por vezes, irritado com o que lhe propunham, mas sempre se mantendo conforme aquilo que tinha em mente. Uma dobra no sistema de proteção sujeitos como vocês causam. A pergunta que fica: porque tantos fogem? O que provoca as evasões? Há toda uma maquinaria envolvida nas evasões do abrigo.

Pensando na minha dúvida entre vivência e experiência, acho que os próximos parágrafos me ajudaram um pouco. As dimensões da experiência e da vivência coexistem no processo de habitar o acolhimento institucional. A vivência advém do verbo alemão *erleben* que significa estar ainda em vida quando um fato acontece. "Conjuga a fugacidade do evento e a duração do testemunho, a singularidade do ato de vida e a memória que o conserva e transmite" (MEINERZ, 2008, p.17).

A *erfahrung* (experiência) é o conhecimento obtido através de daquilo que se acumula, que se prolonga, que se desdobra, como em uma viagem, como em uma formação rochosa, se é possível pensar na analogia com a história da terra. "O sujeito integrado numa comunidade dispõe de critérios que lhe permitem ir sedimentando as coisas com o tempo" (KONDER, 1998, apud MEINERZ, 2008, p. 17). Este entendimento de experiência associa a vida particular à vida coletiva e estabelece um fluxo de associações alimentado pela memória. Fico pensando na experiência de pesquisar, e o quanto podemos pensar nas construções possíveis a partir deste entendimento.

Enfim, me espichei um pouco. Fica para uma próxima o que achei do texto do Jorge Larrosa. Espero continuar recebendo notícias suas.

Abraços!



Por aqui vou indo na correria de sempre, e você?

Não acho que esteja perdendo tempo em te responder, se não, não faria. Fique tranquila.

Não sei explicar como trabalhar com o impossível, não só em termos de tempo, mas de tudo. Na verdade é aparentemente impossível, mas é tão possível que conseguimos fazer. E olha que não somos super, somos pessoas comuns. O lance acho que é a entrega, a disposição, a coisa de ir ao limite com prazer... Sei lá... É um monte de coisas e ao mesmo tempo pode não ser nada disso. Como disse antes, é algo que não cabe em receita de bolo. Os que tentaram enquadrar até hoje, não conseguiram algo que englobasse o todo. Pelo menos até agora ou que eu tenha tido acesso. Tomara que por fim você consiga chegar onde deseja, ou que pelo menos chegue em algum lugar.

A conversa é uma das ferramentas fundamentais para o educador. Se ele não tiver paciência e capacidade de diálogo, entre outras coisas, ele não conseguirá um bom e consistente vínculo e sem isso nada acontece. Realmente ali se aprende ensinando e se ensina aprendendo. É exatamente isso. Paulo Freire ficaria feliz ao ver. Além do educador aprendendo com educador e adolescente com adolescente que você citou e do óbvio adolescente e criança aprendendo com educador, criança com criança, criança com adolescente, equipe técnica com educador e educador com equipe técnica... Temos o mais importante enquanto ferramenta para formar o educador que é o educador aprendendo com criança e com adolescente. A maior parte de tudo que aprendi enquanto educador foi com as crianças e adolescentes. E quando você está aberto, aprendendo, você consegue um sucesso muito maior ao ensinar. Tem ligação com a capacidade de diálogo que falamos a cima. Os dois estão dispostos a trocar informações, o canal está aberto. E o educador nunca sabe tudo. Se ele fechar o canal e achar que chegou ao ápice, vai ficar estagnado e educador acomodado não consegue trabalhar direito. É tipo água parada. Apodrece. A coisa é movimento, atividade, mudança... Tem de ser, se não, não é.

O ideal, é que no processo de acolhimento, depois de uma conversa inicial, se chame algumas crianças que já estão a mais tempo no abrigo para participar do acolhimento, do apresentar o espaço... Esse menino que você viu, provavelmente já participou desse processo.

O perfil do plantão da tarde é esse muito pelo meu perfil. Sempre fui de conversar, explicar com calma e paciência. Claro que às vezes se é obrigado a fazer uma fala mais firme, mas é importante evitar tornar o aumento do tom da voz e coisas desse tipo corriqueiras. Isso tem de ser apenas para situações muito específicas. O ideal é sempre a conversa. Então o educador por vezes

chega no plantão da tarde querendo impor, sendo autoritário... Daí já chego nele explicando que esse não é o melhor caminho, que assim a coisa não vai funcionar... Ou aparentemente funciona, mas só até certo ponto... Que esse tipo de atitude não proporciona mudanças profundas e reais...

Tem uns que entendem mais rápido, outros demoram um pouco mais, outros não entendem nunca, daí, para mim, sai do que tenho como padrão de plantão. Até porque o plantão da tarde é o mais corrido e estressante. Se o cara ficar ali o dia inteiro dando ordens e gritando, ninguém aguenta. Ainda mais com esse calor que tá agora. Imagina só todos esses fatores somados a você ser uma ou um adolescente em um abrigo. Aí vira um daqueles casos explosivos que citamos em conversa anterior. O ambiente já é tenso por si só, mesmo com todo o tato, às vezes a coisa desanda... Não precisa tencionar ainda mais. O movimento tem de ser exatamente o contrário. Imagino até quem tenha questionado sobre "o peso da academia". Me dou muito bem com essa criatura.

Não tenho muito tempo para ficar relendo o e-mail, então desculpe qualquer erro de digitação ou algo do tipo. Se irem ficando algumas dúvidas ou ideias atropeladas e sobre postas, é só ir perguntando.

Forte abraço e até o próximo contato.

Fique a vontade,

Fábio



De: carteiro escritor

Para: psicóloga carteiraira

-Te aprendo ao fácil, Zé Mariano, maior vaqueiro, sob vez de contador. A verdadeira parte, por quanto tenhas, das tuas passagens, por nenhum modo poderás transmitir-me. O que a laranjeira não ensina ao limoeiro e que um boi não consegue dizer a outro boi. Ipso o que acende melhor teus olhos, que dá trunfo à tua voz e tento às tuas mãos. Também as estórias não se desprendem apenas do narrador, sim o performam; narrar é resistir (ROSA 2013, p.63).

Guria

Tudo bem?

Lembrei-me de ti e da história da tua mania de pensar sobre narrativas... O livro, o meu cunhado trouxe quando veio nos visitar. É do mesmo Guimarães das cartas. O sujeito gosta de escrever inventado e parece que fala ao invés de escrever. Combina com essa história de cartas...

Não repare na escrita que segue, pedi para a minha filha ajudar, ela mexe melhor nesse negócio de computador. Assim, algumas palavras não serão bem minhas. Mas quando o são, não é? Escrever nunca é só...

Tu vens me pedindo uma carta para colocar nessa tua dissertação. Não acho que eu vá ajudar em algo, mas... Pois bem, penso que esta pode ir para teus escritos. Teus escritos? Pelo que me contas os escritos são teus e de uma galera. Um povo foi se criando nesta história de pesquisa e acolhimento. Guria, tu anda em bando com essa história de escrever... Uma multidão...

O pessoal aqui de casa começou com uma mania ultimamente: escrever para os outros, e não só naquele *whatsapp*. A mulher tirou do armário uma caixa de papel de carta. As crianças fizeram a festa. Fizeram-me gastar um monte mandando os convites de aniversário pelo correio pra ficar que nem no livro. Só faltou quererem que eu vestisse a roupa e fosse entregar pessoalmente os convites.

Falando em livro, a mais velha trouxe um da faculdade. Desconfio que seja que nem esses teus. Vou me atrever um pouco. A guria nem reparou que eu peguei o livro para espiar. Coloco abaixo um trecho que parece dessas coisas que conversamos... Mas vocês é que são os entendidos... Se eu estiver certo tem a ver com a história da língua menor.

Quando se trabalha, a solidão é, inevitavelmente, absoluta. Não se pode fazer escola, nem fazer parte de uma escola. Só há trabalho clandestino. Só que é uma solidão extremamente povoada. Não povoada de sonhos, fantasias ou projetos, mas de encontros. Um encontro é talvez a mesma coisa que um devir ou núpcias (DELEUZE; PARNET, 1998, p.14).

O que mais gostei mesmo é que eles falam de como esses encontros acontecem. E isso parece muito com essa história que tu vem me contando. E não é só com pessoas que a gente pode se encontrar: com acontecimentos, ideias, movimentos, entidades. Só assim a história de cartografia faz sentido pra mim. Não é o mapa como nos livros da pequena, são outros trajetos e caminhos, é o que vai se produzindo nos encontros. Como nós: eu fui olhando para as palavras de outros jeitos e tu foste se encantando pela arte de se corresponder. Um não imitou o outro e nem segue um certo jeito de ser... No encontro os dois vão mudando... Será que é aquilo que a minha guria vem chamando devir?

É tudo novo para o carteiro, tu vai ter que convir. Eu sempre pensei na minha profissão como o ganha pão mesmo. Não era de reparar no que carregava e no como isso mexia com a vida das pessoas. Com esta história de lhe escrever e ler o que tu escreve, tenho reparado que as coisas não são tão simples. Ou são simples de outra maneira. Quem disse que o simples é menos? Que possamos olhar para o simples, pras coisinhas que vão produzindo nossa vida. A gente vai perdendo a possibilidade de se afetar com os outros e isso vem me deixando triste. As gurias dizem que é a idade e que estou com depressão, mas não sei... É todo esse excesso que vai deixando o corpo mais triste. Parece história daquele polidor de lentes que vivia falando de afectos e encontros alegres e tristes.

O moço francês parece gostar de pensar... Por vezes não entendo nadinha que ele fala, mas vou sentindo, como tu disseste pra fazer.

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volumes reduzidos (DELEUZE, 2013, p. 222).

A guria tá rindo que isso tudo é muito sentimentalista. Mas concordo com o rapaz do livro: é em cada tentativa que se deve avaliar a capacidade de resistência ou a submissão ao controle. Nem sempre conseguiremos, mas acho uma boa estratégia para produzir outros modos de viver. Só assim para respirar um pouco quando a situação é tensa. E imagino que essa história de acolher crianças é pra mais de tensa. Não sou carteiro do mesmo jeito como tu não és psicóloga do mesmo jeito que começamos essa história de se escrever. Não entendo muito esses franceses que vocês leem, mas a guria esses dias estava lendo que as práticas de resistência afirmam a potência de reinventar-se permanentemente e que estas estão em embate com linhas que tendem para a vigilância e controle (LIMA; YASUI, 2014). É desconstruir e construir, habitar o movimento... Ela estava falando de uma Suely que dá passagem para narrativas do vivido. Eu bem que gostei disso... Pelo jeito, a minha mais velha vai ficar que nem tu com o tempo. Colou na porta do armário: "Cuidado: produção de mais vida na vida!".

Por essas coisas que tu sai dessa experiência achando que sabe menos sobre cuidado e crianças e abrigos do que quando chegou. Mas o interessante é que tu foste se modificando, pensando outras coisas, produzindo outras pesquisas, e um andar que é teu. Não é para isso que serve aprender? Tem que ser como aquele poeta que tu sempre citas. O tal do Manoel de Barros, lembra? Eu e a mulher gostamos dos poemas curtinhos, como esse: "A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá, mas não pode medir seus encantos" (2010, p.340). Esse serve para gente como tu. Um tipo de aviso sobre como cuidar das coisas que pesquisa. Lembrei-me de

outra frase que também me remete essa sua história de gostar de histórias: "Gosto de viajar por palavras mais do que de trem" (2010, p.358).

Vou abrir um parêntese aqui: (o único problema de escrever para a tua dissertação é ter que cuidar desses parênteses).

Voltando nessa história de pesquisa, não saber fazer parece uma ótima pista para ser pesquisadora, tu não acha? Lembra que tu comentaste da professora dos diários com os meninos? Ela não falava disso? Agora vou me inspirar no poeta que falávamos: ter visões mais do que ver, também parece bom, pra mim. A gente vai olhando com o que nos ensinam a olhar, a nossa capacidade de olhar é fabricada durante a vida. Talvez o que tu aprendeste foi isso: olhar de outras formas... Parece pouco, mas não é. Mudar a vida daquelas crianças e adolescentes, tu não vai conseguir. Mudar o mundo é tarefa muito grande! Lembre-se do moço francês. Acreditar no mundo já tá de bom tamanho! E essa tua forma de pesquisa me parece um grande isso! Ou não? Posso ter me enganado, eu recebi uma versão dessa história de pesquisar...

A gurria já tá cansada de digitar. A novela vai começar e a mulher tá angustiada que a janta vai esfriar. Vou me despedindo por aqui. Escreva-me contando de como foi essa história de defesa de dissertação. Coisas de faculdade me deixam confuso. Boa sorte! Abraços.

PS: não deixe de escrever para o pai com o final da dissertação, tá! Gosto de suas dicas de livro.

Abraços...



42⁴⁹- A resposta para a vida, o universo e tudo mais...

Caro Leitor

Você que me acompanhou até este momento percorreu caminhos: às vezes, retos, curvos, enviesados e por aí vai. A estrada é longa, o caminho é deserto e o lobo mau mora ali por perto, diz a música infantil. Você, que veio procurar respostas, não saiu muito contente. "A escrita que não está orientada pela bússola da verdade é necessariamente aberta para a invenção"(KNIJNIK, 2016, p.77).

Mas, se você ainda persiste com respostas, lhe darei uma: 42. Essa é a resposta para a vida, o universo e tudo mais... Se ficares satisfeito, pode seguir. Mas se quiseres continuar, ainda faltam umas linhas a escrever. Finalizar? "não tenho habilidade pra clarezas"⁵⁰, diz o poeta que nasceu para administrar o à toa. Faça como Artur Dent, pegue uma toalha e não entre em pânico. Vá explorar... Galáxias, novos territórios, construa paisagens...

Para fazer passar os afetos é preciso não gostar de palavra acostuada (ROLNIK, 2011; BARROS, 2010). E para não esquecer: nesta dissertação não há resposta para a vida, o universo e tudo mais...

Quantos as perguntas, se você tem outras a agregar ao meu trabalho, envie-as... Ou as faça por aí, experimente ser pesquisador também. Fui recolhendo pedaços, virei colecionadora. Pesquisadora-colecionadora-cartógrafa-psicóloga... O que vem antes ou depois já não importa.

"*O que coleciono?*" Você pergunta. Objetos, não, mas coisas que, muitas vezes, passam despercebidas. O interesse é pelos pequenos acontecimentos do cotidiano, não pelos grandes que ocupam as páginas dos livros e a história que é costumeiramente contada. Pelos movimentos, intensidades, encontros. Para isso, toda matéria é importante, e como um antropófago fui vivendo de expropriar, se apropriar, devorar. Rolnik (2011) vem aparecer por aqui para me ajudar a dar corpo a isso que foi passando de carta em carta. Cada texto e nova aquisição. A orientadora pergunta: "*tu tem ideia do tamanho das tuas referências?*" Já não sei, respondo... Elas foram vindo, se juntando, costurando conversas possíveis sobre

⁴⁹ Guia do Mochileiro das Galáxias, série de livros de Douglas Adams que contam as aventuras espaciais do inglês Arthur Dent e de seu amigo Ford Prefect. A dupla escapa da destruição da Terra pegando carona numa nave alienígena, graças aos conhecimentos de Prefect, um E.T. que vivia disfarçado de ator desempregado enquanto fazia pesquisa de campo para a nova edição do Guia do Mochileiro das Galáxias, o melhor guia de viagens interplanetárias.

⁵⁰ Manoel de Barros, p.340. (Livro sobre Nada)

abrigo, cuidado e pesquisa. Ou seria sobre acolhimento, cuidado e pesquisa. Cuidado, cartografia e acolhimento. Escolha a série que preferir. Ou crie novas... É com você, caro leitor!

Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Por isso o cartógrafo serve-se de fontes não só escritas e nem só teóricas (p.65).

Não há nada em cima, bem embaixo, o que há são intensidades. Intensidades que buscam expressão (ROLNIK, 2011). Tenho que lhe dizer que quando me aproprio de tais autores, me sinto um tanto pretensiosa. Não sei se os uso direito! Será uma questão válida? Maus hábitos de um corpo-estudante acostumado ao certo e errado...

Como pesquisar? Essa é a questão que me movimentou... Não pode ser de qualquer jeito! Essa era pista. Mas de que jeitos? Suely, muito conversada em línguas de Deleuze e Guattari não vai dando um caminho. Cartografia não parece método (pelo menos daqueles ensinados na graduação). O cartógrafo é sujeito que quer participar, embarcar na constituição de territórios existenciais (p.66). Sujeito que aceita a vida, diz a autora. Aceita a vida e acredita no mundo, pensando em Deleuze (2013). Volto a pensar que ando por demais ingênua, como conversei com dois autores em carta passada...

Assim, pesquisar e não saber se constituem como pistas de construção de um caminho. O abrigo pede passagem, outros territórios existenciais... O cuidado pediu passagem e foi passando, assim deixando rastros e também pistas... Pistas como num jogo de criança... Para pesquisar foi preciso brincar, perder as pistas, retomá-las... A criança ensinou pistas... Os trabalhadores compuseram algumas... O adolescente patifou a pesquisa... Para cartografar é preciso que o outro cartografe junto...

Por que esqueci este texto de Suely? Eu devia tê-lo relido antes. Amenizaria a escrita, amenizaria o pânico. "Não entre em pânico", diz o amigo para Arthur Dent quando os mesmos partem da Terra que será transformada em estrada. "Não entre em pânico", parece dizer Suely, agora que a releio. Procedimentos do cartógrafo? Como ousa questionar quanto a isso? Ela me parece dizer em suas linhas... "Ora, estes tampouco importam, pois ele sabe que deve 'inventá-los' em função daquilo que pede o contexto em que se encontra. Por isso ele não segue nenhuma espécie de protocolo normalizado" (p.66). Eu poderia passar esta carta

recitando cada pedacinho de texto da Suely... Fico pensando que deveria ter escrito para a mesma. Uma pena...

"Que espécie de equipamento leva o cartógrafo quando sai a campo?" (p.67).

Psicólogaaaaaaaaaaaaaa, a senhora tá ficando sem palavra. Termina isso logo de uma vez... As pessoa já devem estar querendo acabar... E me diz: quando é que eu posso ir para casa? (O guri invade o texto, perguntando sobre sua situação, sobre as visitas da mãe, de quando vai falar com o juiz e ir para casa. O adolescente pergunta e cansa. Pergunta e resiste).

O professor instiga: como fazemos furos no muro da produção acadêmica? Que experimentações nos permitimos? Fala do conhecimento como patrimônio de todo mundo, um conhecimento que vai se construindo no coletivo, mas que nunca deve ser universal. Rouba, expropria e se apropria de Deleuze e Guattari para nos dizer: o que importa é a criação de mundos... O que importa é como vamos dando língua aos afetos que se encontram com o corpo do cartógrafo. Suley que antropofagiza, foi antropofagizada...

Tecelina tece com o Senhor W. e juntos constroem narrativas, possibilidades em aberto. Histórias que não se encerram. O fim não é questão, e sim a abertura para novas possibilidades. Termine como você quiser... Assim seguem as histórias sobre o cuidado e acolhimento. O Senhor W. ganha companheiro na sua batalha pela experiência. Jorge Larrosa é achado pelo jovem que agora mora na rua. No lixo encontra um livro. Quem joga livros no lixo? Uma resposta lhe é devida... Como se constitui o saber da experiência?

[...] o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo. [...] No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem sentido do que nos acontece. [...] E esse saber da experiência é um saber finito, particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. A experiência é aquilo que nos acontece (2015, p.32).

O jovem é daqueles que com 18 anos precisaram partir. Depois de muitos anos no abrigo precisou enfrentar e construir outro mundo, já sem a instituição. Assim, como ele, outros ganham passagem... Valter, o jovem silencioso ganhou a rua mais cedo, fugiu do abrigo... Deixou suas roupas e caderno... O que será que aconteceu com o menino do cabelo amarelo? Será que volta?

Os educadores resistem neste processo: "*qual é a minha função?*" "*Posso me vincular?*" "*Se me vinculo e eles vão embora?*" "*Como fico?*" Não me atrevo a responder nem a explicar o que eles fazem. São eles que conhecem quanto ao

cuidar em uma situação como o Acolhimento Institucional. O educador-pesquisador adverte: cuidado para não cair na armadilha das fórmulas. Não há como trabalhar no abrigo esperando por elas. A psicóloga provoca: "*será esta uma pergunta válida?*" Quando questiona o interesse da pesquisadora pelo cuidado. Por que tu não falas da judiciliação da vida destes sujeitos? O juiz não fala, é questionado por mães que pedem seus filhos de volta. "*Não faça como o caçador de borboletas, que para tê-las as mata!*" Alguém pede. Pede e impede. É preciso construir ferramentas para estar em um ambiente como um abrigo.

Escrever? Sim, por que não? Cartas? Sim, por que não? Cartas com trabalhadores? Sim, por que não? Com crianças? Sim, por que não? A intervenção oficina de cartas com crianças foi organizada meio que de improviso pelas próprias crianças. O correio foi se constituindo. Uma carta aqui, uma conversa acolá... Disponibilidade e escuta... Será evento raro na academia? Pois as pessoas ficaram um tanto surpresas com as ferramentas da cartógrafa... Parece pouco... Aprendi com Svetlana que é preciso ser *escritora-ouvidos*... Ferramenta de pesquisa e viver: fazer conversar territórios de vida... Compor mundos... Pesquisar sempre no entre: psicóloga e cartógrafa e carteira e escritora e trabalhadora e ex-trabalhadora.

Caro leitor, venha, volte para a conversa que acabou de ser invadida... Venha junto... O cuidado como um meio... Um meio-objeto de pesquisa... Um meio que faz passar... Fico pensando agora que objeto de pesquisa talvez sejam as relações, os pontos de encontro entre...: como academia e abrigo se afetam? Como ser pesquisadora-ponte-de-passagem-de-afetos?

Volto para Suely que afirma que o perfil do cartógrafo é definido

exclusivamente por um tipo de sensibilidade, que ele se propõe a fazer prevalecer, na medida do possível, em seu trabalho. Ele sempre procura ser uma noivinha-que-quando-gora-descola. O que ele quer é se colocar, sempre que possível, na adjacência das mutações das cartografias, posição que lhe permite acolher o caráter finito ilimitado do processo de produção de realidade, que é o desejo (2011, p. 67).

O carteiro que passa a escrever cartas me lembra do poeta:

Poderoso para mim não é aquele que descobre o ouro.
Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).

Por essa pequena sentença me elogiara de imbecil.
Fiquei emocionado e chorei.

Sou fraco para elogios.
(Manoel de Barros, 2010, p.403)

Impaciente para começar o processo de entrega desta carta-grafia, o carteiro apressa a feitura da última carta. "Vamos logo!", ele diz. "É tarde!" "É tarde!", aponta no relógio, lembrando-se do tempo da correria no abrigo...

Peço desculpas pelas intromissões no texto, elas escapam a um piscar de olhos. Uma dissertação que foi escrita a muitas mãos...

Encontramos-nos por aí!

PÓS-CARTAS I (cartas recebidas pós entrega da dissertação-caixa)

Os Abriçados
As crianças no abrigo chegam com muitas
situações com muitas dificuldades pro-
blemas a s vezes difíceis de fazer amigos
as vezes agente acaba pensando porque
estamos em um abrigo por um lado e
bom porque ali tu tem tudo e também tem
o lado ruim porque você não ve sua mãe
todo dia a s vezes tem situações que
você não ve, mais sua mãe porque tal
vez a sua mãe não aguenta mais as vezes
por que não tem condições financeiras por
que não tem com quem deixar algu-
mas crianças vam para casa fim de se-
mana ou feriado. Alguns não te aceitam
o jeito da pessoa a alguns estão feliz
por estar morando em um abrigo outros
nao.

Fim

De: L. V.
Parai Fábio

Domingo
29/05

PÓS-CARTAS II (cartas recebidas pós entrega da dissertação-caixa)

Queremos viver feliz

Aqui o abrigo é um lugar para gente morar
Um lugar para gente viver, um lugar para gente
aprender
A felicidade existe para quem poder viver
Sem violência, sem roubar, não brigar e sem bater
Os meninos tendo paz vão vivendo muito mais
Então vamos neste embalo nós queremos união
Carinho e harmonia muito amor no coração
Nosso mundo quer paz violência nunca mais
Nosso mundo quer paz sim

Refrão

O que nós queremos é viver feliz
O que nós queremos é viver feliz...

Então me diga irmão vida bandida não
Não leva a nada e faz os mano se perder
Então me diga irmão a sua situação
O seu destino só depende de você

Refrão

2x Viver tranquilo não se droga estuda para ter
Educação, esperança, felicidade e não falar palavrão
O que o mundo quer é muito amor e paz no coração
Se tu queres amor amor terás, se tu queres a paz a
paz terás
Se tu queres o bem o bem terás e o futuro

Quando cai a noite

Quando cai a noite e as estrelas brilham
Fico no meu quarto pensando quando vou embora
Lembrando de casa da minha família
Me sinto sozinho e começo a chorar

REFRAO

Mais um dia nasceu para mim
Arrumo a cama e vou tomar café
Futebol com os amigos no pátio
Diversão para todos os lados
Entramos para a almoçar em casa
A família inteira unida
Nós aqui somos todos irmãos
Nos ajudamos nas dificuldades
E dividimos sempre nosso pão
Agradecemos com a oração

E mais uma noite vem se aproximando
O dia foi tão bom que parece que até estou
sonhando
A saudade ainda está me atormentando
Mas confio em Deus e acredito que tudo vai
mudar

Eis-me aqui

Eis-me aqui

Eis-me aqui para suportar quando ruir

Eis-me aqui

para construir do que sobrar

Eis-me aqui

Não vou fugir,

não vou largar

Não tô aqui para confundir

pra machucar

Eu tô aqui

pra prosseguir,

pra enfrentar

Se a queda é bruta

vamo cair

Quem vem do fundo

aprende a nadar

Mesmo que o mar seja revoltoso

Não há nada que nos faça desistir

Não há nada que desfaça o existir

Essa música foi feita pelo Psicólogo Thiago Ramil e tem relação com o presentificar-se, com o cuidado com o outro

Achei que gostarias e ele concordou em ceder a letra em primeira mão para ti (não está nem gravada e é a primeira vez que é escrita)

De: Mirela

Para: Bruna

Como é bom receber uma surpresa tão inesperada, mas tão coerente. Fez o maior sentido...

No começo, fiquei provocando a pessoa que ia fazer a pesquisa sem saber quem era, mas muito a fim de "melar". Tava muito de saco cheio da academia e das suas "predações" que por vezes acabavam em "depredações". Quando vi que era tu, aí relaxei.

Mas tu fizeste muito bem ao ambiente. A moça das cartas é uma daquelas linhas de fuga que atravessam de forma inusitada a paisagem do cotidiano.

Cada envelope teu é um universo que se conectava a coisas ditas/pensadas e relançava a ideia de conversa. A tua escrita para a academia não podia perder isso. Assim só posso agradecer a oportunidade de pensar e ser pensada e ao lugar de meu trabalho. Ao mesmo tempo em que me sentia instigada eu podia lançar para adiante outras ideias, possibilidades... Tua proposta foi muito mais longe do que eu esperava, na escuta, no respeito e na abertura para o outro.

Te escrevo num momento muito difícil da política e do abrigo. Esses momentos fazem a gente perceber quão frágil é o equilíbrio que mantém as coisas funcionando. Uma geringonça tem um ponto certo de força centrípeta e centrífuga para poder se movimentar sem perder os pedaços. Se for rápido, se fragmenta e se esvai. Se for devagar, cai e espatifa...

As geringonças e as pessoas: cartas que chegam envelopadas às vezes jogamos fora sem abrir. No prédio ao lado da minha casa tem um cesto de lixo só para essas cartas genéricas que não dizem nada. Mas às vezes são as únicas correspondências que recebemos. Se levamos essa ideia para emails, mensagens... vamos ficando tão sós. O que acontece com as pessoas que não se conversam mais? Onde colocamos todas as coisas que temos para dizer para um outro?

No abrigo eu vivo com cartas nos bolsos. Cartas em que sou destinatária, cartas que sou carteira e outras que sou polícia (repositório de mensagens confiscadas) e outras ainda que sou guardiã de uma mensagem que não chegou sua hora. Mas as pessoas,

essas pessoinhas que moram no abrigo escrevem, desenham, sei lá. E a minha preocupação é que possamos achar os destinatários: a família, o juiz, o educador... Faz um tempo que peço para que eles escrevam ao juiz. Nunca recebemos uma resposta.

As cartas precisam ser abertas. Mesmo que o envelope seja feio, amassado, mesmo que não tenham os carimbos necessários. Porque a mensagem, bem, ela é a mensagem, né?

Quando a gente conversou, eu via, naquele momento, a geringonça como um barco. Neste momento, parece que me sinto como trabalhando numa estação: de trem, de metrô ou lunar. As pessoas vêm e vão. Modelos são erigidos e demolidos, mas muitas vezes me sinto sacudida e nem sempre é por ventos de mudança. Assim como nosso país e nossa política, vou vendo as forças rígidas e fragmentadoras avançando. O individualismo e a hipocrisia vão crescendo sobre o coletivo, sobre o espaço para falar/escutar e a diferença.

Aí eu vejo a tua caixa, um "retrato" de um momento e me dou conta que já não é bem assim, mas também nunca é. O tempo é sempre assim: passado-futuro e o presente esse instante que tentamos eternizar.

Mas apesar das forças de tristeza, temos os encontros, esses instantes partilhados e as histórias desses momentos. De todas as passagens na estação, alguns encontros se transformam em vínculos perenes.

Te agradeço pelo encontro e pelo lindo e sensível trabalho que fez eu me sentir respeitada como colega e "sujeito de pesquisa". Te agradeço. Mirela!

Correio eletrônico também é correio... A conversa segue...

De: Bruna

Para: Mirela

Oieeeee

Que coisa mais linda tua carta, a música do Thiago, as das crianças, o desenho... A avaliação de vocês (e tua) era muito importante pra mim. Mais até do que a dos professores...

O que eles podem me dizer eu até consigo consertar, mas se eu fizesse uma burrada com vocês nas observações e na construção do texto, não teria conserto... Me doí saber o pouco caso que estão dando para os abrigos e para os trabalhadores da Assistência...

Queria tua autorização para ler tua carta na minha apresentação... São palavras que eu acho que precisam estar presentes...

Agradeça ao Thiago... Fiquei encantada com a música... Se ele autorizar, incluirei na dissertação... São palavras e imagens muito preciosas para esse processo...

Enfim, foi um aprendizado enorme nossas conversas...

Grande abraço, Bruna

De: Mirela

Para: Bruna

Que bom que tu gostaste. Era importante para mim poder tentar transmitir o que a tua caixa causou. Todo mundo sabia que era a caixa da Bruna e a Bruna era a moça das cartas. Isso foi incrível. Não foi um trabalho qualquer. Tu estavas e conseguiste falar com cada um. Na real tudo não deixa de ser uma grande conversa com vários, dialoga-autores-autores, ou seja, *dialogadores*.

Moça da caixa tu fez uma coisa linda e é tão bom conversar com quem sabe do que estamos falando... Pode tudo, já tinha falado com o Thiago e ele ditou a música pra eu mandar pra ti, porque usamos ela numa intervenção com os educadores. Se tu disser que é dele e é a primeira vez que vai a público tudo bem. Eu quis por um pouco de nós pra ti.

E tu já faz parte das histórias com que tecemos o cotidiano, a moça das cartas que um dia mandou uma linda caixa de presente para todo mundo e nem era natal.

Obrigada de novo.

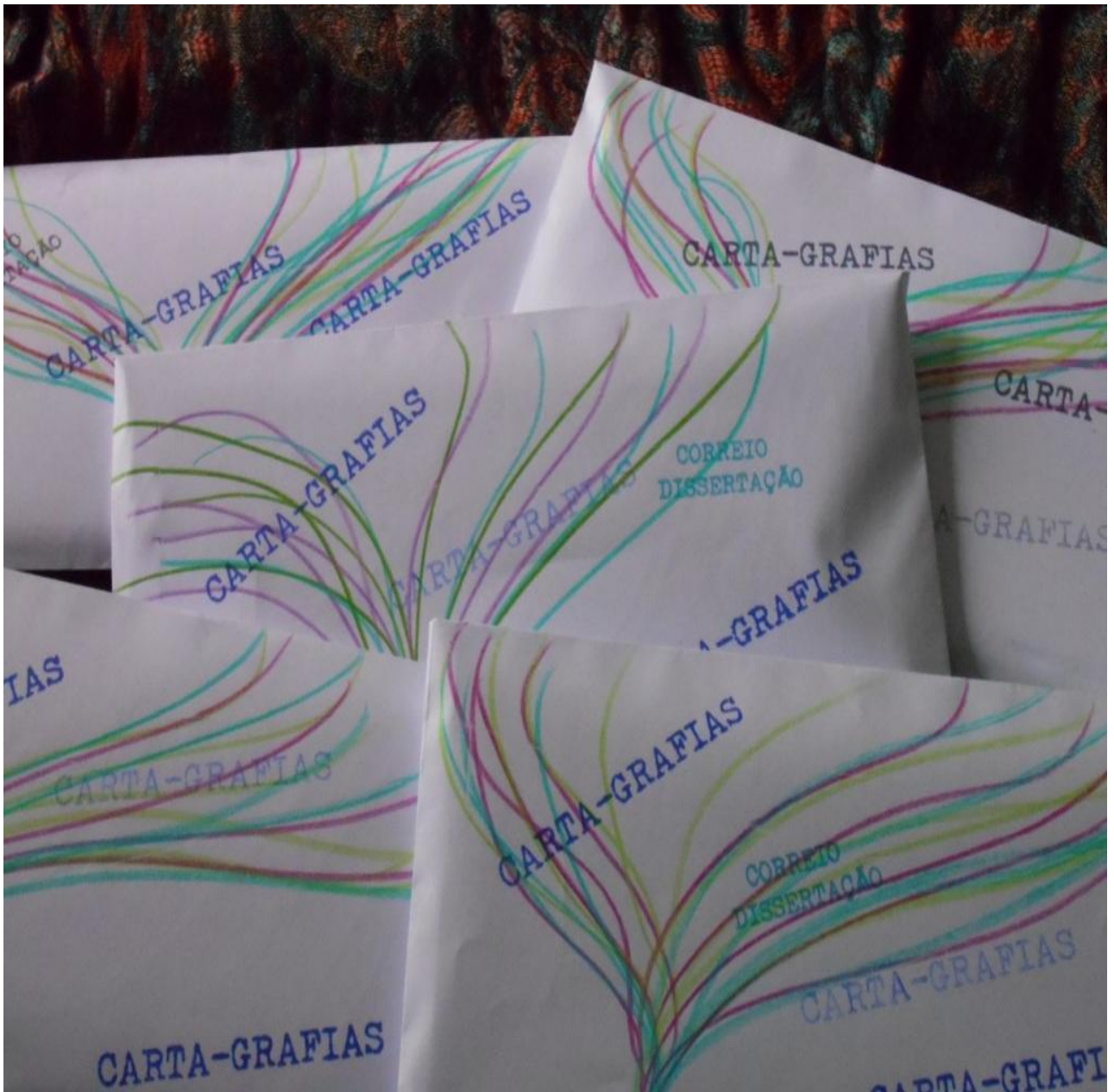
Sobre as outras coisas carta, bilhete, etc...é tudo pra ti,

usa como quiser.

Sawabona

Aparece depois pra contar as histórias da história. Estaremos aqui.

Bjs, Mirela



Referências (Ou: Algumas pessoas com quem andei conversando)

- ADAMS, D. **O Guia do Mochileiro das Galáxias**, n.1. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.
- ADICHIE, C. N. **O perigo da história única**. Vídeo e transcrição de fala acessado em <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt>, em 27 de março de 2017.
- AGAMBEN, G. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- _____. G. **Infância e História: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- _____. G. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- AHLBERG, J. e A. **O carteiro chegou**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ALEKSIÉVITCH, S. **Vozes de Tchernóbil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- _____. S. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ALVAREZ, J. ; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA (Org.). **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p.131-149.
- AQUINO, J.G. (2011) **A escrita como modo de vida: conexões e desdobramentos educacionais**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.37, n.3, p. 641 - 656, 2011.
- AZEREDO, F. (Org.) **24 cartas de João Guimarães Rosa a Antonio Azeredo da Silveira**. Rio de Janeiro: EditionsFads, s/d.
- BANDEIRA, L. da V. V. **Um modo de ler na EJA: oficinas biografemáticas**. 2014. 112f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BARROS, M. de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 496 p., 2010.
- BENJAMIN, W. Obras Escolhidas II- **Rua de Mão Única**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987 a.
- BENJAMIN, W. Obras Escolhidas- **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987 b.
- BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.
- BENJAMIN, W. **Passagens**. Minas Gerais: Editora UFMG, 2009.
- BICALHO, P.P.G. de. Uma carta endereçada à "Proteção Integral". In: BERNARDES, A. G.; TAVARES, G. M.; MORAES, M. (Org.). **Cartas para pensar políticas de pesquisa em Psicologia**. Vitória: EDUFES, 2014, p. 33-41.

BOLLE, W. **Um painel com milhares de lâmpadas: Metrópole & Megacidade.** In: Benjamin, W. *Passagens*, 2006, pp.1141-1167.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes.** Brasília: MDS, 2009.

CANDIOTTO, C. **Cuidado da vida e dispositivos de segurança: a atualidade da biopolítica.** In: BRANCO; VEIGA-NETO (Org.). Michel Foucault: Filosofia & Política. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, v. 1, p. 81-96.

COHN, CLARICE. **Antropologia da criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CORRÊA, C. S.; SOUZA, S. J. **Walter Benjamin e o problema do texto na escrita acadêmica.** Mnemosine. Rio de Janeiro, vol.12, n.2, p. 2-25, 2016.

COSTA, L. B. da. **Estratégias Biográficas: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche, Henry Miller.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos.** São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, G. *Crítica e Clínica.* São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G. *Conversações.* São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor.** Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Acerca do ritornelo.** Em Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia, v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 115-170.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor.** Belo Horizonte, 2015.

DESPRET, V. **Vinciane Despret comenta as apresentações de Márcia Moraes e Ronald Arendt.** Pesquisas e Práticas Psicossociais. São João Del-Rei, v.06, n.2, p. 187-188, 2011.

_____. V. **Leitura etnopsicológica do segredo.** Fractal: Revista de Psicologia. Rio de Janeiro, v.23, n.1, p. 5-28, 2011.

_____. V. **As ciências da emoção estão impregnadas de política? Catherine Lutz e a questão do gênero das emoções.** Fractal: Revista de Psicologia. Rio de Janeiro, v.23, n.1, p.29-42, 2011.

_____. V. **O corpo com o qual nos importamos: figuras da antro-po-zoo-gênese.** Trad. de M. C. BARBALHO, Rev. de R. J. J. ARENDT, 2011. Acesso em <<https://anedotadasantilhas.files.wordpress.com/2015/11/vinciane-despret-figuras-da-antropozoogc3aanese.pdf>> em 26 de agosto de 2016.

EPS EM MOVIMENTO. **Uma conversa sobre fontes narrativas.** 2014. Disponível em: <<http://eps.otics.org/material/entrada-textos/uma-conversa-sobre-fontes-narrativas-1/>>. Acesso em: 03 de junho de 2016.

FLUSSER, V. **A escrita- Há futuro para a escrita?** São Paulo: Annablume, 2010.

FONSECA, T. M. G.; COSTA, L. A.; FILHO, C. A. C. e GARAVELO, L. M. C. **Narrativas das infâmias: um pouco de possível para a subjetivação contemporânea.** Athenea Digital, v. 15, n.1, p. 225-247, 2015.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. M. **Conversa com Michel Foucault** (Ditos & escritos VI). In: _____. Repensar a política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 289-347.

_____. M. **A Escrita de Si.** In: MOTTA, M. B. da (Org.). Ditos e Escritos V: ética, sexualidade, política. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p.141-157.

_____. M. **A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade.** In: MOTTA, M. B. da (Org.). Ditos e Escritos V: ética, sexualidade, política. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p.258- 280.

_____. M. **A Vida dos Homens Infames.** In: MOTTA, M. B. da (Org.). Ditos e Escritos IV: Estratégia, poder-saber. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015, p.199-217.

FRANCO, T. B.; MEHRY, E. E. **Cartografias do Trabalho e Cuidado em Saúde.** Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva, v.6, n.2, p. 151-163, 2012.

FRICHMANN, B. **Viagens guardadas: arte da biografemática em educação.** 2012. 162 f. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GAGNEBIN, J. M. **Apresentação.** In: AGAMBEN, Giorgio. O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo, 2008.

GALINDO, D. ; MARTINS, M.; RODRIGUES, R. V. **Jogos de Armar: narrativas como modo de articulação de múltiplas fontes no cotidiano da pesquisa.** In: SPINK; BRIGADÃO; NASCIMENTO; CORDEIRO (Org.). A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: centro Edelstein, 2011. p. 296-320.

GALVÃO, W. N.; GOTLIB, N. B(Org.). **Prezado Senhor, Prezada Senhora: Estudos Sobre Cartas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. W. N. Odeio Cartas. IN: GALVÃO, W. N.; GOTLIB, N. B(Org.). **Prezado Senhor, Prezada Senhora: Estudos Sobre Cartas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOMES, M. P. C.; MERHY, E. E. **Pesquisadores IN-MUNDO: um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental.** Porto Alegre: Rede UNIDA; 2014.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético.** São Paulo: Editora 34, 2012.

GUENTHER, K. M. (2009). **The politics of names: rethinking the methodological and ethical significance of naming people, organizations, and place.** Qualitative Research, 9: 411.

GUERRA FILHO, R. R. **FLORianópolisNOSãojosédosCAMPOS. Na mala, autobiografemas: sonoro, imagético e verbal.** 2016. 289f. Tese (Doutorado em

Educação)- Programa de Pós- Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

GUSMÃO, D. S. **Narrativa, Testemunho e Delicadeza: a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários**. 2009. 341 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica)- Departamento de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

GUSMÃO, D. S.; SOUZA, S. J. **A estética da delicadeza nas roças de Minas: sobre a memória e a fotografia como estratégia de pesquisa-intervenção**. *Psicologia & Sociedade*. Minas Gerais, v. 20, Edição Especial, p. 24-31, 2008.

HILLESHEIM, B. **Entre a Literatura e o Infantil: uma infância**. 2006. 136 f. Tese (Doutorado em Psicologia)- Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

KNIJNIK, L. **CALIGRAFIAS DA PRISÃO-A palavra que resta, se resta, ao homem confinado na noite sem fim**. 2016. 237f. Tese (Doutorado em Psicologia Social)- Departamento de Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LARROSA, J. B. **Tremores**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.

LATOUR, B. **Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas**. São Paulo: Editora 34, 2016.

LAZZARATTO, G.D.R. **Experimentar**. In: FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L. do; MARASCHIN, C (Org.) **Pesquisar na Diferença**. Porto Alegre: Sulina, p. 111-103, 2012.

LECZNIESKI, L. K. **Estranhos laços: predação e cuidado entre os Kadiwéu**. 2005. 304 f. Tese (Doutorado em Antropologia)- Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

LEVI, P. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LE MOS, F. C. S.; NASCIMENTO, M. L.; GALINDO, D. **Escrita, psicologia e produção de cuidado: ética, estética e política**. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Rio de Janeiro, v. 68, n. 1, p.84-94, 2016.

LIMA, E. M. F. A.; YASUI, S. **Territórios e sentidos: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial**. *Saúde Debate*. RIO DE JANEIRO, v. 38, n. 102, P. 593-606, 2014.

LOBO, L. F. **Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MACERATA, I. M. **"... como bruxos maneando ferozes": relações de cuidado e de controle no fio da navalha. Experiência "psi" em dispositivo da política de assistência social para crianças e a adolescentes em situação de rua**. 2010. 200 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) –

Departamento de Psicologia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense.

MACERATA, I. M.; SOARES, J. G. N.; RAMOS, J. F. C. **Apoio como cuidado de territórios existenciais: Atenção Básica e a rua.** Interface. Botucatu, v.18, n. suplementar, p. 919-930, 2014.

MALAGUTI, V. (Org.). **Loïc Wacquant e a questão penal no capitalismo.** Rio de Janeiro: Revan, 2012.

MARASCHIN, C.; RANIERE, E. **Bricolar.** In: FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L. do; MARASCHIN, C (Org.) *Pesquisar na Diferença.* Porto Alegre: Sulina, p. 41-44, 2012.

MÁRQUEZ, G. G. *Ninguém escreve ao Coronel.* Rio de Janeiro: Record, 2014.

MEHRY, E. E. **Saúde- a cartografia do trabalho vivo.** São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. E. E. **O cuidado é um acontecimento, e não um ato.** In: Fórum Nacional de Psicologia e Saúde Pública: Contribuições Técnicas e Políticas para avançar o SUS. Brasília, 20, 21, 22 de outubro de 2006. Conselho Federal de Psicologia, 2006, p.69-78.

_____. E. E. **Saúde e Direitos: tensões de um SUS em disputa, molecularidades.** Saúde e Sociedade, v.21, n.2, p.267-279, 2012.

MEINERZ, A. **Concepção de experiência em Walter Benjamin.** 2008. 81 f. Dissertação(Mestrado em Filosofia)- Programa de Pós-graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MELLO, F.C. **Aetchá Nhanderukuery Karai Retarã. Entre deuses e animais: Xamanismo, Parentesco e Transformação entre os Chiripá e Mbyá Guarani.** 2006. 70f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Universidade Federal de Santa Catarina.

MENESES, M. P. **Outras vozes existem, outras histórias são possíveis.** *Diálogos sobre Diálogos.* Niterói: Grupalfa, UFF, 2008.

MENEZES, A. L. T. de; B., M. A. **Educação Ameríndia: a dança e a escola guarani.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2015.

MILLER, H. *Tudo o que tenho levado comigo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

OLIVEIRA, C. R. de. **De quando o pescoço da girafa mergulhou no céu: ou aprisionamentos da infância não deveriam existir.** 2014. 38f. Monografia de conclusão de curso (Especialização em Instituições em Análise)- Departamento de Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ONU. Conselho dos Direitos Humanos. **Projeto de Diretrizes de Cuidados Alternativos à Criança.** Organização das Nações Unidas, 2009.

PINTO, J. P.; SANTOS, K. C. dos; VERAS, V. **Como domar uma língua selvagem– GLORIA ANZALDUÁ (tradução)**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, n. 39, p. 297-309, 2009.

PROSBT, G. **Entre cartas, grafites e um rio: uma experiência socioeducativa**. Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2015.

REISHOFFER, J. C; BICALHO, P. P. G. de. **PesquisarCOM em Instituições Totais: ingenuidade, desafio ou utopia?** In: FERREIRA; MORAES (Org.). Políticas de Pesquisa em Psicologia Social. Rio de Janeiro: Nova Aliança Editora e Papeis, 2016.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; 2011.

ROSA, J. G. **Estas estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962.

SCHOLEM, G. **Correspondência-Walter Benjamin e Gershom Scholem**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

SOUZA, G. **Tecelina**. Porto Alegre: Editora Projecto, 2007.

SOUZA, R. M.; GALLO, S. **Por que matamos o barbeiro? Reflexões preliminares sobre a paradoxal exclusão do outro**. Educação & Sociedade. Campinas, v.79, p. 39-63, 2002.

SWIFT, J. **Manual para fazer das crianças pobres churrasco**. Editora do Bispo, 2006.

TASSINARI, A. M. I. **Concepções indígenas de infância no Brasil**. Tellus, ano 7, n.13, p.11-25, 2007.

VECCHIO, M. C. **Onde mora o perigo? Um estudo sobre noções e práticas de proteção à infância entre moradores de uma vila popular de Porto Alegre**. 2007. 136 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

WACQUANT, L. **Punir os pobres - A nova gestão da miséria nos Estados Unidos**. 3.ed. Rio de Janeiro: Revan, 2009.

WERNECK, M. H. Veja **Como ando grego, meu amigo: o corpo e a arte na correspondência de Machado de Assis**. SCRIPTA. Belo Horizonte, v.3, n.6, p.137-146, 2000.

YASUI, S. **Entre o cárcere e a liberdade: apostas na produção cotidiana de modos diferentes de cuidar**. Polis e Psique. Porto Alegre, v. 2, número temático, 2012.

ZORDAN, P. **Das maneiras de se escrever uma pesquisa**. Revista Digital do LAV, v. 7, p. 1-14, 2014.

ZUCOLOTTO, M. P. da R. **A Escrita em Transversal- Tempo, errância e experimentações no escrever.** 2014. 94 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social)- Departamento de Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

